Pag.Sibila_Final.indd 1 3/8/09 11:31:34 PM

Pag.Sibila_Final.indd 2 3/8/09 11:31:34 PM

A SIBILA

Pag.Sibila_Final.indd 3 3/8/09 11:31:34 PM

Pag.Sibila_Final.indd 4 3/8/09 11:31:35 PM

AGUSTINA BESSA-LUÍS

A SIBILA

GUIMARÃES EDITORES
LISBOA

Pag.Sibila_Final.indd 5 3/8/09 11:31:35 PM

Fixação do Texto
Manuel Vieira da Cruz
Luís Abel Ferreira

A SIBILA
© 2009, Agustina Bessa-Luís
edição © 2009, Guimarães Editores, SA

IMPRESSO EM PORTUGAL

Pag.Sibila_Final.indd 6 3/8/09 11:31:35 PM

I

– Há uma data na varanda desta sala – disse Germana – que lembra a época em que a casa se reconstruiu. Um incêndio, por alturas de 1870, reduziu a ruínas toda a estrutura primitiva. Mas a quinta é exactamente a mesma, com a mesma vessada, o mesmo montado, aforados à Coroa há mais de dois séculos e que têm permanecido na sucessão directa da mesma família de lavradores.

– Uma espécie de aristocracia *ab imo*. – E Bernardo riu-se, cheio duma ironia afável e quase distraída; tirou do nariz as lunetas, muito maquinal, colocou-as de novo, ajustando as molas de oiro nos vincos que pareciam o sinal de unhadas, e, com um piscar precipitado, como quem bruscamente transita da obscuridade para a luz, disse ainda – «*Ab imo*, da terra…», pois ele considerava a cultura como um privilégio pessoal, e nunca perdia a oportunidade de se mostrar generoso, transmitindo-a. Pertencia ele ao ramo da família que do capitalismo ascendera ao posto imediato da intelectualidade, e nisso fixara uma aristocracia. Pois que é a aristocracia senão o degrau mais alto que uma sociedade deseja atingir, a supremacia de determinada classe sobre as outras, a imposição dos seus valores, sejam eles de força, de trabalho, de espírito, conforme a época que lhes é propícia? A família de Bernardo Sanches tinha adquirido um estado aristocrático, o que quer dizer que estacionara no cumprimento de determinada herança de hábitos, frases, opiniões que, uma vez desprendidos da personalidade que os fizera originais, restavam agora somente como snobismos e ocas imitações. Enfim, o talento da imitação – pensava

Pag.Sibila_Final.indd 7 3/8/09 11:31:35 PM

Germana – chegava a ser tão característico como uma originalidade, não só em determinadas famílias como, mais genericamente, em determinados povos. Bernardo Sanches era o exemplo duma raça heróica e magnífica, enquanto a sua história fora uma questão de sobrevivência, mas que, com a segurança e o conforto, resultara numa brilhante mediocridade. Germana, sua prima, era, por seu lado, um tipo fatídico das degenerescências, o artista, o produto mais gratuito da natureza e que se pode definir como uma inutilidade imediata. Era ela uma criatura paciente, tímida, e que inspirava confiança sem limites. Os artistas, que, em geral, se fazem notar pela sua excêntrica banalidade e que se distinguem dos burgueses porque vivem as extravagâncias que os burgueses reprimem em si próprios, não se pareciam nada com Germa. Ela tinha o espírito de parecer vulgar. Um dos seus prazeres consistia em analisar-se como o conteúdo de todo um passado, elemento onde reviviam as cavalgadas das gerações, onde a contradança das afinidades vibrava uma vez mais, e aptidões, gostos, formas que, como um recado, se transmite, se perde, se desencontra, surge de novo, idêntico à versão de outrora. Ela balançava-se activamente numa velha *rocking-chair* que, a cada impulso mais violento, pulava no sobrado, onde se acumulavam pilhas de maçãs sustidas por tábuas muito esfareladas de serrim. Tal como Quina – pensou. E, absorta, pôs-se a murmurar um lento monólogo, olhando à sua frente o caixilho da porta que comunicava com a cozinha, onde se via a pedra da lareira, arrumada e varrida de cinza.

– Você que diz, Germa? – perguntou Bernardo. Perscrutava-a com uma curiosidade passageira, um tanto mortificado porque alguma coisa que não ele próprio o obrigava a inquietar-se. Como ela o fitasse apenas, sorridente e sem lhe falar, achou mais cómodo sentir-se ali o hóspede venerável, e tomar aquele silêncio ainda como uma cortesia. Mas, na verdade, Germa nem sequer pensava nele. Suspeitar isto – ele sabia – seria o bastante para que Bernardo não voltasse mais e estabelecesse no fundo da sua alma uma permanente

Pag.Sibila_Final.indd 8 3/8/09 11:31:35 PM

disposição de vingança. Preferiu, portanto, ignorar que Germa estava nesse momento totalmente desligada e ausente de si, e que subitamente o ambiente ficara repleto doutra presença viva, intensa, familiar, e que aquela sala, de tecto baixo, onde pairava um cheiro de pragana e de maçã, se enchia duma expressão humana e calorosa, como quando alguém regressa e pousa o olhar nos antigos lugares onde viveu, e o seu coração derrama à sua volta uma vigilante evocação. E, bruscamente, Germa começou a falar de Quina.

Era em Setembro, e a casa, temporariamente habitada, expulsava o seu carácter de abandono e de ruína, com aquele calor de vozes e de passos que amarrotam folhelhos amontoados em todos os sobrados. O tempo estava morno, impregnado dessa quietude de natureza exaurida que se encontra num baque ondulante, de folha, ou na água que corre inutilmente pela terra eriçada de canas donde a bandeira de milho foi cortada. Desde a morte de Quina, nunca mais a casa tivera aquela emanação de mistério grotesco ou ingénuo; e Germa não encontrava mais sabor nos serões ao borralho, mexendo as achas, fazendo rodinhas de fogo-preso com o atiçador esbraseado, ou catando nos escanos o rapa do Natal, em cujas faces as letras tinham sido desenhadas com tinta venenosa de bagoinhas. Ah, Quina, tão estranha, difícil, mas que não era possível recordar sem uma saudade ansiada, quem fora ela?

Joaquina Augusta nascera nessa mesma casa da Vessada, setenta e seis anos antes. Era uma menina de aspecto pouco viável, roxa, moribunda, e que apresentava no pulso esquerdo uma pequena mancha cor de sépia, motivada pelo facto de sua mãe ter sido salpicada de fígado de porco, por ocasião duma matança, estando ela nos primeiros tempos da gravidez. Era a segunda filha que vingava num matrimónio de sete anos, porque os primeiros concebidos não atingiam o termo num organismo muito violentado por desesperados jejuns, angústias de mulher jovem que tem por marido o maior conquistador da comarca. Pois a senhora Maria da Encarnação, escolhida num alfobre de raparigas da casa do Freixo,

Pag.Sibila_Final.indd 9 3/8/09 11:31:35 PM

delicadinha, esguia, os cabelos ripados sobre as fontes, uma cintura muito torneada pelo cinto preto de cetim, como ficou de moda para todas as mulheres da família, ligara-se a um homem mais velho vinte anos e do qual diziam as avós da freguesia, em tom bonachão e um tanto cúmplice, «que tinha pedrinha de encantar». Era mesmo. Casara à socapa, numa madrugada em que a noiva, depois da cerimónia, fora retomar o seu lugar no lar paterno, iludindo assim por algum tempo mais o cortejo das desprezadas, entre elas as próprias irmãs. Francisco Teixeira era, de facto, um galã feliz. Possuía ele casa de lavoura e bens ao luar de sobejo interesse, e que administrava mal, pois era feirante por índole, amigo de gozos, vida larga, gostando de presumir grandezas, generosidades e essa bazófia genuína, mais feita de discrição do que de alardes pimpões. Se havia homem pronto a vingar afrontas de compadrio, a ensarilhar o pau, a varrer testadas, fazendo acudir a tropa entre o escabrear do gado e os gritos das velhas que se esgueiram de rastos, salvando na abada do avental o que restasse do gigo dos ovos, era esse Francisco Teixeira. Tipo pequeno, de muito nervo, prudente e conciso de falas, ciente do prestígio das suas suíças loiras junto das mulheres, para quem o tisnado de árabe merecia descrédito em coisas apolíneas, assim era ele. Com nove anos, Maria da Encarnação apaixonara-se por ele, uma tarde em que, de passagem pelo lugar, se vira impedida de pular um córrego avolumado pela invernia; a água espumejava precipitando-se num barranco entre duas arribadas, sobre as quais vergavam os lódãos, muito batidos pelo vento.

– Que fazes aqui, menina? Tu de quem és? – disse Francisco Teixeira, que passava, a gola picarça do capote afogando-lhe meio rosto. Maria respondeu com uma vozinha tímida, porém seca e rebelde:

– Sou do Freixo… – E tentou apear-se do muro, cuja interrupção oferecia uma espécie de degrau que permitia o acesso às veredas na margem dos campos. O moço disse, serenamente, quase severo:

Pag.Sibila_Final.indd 10 3/8/09 11:31:35 PM

– É já de noite; eu vou levar-te a casa. Eu conheço o teu pai, e sempre lhe vou perguntar se isto são horas de deixar andar por fora uma mulher como tu.

– Cantés! – bradou Maria, elevando a voz, para que o fragor da torrente que gorgolejava entre as lajes brancas não lhe sumisse as palavras. Ela conhecia Francisco Teixeira, a quem as irmãs, criaturinhas espigadas e ladinas, celebravam muito, corando só de lhe pronunciar o nome. Lado a lado, caminharam juntos naquele crepúsculo que a chuva fazia alvacento, brilhando ao cair, espelhando nos charcos, nas lamas, nas folhagens. O homem falava, e a sua voz era cheia duma ternura irónica que comunicava no coração da criança um desejo de desforço e uma emoção quente, de aliança, de gratidão. Chegaram, e disse Francisco Teixeira, antes de se despedir, enquanto do portal iluminado pelo fogaréu do lar o espreitavam as moças, mordendo-se de risos impulsivos, incontroláveis e maganos:

– Ora acautelem-me lá esta rapariga, que é com ela que eu vou casar… Adei…

– Adei… – sublinhou o pai, que assomara também, cambaleando um pouco sobre os tamancos tachados e que o faziam parecer alto, com enormes pernas anquilosadas, como as figuras do Greco. Houve grandes risadas, e Balbina, a mais velha das irmãs, correu de repente para Maria, a quem encheu de mimos e desvelos, palpando-lhe as roupas molhadas, desnastrando-lhe as trancinhas hirsutas, para que os cabelos enxugassem.

Onze anos depois, casavam. Estava nessa altura Francisco Teixeira no seu apogeu de sedutor, e não se dispunha a abdicar da sua liberdade de galaroz, as feiras, as noitadas, as amásias, quase sempre de boa nascença, raparigas de primeira mão, bonitas e muito assopapadas de paixão por ele. As mulheres perseguiam-no, vigiavam-no, confiando no ciúme umas das outras, para o privar duma preferência fatal que lhes arrebatasse as esperanças para sempre. Os seus amores com Maria passaram despercebidos, tanto ele te-

Pag.Sibila_Final.indd 11 3/8/09 11:31:35 PM

mia o escândalo das rivais, mais pelas suas lágrimas que pelas suas ameaças. Porque ele era afinal um fraco, teria casado com todas as moças que o fitassem com belos olhos marejados, acobardava-se, prometia, enredava-se nas mais ingénuas ciladas do amor, se a mulher se lhe apresentasse como uma vítima indefesa e se lhe rendesse. Com Maria, porém, foi diferente. Havia duas semanas que estavam casados e ela continuava, sigilosamente, em casa dos pais, sem que entre ambos houvesse mais do que os cumprimentos reservados, contrafeitos, de noivos por contrato. Ele amava-a, não teria escolhido nenhuma outra, porque se lhe fixara na alma o romanesco da sua promessa à criança ponderada e austera que ele encontrara uma vez, esforçando-se por saltar sozinha a cachoeira, desafiando o seu próprio receio. Maria não mudara nada; era a mesma menina que sob o orgulho oculta uma lealdade sem limites, e possuía essa feição dos tímidos que erradamente se confunde com velhacaria; fizera-se uma bela mulher, com o acréscimo vantajoso dum dote de dois moinhos e algumas ramadas, educara-se na sujeição e no trabalho, descendia duma tribo de gente prudente e casta. Sem dúvida que Francisco Teixeira a apreciava como um achado raro e se decidira sem hesitação a adquiri-la com todas as garantias legais. Mas todas as outras que choravam a seus pés, que se embalavam no seu regaço e se desgrenhavam cheias de apaixonados zelos, e lhe surgiam nas encruzilhadas, desfalecidas de pranto, e lhe rondavam a porta, com agonias de raiva no coração? Isto prolongou-se algum tempo ainda, até que Maria, assediada como Penélope pelos romeiros dos dotes, aos domingos, corrida pelas chufas das irmãs que a achavam mona e a apontavam aos namorados como exemplo doentio de altivez, abalou um belo dia.

– Tão séria! É pra casar rica? É pra casar rica? – gritou-lhe Balbina, vendo-a cruzar a eira, descalça e com a roupa de cotio, mas levando no pescoço o seu cordão de ouro, donde pendia um pequeno crescente de filigrana. Maria olhou a irmã, que era ruiva e cuja cabeça parecia um fosforescente acobreado, vista através da

Pag.Sibila_Final.indd 12 3/8/09 11:31:35 PM

névoa das suas lágrimas que apenas tinham assomado e se recolhiam sob a rápida pressão das pálpebras.

– Cantés! – disse, com voz sonora. E deitou a correr. Essa mesma noite a casa da Vessada recebeu a sua nova ama.

Nem um só dia Francisco Teixeira alterou os seus hábitos e os seus princípios de boémia, e, se abandonava velhos amores, era para sem tardança os substituir. Houve um recrudescer de intrigas e paixões à sua volta, pois as mulheres pareciam desejar vingar a traição daquele casamento, infligindo à escolhida a tortura do abandono, o tributo do ciúme, as impaciências iradas dos que orgulhosamente amam. Uma delas representara uma ligação mais séria, burguesa prendada como era, soberba da sua posição e haveres, criada no desleixo dum lar sem mãe, porque a sua, única legítima da casa de Borba, finara-se muito cedo, deixando a menina, que engatinhava apenas, na sombra das saias de amas e governantas pingueiras, que mal cuidavam em escamar-lhe a ramela e engomar-lhe os esbicados dos calções de baptista que assomavam sob os vestidos curtos de baetilha cor de morango. Chamava-se Isidra, a moça; era de tipo majestoso, com uma cabeleira cuja opulência gostava de exibir ao retratar-se enrolada na trança como uma boa. Sua mãe, nascida numa dessas fidalguias broncas onde os rebentos fêmeas sofrem o desprezo paterno, criara-se pelos casebres dos caseiros, entre a canzoada dos perdigueiros e filhotes de labrego, na promiscuidade das cozinhas térreas onde a fumaça se enovela para a cura do fumeiro, onde a vida do campónio se concentra, onde se come, se projectam tarefas, se louvam e se maldizem os amos, o tempo, as crias, o próprio Deus. Só com dezoito anos a rapariga foi chamada ao solar, a coabitar com os irmãos. Era analfabeta, e tinha como divertimento predilecto o aproximar-se à socapa dos cães que lambiam nas escudelas o caldo de abóbora, e cortar-lhes com um podão as caudas que abanicavam. De resto, bonita, de pele clara, com sinaizinhos negros distribuídos com mimo pelas faces. Dizia «milhão» em vez de milho, vestia-se como uma

Pag.Sibila_Final.indd 13 3/8/09 11:31:35 PM

imagem de andor, com muito gosto pelos vidrilhos, as sedas bordadas, não hesitando em retalhar as velhas colchas orientais, para franzir uma saia. Ainda não atingira a maioridade, apareceu grávida. O pai zurziu-a a rebenque de baleia, cruzando-lhe vergões empolados e azuis, dos ombros até às ancas; os seus uivos atravessavam as enormes salas consecutivas cujos reposteiros de damasco as crianças tinham denegrido, e as servas ficavam-se nos corredores, arrepiadas de susto, rezando baixo e correndo em debandada quando ouviam no patamar o estrupir das botifarras dos fidalgos novos que chegavam da caça, um tanto bêbados, altercando entre si. Um ano depois, a moça foi entregue em casamento a um proprietário rico que a aceitou, escurecendo o percalço havido com o dote fabuloso que a acompanhava. O povo recordava ainda a baixela de prata que carregava uma «sibana» e cujo peso fazia oscilar o andamento dos bois. Não foi feliz, a pobre. Sete anos depois nascera-lhe Isidra, e, um pouco além dessa data, ela morrera, no recolhimento da sua alcova, assistida apenas pelo capelão, um homenzinho untuoso e triste que mascava tabaco, bufando escarros negros nas bacias onde boiavam compressas sujas de vinagre. A clausura fizera-a doente, vivia mergulhada em banhos de farelos, o seu hálito tinha um odor de drogas, e os dentes tinham-lhe caído. O marido chamava-lhe «senhora», fingindo desconhecer que ela troçava dele e lhe punha alcunhas sórdidas, porque sempre lhe foi odioso e gostava de o vexar lançando-lhe em rosto a sua fidalguia, a sua casa de Borba, enorme, com salões revestidos de chumbo e carrancas de pedra na extremidade das varandas. Dizia-se que um dos próprios irmãos a desflorara e que ela o amava ainda, com desafio, e, pronunciando-lhe o nome, chorava, revendo a sua galhardia, o seu talento para esporear cavalos, fazendo-os caracolear, com placas de espuma sanguinolenta sob a espora de prata.

Isidra, com vinte anos, era designada como «boa estampa», pelo avô. Era grande, com esses olhos sombrios e um tanto vítreos que a palidez dum rosto favorece. Fora sempre relutante à educação,

Pag.Sibila_Final.indd 14 3/8/09 11:31:35 PM

falava mal, gostando de desorientar os homens com a sua bruteza de linguagem e rindo-se quando eles, tolhidos de espanto, enrubesciam. Conhecera Francisco Teixeira numa tarde de romaria que ela presenciava da sacada aberta sobre o largo da povoação em festa; vestida de tafetá negro, sem jóias, a trança dos cabelos um tanto solta nas espáduas, abanava-se com um grande leque de *moiré* e azeviche, contemplando com olhar indolente a procissão que descia do adro, as torres dos andores oscilando, com as suas fitas e as suas palmas de papel tremendo e voando entre as copas poeirentas das acácias. Subitamente, um redemoinho de desordem ferveu, alastrando logo com um corricar de cachopos que se arrastavam sob as pernas do poviléu, e o escândalo ainda morno, ainda lento, das mulheres que reajustavam na nuca os lenços de algodão e buscavam no poial das portas um degrau seguro para abrigadamente presenciarem. Mas a luta embraveceu, magotes como vagas chocaram-se, confluindo das margens do largo, ouvia-se entre gritos o seco rumor dos paus que embatiam, estalavam, eram lançados longe, caindo sobre as tendas ou os arraiais das louceiras. E, então, numa clareira que se foi desenhando mais vazia, mais circular, destacou-se o pequeno vulto de Francisco Teixeira que avançava, grave e tranquilo, repelindo à sua volta o eriçado dos marmeleiros que combatiam, iam cedendo, recuavam, dispersando-se nas alas da multidão que se agitava, ondulando como um corpo que voga na maré. Havia sangue; os andores tinham parado na ladeira e os anjos choravam, não se atrevendo a abandonar o posto, suados sob as vestes debruadas com pele branca, de coelho, as botas amarelas de duraque muito atufadas na poeira. Sob o pálio, o abade, recolhido, mansamente esperava, entre as opas vermelhas cujas pregas o sol riscara de violeta e as filas de crentes ajoelhados sobre os lenços de bolso. «Então essa guarda?» – impacientavam-se os mesários. Partiam estafetas com ordens e avisos, e, entre suspiros de cólera, as vendedeiras salgavam nos alguidares de barro os tremoços, dispondo, nas mesas adornadas com um

Pag.Sibila_Final.indd 15 3/8/09 11:31:35 PM

ramo de cravos-bravos da Índia, os copos embaciados onde vertiam limonadas e refrescos de aguardente. Os foguetes explodiam, deixando no ar pompons de fumo alvo que lentamente se deslocava e diluía.

– Quem é o homem? – disse Isidra. Fechara o leque sobre o regaço, e beliscava, repuxando, as suas mitenes de malha de seda preta. Olhava Francisco Teixeira, viu como ele, esgotando os adversários, se detivera no largo varrido, verificando a solidez do varapau, que varava o ar com silvos prolongados. Depois, calmo, afastou-se por entre a multidão, e nem uma vez se voltou. Isidra ficou-se na sacada até tarde, batendo, absorta, com o leque nos joelhos, fixando os copinhos de papel escarlate que balançavam suspensos por barbantes e às vezes ardiam, despenhando-se as fagulhas sobre a praçazinha coalhada de povo. Na sala, atrás de si, as senhoras bebericavam chá, comunicando-se as receitas dos acepipes que provavam com suaves estalinhos de língua, de aprovação, de entendimento, de gula. Eram mulheres que se espartilhavam em barbas de baleia, sinistramente iguais, e que usavam cuias bafientas sobre os cabelos que pareciam brunidos, penteados com o único intuito de ficarem arrumados.

– Vem para dentro, menina. Olha que esse relento…

Sobre os tremós cintilavam os pingentes dos candeeiros onde se derretiam as velas. Um largo espelho de caixilho de esmalte branco com filetes de oiro reflectia a reunião aquela, os homens medonhos, com coletes acolchoados, e que falavam, preguiçosamente, de finanças e de política, as santas criaturas que cochichavam agravos de parentela e de criados, empinando pelas ventas dedadas de rapé. Isidra entrou na sala, mordiscou uma cavaca, chegou-se ao piano, onde apoiou o indicador, experimentando uma escala. «Vida estuporada!» – disse. O fidalgo de Lago, negro como um moiro e que explicava o loiro luminoso dos filhos pelo processo de lhes banhar a cabeça com cerveja, quando nasciam, observou-a de través. Odiava os de Borba, parentes seus e rivais na opulência das

Pag.Sibila_Final.indd 16 3/8/09 11:31:35 PM

casas, na excentricidade, nas espaventosas histórias de cavalos e de mulheres. «Famoso ninho que tais pegas dá» – falou, para si, como costumava dizer, com essa espécie de espírito que era como um atributo da sua cólera. Isidra captou a frase, sem a ouvir. Quando, logo depois, ele lhe perguntou, com um ressaibo de velha galantaria, quase lânguido, se ela gostava de versos, Isidra disse-lhe, com uma arrogância fria, sem mesmo o olhar:

– Versos? Meta-os pelo rabinho acima…

O de Lago passou a temê-la, o que, dizia Isidra, era muito melhor do que se a respeitasse.

Caprichou a moça nos seus amores com Francisco Teixeira. Era fogosa e indomável, e, passados os primeiros arroubos da conquista, ele fatigou-se dos seus repentes de despeito, das suas juras que previam desagravos de traições, das suas corridas pela quinta, que ela atravessava noite alta para comparecer aos encontros, embuçada numa mantilha de renda de lã negra, os cabelos escorrendo-lhe pelas costas, pesados, trazendo enredadas as gavinhas secas que se desprendiam dos lódãos. Ela não o amava, apenas se lhe entregava por desafio ao nome que comprometia, pois à vertigem da sua queda sucedera a preocupação pelo seu orgulho. Francisco Teixeira enfadou-se depressa daquele temperamento tão viril, daquela voz ferina e fria que lhe impunha ordens e que, no fim de contas, o desfrutava. Gostava das mulheres submissas, mansas, que o admirassem sem jamais adquirirem a confiança de especificar, decompor, calcular, essa admiração. Mas Isidra ia ser mãe, e ele receava-a. Talvez para evitar a tentação daquela imperiosa criatura cujos ardores, cujos olhares terríveis o venciam e cuja fortuna lhe parecia um subsídio notável para uma vida de camarilha com arruaceiros e ciganas, ele casou precipitadamente com Maria. Esperava manter secreto este passo até que a história de Isidra chegasse a um natural epílogo; ou, possivelmente, preferia não encarar de frente qualquer solução, e o facto de se ligar irremediavelmente a Maria representasse um golpe de defesa que corrigiria muitos dos desvarios a

Pag.Sibila_Final.indd 17 3/8/09 11:31:35 PM

que se sabia sujeito. Este traço do seu carácter transmitiu-se depois a quase todos os filhos, e podia definir-se pelo «estilo hamletiano», o choco de indecisão, a cobardia da violência, que se resgatam de súbito com um acto que transcende toda a razão.

Porém, Maria precipitou aquele enredo, escapulindo-se de casa, para reclamar o seu lugar no novo lar que lhe competia. Não recebeu aplausos por isso, se bem que Francisco Teixeira não resistisse a aceitá-la com honras de noivado. Ele desacompanhava-a muito, deixava-a sozinha na casa, que ela percorria vagarosamente, empunhando a candeia, cuja luz vacilante aplicava nos recantos, no patamar da adega, onde se situavam as talhas do azeite, sobre calços de vimieiro. Se ele não chegava, deitava-se sem cear; se ele vinha e dizia, com uma voz acobardada «Já comi, eu», Maria ia lançar o seu caldo no bocal de madeira esbeiçado de lavagens e que comunicava com a pia dos porcos, em baixo, sob a cozinha que estava em construção. Porque a casa tinha totalmente ardido. Não restava um tabique, um fio de bragal; o fogo apenas poupara os caldeiros de ferro que, esbraseados, tinham rolado sobre os charcos do quinteiro, fazendo soltar uivos de espanto ao povo que acorria com escudelas de água e cântaros que pareciam pairar magicamente à cabeça das mulheres. Acontecera pouco tempo depois da chegada de Maria. Ela sentara-se, exausta, na velha mó de lagar de azeite que estava meio tombada na margem da eira, e olhara os escombros donde o fumo subia misturando-se com a névoa da madrugada. Tinha apenas uma saia mal acolchetada sobre a camisa, e tiritava. Os moços moviam-se à sua frente, enfarruscados pelo travejamento que desabara e sobre o qual pulavam, e que ardia ainda com um serpear de lume no cerne seco; Narcisa Soqueira, vizinha muito afecta à casa da Vessada, chorava, cirandando, semi-nua, um ombro esquálido aparecendo pelos rasgões do velho chambre.

– Ah, mulher, mulher! Isto, foi a amiga do teu Chico, que é fêmea que o diabo enjeitava – disse-lhe, muito sufocada de aflição.

Pag.Sibila_Final.indd 18 3/8/09 11:31:35 PM

– Cantés! – murmurou Maria. E voltou o rosto das paredes calcinadas, junto das quais a grande meda de palha centeia se consumira, ficando apenas a armação de ferro onde a velha pintura escamara, derretendo em gotas vermelhas sobre as lajes. Francisco Teixeira não voltara ainda. E ali estava aquela jovem mulher, cujas feições contraídas, porém frias, se desenhavam na esverdeada luz da madrugada; não confiava uma emoção à turba que a rodeava, que ia e vinha, num afadigado fervor de auxílio, que se aproximava na timidez daquela dor que não sabia como aliviar, e se afastava sem ter proferido senão palavras bruscas e banais, vexada pela própria impotência, desejando apenas distrair-se da desgraça que não podia vencer. Maria não chorava. Com a palma da mão arrepiava às vezes os cabelos frisados das fontes e que lhe descaíam sobre os olhos; e o seu coração estava fechado, porém na expectativa de alguma coisa que nele renovasse a felicidade, pois ela pertencia a essa casta rara e invencível dos que, a par da mais crua teoria do pessimismo, se mantêm fiéis à esperança, e que mesmo na morte não sucumbem. Francisco Teixeira veio então, sem se apressar muito em se chegar, em falar, pousou-lhe a mão no ombro, delicadamente, alisando-lhe as pregas do xaile, como se, com esse gesto humilde e repetido, quisesse definir um arrependimento.

– Eu tinha pensado já fazer umas obras… – disse.

– Ainda bem que eu estou aqui para vigiar isso – contestou Maria. O seu tom possuía a nota irónica que nela testemunhava bom humor e generosidade. As contas estavam saldadas. Assim, ela confessava que o amava através de todos os incidentes e catástrofes, todos os esquecimentos e abandonos. Morreria muito velha, e, com a idade, a mente havia de se debilitar, provocando-lhe arrazoados vagos, atropeladas recordações, esse viver retrospectivo cheio de visões passadas, de factos e pessoas mortas. Mas o seu homem estava sempre presente junto dela, vivendo as suas seduções, fazendo-a vibrar em cuidados e penas, como quando ela era jovem e se entregava às suas íntimas batalhas de cólera e de perdão. «Que culpa

Pag.Sibila_Final.indd 19 3/8/09 11:31:35 PM

tinha ele de ser bonito?» – dizia, tomada duma filosofia gracejadora e doce. E, avistando da janela o filho que tomava o caminho dos lameiros, num dia outoniço em que chovia, alarmava-se, julgando que era Francisco Teixeira que partia desprevenido de abafos. «Vai-se molhar todo, o meu Chico. Levem-lhe um capote, porque se vai molhar.» No entanto, havia quarenta anos que ele tinha morrido.

Pag.Sibila_Final.indd 20 3/8/09 11:31:35 PM

II

Se já tinham esmorecido havia muito, as relações com Isidra ficaram desde então definitivamente acabadas. Nem Francisco procurou vê-la mais, nem ela de algum modo se lhe interpôs na sua passagem. O filho que ia nascer preocupava-o, pois conhecia bem aquela mulher a quem a cólera faria rasar todos os crimes. Pagou espiões que a vigiassem na sua própria casa, soube-lhe todos os pensamentos e os diálogos em detalhe com as comadres de confiança; soube que a criança a destinava à roda, contratou cúmplices e sentinelas, esperou, muitas noites, nos esconsos da quinta, que alguém viesse entregar-lhe nos braços o fardo do recém-nascido. E assim aconteceu. Era um menino, que mandou criar cheio de amparo, e a quem a própria Maria recebia mais tarde com deferências, homem probo que muito honrava o nome paterno, e por isso ela lhe dedicou um respeitoso afecto. Isidra foi habitar uma residência no Porto, pertença do avô de Borba que morrera, muito destemperado de génio e blasfemando contra os filhos varões, cujos casamentos tinham resultado estéreis. A moça viveu até à idade madura no casarão sobranceiro ao rio, e cujas velhas salas ela franqueava às pombas. As raras damas que a visitavam entreolhavam-se com espanto perante aquela criatura lívida, cuja arrogância sobressaía até nos seus próprios atavios negros, sem uma garridice, sem uma jóia. Nos damascos esfiados dos estofos, nos mármores róseos das mesas, havia ressequidos excrementos de aves; pelas altas janelas, cujos estores caíam aos pedaços, entrava o sol que desbotava as tapeçarias e a seda cor de palha das paredes. Ela possuía o snobismo

Pag.Sibila_Final.indd 21 3/8/09 11:31:35 PM

da rudeza, não tentou jamais demonstrar cultura ou preferia certas elegâncias volúveis que faziam moda, e não falava melhor do que os caseiros com que privara desde pequena. Havia nela, porém, um gosto inato de nobreza que a fazia distinta entre todas as outras mulheres. «Tem virtudes de homem» – dizia o fidalgo de Lago, muito velho já, e que a admirava sem excluir aversão por ela. Enfim, a sua opulenta trança branqueava quando Isidra casou com um magistrado, homem balofo e sem humor, que foi nomeado pouco depois juiz do Supremo Tribunal. Francisco Teixeira perdeu-lhe o rasto para sempre.

Ele não tinha mudado. As suas aventuras eram inumeráveis, e o lar significava para ele um poiso cujo encanto resultava sobretudo de manter a toda a hora as portas franqueadas sobre o mundo. Maria viveu um inferno de desesperos mudos, e a sua reprovação manifestava-se apenas pelo silêncio, lidava até à exaustão mais profunda, e não comia. Quando Francisco chegava, via-lhe os olhos requeimados, os modos secos, aquele cirandar cheio de dignidade que o vexava e lhe produzia remorsos; então calava-se também, e no seu coração aquela atitude ia roendo até a imaginação a transformar em ofensa e ele acabar por sobrepor-se às suas culpas como a vítima mais lamentável. O seu egoísmo fazia-o infantil, e das dores que ele próprio motivava restava-lhe na consciência um sabor de injustiça por qualquer mínima represália. Assim, os primeiros anos foram muito amargos, se bem que Maria, no futuro, os recordasse com uma ternura muito viva, e os achasse, de facto, os mais risonhos da sua vida; três filhos perderam-se, e a criança que logo nasceu em condições de sobreviver deveu-a a Narcisa, conselheira assídua de Maria.

– Come sempre antes de o teu homem chegar a casa – disse-lhe. – Se ele não tiver ceado, comes outra vez com ele; senão, podes deitar o teu caldo na pia, que já te não faz falta…

Isto desagravava os seus ingénuos pundonores de mulher, e, como Maria só sacrificava a prudência a uma história de honra,

Pag.Sibila_Final.indd 22 3/8/09 11:31:35 PM

conciliando ambas atingia uma satisfação suprema. Um ano depois, nasceu Justina, menina afouta e que prometia ser bela; depois seguiu-se Joaquina Augusta e ainda três rapazes, o último baptizado, por um lapso de registo ou, como fora em tempos costume, com o sobrenome da mãe. A família enraizava-se de novo e estendia os seus ramos naquela casa da Vessada que se reedificava lentamente.

Com cinco anos, enquanto Estina, calçada com as suas meias de lã parda e branca, corria para a mestra, Quina ficava sentada no degrau que comunicava a nova cozinha com os outros aposentos, e que era um pequeno caixote oscilante, posto ali para facilitar a subida das crianças. Ela segurava nos braços o mais novo dos irmãos, e cantava com a vozinha trôpega quadras irreverentes a respeito da Patuleia, em cujas trincheiras combatera o marido de Narcisa Soqueira, um homem bronco até ao inverosímil, herói de muitas histórias galhofeiras. Dos caibros, cujo pinho claro se defumava já, pendiam tranças de cebolas, e a dobadoira, com a meada enfiada nos braços, estava sobre uma prateleira junto à fila de pepinos maduros que se guardavam para semente. No boqueirão da chaminé, que parecia a forma duma pirâmide, brilhavam oleosas fuligens. Chovia. A água repicava contra o zinco que forrava até meio a porta que ficaria depois cheia de entalhaduras a canivete, marca e presságio da futura estatura de todas as crianças da família que ali se mediam aos dois anos, e cuja altura dobrada seria, diziam, a definitiva. O armário embutido ao canto da banca, em triângulo, supurava ainda resina dos seus nós. Aquela era a cozinha nova, a que substituía a dependência térrea onde ainda se cozia o pão, e que ficava no seguimento das cortes do gado, no quinteiro, terreiro muito afofado de matos onde a chuva e a urina do gado empoçavam, e onde a geada fazia efeitos de corais brancos nos gravetos de urze.

Por um fenómeno não muito raro no coração das mais extremosas mães, Joaquina Augusta encontrou um terreno de afectos

Pag.Sibila_Final.indd 23 3/8/09 11:31:35 PM

quase totalmente dedicado à primeira filha, Estina. Talvez porque ao nascimento desta se ligassem mais vivos pormenores sentimentais, ou porque a criança ao crescer se revelasse detentora de perfeições e afinidades que seriam réplica da própria mãe, Maria distinguiu-a desde sempre, fosse no desvelo da educação ou no poupar-lhe das canseiras mais pesadas do lar. Entretanto Quina, desde muita nova, lidava sob o estímulo da mãe, que a exigia activa e responsável, mais do que seria de desejar em menina tão miúda. Mas ela vergava-se àquela seca disciplina, adquirindo uma consciência de adulto, um orgulho de capacidade que seria o remorso de Maria, se esta tivesse ócios disponíveis para tais subtilezas.

– Deixa-a brincar também – dizia Francisco, tocado pelo azafamado jeito da cachopinha, que corria da adega à horta, acamava a roupa no cortiço da barrela, vedava com bosta húmida a porta do forno, carregava o linho que demolhava nas presas ou corava no limiar do pomar.

– Olha que a minha prima do Soito casou aos onze anos. Aos treze teve dois filhos dum ventre, e criou-os, que ninguém lá foi criar-lhos – ripostava Maria. Este argumento da parenta, cujo casamento fora tratado por inculcas entre duas casas fartas, era fatídico. Quina teve-o como exemplo desde o alvorecer da razão, e, quando velha, ouvia ainda a mãe falar daquela heróica prima do Soito, quando alguém aludia à extrema juventude duma noiva ou duma esposa, para desculpar-lhe as leviandades e os feitos ingénuos. Quina chegara a ganhar raiva à pobre criaturinha, agora feita uma mulher gemebunda, a quem os muitos e sucessivos partos tinham abalado o coração. Apenas o pai ela tinha por aliado, somente ele a socorria com o disfarçado conforto dum sorriso, uma palavra, quando Quina passava, os olhos pregados no chão, sob o acicate da mãe sempre implicante, sempre manejando o fueiro e a chinela, com uma expressiva agilidade. Entre Quina e o pai foi aos poucos surgindo uma espécie de aliança secreta, uma cumplicidade quase irónica que atingia Maria, caçoando da sua

Pag.Sibila_Final.indd 24 3/8/09 11:31:35 PM

brusquidão, uma vez que não seria possível pôr-lhe cobro. E, naquele lar em que o chefe aparecia apenas para ser servido, para aceitar a escolha do melhor bocado e a servidão feliz de todos os que levavam afinal o fardo das monótonas canseiras, Quina recolhia com gratidão a deferência que o pai, tão admirável, tão estranho, tão difícil, lhe insinuava. O amor por ele tornou-se devoção. Ele cortejava-a profundamente, de resto, como usava fazer com todas as mulheres sem excluir as filhas, incapaz de rispidez perante elas, domado por aquele sortilégio de saias, de vozes cantantes, de risos e meneios, de nervosismos lacrimosos e doces tiranias do instinto. Era Quina a primeira a aparecer-lhe no patamar da cozinha, quando o distinguia no declive do monte, de regresso das feiras que frequentava sempre com uma paixão de aventura. «A sua bênção, meu pai» – pedia, com uma exultação íntima, impaciente e quase infeliz. Ele encarava-a com o olhar pícaro e fino, que não sabia tornar de todo paternal. «Deus te abençoe…» – dizia, devagar. E aquilo tinha o sabor duma cumplicidade, duma pequena folia trocista, contra o próprio Deus.

Ele era também o seu herói, sob o aspecto do mistério, desses factos que polvilham de pitoresco a história das famílias e que, na infância, quando se decifram apenas no círculo dos adultos, surgem como a fábula mais original. A fama dos seus amores – às vezes com que deploráveis pormenores! – chegava-lhe juntamente com um eco de suspiroso desdém que Quina repelia como vivas injúrias aos actos de seu pai. Na verdade, ela aplaudia com fanatismo a integridade do homem na sobriedade das suas leis, junto das quais as lágrimas duma mulher não passavam de superfluidades sentimentais. A corte feminina sempre tão numerosa em que vivia, incluindo suas tias e casas continuadas por elas, causava-lhe irritação, pois ela lastimava desde menina o ser considerada um número entre a descendência de raparigas submissas e incapazes que se destinam a uma aliança tutelada, e que, mesmo atingindo o matriarcado, eram vencidas. Todas as irmãs de Maria tinham ca-

Pag.Sibila_Final.indd 25 3/8/09 11:31:35 PM

sado. Balbina, escolhida como madrinha de Quina, vinha, às vezes, da sua casa de Água-Levada, procurá-la para lhe oferecer hospitalidade durante o tempo das sachas ou das esfolhas, convocando assim uma jornaleira gratuita. Quina ia, sem que mesmo a sua vontade fosse consultada, mas, uma vez aboletada em casa de sua tia, vivia galhardamente aquela turbulência de trabalho, de gente que se desconhece ou se reencontra, e divertia-se muito. Balbina era um especial carácter que preferia a mentira quando lhe era indiferente optar pela verdade. Mentia muito, sem desviar nunca os belos olhos inocentes, era mesquinha, trafulha, com um gosto acentuado pelas aparências, as honras, as falsas tafularias. «Degenerou» – dizia Maria, que não seria capaz de usar no dedo um anel de *plaqué*. Mas Quina gostava da sua madrinha, se bem que ela jamais a convidasse sem lhe extorquir retribuição e a presenteasse pela Páscoa com um folar pobre, muito chorado à conta das suas dificuldades, as suas perdas, as obrigações pesadas que devia ao lar e aos filhos. À ceia, quando queria avisar discretamente uma parcimónia geral, recostava-se, com um pequeno suspiro enfastiado, e dizia:

– Estou até… Agora, nem cavacas…

Porém, não tinha comido senão um magro caldo, em cujos restos, num fundo de migas de boroa, pousavam estilhaços de ossos.

Amava as pompas, as grandes relações. O único irmão, José, de todos o mais semelhante a Maria, emigrara e, longe, fazia fortuna; outra afilhada sua e parenta não muito próxima casara com um tio regressado do Tucumán, onde as plantações de açúcar lhe tinham proporcionado a auréola dum pequeno Cresus. Chamava-se Elisa Aida, a moça, e com catorze anos entrara no leito com baldaquino e penas de avestruz, copiado duma água-forte de Moreau le Jeune, à ordem do velho achacoso, muito afeito a caprichos pantagruélicos, bufos, que era o noivo, seu tio. Dizia-se, com sorriso de piedade, que a rapariga pespontara castamente a camisa, encerrando-se dentro dela, no temor de se achar descomposta junto do homem que a comprara, mercê duma assinatura rabiscada no

Pag.Sibila_Final.indd 26 3/8/09 11:31:35 PM

constrangimento da luva de quinze botões que ela não lograra esfolar da mão.

– Ela acadima – disse Balbina, como costumava, ao colocar uma galinha riçada sobre o indez. – Está em boa idade de se fazer uma fidalga.

Fez-se uma fidalga. Um ano depois, o marido obtinha um título – conde de Monteros, depois de ter imposto o apelido Fattoni, espiolhado numa genealogia que os seus brios elegiam simpatizante. Elisa Aida Fattoni, condessa de Monteros, possuía então preceptora inglesa, e tinha lições de piano com um compositor que se deslocava do Porto para lhe dedicar um pequeno concerto no *Pleyel* do seu salão abobadado, com grinaldas de gesso circundando a meia altura as paredes cheias de frescos das fábulas de La Fontaine. O palacete era um monumento meio barroco, protegido de pára-raios cuja platina fora avaliada no preço da terra bastante para sustentar uma família. Balbina assistira ao casamento, dos bastidores, ajudara a ataviar a noiva, que era magrinha, escura, e em cuja cabeça a coroa de flores de laranjeira fazia o efeito duma rodilha. Os esplendores da sua alcova, com o tecto onde adejavam cupidos e mariposas, e o tapete *Savonnerie* fornecido por um museu, ficaram lendários. Dizia o de Lago, loiro e pomposo, amador de bons ditos como seu pai, que o casal lhe dava a impressão de baratas numa loja de *bric-à-brac*. Mas foi ele o primeiro a fazer a corte à condessa Monteros, quando, cinco anos depois, regressada da Itália e Constantinopla, franqueou o seu salão às notabilidades. Tinha-se feito bela, com essa beleza que resulta mais duma aliança perfeita com o que é moda, inesperado, actual, do que de verdadeiros encantos físicos. Tinha o ar duma adolescente de Proust, com os seus vestidos de popeline cor-de-rosa, túnica *panier* listrada de branco, e os pequenos chapéus de amazona onde esvoaçavam véus que se confundiam no ar cinzento. Estina, que tinha sido sua companheira na velha escola onde com ela aprendera caligrafia e croché, viu-a e não a reconheceu.

Pag.Sibila_Final.indd 27 3/8/09 11:31:35 PM

– É a Lisa – informou a tia Balbina, impante, ruborizada, feliz, porque a condessa, se não lhe pedia a bênção submissamente como dantes, mostrava grande apego às antigas relações, e gostava de passear a pé e visitar como que casualmente as velhas amigas de Água-Levada. Com o vestido curto, de barra de folhos e que deixava ver as botas verdes ou cor de mel, abrigando-se sob um guarda-sol minúsculo, era muito notada nos caminhos que percorria devagar; parando sob as latadas de morangueiro, extasiando com o perfume dos cachos que a tentavam muito e faziam gratificar um garoto para que trepasse aos lódãos, a colher para ela os racimos empoeirados. O marido gostava de a ver fidalga, muito arreada de luxos, de prendas, de brilhantes, e fazendo sala entre uma caterva de criaturas de linhagem ou de dinheiro, que acudiam aos seus jantares, para os quais o peixe se pagava com libras e viajava em reservatórios revestidos de junco, nas diligências. Mas Elisa ficava indiferente a tais esplendores; entranhara-se-lhe o hábito da grandeza, a ponto de não destrinçar valores, e usar com perfeito descaso a sua manta de marta como ninho de gatos recém-nascidos, e, mais tarde, entregar um enorme *Rolls Royce* com faróis de prata, para poleiro de galinhas. Enquanto rapariga, ela tomava como divertimento mascarar-se de camponesa e, com uma toalha de renda pelo rosto, comparecer nas eiras das esfolhadas, gozando a sensação, o gáudio e as agridoces ilusões dos moços que tentavam saber-lhe a identidade.

– Que *chica pueblana* você me saiu! – recriminava o conde. Vivia assaltado por vários males, e, na realidade, o possuir uma mulher jovem que não lhe impunha folias elegantes, viagens, um nomadismo impenitente de exibição e de gozo, parecia-lhe providencial. De resto, Elisa só com o tempo se fez coquete e provocadora de cortesias; mas já estava viúva nessa altura, poupando assim ao velho tio o rabiar dos predestinados psicólogos.

Esta personalidade de mulher acompanhou muito a meninice de Quina. Ouvia falar dela e impacientava-se, pois a achava um mito provocado por uma desprezível adulação. Não a vira nunca,

Pag.Sibila_Final.indd 28 3/8/09 11:31:35 PM

mas o seu nome era o bastante para a fazer empalidecer; nos seus olhos, que as pregas das pálpebras desfeavam, havia um cintilar de rancor, atenuado com uma ironia.

– Que me interessa essa gente? – dizia. – A quem pode interessar é ao José do Telhado.

Maria fazia má cara, como sempre, a esta referência ao famoso quadrilheiro, outrora amigo íntimo e mestre de jogo-de-pau de Francisco Teixeira. Mesmo durante a sua breve existência de banditismo, tinham ambos conservado uma discreta amizade, um fundo de tolerância mútua, que se compreendia sem se comprometer. Quina lembrava-se do homem.

Dormia ela na larga cama de ferro, que era ninho de todos os irmãos, na idade em que o calor e o sono são ainda como que a continuação do seio materno. Ouvia-se o fustigar do vento nas pequenas laranjeiras que Narcisa Soqueira recém-plantara de volta do seu terreiro. Compunha-se o corpo principal da casa duma varanda aberta sobre o quinteiro e a cuja extensão estavam dispostos os quartos, por sua vez voltados para a eira. A varanda era coberta com um telhadinho sustido por barrotes, e possuía uma cancela raramente utilizada, de acesso à escada que o tempo ia fazendo musguenta. Maria dormia, os filhos aconchegados a si, naquela casa em que, como todas as outras, no dizer do povo, se trancava a porta com a carapuça. Esse fatalista testemunho de confiança em face da oportunidade do risco é característico do povo. O medo provém dum certo cultivo da imaginação, da consideração extrema pela vida, que é coisa distinta do amor por ela; considera-se aquilo que se teme perder, mas amar é sempre um estado de audácia, de êxtase, situação de jogador que lança os seus dados e arrisca.

No recrudescer duma bátega, a cancela, no extremo da varanda, chiou longamente e bateu. Soaram passos; ouvia-se o encharcado dos pés que se deslocavam no interior do calçado. Maria ergueu-se, ficou sentada, muito vestida, porque dormia com o lenço amar-

Pag.Sibila_Final.indd 29 3/8/09 11:31:35 PM

rado na nuca, enroupada num casibeque debruado de largo viés de veludo azul.

– Sou eu, senhora Encarnação, o Zé… – A voz ofegava, contida, ciciante. – O seu homem ainda não veio?

– Não veio ainda – disse ela ríspida. – Que lhe queria? – E, como o intruso não contestasse logo, ela pousou os pés no chão, circunvagou pelo quarto, pelos vultos dos filhos, um olhar duro e resoluto. O vento zunia pelas frinchas e o luar verdoso entrava pelo postigo sobre a cómoda e que não se fechava nunca. Ela proferiu, depois dum momento: – Tem um quarto e uma cama, ao lado, se quer esperar pelo meu Chico…

Os passos, tão brandos agora que apenas os contava adivinhando-os, afastaram-se da porta; sentiu que o homem roçava o baú de pele de vitela e cuja pregaria desenhava no tampo as iniciais de Francisco Teixeira; depois, o trinque do quarto seguinte foi corrido suavemente, e voltou o silêncio. Maria enfiou-se de novo sob as roupas, muito transida, os ouvidos afinados para todos os rumores, estudando perplexamente aquela situação. Não tinha medo. Conhecia havia muito José do Telhado; era homem de brios, se não de honra, que a vocação, mais do que a adversidade, decidira um dia a fazer-se vilão, como Ricardo III. Conhecia a mulher, a Aninhas, uma loira alta que vinha às vezes pedir de empréstimo uma quarta de farinha e se demorava num palrar de preguiça, compondo com os dedos as farripas desmazeladas. Nunca gostara dela, pressentia-a um tanto falsa e sem carácter, lamuriosa de mais, pronta a tomar como ofertas o que eram dívidas. Mas ao homem respeitava-o sob a influência de Francisco Teixeira, que o acolhia sem um deslize, sem um arrenego, o antigo mestre, camarada de várias tainas. Era discreto e não expunha os amigos senão em extrema dificuldade. Uma vez já ele lhe pulara pelo quarto dentro, abrira as portadas da sacada, deixando-se cair agilmente na eira, para desaparecer, atravessando a quinta, no montado fronteiro. Maria tivera apenas tempo de exclamar: «Que é lá?» E a voz do quadri-

Pag.Sibila_Final.indd 30 3/8/09 11:31:35 PM

lheiro respondeu-lhe: «Desculpe, senhora Encarnação…» Ouvira arcabuzadas nas bandas do lugar, mas ela não saíra fora, e, quando lhe falara Narcisa Soqueira duma nova fuga espectaculosa de José do Telhado, Maria dissera: «Ah, o meu Chico nada me contou ainda…»

A verdade é que entre o povo a noção de propriedade está por demais arraigada para que um ladrão, por mais heróico ou altruísta, não seja julgado como infame. Um assassino é tolerado, pode partilhar o pão dos seus vizinhos, pode fazer esquecer o seu crime. Um ladrão lega a toda a sua descendência um ferrete indelével, porque, se o homicida as mais das vezes obedece a uma paixão, um impulso resgatável e quase nunca repetido, o ladrão traz no sangue, e assim o comunica, o fogo da tentação que as circunstâncias, mais ou menos, ou velam ou expandem. Esses fabulosos capitães-bandoleiros que o vício romântico faz mártires e faz glórias nacionais, não passam entre os seus conterrâneos senão por homens cujas virtudes foram reduzidas a instrumentos de perdição e de crime. Admiravam José do Telhado, pasmando das suas fugas insólitas, a coragem carniceira que o fazia coser com a agulha de castrador o próprio ventre anavalhado; louvavam a sua generosidade, comum a homens de tal tipo, que acabam por se explicarem como reformadores sociais e se fanatizam contra a lei, mas o povo não lhe perdoava a quebra de confiança a que o obrigava, nem a traição que desse facto, mutuamente, resultava. Maria não confessaria jamais a sua vizinha Narcisa Soqueira, nem a suas irmãs, que o ladrão pernoitava sob as suas telhas e que se refazia às vezes das correrias e perseguições, dormindo perto do leito onde se enrodilhavam, suspirando e gemendo em sonhos, os seus próprios filhos. Só à puridade isto se saberia, um dia, quando na casa entrasse um hausto de novos valores, a cultura, a filosofia, e, bem entendido, uma certa desorientação de consciência que, se é às vezes favorável às artes, é sempre fatal aos costumes.

Pag.Sibila_Final.indd 31 3/8/09 11:31:35 PM

– Mãe – disse Quina, soerguendo a cabeça sobre o ombro da irmã, de que fazia travesseiro –, quem é o homem?

Maria contestou – «Cala-te, dorme!» –, em tom pressuroso e irritado. Depois, ninou-a baixinho, com uma ternura súbita que a criança aceitou cheia de surpresa e que contribuiu para a despertar mais. Sentiu chegar o pai, ouviu-o encaminhar-se para o quarto próximo, e depois estrupir muito tempo na cozinha e passar outra vez pela varanda, o tremeluzir da candeia protegido pela concha da mão, porque o vento era incerto e parecia soprar, estacando, regressando, de todos os pontos. Por fim, Francisco recolheu-se; pendurou o gancho da candeia na chave da porta, esteve um bocado a esfregar os pés um no outro, sem retirar as meias, e falando a meia-voz com Maria; usavam na linguagem uma espécie de código, e Quina não compreendia. Ele deitou-se, depois de ter colocado na varanda a candeia, para que o cheiro do morrão não impregnasse o ambiente. Quina, até adormecer de novo, ouviu a sua voz surda e monótona, aplicada numa dessas conversas de esposos em que se aproveita a hora em que toda a casa está mergulhada em tranquilidade, e dorme, para comunicarem, naquela paz nocturna, todos os seus planos e segredos, e que constituem o elo mais firme da vida em comum.

De madrugada, enquanto Maria ateava a fogueira no lar e chamava os criados que dormiam junto à velha cozinha, agora só utilizada para cozer o pão, Quina escorregou brandamente da beira dos irmãos, e saiu para fora. Um recamado de estrelas brilhava ainda sobre o lugar, ouvia-se o estourar abafado das pinhas com que se acendiam as chamas, rebuscando no trasfogueiro e sob a cinza a brasa conservada da véspera. A voz de Narcisa Soqueira soava ao lado, muito distinta, apenas separada pelo muro de pedra desligada, das cortes. E, naquele despertar estremunhado, a aldeia toda parecia fundida num só lar, os apelos e as pragas elevavam-se no ar limpo e gelado, com uma clareza rude e familiar; o rangido dos colchões de palha, o rapar dos socos nas soleiras, a água que

Pag.Sibila_Final.indd 32 3/8/09 11:31:35 PM

se despeja de golpe nos charcos lamacentos dos quinteiros, distinguiam-se dum vizinho ao outro. Devagarinho, Quina empurrou a porta do quarto chegado. Havia uma cama em desalinho junto à nova arca do bragal que, desde o incêndio, não tivera tempo de se refazer e estava ainda quase vazia. Mas o homem não estava. Na obscuridade, ela passou o olhar pelos cabides que guarneciam as paredes e onde as roupas se empilhavam em corcova. À luz do alvorecer, via, contra a vidraça azulada, o cimo da meda enleado em cruz aureolada com muitos respingos de palha centeia. No leito havia salpicos escuros e uma nódoa mais espessa sobre a fronha. Mas o homem tinha partido.

Preparava-se Quina para espreitar, levantando a orla da coberta que arrastava, quando uma pancada a projectou para diante; logo uma mão nodosa e ágil a segurou com força e se pôs a açoitá-la. Gritou, desvairada de espanto; e, mesmo quando a mãe lhe falou com a sua voz colérica e fria, não a reconheceu. Gritou, tomada duma loucura de pânico que assustou, por sua vez, Maria.

– Ou! – fez ela, titubeando. – Sou eu, anda lá!…

O pai acudiu, as suíças loiras muito amachucadas contra a face branca que as comidas excitantes faziam pintalgada de manchas róseas. Só nos seus braços Quina sossegou, tremendo muito, rouca de soluços.

– Isto são modos de tratar a menina? – ralhou Francisco. Era a primeira vez que ele concretamente acusava a mulher da sua parcialidade de coração. Estava exasperado. Ela fitou-o nos olhos, cheia dum gelado despeito.

– Está-me a sair uma fidalga! – disse, com desprezo.

A criança redobrou o choro, tocada pela afronta, e, ainda que o pai a ameigasse, brincando com ela, fingindo devorar-lhe os dedos um a um, e passando-lhe lentamente pelos cabelos a sua mão, que era macia, de unhas um tanto quadrangulares, demorou a serenar.

– Onde está o homem? – perguntou vivamente, de súbito. – Ele tinha feito sangue, tinha uma ferida.

Pag.Sibila_Final.indd 33 3/8/09 11:31:35 PM

– Tu viste-o? – disse, apreensivo, Francisco.

– Não; mas eu sei.

Ele olhou furtivamente a mulher, viu que ela se fazia pálida e murmurava palavras de esconjuro. Era dia claro. A luz entrava no quarto como que em novelos de vapor resplandecente, e as carradas de mato chiavam pelos caminhos do monte, já de regresso.

Pag.Sibila_Final.indd 34 3/8/09 11:31:35 PM

III

Estina recebera uma educação cuidadosa, era cheia de prendas, possuía um caixotinho repleto de amostras de croché que a todo o momento poderia aplicar em colchas ou toalhetes debruados de frocos. Uma urdideira de nomeada hospedara-se em casa durante um mês, para a ensinar a tecer. Finalmente, era bonita. Possuía uma boca delicada e um tanto carnuda, e um nariz tão perfeito que chegava a ser impessoal; os seus pés eram primorosamente bem feitos. Com a idade, fizera-se a confidente de Maria, que a preferia sempre, vendo-a desenvolver-se em graças e discretos dons de prudência e de admirável senso. Tinha como a mãe a mesma consciência um tanto árida a respeito dos valores sentimentais; era, porém, uma humorista à sua maneira, às vezes inconveniente por um fundamental requisito de honestidade. Ambas aborreciam as mulheres que choram, que se expandem e confiam a todo o mundo a sua intimidade, que são sinceras quando mentem, que se agitam num estado de embriaguez vital, de candura, de irresponsabilidade e de capricho. De temperamento incorruptível, tão pouco inclinada a culpar na generalidade como a perdoar em particular, Estina não comunicava simpatias fáceis. Era também muito indolente. Enquanto ela optava pelas tarefas que lhe permitiam permanecer sentada nos bancos da cozinha, debulhando feijões, ou espevitando o lume com uma vara escolhida na lenha de poda, cuidado que nela se intensificou até à mania, Quina ficava entregue dos trabalhos que exigiam maior actividade e energia.

Pag.Sibila_Final.indd 35 3/8/09 11:31:35 PM

– Aí, pousona! – dizia à irmã, ao entrar, ajoujada com a sua gabela de gravetos, velhos espeques de couve, ou com o cesto de carolos, para o lume. Riam-se ambas, porque se queriam muito e não havia entre elas despiques ou discórdias. A repisada rabugice da mãe doía-lhes sempre mais quando era a outra que era repreendida. Era agora o génio buliçoso, a pecha da réplica e do argumento que Quina usava com muito reforço de lógica, que incomodavam Maria. Aquela sagacidade causava-lhe vivo enfado; as astúcias pareciam-lhe indignidades e o profundamente oposto do seu carácter. Porém, mesmo dos três rapazes que lhe nasceram, nenhum trouxera aquela marca de máscula altivez, aquela consciência para ser livre juiz, sacrificar-se pelas coisas que exigem justiça a ponto de, para a cumprir, ser necessário deixar coração e vida, paixões que sangram, interesses que devoram, pelo caminho. Um deles, Abílio, morreu ao passar apenas a adolescência, de regresso já duma tentativa de fortuna no Brasil. João e Abel conseguiram posições que os ascendiam à burguesia. Mas todos eles eram muito do pai; volúveis, fracos com aduladores e com mulheres, moralmente a tender para a cobardia das responsabilidades, muitos jogos de argúcia para sofismar a fé que se quer atraiçoar. Maria, que era a parte vigilante, a chama oculta sob a cinza do lar, mas fulcro de continuidade e de calor, mereceu do destino uma irónica compensação, pois seria o seu nome que se perpetuaria no único dos filhos que deixaria descendência. Seria com o nome dela que a casa da Vessada continuaria; mas isto, que apenas poderia ter um significado romântico, ela, se o chegasse a compreender, não o poderia apreciar, pois não passava, para si, dum facto circunscrito às coisas ociosas que tanto desprezava ou que nem sequer pressentia.

Começavam a fazer-se visíveis os resultados da fanfarronice estróina de Francisco Teixeira. O desequilíbrio doméstico tomava, com o tempo, uma feição mais grave. Os gastos do amo, o seu profundo desleixo das terras, obrigavam agora a família a uma estrita temperança. Às vezes o dinheiro faltava para pagar as jornas, para

Pag.Sibila_Final.indd 36 3/8/09 11:31:35 PM

comprar o gado necessário à lavoira. Maria não podia impedir-se de considerar com amargura e indignação as saias de suas filhas e cujos fitilhos se despedaçavam, ou os velhos lenços desbotados, o rasto esburacado das chinelas. Naquela casa, donde o homem ficava ausente largos dias e onde o pulso dele parecia indeciso ou sem vontade, sentia-se sobrecarregada com um grande fardo que talvez a sua vida inteira fosse impotente para carregar. A presença de Francisco não a afligia menos que a sua ausência, porque, velho garanhão dedicado quase ingenuamente às verduras da mocidade, perseguia muito as caseiras jovens, sorrateiro e fino, enleando-as em falas e promessas. Uma delas, mocinha torneada e negrusca, foi causa dum episódio burlesco que, mais tarde, Estina sempre contava rindo, e gozando, ainda muitos anos mais tarde, o desfeiteado semblante de seu pai.

– Olha que o teu homem dorme com essa moça – prevenira Narcisa Soqueira, avisada como era em intrigas de harém provinciano. Estava postada no caminho, encostando-se ao sacho com que tornava a água do ribeiro, que tomava meia passagem e que lhe pertencia dois meios dias por semana.

– Cantés! – disse Maria, com a sua secura habitual. E pespegou em Abel uma vergastada, à sorrelfa, porque ele se pusera a esboroar o pão que devia comer, o ensalivara e moldava bolinhas para as utilizar numa espécie de jogo de berlinde.

– Anda lá com a tua vida… – teimou ainda Narcisa Soqueira, antes de se afastar. A imundície dava-lhe à pele a pardacenta cor das ciganas, e trazia nos pés uns velhos socos acalcanhados que uma mendiga talvez tivesse desprezado. Mas era uma mulher bondosa e de grande coração. Maria, se fingia muitas vezes prescindir dos seus conselhos, acabava por os meditar e seguir.

Uma tarde, não muito depois disto, quando a merenda já fora servida e a moça se preparava para arrumar as camas, que às vezes até à noite não se faziam, Maria despediu-a também para o campo. Fazia muito calor. A sala, que era ao mesmo tempo quarto de

Pag.Sibila_Final.indd 37 3/8/09 11:31:36 PM

dormir, tinha abertas as portadas da varanda. Da eira subiam cepas que tinham ganho corcovas ao jeito dos ferros que enlaçavam. Foi um desses pés de videira, cuja casca, já velha, desfibrava, que Francisco usou para trepar, disposto a representar com rigor a cena do balcão. Maria, que, inclinada sobre a cama, lançava a ponta da coberta contra a parede, sentiu-se abraçada pela cintura; umas suíças loiras roçaram-lhe o rosto. Ela endireitou-se, sem muita pressa, disse, com uma indiferença que era como uma chicotada:

– Como tu te enganaste!

Contudo, o seu lábio tremia. Durante quinze dias não se falaram.

Nestas contendas, que não passavam nunca de uma reserva orgulhosa entre marido e mulher, não era permitido aos filhos tomar partido. A própria Maria castigava com mão expedita aquele que esboçasse uma crítica contra o pai. E, contudo, todos sabiam que era por culpa da sua boémia, os seus regalos de amigas, a sua franqueza em pagar aduladores e parasitas, que a casa se afundava. Nos últimos anos da sua vida, bastante velho, perdera um tanto o decoro com que sempre perante a família compusera as suas faltas; insistia mesmo em manter quase no próprio lar uma caseira nova e atroviscada, da qual fizera sua amante. A rapariga alardeava aqueles favores diante da ama, com um desplante de rival. Diziam que ela dera a comer a Francisco um bolo cozido com cabelos, e que o embruxara. Maria sofria muito, as filhas choravam, a ocultas, aquela pena e aquele vexame. Durou dois anos a situação afrontosa, que toda a família punha ar de luto para comentar. Por fim, as caseiras foram despedidas, sem que, porém, acabassem aí esses amores; a moça, instalada próximo do lugar, continuou a ser cumulada de mimos e de prendas pelo velho lavrador. Um dia, deixou-a. Mas ela, com aquele instinto de prazer e de fartura fácil, caiu na prostituição. Um filho que lhe nasceu depois tentou atribuí-lo a Francisco Teixeira, que a repudiou com muita crueldade, pois as

Pag.Sibila_Final.indd 38 3/8/09 11:31:36 PM

mulheres que, com a alegação dos seus amores, procuravam atingir o património, tornavam-se-lhe odiosas. Ela estava, de resto, na miséria. E foi Maria quem a socorreu e que, furtando-se de ser vista, e acompanhada das filhas, a visitou no buraco em que vivia, muito arruinada «de dentro», acabada. Moribunda quase, não teve ânimo para rever velhas culpas, e encarou Maria com insensibilidade. Estimou isso. Se ela lhe tivesse pedido perdão, experimentaria decerto mais constrangimento. Detestava o impudor da humildade, e muitas vezes dizia a suas filhas que o pecado devia ser tão aborrecido quanto a penitência. Quina, no íntimo, censurava-a.

Quina não era bonita. Tinha de seu pai a estatura, que era pequena, e as falas um tanto capciosas, o génio profundamente equilibrado. Possuía a virtude de ser frívola apenas com as coisas frívolas, e, o que era mais, compreender exactamente onde havia, de facto, frivolidade. Todos os seus defeitos eram, um por um, os de tia Balbina, sua madrinha. Era, como ela, mentirosa e chicaneira, gostava de grandes relações e não tolerava tudo quanto não conseguia obter. O apuro de educação com que fora criada Estina faltou-lhe a ela, e Quina empenhava-se em demonstrar que superaria sempre essa ou qualquer educação. A mãe habituara-se a vê-la acudir a todas as lidas, presente nas sachas, nas lavoiras, nas regas, e na casa, vacilante já, faziam falta braços activos e o feitio esfogueteado da moça. Mas às vezes pensava que Quina estava feita mulher, chamando já as falas dos casadoiros, e que não fazia honra especial à casa da Vessada, cujas raparigas primavam pelos dons de tecedeiras, com bom conhecimento de caligrafia para tecer «saudade», «felicidade», «lembrança», nas barras das toalhas com efeitos de puxados muito artísticos. Ora, Quina não era, pela instrução, mais do que qualquer moça que se aluga por salário anual, com os «usos», isto é, determinadas mudas de roupa de estamenha e de linho. «Tenho que mandá-la ensinar» – prometia, a si mesma, Maria. Entretanto, a casa viu-se envolvida numa dessas querelas, história terrível, de águas, de justiça, e que o povo parece tomar como um deriva-

Pag.Sibila_Final.indd 39 3/8/09 11:31:36 PM

tivo do vício do jogo. Maria, e logo depois Quina, litigavam como se jogassem. A primeira ficava reduzida a um farrapo, cegava-se, estorcia-se de paixão, morria e revivia a cada contestação e a cada minuta. Esquecia a razão, e arruinava-se prazenteiramente até ao último ceitil; até ao último momento esperava vencer e recuperar tudo, e, se lhe explicavam miudamente as impossibilidades desse resultado, não compreendia. Quina era diferente. Tinha grande fé nas artimanhas dos velhos advogados, achava que sempre, sem excepção, se pode iludir a lei. Cultivava-se em coisas do foro, fazia-se importuna, corria de um juiz a um influente e deste a um delegado, agia de moto próprio, desejava precipitar o lento esmoer da burocracia judicial, comprava testemunhas, impunha teorias, desprezava os legistas que não a favoreciam, e considerava letra morta os seus artigos. Era, enfim, calamitosa e insuportável. De qualquer modo, a questão ficou perdida; a casa da Vessada definitivamente soçobrava.

O filho mais velho de Narcisa Soqueira – ela tinha dum segundo casamento uma enteada e um outro filho – voltara do Brasil, rico, com faíscas de brilhantes a despedirem dos dedos e das abotoaduras todas, com zaragatices de bordados nos coletes, muito paxá, querendo café – moca, dizia – ao dejejum e fazendo olhos redondos para as coisas do campo. Era um filho desvelado. A miséria encardida de Narcisa Soqueira fizera-lhe uma impressão funesta; decidiu desforrá-la das privações e canseiras de muitos anos, passeando-a pelas estâncias de luxo, enchendo-a de gozos repoltreados, de comidas caras, de vestidos adamascados, colarinhos de varas, alamares e berloques de seda nos casibeques. Levou-a ao Buçaco, em cuja mata a boa mulher acabou por se perder e onde errou até de noite, vendo olhos de lobo nos pirilampos que, pousados nas pedras, reflectiam a sua luz verde sobre folhagens onde pingavam fontes. Levou-a à Batalha. Encheram-na de comiseração as Capelas Imperfeitas, julgando-as em ruínas; os túmulos dos infantes pareceram-lhe inferiores ao jazigo que o conde Monteros man-

Pag.Sibila_Final.indd 40 3/8/09 11:31:36 PM

dara construir no cemitério de Água-Levada. Enquanto comia pastéis de Tentúgal que se lhe esfolhavam sobre o vestido, a velha Narcisa Soqueira ouviu do filho uma lição terrível a respeito dos heróis e dos lugares que os comemoram.

– Tu que queres de mim? – disse ela, de repente, um pouco sem propósito. – Precisava de dez vidas ainda para conhecer isso tudo tão bem como conheço a minha freguesia. Aprender muitas coisas não importa, porque, ao fim e ao cabo, em toda a parte há sete cores e sete ventos, e o homem é só um.

Mas o filho não desistiu. Arrastou-a ainda para a capital, proporcionou-lhe relações, divertimentos, acompanhou-a a um animatógrafo, coisa legítima dos irmãos Lumière, com *L'Arroseur Arrosé* e dramas medievais com amantes emparedados, ou então órfãs perseguidas por tutores sem escrúpulos. Narcisa Soqueira dormia, muito indiferente ao pandemónio da tela. Despertavam-na as advertências do filho ou doutro qualquer adido da sua comitiva.

– Ora veja, veja, dona Narcisa… Olhe agora, que bonito!

– Ui! Eles aí tornam!… – exclamava ela, muito estremunhada, fingindo, porém, que não perdia lance, nem o fio da farsa à Max Linder. O «eles aí tornam» de Narcisa Soqueira ficou proverbial na casa da Vessada, para definir a situação de alguém que se obriga a comentar aquilo de que nada entende e nada lhe importa.

Finalmente, depois dum mês, regressou ela à terra. Desentranhou-se em queixumes com Maria, contou-lhe a sua vida aperreada nos hotéis, onde se chegava a oferecer para ajudar as criadas, no terror de estar inactiva, metida nos seus vestidos azuis, de passeio, e cujos guarda-lamas pregueados ela se punha a pespontar na bainha, muito desajeitada e bocejando de tédio.

– Os meus pecados, mulher! – suspirava. – Vi-me tão aporrinhada!

O filho voltou ao Pará; e, ainda que lhe deixasse cabedais bastantes para viver com folga, ela retomou os seus farrapos, o seu engaço com que removia o tojo podre dos chiqueiros, e em breve

Pag.Sibila_Final.indd 41 3/8/09 11:31:36 PM

estava tão sórdida como antes. O exemplo dessa fortuna resolveu a ida de Abílio para o Brasil. Tinha pouco mais de treze anos, era loiro e muito bonito. Voltou ainda antes da morte do pai, para acabar, esgotado de suores, emborcando frascos de xaropes vários, de agriões, de caracóis e de cenoura. A mãe amortalhou-o na sua andaina de flanela cor de creme e que lhe dava um ar de dândi de Baden ou de Ostende. Não havia dinheiro para outra encenação menos macabra; os credores afluíam, todas as rendas eram absorvidas pelos tribunais, onde a fatídica questão se arrastava ainda. Logo depois, morreu Francisco Teixeira. Choraram-no os filhos; Maria sentiu bem que a sua vida espiritual sofrera um destes danos que nada pode reparar; mas dir-se-ia que um grande suspiro de alívio se comunicou entre aqueles corações, que um painel que fechava o horizonte acabava de cair e, para lá, era campo aberto, era caminho arroteável e livre. E o pai, morto agora, feito recordação, passado, parecia mais querido, os seus feitos nimbavam-se dum arrojo mais vivo, os seus erros ficavam apenas como aventuras um tanto traquinas, mas, no fundo, heróicas. A sua memória teve um pensamento diário, um culto perpétuo, uma admiração submissa e feliz. Um evocava a sua bênção irónica e doce; outro, a sua fama de valentia, a luta com a guarda que viera sufocar a revolta do povo que não quisera entregar os celeiros, numa altura de revolução e de guerrilhas; outro, ainda, falava do seu dom de diplomata escolhido para aplanar discórdias, decidir sentenças, alvitrar ajustes. Contavam do seu humor ora galhofeiro e terno, das suas cóleras terríveis como borrascas, de quando com ele atravessavam a pé uma província, para assistir a uma noitada, correr uma romaria. E de como era querido pelas raparigas, que tão bem sabia cativar; de como fora tirano mesmo na generosidade, de como amava a dependência dos outros ao seu poder, como lhe era grato proteger mesmo sacrificando-se, só para sentir dependência e vassalagem à sua roda. O seu bastardo, filho de Isidra, era recebido com honras, numa aliança grave, profunda, ao facho patriarcal que continuava

Pag.Sibila_Final.indd 42 3/8/09 11:31:36 PM

a velar as gerações que se desdobravam. Mas Estina, no fundo do seu coração, dedicava, às vezes, ao pai um pensamento ácido. Ele deixara-a sem dote, filha-família duma casa arruinada. E o homem que ela amava desistira do casamento, medida esta tida por demais natural entre o povo do campo, para quem o casamento é mais do que o imperativo da espécie – é a união de dois patrimónios.

– As mulheres só gostam dos tratantes – dizia ela, como se enunciasse um teorema de geometria.

Ele chamava-se Luís Romão, era mestre-escola, bonito rapaz, tinha um jeito gaiato de morder o beiço e anediar o bigode, inteiramente cativante. Elegante na mentira, já prevenido da irremediável pobreza de Estina, ainda a namorou algum tempo, sinceramente, comovidamente, sem desbotar a graça dos seus sorrisos, sem deixar de se despedir dela com um olhar morno e profundo que lhe lançava ainda, a desaparecer na sombra da figueira, que era todo o adorno do pequeno largo e encruzilhada do lugar. Um domingo, deixou de aparecer. Estina simulou que não o esperava, esteve a tarde inteira a destrançar os cabelos, enrolando lentamente novelinhos com os fios caídos, mantendo uma expressão um tanto luminosa e feliz. Mas ela sabia que Luís Romão não voltava mais.

O mesmo revés aconteceu a Quina. Da sua corte de pretendentes – ela tinha vários, todos muito bem mantidos em palestras e quadrazinhas joviais, aos domingos, desde a missa de alva – distinguia um deles, bom herdeiro e cujas virtudes de manha, perspicácia e sentido financeiro, lhe agradavam superiormente. Segundo os preceitos que faziam lei, e a filosofia doméstica ministrada desde a infância, Quina nutria um respeito muito profundo pelos valores económicos e os homens capazes de os desenvolver. Aquele rapazola de feições um tanto rapaces, imbuído duma espécie de misticismo pelas coisas de dinheiro, o mistério apaixonante de compra e venda, era-lhe bastante grato. Porque acontecera ser o sétimo rapaz duma família, fora baptizado com o nome de Adão, para evitar assim correr o fado, ou seja ficar condenado a vaguear de noite,

Pag.Sibila_Final.indd 43 3/8/09 11:31:36 PM

transformado em bácoro, ou cavalo, ou bode, ou toiro, em cujo rasto espolinhado se espojasse. Ah, e então apenas uma labareda, à meia-noite, consumindo-lhe as roupas que abandonou, um espinho ou um chuço ferindo até sangrar o bicho que corre desabaladamente pelos atalhos, podem quebrar o encanto! Melhor é chamar, pois, Evas às quintas ou sétimas filhas, e que Adões sejam os infantes todos que venham perfazer esses fatídicos números. Este Adão, apesar do esconjuro do baptismo, nunca ressecara de todo a sua natureza infernal, a recordação do barro, do limo, do caos feito idade do oiro; era abominavelmente, clamorosamente agiota. Contava-se que seu avô, um desses usurários tenebrosos que trescalam à miséria de quantos lhes deixaram nas unhas uma onça de oiro ou de pele, possuía uma rasa de libras que costumava expor ao sol, gozando-lhe os fulgores em dias soalheiros.

– Ide ganhar a vidinha – dizia, afagando-as, respirando-as, bebendo-as em êxtase, quando as repartia a juros. E chorava, ao despedir-se delas. «São como filhas que eu caso – comparava –, mas elas voltam e, com elas, os netos.» Este tipo de velho Grandet deixou uma herança sólida, avaliada nessas boas moedas «do tempo em que o dinheiro valia». Os filhos prometeram-se mortes, na altura das partilhas, e nunca sossegaram de todo nem se deram por satisfeitos. Adão herdara os fígados, muito sublimados, dessa gente, assim como o génio acumulador do avô, que desejava superar. A morte de Francisco Teixeira, que deixara pesadas dívidas e uma questão perdida no tribunal, causou-lhe um certo abalo, pois gostava de Quina, do seu feitio cheio de agudezas, um certo esboço de velhacaria e amor à intriga, que lhe pareciam o *plus ultra* das virtudes. Esteve decidido a casar, renegando a sombra inspiradora do avô; mas a própria Quina impediu a cartada.

Foi o caso que se encontraram, num crepúsculo de Verão, subia ela da vessada onde, desentulhando a presa, colhera molhadas de agriões. Era uma hora muito bonita aquela, e a casa, com as suas

Pag.Sibila_Final.indd 44 3/8/09 11:31:36 PM

três varandas pintalgadas de sulfato e com base de lousa, sobressaía, branca, com a telha tocada já da *patine* dos líquenes. Adão esperava na eira, sentado na pedra de moer azeitona, e parecia um tanto enfadado consigo próprio.

– Olá! – disse ele. E Quina correspondeu com igual parcimónia. – É uma coisa… – começou, deprimido, sorumbático. – Falaram-me num casamento… É rapariga de teres. Que eu tenho pensado!…

Olhou Quina, que estava imóvel, circunspecta, como quem pondera uma consulta; afoitou-se mais, continuou:

– Lá o meu pai morre qualquer dia destes, e vai ser um São Bartolomeu, com a cainçada toda atirada às partilhas. Conheço-os. Regateia dali, esmouca dalém… Ora, se eu tivesse feito casa, dava as tornas, e os bocados inteiros caíam-me no bucho. Mas sem o teu parecer… Tu sabes que eu…

Fitou-a, abatido, cheio de dúvidas e de penas. Ela estava defronte, com a molhada de agriões humedecendo-lhe o flanco, o rosto, carnudo e claro, favorecido pelo luto que ainda trazia. Os olhos, com a pálpebra que se derrubava obliquamente, vivos mas como que retraindo a própria expressão, eram os de Francisco Teixeira.

– Acho bem – disse ela. – As coisas são como são, e à ocasião agarra-se pelos cabelos. E nós os dois, depois da igreja, das flores, da aletria da boda, assoávamo-nos aos dedos, para não gastar a fralda. – Acenou a Estina, que assomara a uma das varandas e, sem a ver, a chamava. – Haja saúde, que ainda te hei-de ver passar por esses caminhos a fazer desbarretar os fidalgos que te empenharam as quintas.

– Bô – fez ele, modesto. E suspirou. – Uma afeição de quatro anos! Não há por aí muitas mulheres duma cana, como tu és.

Carpiu-se, culpando os irmãos, que eram de humores travessos, casados já e muito acicatados pela espécie de gado guloso e borrachão que lhes coubera. Eram eles que o desafiavam, o queriam roubar, lhe armavam traições bíblicas com pratos de lentilhas! Quina

Pag.Sibila_Final.indd 45 3/8/09 11:31:36 PM

acabou por o despedir, consolando-o, soprando-lhe soluções, sugestionando-o pela força da sua razão, o seu desaire de noiva já ultrapassado pela paixão de corrigir, de mandar, de vencer, e que na sua alma tomava as proporções dum vício. Tinha vinte anos. Talvez ela não amasse o rapaz, ou fosse, simplesmente mais capaz de dedicação que de paixão. Mas, sem dúvida, preferia ser admirada a que a desejassem. A admiração submissa, grave, que Adão experimentava por ela, pelos seus dotes de sagacidade e prudência, pelo seu estranho poder de conselheira, era-lhe mais agradável que todo o amor que arrebatadamente ele lhe pudesse confessar. Quina sabia que, entre ambos, uma rival jamais seria possível; por isso, foi com uma espécie de jovial satanismo que ela o impeliu para o casamento.

– Já agora, felicidades – disse, quando se despediam. E ela riu-se, pestanejando, muito nervosa. Ele contou mais tarde que chorara até casa e esfolara em pontapés nas pedras as suas melhores botas com elásticos.

Estina, essa, passados os assomos do orgulho, esmoreceu muito. Maria, quando viu a filha sentada na cama, calada, de olhos secos, seguindo com o dedo os desenhos da coberta, lentamente, continuamente, encheu-se de piedade por ela.

– Se tu queres – disse-lhe –, arranja-se o dote, tu casas. O teu tio José, de Folgozinho…

– Não – respondeu ela –, não. Não me fale mais nisso.

Voltou-se para a parede, para dormir. Mas, durante muito tempo, a sua respiração denunciou que ela estava acordada. A mãe, no leito ao lado, tinha as pancadas do coração ritmadas por aquele respirar, e sofria uma dor pesada e sem lágrimas, que era como o lento deslaçar de todas as fibras. Baixinho, Quina começou a rezar, como era costume estabelecido nas noites de apreensão e insónia, quando se temia um infortúnio, quando a alma, bruscamente inquieta, voltava a sua potência para a oração. Não era uma prece litúrgica. Era mais. Era um clamor doce, imperativo e quen-

Pag.Sibila_Final.indd 46 3/8/09 11:31:36 PM

te, um alento de fé tão cheio de pura espiritualidade como só se encontra nesses clãs primitivos, para quem a solidão e a natureza são excelsas formas de pensamento e apelos de união com o mistério protector e terrível.

«Abençoai os nossos campos, para que eles tenham água e nos dêem pão. Abençoai a nossa casa, o nosso gado, os nossos criados. Abençoai os nossos homens, os nossos frutos, que tudo aconteça para bem. Levai para longe a fome, a peste, a guerra e os amigos que mentem. Fazei-nos humildes na riqueza, orgulhosos na desgraça, sábios em desejar, corajosos em receber a ofensa, valentes em cumprir a vida e a morte. Abençoai também os nossos moinhos e os caseiros deles, que não pagam a renda há tanto tempo…»

Era este o estranho condão de Quina. A sua prece, cheia duma verbosidade genuína, era como um improviso de melodia, sempre viva e sempre tocante, e em que o aspecto ingénuo ficava sepultado sob a força trágica da insistência, do impulso místico, duma espécie de ordem apaixonada, violenta, porém, fundamentalmente, resignada e triste. «Abençoai os nossos gostos, para que sejam nossos brinquedos e não cadeias. Abençoai as nossas dores, para que elas sejam experiência e não castigo…»

Os mochos piavam no monte, que era como um paredão onde quebravam todos os sons. Pelas portadas de vidro, da varanda, viam-se as nuvens prateadas, como vagas, e a lua esverdeada, que parecia deslocar-se pelo firmamento, velozmente, velozmente.

Pag.Sibila_Final.indd 47 3/8/09 11:31:36 PM

Pag.Sibila_Final.indd 48 3/8/09 11:31:36 PM

IV

Na casa, a situação de Quina sofrera uma profunda reforma. Isto já antes da morte do pai. Uma vez, tinha ela não mais de quinze anos – estava espigada, pálida, com achaques de cansaço, desvanecimentos, muito atalhados com cozeduras de arruda – quando foi acometida duma síncope mais grave. Era em Agosto, e ela acabara de pular da presa onde estivera a desencardir-se da terra, depois das regas, quando caiu para o lado, desacordada, muito gelada, os lábios cinzentos. Foi o prelúdio duma longa doença. Durante um ano não deixou o leito; habituaram-se todos a considerá-la inválida, muito sujeita a breves desmaios a que chamavam ataques, branca, escoada, falando baixo e sorrindo inesperadamente para o vazio, e segurando tardes inteiras um rosário cujas contas, de modo um tanto febril, repassava. Achavam que morria. Choravam-na muito, atrás das portas, o pai trazia-lhe sempre um mimo particular, um lenço de seda, um pacote de lérias, e sentava-se à sua beira para lhe dizer que partiriam ambos um dia, para ver a festa dos Remédios, em Lamego, levando um farnel de bolos de bacalhau, em cujo preparo Maria era perita, esmoendo o peixe seco a golpes de martelo, na pedra da lareira. Quina sorria sem ânimo.

– Está no fim – diziam as vizinhas, com a regência de Narcisa Soqueira, que aparecia, compungida, segredando receitas, e vagamente descoroçoada, pois ela pretendia Quina para seu filho Augusto, um pingão, muito sujo de língua, com tino para a escolha de bácoros e para enxertia de pomares. Porém, o mal de Quina estacionava. Nos primeiros tempos, teve delírios, parecia agonizar

Pag.Sibila_Final.indd 49 3/8/09 11:31:36 PM

recitando adeuses, palavras de conformação, ou apenas movia os lábios num colóquio infinito, suave. Isto aterrorizava as mulheres, depois encheu-as duma devoção recolhida, acreditando a moça possuída de sobrenatural, vítima ou eleita, não sabiam. A mãe, sobretudo, mudou a sua conduta de repelões, de azedume, passou a servi-la com uma deferência dir-se-ia que entusiasta e cheia de orgulho, se alguma coisa se pudesse traduzir da sua concisão de falas e de maneiras. A enferma foi cercada de mimos, de mal disfarçadas venerações. Da parte de Maria, talvez houvesse somente esse abalo de ternura que se experimenta por um filho cujo sofrimento nos faz conhecer a intensidade do nosso amor. Mas, em Quina, essa atitude agiu num sentido que foi definitivo para a sua vida inteira. Ela, tão pouco acostumada a afagos que acabava por se sentir vexada quando motivo deles, um tanto escorraçada de confidências e da intimidade do coração materno, e relegada para um plano quase de serva, considerada um número mais na família, ela que continha elementos duma tremenda personalidade, reagiu da única forma que seria de esperar – a sua típica reacção de «pega ou larga», a conquista da ocasião, usando para isso de todos os seus talentos de convicção e até charlatanismo. A paixão desenfreada pelo primeiro plano, fosse ele num âmbito familiar, deu-se então a conhecer. Ela, que até ali julgara prescindir dos respeitos, das atenções, do amor, que apenas fora uma rapariguinha activa na obediência, apagada mesmo por ser demasiado exacta, por temer salientar-se, incorrer em faltas, suscitar uma crítica, um reparo nem que fosse de louvor, compreendeu como a sua natureza vibrava com o afecto, a admiração, e como se expandia em energias apaixonadas, até derramar em volta uma influência de simpatia, de força, de irrecusável imperativo. Ela compreendeu isto, não pela razão, mas pelo sentimento. Sentiu que não podia perder jamais aquele privilégio que subitamente a revelava como algo de distinto e à parte de todos os outros. A doença fez-se invalidez, estorvo para o regresso à vida normal que a devolveria à

Pag.Sibila_Final.indd 50 3/8/09 11:31:36 PM

mediocridade e à sombra; adquiriu uma forma de se expressar sibilina e delicada, que deixava suspensos os ouvintes, as almas estremecendo numa volúpia de inquietação, curiosidade e esperança. Vinham vê-la amigos chegados somente, pois o seu estado mal transpirava, na cautela de não atrair maledicências, interpretações pejorativas. E todos experimentavam um descontentamento de si próprios, um desejo de esquecimento, de frugalidade, de paz, ao entrarem naquela sala que cheirava a maçã e a folhelho, e onde Quina estava deitada, olhando o relógio de pesos cujo pêndulo de cobre oscilava lento, dentro da velha caixa verde e doirada. Pensavam que ela não se levantaria mais.

Seu tio José, nascido na casa do Freixo, mas que adquirira, mercê de muitos favores da fortuna, a propriedade de Folgozinho, casa apalaçada com torreões, alameda de tílias, uma gruta com imitações em cimento de estalactites, e vinte e dois caseiros distribuídos pelas terras fundas, gordurosas, ricas, veio em Setembro com as filhas. Viviam no Porto, e as suas escapadas à província eram pouco frequentes. Mas demoraram-se dessa vez, porque Adriana, a mais velha, sofria de anemia, com maus sintomas de temperaturas, fastios. Eram quatro raparigas, duas delas usando ainda cabelos soltos, meias curtas, a cintura muito baixa, marcada com faixas de *liberty*. Frequentaram muito a casa da Vessada, durante essa época. Apareciam em rancho, muito frescas, com as suas túnicas de *voile* e de tussor, as suas rendas de Irlanda e de Cluny, os seus guarda-sóis cheios de folhos e de *ruches* e cuja seda rangia ao abrirem-se. Quina recebia-as com uma deslumbrada frieza, via-as corricar com um farfalhar de *foulard*, apanhando a saia para descer o degrau da cozinha, exibindo uma alvura de baptista bordada, de laçarotes, de entremeios aplicados em *vê* e *étamines* repicadas de pregas muito sublinhadas com fitilhos de cetim cor-de-rosa. Eram faceiras, gárrulas, cheias desses encantos fúteis, inocentes, que se desenvolvem com o bem-estar e a fortuna. Quina invejou-as muito. E, como elas vinham tomadas dessa adoração romântica

Pag.Sibila_Final.indd 51 3/8/09 11:31:36 PM

pelo campo, a curiosidade do rústico, a pretensão do simples, cheias desse entusiasmo de burguesas que iludem o aborrecimento querendo aceitar a novidade, o diferente, sem se lhes adaptar, recrutavam toda a gente, exigiam, empeciam, espreitando nas cortes as turinas, brindando com guloseimas os esfraldicados garotos do lugar, e com língua-de-vaca os coelhos, o que os rebentava. Fretavam Estina, faziam-na demorar dias em Folgozinho, muito exuberantes de amizades, querendo fazê-la usar vestidos de interior, de corte «princesa» e encaixes em *babette* de passamanaria, penteando-a à frígia, com muitos frisados fofos aureolando-lhe a fronte. Estina dizia que não, farta daquelas momices, daquele esfuziar de frivolidades, de risadinhas cúmplices e amistosas. E desesperava-se para voltar para o seu preguiceiro carcomido de velhice, escolhendo os pulgões das couves e a ouvir o estrugir do unto que respingava dos potes de ferro sobre o lume. Mas o tio, rico e duma generosidade solene, toda «velhos tempos», protegera sempre muito a casa da Vessada, mesmo antes da morte de Francisco Teixeira. Maria era a sua irmã predilecta; possuía, como ela, o carácter seco e incorruptível, os princípios autoritários, inflexíveis, que muitas vezes lhe atraíam antipatias. Entusiasta dos ideais efervescentes da República, tinha a casa muito frequentada por políticos, homens de futuro, paladinos de movimentos revolucionários, sumidades das letras, duma época em que a arte estava bastante circunscrita aos bons sentimentos e a profecias de falanstérios. Estina sofria muito naquele ambiente em que se respirava um fartum de burguesia sólida, concretamente honesta, em que as meninas eram iniciadas nas lidas caseiras como num desporto, e faziam as camas protegidas com aventais de baptista rosa, com efeitos de romeira em renda valenciana. As comidas agoniavam-na, muito arrepiada de nojo pelas carnes abeberadas de molhos, pelos ovos fritos, cuja gema crua tremelicava como um abcesso mole, abominável. O contacto premente com os radicais problemas da vida, moldara-a desde a infância, amadurecera-a depressa, tornara-a incapaz de folgar

Pag.Sibila_Final.indd 52 3/8/09 11:31:36 PM

com aquelas cândidas raparigas a quem o conforto retardava, prolongando-lhes os tempos infantis.

– Isso está bem para as meninas – dizia, a propósito duma fita, dum termo de linguagem, dum gosto, duma elegância que lhe queriam fazer adoptar. E não abdicava da sua saia de xadrezinho com debruns de seda preta, suspirando pelo chapéu de palha que costumava colocar sobre o lenço, cujas pontas dobrava debaixo da copa ovalada. Por fim, a notícia de que Quina piorara libertou-a daquela opressiva situação.

– Volte, prima – pediram as jovens. – Nós gostamos muito de si. – E Adriana, cujo noivado estava previsto com um dos prometedores valores que faziam parte da cena política da oposição, deu-lhe de presente um lencinho em que bordara um ramo e uma inicial.

– Era para o Eduardo, mas também serve para si, que é Estina – disse-lhe. Ela guardou o lenço, e teve a gentil discrição de não esclarecer que se chamava realmente Justina, como sua avó da casa do Freixo e como era comum chamarem-se todas as Estinas da região.

Foi encontrar Quina muito sumida de feições e tão fraca que um volver de cabeça parecia fatigá-la enormemente; o seu pequeno anel, que era um entrançado de oiro, escorregava, ela entretinha-se a entalá-lo no dedo com os frocos da colcha. Pareceu revigorar-se um pouco com a vinda da irmã, vendo-a retomar as suas ocupações, o seu chapéu de palha, ouvindo-a contar as contrariedades da sua estadia em casa do tio, aquele bem-estar desconsolado de ver correr os dias, de mãos cruzadas no regaço, assistindo ao desfile dos desconhecidos que vinham jantar, que partiam sem ela lhes fixar os nomes.

– Levava-me o diabo lá, com as saudades – confessava, procurando, no entanto, não ser ouvida pela mãe, pois para esta os deveres não davam direitos a argumentos sentimentais, e ser agradável ao irmão era, para si e todos os da casa, um dever.

Pag.Sibila_Final.indd 53 3/8/09 11:31:36 PM

Nos começos de Inverno, a família abalou de Folgozinho. Maria, com o filho Abel, despediu-se na estação, levando recados das raparigas e um cartucho de rosquilhos para as crianças, que agradeceram gravemente, sem o abrir. Estavam muito graciosas com as suas pelerinas forradas de seda escocesa, sob as quais se viam os vestidos de flanela *beige*, à marinheira. A mãe, muito bela, com cabelos alaranjados recolhidos pelo véu de viagem, debruçava-se da portinhola, rindo e sacudindo a mão enluvada.

– Até ao ano – disse.

Mas ela nunca mais havia de voltar, pois morreria um pouco mais tarde, de leucemia.

Contra todas as previsões, Quina melhorou, começou a tentar dar uns passos no quarto, a tomar por sua mão umas colheres de caldo, de talos muito encruados, verdes, como ela preferia antes de adoecer. Sentada diante da varanda, deixava-se pentear pela irmã, que lhe entrançava os cabelos lisos e elásticos, lustrando-os com banha. O Inverno era duro, muito chuvoso, e viam-se na eira passar os criados abrigados pelas croças. No dia em que Quina se aventurou até à cozinha, acomodando-se no canto do preguiceiro, pálida e esvaída, mas sorridente, houve uma pequena cerimónia festiva, um pequeno feriado de que participaram alguns amigos. Acudiu Narcisa Soqueira, na companhia da enteada, uma rapariga formosíssima, de rosto fenício, e cujo olhar possuía o vazio de certos mármores antigos. Do seu segundo casamento concebera apenas o filho Augusto, muito lerdo de ideias, imundo; aquela obra de estatuária trouxera-lha o homem, com uma renda muito pingue em pão, vinho e tojo molar. A moça era, porém, de entendimento cerrado, desmazelada, a remela sempre grudada ao canto dos olhos, as repas penduradas das orelhas, o oiro flamejante dos cabelos fazendo de mau quilate o das arrecadas. Para a casar, Narcisa Soqueira envidava esforços extremados; propalava-lhe a fama dos dons e a surpresa do dote, vigiava-a, trazia-a colada às saias, não fosse a rapariga tecer de moto próprio o descrédito, pondo-se

Pag.Sibila_Final.indd 54 3/8/09 11:31:36 PM

a palrar sem sopro que lhe comandasse as falas. E, sobretudo, obrigava-a a fingir um aparato de asseio, enchendo-a de ralhos quando a via aparecer muito embrutecida, choca de preguiça e de sono, a saia mal acolchetada, deixando à mostra a fralda encardida da camisa.

– Olha se te aparecia agora um pretendente! Quando Deus quer, de riba chove…

– Ná! – fazia a moça, entre bocejos muito rugidos, animalescos, tristes. E, para ilustrar o aforismo da velha, ouvia-se um «olé» cantado à porta, com o trinado subtil dos amorosos.

– Eu não disse?! – soprava Aninhas. E, ao visitante, muito desvanecida em hospitalidade, risos melosos: – Ai, entre para aqui. Ainda agora estávamos a falar em vossemecê… Sempre há coisas!

Espanejava-se, fazia crescer o seu vulto sobre a rapariga, a quem rosnava, baixo: – Ora penteie-se aqui à minha sombra, e vá respondendo, mulher…

Este regime de pronto-socorro deu os seus resultados, e a moça casou bem em Ronfe, com um pachola, destes que ponderam todos os passos, pesam grama a grama as possibilidades, mas, uma vez adquirindo a desgraça ou a ventura, não dão conta delas. O irremediável não precisa ponderação. Dois dias após a boda, a rapariga veio, pela porta do quinteiro, chamar Quina que, na dependência do forno, rapava a masseira, amontoando a um canto o fermento.

– Vinha pedir um bocado do teu pão. Apetecia-me pão quente, e eu estou prenha de dois dias…

Narcisa Soqueira brindou-a com o seu cordão de três voltas, tanto aquele casamento lhe aliviava o coração.

Quina pôde enfim retomar a vida canseirosa de antes. Mas não com tanto ímpeto, que a doença deixara-lhe rastos, fragilidades, apetites muito caprichosos que a faziam duma parcimónia que roçava pelo jejum e que, aos poucos, a foi tornando ausente da mesa comum onde abancava a família e os criados. As suas originalidades eram mantidas em mistério, apenas no âmbito das mulheres.

Pag.Sibila_Final.indd 55 3/8/09 11:31:36 PM

As suas rezas, o seu como que pudor de em público mostrar as suas fraquezas, o seu aspecto humano, dores ou até fome ou sede, tornaram-se hábitos, pouco a pouco tão assimilados, tão aceites pela consciência, que, mais tarde, tendo-os apontado Germa como outras tantas anormalidades, causou nela uma perplexa indignação. No entanto, era Quina a primeira a auscultar uma conduta estranha, um gesto, uma palavra que se não previram, um passo que fugiu do equilíbrio, uma decisão falhada, uma razão que sofreu um súbito recontro e daí surgiu o inesperado. O imponderável nas criaturas era para ela motivado pela influência de espíritos favoráveis ou malignos, sombras manifestas do além. Mercê dum sentido finíssimo para se embrenhar nos fenómenos da natureza, humana ou simplesmente do meio vital, com os seus elementos, suas causas e efeitos, depressa adquiriu uma sabedoria profunda acerca de todos os ritmos da consciência, do instinto, das forças telúricas que se conjugam no fatalismo da continuidade. Conhecia os homens sem o aprender jamais. Sabia, uma por uma, qual a reacção que correspondia a determinado tipo, perante determinado facto. Adivinhava-lhes os pensamentos, mesmo antes de ela os poder raciocinar. Um sorriso fazia-a pôr-se em guarda, assim como uma aranha que tecia a sua teia duma folha a outra dum pé de malva a decidia a mandar espalhar o grão na eira, ou os carolos de milho ainda húmidos da debulha. Como o que distingue para lá das montanhas qual a sombra de fumo, de pó ou de nuvem; como o que na floresta conhece o rasto do animal em tempo de caça ou tempo de amores; como o que aspira no vento o perigo, como o que pressente na atmosfera a confiança ou a traição, assim ela vivia, intensamente adaptada com essa capacidade selvagem de defesa, de astúcia, de previsão e pré-conhecimento da vida e das coisas e que o homem civilizado, unido em rebanhos pacíficos, amparado em convenções artificiais, vai perdendo ou nunca desenvolve por completo. Simples era, portanto, para ela atingir uma ascendência espiritual sobre todos aqueles para quem essas qualidades ina-

Pag.Sibila_Final.indd 56 3/8/09 11:31:36 PM

tas só poderiam significar símbolos de magia. Aos poucos, ela foi ganhando títulos de adivinha, de mulher de virtude, que nunca repudiou completamente, ainda que lhe repugnasse ser equiparada a qualquer explorador de ingenuidades broncas. Acima de tudo, Quina nunca soube até que ponto a sua condição espiritual era poderosa. Agiu sempre num plano bastante medíocre de vaidade e pura ternura para tudo quanto lhe parecia informemente criado e existindo num estado temporário de imperfeição, ternura esta tão grande quanto o seu desprezo, porque tudo quanto ela amava – todas as criaturas, todas as formas, os mistérios, a própria beleza – lhe parecia longe e diferente do que ela teria desejado. O amor é um estado de lucidez e de vidência. Aquele que ama é implacável; e só as almas mornas e indiferentes encontram no seu semelhante uma justificação de misérias fraternas e, perdoando-lhe, exigem o seu próprio perdão.

Pag.Sibila_Final.indd 57 3/8/09 11:31:36 PM

V

A economia da família foi ganhando folga, sujeitos todos a uma disciplina muito apertada, prescindindo-se de braços mercenários e, o mais possível, labutando por conta própria. Foi um trabalho duro e de resultados lentos. Os rapazes cresciam e mostravam um gosto de mândria, de frívolos costumes, de prazeres. Deixavam às mulheres os cuidados das lavouras, torrando na canícula da sacha ou negociando madeira entre brindes de vinho verde e considerações dignas dum Talleyrand, e saíam a flanar pelas freguesias, deitando sortes aos amores. Eram muito do pai, eles. João, o mais velho, grande amestrador de cães e engenhoso para mecânicas, coisas de armeiro, não era ambicioso; bastava-lhe a sua andaina debruada, o seu capote com gola de raposa e o pau de marmeleiro com ponteira de prata. Se não era diligente, também não gastava. O outro, Abel, era de ganâncias muito solapadas, irrequieto, acicatado por ideias de luxo, de vida larga, de soberbas e despiques com os de mais categoria e mais abastança. O trabalho na terra aborrecia-o, instigado como era para outros planos e horizontes mais brilhantes. Um tanto à aventura, partiu para a cidade e daí, numa sucessão de colocações ou simplesmente como emigrante, correu mundo, conheceu uma longa lista de dificuldades que o seu optimismo de juventude, a sua coragem, que era sobretudo expoente de forma física, não fixaram demasiado.

As mulheres viam-se a braços com toda a responsabilidade, o que não era novo para elas. Com uma sistemática defesa de economia que rasava pela avareza, a sua vida sem gastos, sem extraordi-

Pag.Sibila_Final.indd 59 3/8/09 11:31:36 PM

nários, conseguiam proezas de orçamento, das quais bastaria a presença dum homem fumador ou amigo de seroar, para causar o desequilíbrio. Os homens tinham sido sempre fatais para a casa da Vessada. Francisco Teixeira, pródigo e desinteressado, contava como seu próprio pai entregava mais afoitamente a regência do lar a uma filha que tinha – musculosa amazona que, ela só, bastava para jungir uma parelha de bois a um carro carregado de mato, e sem que a respiração se lhe alterasse. Abílio fora um pesadelo, agonizando entre irritações muito brutais e exigências de criança a quem a doença faz tirana. E, agora, mais aqueles irmãos, um que fugia em busca dum destino mais mundano, outro que entrava para dormir, trazendo no encalço a matilha de orelhas pingonas e que fossava devoradora nos detritos da cozinha, espantando os gatos do borralho. Elas tinham-se habituado a contar apenas com o seu pulso, a serem mulheres sós, sem a confiança dum ombro másculo a que se arrimassem ou uma razão que por elas decidisse o litígio, a soldada, a sementeira, o negócio. Por isso o seu carácter não podia deixar de adquirir acentos viris, assim como as suas mãos tinham ganho calos e nodosidades, como o seu espírito se abstinha de manifestações supérfluas. E a entranhada aversão pelo homem, pelo ser inútil e despótico, egoísta, cedendo aos vícios e à corrupção com uma facilidade fatalista, desenvolveu-se nelas cada vez com mais intensidade, não sem que o seu orgulho, porém, se abstivesse de julgar com muito rigor os exemplos masculinos da casa, nos quais encontravam sempre uma atenuante, um encanto mesmo feito de fraquezas, e que os fazia tão queridos.

Apesar desta prevenção azeda contra todos os homens, esta antipatia que era reprovação, fadiga pelo fardo que não lhes competia e tão melhor seria partilhar em vez de o carregarem sem tréguas e sem indulgências, Estina casou. Foi um enlace de conveniência, não para ela, que aceitou o encargo duma casa mediana e dum marido hipocondríaco, muito cismado com suspeitas de ladroeiras nos seus celeiros. A mãe dissera-lhe:

Pag.Sibila_Final.indd 60 3/8/09 11:31:36 PM

– Faz o que quiseres. Os homens não têm aproveitadoiro, é uma verdade. Mas esta casa, partilhada, dá um alqueire a cada um e um copo de vinho para acompanhar. A telha não se vindima, e vós ficais aqui a olhar para as paredes… Agora resolve.

Estina resolveu. Temia que os irmãos, uma vez escarmentados de infortúnios e de preguiças vadias, viessem roer o naco de pão que lhes competia, ou, casando, quisessem sugar o lucro positivo vendendo sortes ou lameiros. E a propriedade dividida, desmantelada, era como um corpo que se destroça. Casando, ela aumentava as possibilidades de um dia licitar sobre os bens, manter ainda aquele aconchego de campos ligados por carreiros brancos, a vessada com a sua presa, sobre a qual a ramada enfolhava com tons fulvos, reflectindo na água sombras trémulas a assustar as rãs que pinchavam, mergulhando. E o «beiral», construção quase lacustre, alambique abandonado onde as pombas continuamente arrulhavam e donde partiam em bandos rodeando a propriedade, da eira até ao monte, serenas, domésticas, com um estralejar de asas muito vibrante. E o pomar onde cresciam as melancias em que cada criança, todos os anos, ia escrever o seu nome na casca tenra e onde ficava gravado, ao amadurecer o fruto. E as bermas todas onde nasciam morangos-bravos, as «pascoinhas» lilases com que se enfeita a mesa da visita pascal, juntamente com alecrim, a «coroa de virgem» que cresce em florações entre os lódãos. Aquela terra negra, aqueles lugares onde viveram tantos amigos e onde soam ainda os seus passos, onde tantos jovens lançaram os seus primeiros risos, onde a mesma árvore foi fiel e deu durante tanto tempo o seu fruto, onde tantas mulheres gritaram a sua hora de parto – deixar que se despedace, que se reduza a informes restos, que fique sujeita apenas a um significado de imóvel que se negoceia, que muda de mãos, que se avilta! Estina resolveu casar.

Foi viver em Morouços, sítio não distante; e, desde os primeiros tempos, o futuro apresentou-se-lhe anuviado de muitas tristezas. Gostando da imobilidade, deslocava-se raramente, excepto

Pag.Sibila_Final.indd 61 3/8/09 11:31:36 PM

ao mosteiro, onde ia ouvir a primeira missa. Lá encontrava a mãe e Quina, dava-lhes conta das suas histórias domésticas, evitando falar do marido, que ela não amava. Perante as três mulheres, o seu profundo respeito ao espírito de clã, ele permaneceu sempre como um intruso. Nasceram filhos, as desgraças golpearam as almas a ponto de as cicatrizes agirem como revestimento onde resvalavam novos golpes; mas nada pôde ligar aqueles corações, homem e mulher foram sempre estranhos e, nos momentos de gravidade, nas horas de amargura, quase inimigos.

Eis Quina e Maria, lado a lado, e não frente a frente como outrora. Um grande sentimento de colaboração, que era mais do que amor, as unia agora. O afastamento de Estina servira para as revelar como complemento valioso, urgente, uma da outra. A mãe, com a sua presença metódica, calculada, sem desfalecimento ou hesitação de vontade, auxiliava Quina, em quem agia duma forma psicológica e profunda; pois a dúbia personalidade de Francisco Teixeira, o seu lado influenciável, propenso a ceder pela vaidade, a deixar-se lograr antes que ser criticado por mesquinho ou julgado como homem de má palavra ou má-fé, espelhava-se na rapariga, era nela como um eco que o tempo, cavando anfractuosidades e abismos, devolve ainda mais nítido. Por sua vez, Quina era imprescindível com o seu tacto político a respeito de relações, negócios, contratos. Nas feiras fizera-se conhecida, com o seu guarda-chuva e a saca de vidrilhos, cumprimentando aqui, escolhendo gado mais além, parando, demorando, num vício palrador, muito popular com o seu génio de ímpetos, facécias, conselhos, um apadrinhar de todas as desavenças, um apaixonado interesse por todos os projectos e todos os resultados. Incomensurável a sua vaidade, porém tímida, com uma candura fresca, de ignorância e surpresa, apesar de todo o conhecimento das coisas sórdidas, das realidades mais cruas, e ante as quais não opunha nenhuma fantasia. Ingénua sempre, com essa inocência de coração que leva até à morte um hálito de juventude e agridoce optimismo, que existem apenas como

Pag.Sibila_Final.indd 62 3/8/09 11:31:36 PM

virtudes que a própria razão ignora – pois a razão, essa, é estiolada, devastada pelas mais frias e quase raivosas experiências de consciência.

Aos poucos, a casa da Vessada ficou entregue nas mãos de Quina, e ela foi considerada senhora absoluta dentro daquele pequeno reino de campos, moinhos, bandos de galinhas minorcas, cachorros que alguém salvou de morrer afogados nos ribeiros e que ladram, recuando, aos estranhos que têm, pelo meio da quinta, direito de passagem. Foi essa uma época muito feliz para Quina, em que a sua actividade de lavradeira a obrigava a correr pelos caminhos, conhecer gente grada, assistir a romarias, casamentos, receber presentes de afilhados, ser considerada rica e começar a ser saudada no adro pelas fidalgas. Contribuía para isso o prestígio do seu tio José, do Folgozinho.

Estalara a revolução, e ele viera do Porto instalar as filhas na propriedade, receoso de sedições, turbulências. Mas tornou à cidade, onde tinha o seu posto, dizia, e onde a sua célula de amigos, iluminados, sinceros, oportunistas, estava em efervescência e se ramificava por obediência e por contágio.

– Temos a República! – disse José, com voz vacilante e depondo um beijo na fronte da irmã.

– O mano está contente, estimo isso – disse ela. E, por um requinte de cortesia, mandou serrar as coroas que encimavam os escudos pintados de azul-celeste e ladeados por anjinhos, que adornavam as cabeceiras das camas de ferro, prestigiosa aquisição de Quina. Também a cambaleante diligência que passava, guisalhando na estrada real, e que tinha pintado em letras amarelas o nome sensato de «Vou Ali, Logo Torno», arvorou patrioticamente o título «Sou Republicano Fixe do Marão». Mas o cocheiro era o mesmo, com o seu lenço tabaqueiro atado ao pescoço, a sua sem-cerimónia jovial, que fazia dos passageiros todos alavancas para alçar uma roda dos atoleiros, ajudantes fiéis na emenda duns tirantes ou dum eixo que se partira. E as mesmas eram as éguas, *Andorinha* e *Secretá-*

Pag.Sibila_Final.indd 63 3/8/09 11:31:36 PM

ria, negras, com corrupios de pêlo torneados à escova, já um tanto búzios e pelados.

As meninas do Folgozinho, órfãs de mãe, ficaram, pois, na província, muito zeladas por Adriana, que casara já. O retrato dela, vestida de noiva, com o *fichu* bordado com flores de laranjeira, um colarinho alto de *guipure*, a saia circundada com ninhos de renda e grinaldas de mirto, fez rir muito Estina, que o recebera pelo correio. Ela tinha, às vezes, inexplicáveis acessos de hilaridade, chorava de riso, perante uma assembleia familiar que a contemplava um tanto humilhada e confusa. Ela não ria nunca por motivo do ridículo, as coisas que tipicamente suscitam a graça e o humor; o riso era, antes, para ela, como o contrabalançar da sua natureza severa, um apelo ao equilíbrio. Nada havia naquela bonita rapariga, com o seu trajo de *charmeuse* branca, o seu véu nupcial armado em touca sobre a poupa de cabelos, que despertasse o riso. Mas Estina, olhando-a, lançou um pouco a cabeça para trás, e riu, com uma gargalhada surda, monótona, a ponto de o marido a encarar com ar lúgubre e desconfiado. Ele chamava-se Inácio Lucas, era de má cepa; dizia-se que açulara um cão de guarda contra um intruso que lhe entrara no pátio sem chamar, e deixara-o ser estraçalhado à sua vista, sem tentar um gesto, mudo. Tinha dinheiro oculto, em fundos falsos de gavetas, não porque fosse avaro, mas porque gostava de provar a fidelidade dos que o rodeavam, inspirando-lhes tentações, curiosidades, malícias. Acusava a mulher de o roubar, zurzia os filhos, para poder observar nela o rosto descomposto, ver como Estina empalidecia e apertava as mãos até as juntas ficarem lívidas e estalarem. Com tudo isto, amava-a. A suspeita de que ela o desprezava enlouquecia-o, e, sabendo uma vez que ela namorara Luís Romão, o bonito mestre-escola que acabara por raptar uma herdeira rica, perseguira-a na adega, cheio de furores homicidas, atirando pelos ares as celhas onde pingavam as pipas. Estina chegara a fingir-se dedicada, com medo de represálias sobre as crianças, que ele não poupava. Não o iludia, porém. Quando

Pag.Sibila_Final.indd 64 3/8/09 11:31:36 PM

ela morreu, ele disse: «A malquerença dela era tudo o que eu tinha; e enchia-me a vida…» Casou ainda, depois, com uma mulherzinha laboriosa, grisalha, curtida, triste, que se movia pela casa como um fantasma, que lhe falava baixo, que lhe lavava os pés de joelhos sobre a pedra da lareira, e que tinha, enfim, para ele desvelos de velha ama. Mas nunca mais ele pareceu interessar-se por coisa alguma. Quando dizia «minha mulher», todos sabiam que se referia a Estina, que o precederia na morte menos de cinco anos.

Quanto a Quina, ela não parecia destinada ao casamento. Do seu antigo candidato sabia constantemente notícias. Como tão minuciosamente previra, ele tinha casado e, acrescentando assim os cabedais, fora, por meio de empréstimos, esburgando todos os irmãos. Vivia emparedado de ódios, mas consciente de cumprir uma missão. Há destes místicos do capital, e que dedicam à sua obra os mesmos fervores dum Loyola, extraindo dela as mesmas compensações de bem-aventurança. Sistematicamente ele visitava Quina, pelo Natal e no Domingo de Ramos, além das inúmeras ocasiões em que aparecia para propor-lhe um dos seus intrincados problemas de finanças, confidenciar o preço do milho, convidá-la para testemunha nas suas eternas questões de injúrias, pois as cunhadas, sôfregas, empobrecidas de surpresa por um manejo, um cálculo, um ardil do diabólico homenzinho, crivavam-lhe a porta de pedradas e os ouvidos de vocabulário em que lampejavam genialidades de imaginação. Quina habituara-se a vê-lo aparecer, mirrado, discreto, de falas suaves, as guias do bigode quase tocando-se sob o queixo aguçado, o que lhe dava ao rosto qualquer coisa de melancólico, dum grotesco filosófico e até espiritual. Tratava-a por senhora, pois as qualidades que ambos tinham em comum, essa declarada fraternidade de propósitos, imoralidade nas transacções, ou antes, moralidade à base dos interesses, faziam-na a seus olhos muito respeitável. Não havia intenção que ele não lhe confessasse, conselho que lhe não pedisse, fosse a respeito dum vitelo albino que era necessário matar porque resultara semi-cego,

Pag.Sibila_Final.indd 65 3/8/09 11:31:36 PM

fosse porque um filho ingressava no seminário, ou a mulher sofria de bronquite asmática. Isto lisonjeava Quina. Durante toda a vida, aquela assiduidade de confidências, aquele lugar que merecera não talvez no coração, mas na razão dele – e era a distinção máxima que podia conferir a uma mulher –, foi-lhe agradável e compensou-a um tanto da solidão da sua vida sem homem, sem conforto dum braço mais forte e até duma inteligência em que seria bom reconhecer superioridade. Os prazeres femininos, o amor e a passividade espiritual, as ninharias dum sentimento ou dum capricho que nascem dessa euforia tirânica que as mulheres gostam de exercer sobre aquele a quem sabem ter dominado pelos sentidos, isso foi-lhe negado. Restava-lhe satisfazer a vaidade e atingir, por imposição da personalidade, tudo quanto, se tivesse sido uma mulher apenas de temperamento, teria dispensado. Dedicou-se a evoluir, a subir, a desenvolver tentáculos de intrigas que favorecessem a sua decisão, que era enriquecer e, mais ainda, ser notável. Obcecou-se no fito de engrandecer os seus bens e o seu prestígio, primeiro com o projecto modesto de permanecer independente, saldar dívidas e corrigir as irresponsabilidades do pai, erguendo a casa ao primitivo nível de crédito e de fartura. Depois, as suas ambições proliferaram como a tribo de Abraão e encheram a terra inteira – que não era um globo ligeiramente achatado nos pólos, mas todo o espaço até aos limites dos seus conhecimentos, onde os amigos viviam e comunicavam com outros amigos.

Pag.Sibila_Final.indd 66 3/8/09 11:31:36 PM

VI

Recebeu um susto inesquecível quando João, sempre rodeado de podengos e cujo quarto, ao extremo da varanda, tinha cartuchos e espoletas sujas de graxa sobre a cómoda, anunciou que ia casar.

– Então como é isso? – fez, impenetrável, a mãe. E Quina, sem interromper as suas funções de cozinheira, demorando a aconchegar cavacos debaixo da trempe de ferro, escutava, ansiosa, tolhida de receios, pois nada havia que mais a apavorasse que o ingresso doutra mulher naquela casa, onde só ela agora comandava e dispunha. Sossegou, quando João disse o nome da noiva. Era uma proprietária madurona, alambicada de fidalguias, que se vestia e se exprimia com esse sentido presumido e burlesco das campónias que, sem o tributo da educação, pretendem filiar-se na burguesia. Era feia, e aquilo pareceu desagradar à mãe. Por um contra-senso do seu temperamento tão árido para coisas efémeras como as graças físicas, ela orgulhava-se de todas as mulheres descendentes e aliadas da casa do Freixo serem harmoniosas de aspecto, embora nem sempre belas.

– Não se pode dizer que seja uma donzela Teodora, não – disse Quina, mais tarde, quando, depois da ceia dos criados, seroavam um pouco, após os derradeiros arranjos do dia. A mãe fiava, sentada no preguiceiro, atrás do grande pote onde ferviam batatas vermelhas, para os bácoros. A candeia de petróleo ardia numa chama trémula e sinuosa.

– Não é isso que importa. Ela é uma lorpa, nem do campo nem fidalga, que não sabe ser nem uma coisa nem outra. Não gosto de

Pag.Sibila_Final.indd 67 3/8/09 11:31:36 PM

gente assim. Gosto das pessoas que são incapazes de deixar de ser o que são, ou das que são capazes de se afazer por completo seja ao que for. Há na nossa gente muita qualidade de homens e mulheres, ricos que nunca largaram os tamancos, ou os que encheram a casa de doutores, como meu irmão José, e ninguém sabe se ele nasceu numa cama de bancos, se na casa do Folgozinho, no meio daquela macacaria toda de retratos e jarras da China. Há os que foram pobres sempre, não serviram ninguém, ou os que foram criados de frade e caseiros esganados pelas rendas. Os que não gostavam de trabalhar, como teu pai, mas que, mesmo as mulheres, não ia buscar senão aquelas que não o podiam envergonhar. Mesmo o meu tio do Freixo, por alcunha o «lambão», mesmo esse; ele fazia rir pela mania que tinha de comer merendas em todas as casas e adular as parentas, a dizer «sempre gostei muito desta prima…» Mas nunca ninguém da nossa gente quis arremedar costumes que não eram seus, e, quando tomavam esses costumes, não era por imitação, mas porque, por direito, lhe competiam. Teu irmão faz um casamento que nos humilha. Ainda que a mulher tivesse tantos carros de pão como estrelas há no céu, era mais pobre do que nós. É o que eu penso.

Tinha pronunciado todo este exórdio sem deixar de rolar nos dedos o fuso, puxando a estriga e recuando-a instintivamente do lume, quando o desmoronar duma acha fazia erguer um lanço de fagulhas lívidas e azuis. Quina mexia conscienciosamente o seu chá, na cafeteira de barro, e que era toda a sua ceia.

– Ela não parece má, coitada – disse, com ar de reserva. Não gostava daquelas alusões aos caracteres moles, sofrendo inspiração de todos os pólos e aspirando a obrigações e honras que o temperamento não podia cumprir. Melindrosa como era, extraía daquilo uma censura a ela mesma, Quina, que comprara uns sapatos de presilha que os seus pés, afeitos a palmilhar anchamente os caminhos, não podiam suportar.

Pag.Sibila_Final.indd 68 3/8/09 11:31:36 PM

– Não é má, não. – Maria abandonou o fio, e o fuso caiu sobre o monte de gravetos e carolos de milho, a seus pés. – E nenhum bem pode vir dali.

Isto pôs fim ao colóquio entre as duas.

João casou dali a algum tempo, mas a mulher, quando vinha à casa da Vessada, tinha um recebimento frio e desdenhoso. Maria perdoava-lhe a fealdade, os seus cabelos crespos que se lhe erguiam em tufos, como nas cabeleiras hotentotes. O mesmo não acontecia com os amaneiramentos, os ridículos, o seu ventre amplamente desenhado pelos vestidos «princesa», os enormes chapéus com plumas cor-de-rosa ou flores enconchadas como repolhos.

– Não a posso ver. Nenhuma das mulheres com quem me enganava o meu Chico me aborrecia tanto e me fazia este desgosto. Elas, no fim de contas, honravam-me. Esta desacredita-me a família.

Punha nisto muito da sua ironia com o seu efeito de chicotada que ficava a doer mais na própria pele do que naquela onde era aplicada.

Quanto a Abel, pouco se sabia dele; doidivanas, com um instinto de cupidez que o impelia para as grandes enxurradas humanas onde o dinheiro é a presa, se não do mais apto, então do mais oportuno, entregava-se a especulações, aventuras, não dava notícias, e mais de uma vez a mãe desesperara de o voltar a ver. Chegou, um dia, próspero, um tanto combalido de doenças e transpirando dedicação pela família inteira. De novo Quina remoeu os seus medos, muito impressionada por aquele luxo do irmão, os seus coletes de *piqué* com botões de oiro e madrepérola, as suas relações e o fervor súbito em remodelar a casa, erguer dependências novas, rasgar terraços, instituir novidades. A mãe ria-se, e dizia, com humor um tanto duro, coisas que o seu amor fazia benévolas troças de provinciana que pela primeira vez faz espírito com o progresso. Abel continuava, para ela, o benjamim bonito, de pele clara, que fazia lembrar o pai. Simplesmente, aquele seu jeito afadigado de se pre-

Pag.Sibila_Final.indd 69 3/8/09 11:31:36 PM

ocupar com ninharias, exacerbar a importância de nadas e logo dormitar serenamente sobre um abismo, agora fazia-a rir.

Não demorou muito tempo Abel naquelas paragens. Partiu, sem mesmo se despedir com grandes e penalizados adeuses, e deixando atrás de si um açafate repleto de peúgas rotas, cosméticos com que lustrava a cabeleira, que começava a ficar grisalha, e algumas cartas de convite para saraus nas casas conceituadas dos arredores, onde sempre havia uma ou outra menina para casar. Deixara também um projecto de portal que demarcasse a entrada da quinta, de estilo conspícuo, se não majestoso. Dois pilares de pedra, que através do tempo pareceu sempre recentemente cortada, ficaram frente ao caminho; mas o portão de ferro nunca chegou a colocar-se, nem os leãozinhos de loiça azul ocuparam os seus pedestais, e a entrada para o terreiro, a eira, os campos, ficou para sempre aberta e franca. Podia ver-se do caminho o tanque rodeado por caixotes de túlipas e onde uma bica de água caía todo o ano com um rumor abafado e fresco, ao embater no musgo das bordas.

Mais uma vez as mulheres ficaram sós. Acabara-se o turbilhão de visitas, convites, almoços, caçadas, recados que chegam, portadores que partem com outros recados, presentes que se recebem e se retribuem a brio, afectos que se explicam entre amigos de momento, uma canseira de apresentação, de horários, de sorrisos. Abel tudo pagava, pois era perdulário, mais do que generoso, mas, daquela sua temporada na casa da Vessada, ficou uma recordação pesabunda, de escravidão, que nenhuma fartura e nenhum oiro poderiam resgatar. O regresso à frugalidade foi uma libertação.

Contudo, Quina tinha obtido para si uma contribuição no convívio com certa fauna que ela jamais frequentara – a sociedade. Passou a ser admitida numa ou noutra casa fidalga, onde o seu génio pitoresco, de conselheira que brinca com a gravidade das próprias sentenças, lhe suscitou um relativo sucesso. Teve amigas nessas mulheres que tanto mais se honram quanto mais razões de despeito encontram entre si, e entregam os seus segredos àquela de

Pag.Sibila_Final.indd 70 3/8/09 11:31:36 PM

quem menos temem a rivalidade. Quina tornou-se indispensável para presidir obscuramente nesse mundo secreto, íntimo, sem artifício, em que os espartilhos se afrouxam, os cabelos se apresentam eriçados de ganchos e de papelotes, e o rosto apeia a sua máscara cheia de farfalhices de sentimentos, poder atractivo, fluido de mentiras e intensíssimas fadigas de atenção. Ali, ela era bem-vinda, nesses *boudoirs* negros, assistindo ao demolhar dos calos em água salgada, à aplicação de receitas aparentadas de perto com velhas indicações de magia e a física primitiva – a urina que suaviza o cieiro da pele, o leite de mulher para as dores de ouvidos, as presas de cornela como amuleto, fórmulas, preceitos, que mantinham um sabor de harém e de barbárie e elas cumpriam a ocultas, com essa fé pelas coisas em que o mistério é uma garantia de possibilidades. Ainda que simulem obedecer e optar pelo vanguardismo dos costumes, as mulheres são rebarbativas às inovações. No fundo da sua natureza, há um apelo ao primitivo, ao antigo, ao passado, ao já experimentado, e, sob esse aspecto, não há fantasias para elas. Talvez vivam mais profundamente integradas nos moldes genéricos da vida; mais do que elas, o homem se influencia pelas suas noções de tempo e de espaço, o que o faz circunscrever-se não à vida, mas a determinada época.

Quina penetrava nessas alcovas, nessas salas em que se prostravam mulheres que repousavam do cansaço da apresentação e do preconceito; e era como se a porta duma cela de loucas se abrisse na sua frente. Que despudores e que paixões se espojavam em tumulto, que perversões e que lágrimas incoerentes! Não tinham classe, nem lei, nem moral, nem tempo. Erguiam no ar os braços, que empoavam antes de envergar as mangas dos penteadores, espreguiçavam-se, dormiam enquanto as catavam as servas ou lhes coçavam as costas com mãozinhas de marfim. Pediam os restos dos jantares, sentadas nos *sièges-percés* ou nos bacios de porcelana, contando coisas tenebrosas, de invejas e de amores.

Pag.Sibila_Final.indd 71 3/8/09 11:31:37 PM

– Viva a voeirinha, a sibila! – diziam, rindo, ao ver entrar Quina. Ela tinha realmente um passo saltitado de laverca, pequena, esbelta, com a roda da saia rojando um pouco o chão atrás de si. Até muito tarde não perdeu a frescura, todo o seu ar de mocidade, que era nela como que o resultado dum reflexo interior. Até à morte não deixou de ser sensível aos elogios, e corava de prazer sempre que lhe exaltavam uma graça, mesmo que ela fosse a beleza dos seus cabelos brancos. Aquele convívio com fidalgas enervava-a. Mas, quando as via com as suas batas de pano-cetim, manchadas, dum tom mais vivo sob o descosido das *soutaches*, com as saias-de-baixo onde as rendas pingavam já falhas de goma, com as toucas que lhes cobriam os cabelos desalinhados e sem postiços; quando elas a chamavam e lhe faziam lugar para poisar os pés no estrado da braseira, lhe apresentavam os olhos avermelhados pelas lágrimas, orlados de negro pelas noites de espertina e horas dum histerismo fatigado, lúgubre; quando lhe pediam conselhos e liam para ela cartas cuja linguagem lhe escapava, mas sobre cujo sentido ela finamente discorria e alvitrava, Quina exultava. Aos poucos, essas mulheres descontentes, desesperadas, indecisas e ociosas, criavam-lhe obrigações morais, e, para satisfazer as suas questões, as suas tragicomédias de coração, de consciência e até de saúde, ela amplificava as suas possibilidades. Assim como das suas debilidades de doente ela extraíra em tempos um significado que a colocara num lugar acima dos limites humanos, agora, por um encadeado de sugestões em que a sua própria ânsia de domínio e honrarias tinha parte principal, Quina viu-se lançada num campo estranho e sempre mais difícil.

A condessa Monteros tornou-se a sua adepta mais exigente. Enviuvara; era agora uma mulher tão consciente dos seus valores, que atingira este supremo estado de liberdade que é o de não desejar imitar ninguém, nem esperar de ninguém alguma coisa. Pintava os cabelos de tons que variavam do veneziano à cor das cabeleiras tingidas com cal; e o seu rosto, que jamais fora notável, excepto

Pag.Sibila_Final.indd 72 3/8/09 11:31:37 PM

por uma doce banalidade, quando adolescente, naquele contraste brilhante, quase insolente, dos cabelos, ficara belo. O de Lago, que, como único atestado de paternidade, se mostrava amador de bons ditos, como o velho fidalgo, dizia: «Para complemento daqueles cabelos vermelhos, só os pensamentos verdes…» A mulher dele era feia, um tanto cambaia, muito alegre e afrontosamente *snob*. Mesmo para as suas pequenas recepções de província, encomendava vestidos de Redfern, usava *sprits* de ave-do-paraíso e de íbis róseos, vivia em constante despique com Elisa Aida, cuja magnificência denegria muito, rindo-se dos seus *bibelots* de Copenhague, das suas escalfetas, dos seus saiotes escarlates para favorecer a cura do sarampo. Os de Lago tinham bons cavalos, eram pródigos, e arruinavam-se.

– Não tens filhos, tu! – dizia a fidalga, com um suspiro quezilento. – Também não tens um nome para lhes deixar, que o teu título não se transmite. Pois o nome é a única fortuna que vou deixar aos meus!

– O nome e as consequências – ripostou-lhe a condessa, que tinha às vezes umas agilidades mentais muito de assombrar, depois do convívio de vinte anos com o marido, um homem entorpecido pela coca e fazendo essa vida apática e silenciosa desses a quem na Argentina chamam *«opas»*. Passava por boa alma, mas havia dele histórias macabras, dessas vilezas que em momento próprio podem passar por virtudes, barbaridades que, para se tornarem indício de carácter, de nobreza, de arrojo, precisam apenas dos factores de hora e de lugar. Estava, no entanto, uma ruína o conde, e, bastante nova, Elisa Aida ficou viúva. Não lhe doeu muito a perda. No mausoléu, em que figurava a Fé de olhos vendados, ficou engavetado o conde, e um portal de grades caiu-lhe sobre as ossadas – medida tardia, diziam os que lhe tinham suspeitado os passos lá pelo Tucumán, onde deixara tanto nome quase como o legendário capitão César. Elisa Aida permaneceu aferrada ao brasão, que não lhe parecia substituível por honras da mesma equivalência.

Pag.Sibila_Final.indd 73 3/8/09 11:31:37 PM

Fazia breves surtidas à capital, onde alguns parasitas dos seus jantares, dos seus chás muito abundantes de iguarias, porfiavam em convencê-la a ficar. Mas ela sempre voltava para a província, aos lugares onde se criara e, de pernas nuas, correra os carreiros todos que levavam à igreja ou à mestra. Ficara-lhe da infância um gosto bravio pelas coisas do campo, as estradinhas poeirentas que percorria agora na sua caleche verde-escura, fazendo pasmar os aldeões que regressavam das feiras, picando o gado, vergastando o cevado que corricava nas bermas. Quando Abel, de passagem na casa da Vessada, peregrinara um pouco por toda a comarca, foi retido em Água-Levada por aquela mulher nova ainda e mais nova pelas artes de toucador, que o enfeitiçara a ponto de lhe propor casamento. Ela rira-se-lhe na cara, muito tentadora, balançando o pezinho calçado com sapatos de verniz, rasos, com grandes laços pousados como morcegos sobre o decote e a meia negra bordada.

– Isso não é comigo… O meu tio conde que lhe responda.

Assim Abel era repudiado com uma alusão macabra e uma gargalhada. Narrou ele isto em casa, enquanto, à ceia, trinchava o naco de orelheira e batia os talheres destramente como floretes. A paixão aguçava-lhe o apetite de pitéus substanciais; rasgava a dente as fêveras de ganso, descascava as peras de Morim, com um gesto morno, esquecido, um tanto inconveniente, como se desvelasse o colo da condessa, retirando as rendas de Irlanda da sua camisa. Quina ouviu-o com o seu ar de contradição birrenta e que ela, apesar de tudo, sabia tornar delicado.

– Não é nada impossível – disse, revolvendo no prato a comida, sem a provar.

– A resposta do conde? Ah, fico à espera disso…

– Tem-se visto… – insistiu Quina. O irmão, porém, nem a escutava, pedindo novos pratos ou enxotando com sapatadas os gatos que iam e vinham sobre o longo banco, passando-lhe a cauda pela face quando ele se debruçava para apanhar o guardanapo. Ela ficou um tanto amuada, cismando naquilo.

Pag.Sibila_Final.indd 74 3/8/09 11:31:37 PM

No meio da noite, sentou-se na cama para rezar. A mãe dormia, gemendo e estertorando suavemente, muito embuçada no velho lenço de seda; fora, havia um grande luar que azulava a atmosfera, que era um cendal metálico e desenhava as medas afuseladas. Quina rezou longamente; primeiro, proferindo palavras, depois, balbuciando-as apenas e logo penetrando numa densidade de ideia, numa obscuridade de pensamento que lhe esvaía os sentidos, que a deixava somente lúcida para a insistência penosa da oração. Sofria. O suor viscoso corria-lhe dos ombros, da fronte, as suas mãos estavam petrificadas e pesavam-lhe no regaço. E também a sensação de sofrimento a abandonou, sentiu que se perdia numa dimensão estranha onde, dela, apenas existia uma consciência ténue mas brilhante, como um filamento de luz que ondula, prestes a ser partido, a escapar-se, a diluir-se. E, então, o medo fê-la regressar. Teve medo daquilo; apavorou-se, voltou a integrar-se em todas as capacidades físicas, sentiu o rosto gelado e o coração que a sufocava, e outra vez a dor, um descontentamento ansioso que a possuía toda, que fazia vibrantes e doridos todos os seus nervos, cada uma das suas células.

– Mãe! – disse ela, sacudindo Maria que se voltou, dormindo ainda, mas já de olhos abertos, parados, numa concentração de vigilância. – Fique acordada. Fale comigo e não adormeça.

Maria, imóvel e resignada, começou a falar. A sua voz era mais angustiante que o silêncio, assim dizendo coisas banais, trechos da vida passada, sugerindo tarefas do dia seguinte, comentando a diligência dum criado, o desmazelo doutro, recordando, planeando, entre suspiros bocejados e o pigarro carraspento que adquirira com a velhice. Quina quase não lhe respondia. Apoiava a cabeça nos ferros da cabeceira, e ouvia, lutando para perceber o sentido, para seguir as palavras, para sentir-lhes a realidade e aproximar-se delas. Quando a voz da mãe esmorecia e se velava, ela incitava-a a prosseguir, dizendo-lhe «fale», com entoação de inquietude, de pavor. Por fim, ela própria cedeu à fadiga e adormeceu num sono que a

Pag.Sibila_Final.indd 75 3/8/09 11:31:37 PM

abateu sobre a cama e a deixou quieta como um corpo que a vida abandonou, como que inteiriçada e sem respiração. Quando acordou, o sol subira há muito por detrás dos pinhais e na eira ouvia-se o baque dos mangualdes que malhavam o feijão. Maria entrou no quarto sem parecer reparar nela, mexeu numa gaveta, e retirou-se. Ao entrar na cozinha, Quina fingia um humor doentio, queixou-se por monossílabos, ocupou todo o dia em justificar-se perante si mesma. Estava verdadeiramente vexada, em todas as palavras via alusões que a feriam, como que lhe impunham um remorso e lhe indicavam uma inferioridade. Mas, na realidade, ninguém reparava nela, excepto a mãe talvez, para prestar-lhe agasalho e auxílio com atenções demasiado subtis para parecerem desabituais.

O novo abade, que havia pouco se estreara no pastoreio da freguesia, veio à casa da Vessada fazer uma visita de identificação. Era um homem espadaúdo, jovial e que sofria de icterícia. Sentou-se ao lar, estendendo as pernas, com as solas das suas botifarras de caçador voltadas para o lume, e falou da sua gente, pobres todos, que lhe exigiam mais sufrágio na vida terrena que letras de latim válidas para a eternidade. Como chovia, ele almoçou com Abel, na sala onde se acrescentara a melhoria dum aparador com mármores e portadas de vidros verdes, granitados, e ainda uma jardineira onde se amontoavam frutas como numa gamela.

– Bonito é isto – disse ele. E apontou com o garfo os campos em declive até à vessada e que estavam reluzentes de chuva, ressumando uma frescura ligeiramente depressiva, inquietante, pois tudo parecia demasiado circunscrito, fechado e sem horizonte, naquele vale onde a água cachoava sem fazer torrente, onde as árvores tinham parado de crescer e os próprios vultos dos jornaleiros que passavam, de sacho ao ombro, comunicavam solidão. – Dizem que a terra escraviza, mas não é verdade. Ah, que se eu tivesse tido um punhado desta terra!

Abel riu-se, aproveitou para encadear uma conversa galhofeira, um tanto picante e inconsequente, como ele próprio gostava

Pag.Sibila_Final.indd 76 3/8/09 11:31:37 PM

quando se expandia. Nomeou as paroquianas que lhe estavam reservadas, entre elas talvez a condessa Monteros, um pedaço dessa boa terra que apetece semear e que escraviza. O abade passou por alto o chiste, aparentando uma sisudez de circunstância, sem porém negar um sorriso. Era um homem já um tanto experiente e que viera transferido dum lugarejo do Minho, à beira-mar, onde tinha por rebanho um punhado de sargaceiras que comungavam antes da confissão e que aos vinte anos eram velhas, os dentes apodrecidos, as pernas deformadas pelo salitre.

– Consta-me que ela vai casar – contou. – Com alguém de fora, um homem culto, de brilhante posição.

– Casar? – pasmou Abel. E embezerrou para o resto da tarde. Como a irmã o visse sorumbático, abeirou-se dele, ladeando a questão, sondando.

– É por via da condessa? Não te amofines – disse –, que ela não volta a casar.

Não premeditara aquilo, mas a segurança com que o proferiu surpreendeu-a a ela própria; e, ante a insistência de Abel que lhe exigia declarações mais concludentes, ela enervava-se, repetia-se, acabou por se contradizer, cheia de veemência e, depois, com fadiga. Ele irritou-se, chamou-lhe louca, vidente, criatura sem nexo, e saiu de casa muito desesperado por lhe ter prestado atenção. Dois dias depois, foi-se embora da casa da Vessada.

Quando já tinham passado as colheitas, no dia de fiéis, Quina viu a condessa no cemitério, de pé defronte do mausoléu, em cuja grade ela pendurara uma coroa de martírios donde pendia uma larga fita de *moiré* roxo com palavras de saudade impressas a ouro. Ela estava muito fúnebre, vestida com uma espécie de capa de otomana escura, com alamares abrochados no peito; um tufo de penas de galo derramava-se-lhe do chapéu, como uma folhagem crestada num vaso. Cumprimentou Quina com um aceno breve de cabeça, sem sorrir.

– Quero-lhe falar, sabe? – disse-lhe, ao passar.

Pag.Sibila_Final.indd 77 3/8/09 11:31:37 PM

O dia era agreste, nublado, com vento que sacudia as pontas dos xailes das mulheres e lhes arrebatava os lenços negros. As velas firmadas na terra das campas pobres ou nos castiçais de vidro e de latão, oscilavam, apagavam-se; e o cheiro da cera, dos crisântemos miúdos que se desfolhavam sobre os túmulos, parecia pairar baixo, arrastado e devolvido logo aos mesmos lugares, com rajadas de vento. Quina orava, as mãos cruzadas sobre o ventre, diante da modesta morada de seu pai e de seu irmão Abílio. Uma lousa, os nomes gravados a branco já indistintos, um pedaço de terra mole onde a chuva empoçava, e era aquilo o maior agente moral do homem, do mundo – a morte. Maria debruçou-se para endireitar uma flor numa velha jarra esbeiçada que só servia na ocasião.

– O dianho do povo tem zupado nela… – resmungou, muito brava de modos. Os restos do seu Chico, do galante perdulário de bonitas suíças loiras, estavam ali. Mas apenas se ama a vida e, assim, o que é susceptível de sobreviver. Ela amava ainda as crueldades irresponsáveis dele, a sua pele clara, as suas mãos que nunca tinham perdido a macieza, o seu arrojo e a sua dignidade de homem um tanto paradoxal, cada um dos seus ditos, os seus olhos que as pálpebras oblíquas faziam triangulares. O que dele estava ali enterrado merecia menos desvelos, menos estima, que aquela velha jarra azul cujos bordos em caleira se tinham partido.

Quando saíam, a condessa mandou pelo cocheiro um recado a Quina. Queria-lhe falar – repetia. E o molho verde-negro das plumas de galo do seu chapéu parecia acenar amistosamente por detrás dos vidros da carruagem.

Pag.Sibila_Final.indd 78 3/8/09 11:31:37 PM

VII

Foi a partir dessa data que ficaram amigas. Porém, enquanto comia o seu caldo de castanhas, tradicional do dia de finados, Quina meditava na volubilidade insinuante da condessa, com quem conversara nessa manhã. Ela falara vagamente de Abel, cheia de reticências moles, distraídas; depois, entre uma enfiada de banalidades, pedira explicações sobre o melhor sistema de corar o linho e obter um ponto cristalizado para o doce de ginja. Quina maravilhava-se. Aquela consulta tão familiar envaidecia-a, e foi sem custo que se acreditou merecedora dela. Tagarela como era, não deixou que a primeira efusão do encontro esfriasse e desse azo a uma rápida despedida. Falou muito, alongando-se em circunlóquios, muito extasiada de agrado por aquela mulher que a olhava com um sorriso paciente, batendo com a ponteira do guarda-chuva, insistente e lenta, no tapete cor de caramelo da carruagem. Tinham debandando os fiéis que giravam, a rezar, rodeando as campas; o vento amontoava nos ângulos dos muros pétalas de crisântemos sujas de terra. A condessa disse, retirando de sob a capa um relogiozinho cuja tampa se abriu com um tique suave:

– Vá a minha casa um dia destes, de manhã. É muito tarde agora. – Riu-se jovialmente, rolando nos dedos a cadeia do relógio, cujas arestas de oiro se lhe pegavam no *plastron* de tule negro. – Preciso muito de si. Sei que é mulher de bom conselho…

Quina corou de surpresa e de deslumbramento. Diziam isso, então? A sua qualidade estranha de virtuosa da oração não se divulgara muito, em parte porque ela temia comprometer a casa da

Pag.Sibila_Final.indd 79 3/8/09 11:31:37 PM

Vessada, expondo-a a uma publicidade a que não faltariam ridículos e menosprezos. Assim, era mais constada como proprietária capaz, cujas sagacidades a faziam enriquecer, do que como uma alma auxiliadora de penas alheias, pelas quais, rezando, atingia um estado de arroubo inexplicável para têmpera tão humana, inclinada às intrigas mais mesquinhas e miseráveis astúcias financeiras. Não lhe desagradavam as palavras da condessa. Nos mais profundos meandros da sua natureza, houvera sempre grandes inquietudes que apenas se traduziam em invejas e azedumes que dirigia não só às classes mais dignificadas, como a todos aqueles que lhes tentavam o acesso. Um misto de receio de impotência e impulso lutador debateu-se sempre no mais fundo do seu ser. Não sabia ambicionar; sabia impor-se numa exigência de triunfo imediato. Não tinha imaginação para arquitectar, esperar; apenas compreendia o momentâneo, e era isso que ela queria adquirir. Tudo o que não obedece a um plano, dura apenas o tempo da realização; e não tem glória, nem esse cunho das coisas humanas que trazem consigo um alento de superação e de eternidade.

O convite da condessa deixou Quina perplexa. Rudemente educada entre gentes para quem as relações entre criaturas resultam uma equação donde não se extraem fantasias, ela sabia que, de algum modo, aquela mulher, procurando intimidade consigo, chamava-a para a utilizar em seu proveito. Procurava iludir-se e ignorar isto como homenagem a si própria; e, quando recebeu um novo recado para visitar a condessa no seu palacete de Água-Levada, um casarão cor de cravo numa paisagem um tanto arábica, com palmeiras, ela foi.

Elisa Aida era uma destas mulheres não muito raras em qualquer época, de gostos borralhentos, e a quem apraz ficarem vestidas como bichos de cozinha, numa atmosfera malsã, bebendo chá, petiscando iguarias, confessando as recadeiras que enviam pelas casas da comarca, a destilar novidades. Era de boa índole, mas também capaz dessa empáfia grotesca que atinge todas as classes

Pag.Sibila_Final.indd 80 3/8/09 11:31:37 PM

e começa a agir a partir do instante em que o indivíduo confunde os manejos do acaso com os seus próprios méritos. Vivia muito cercada por uma corte pressurosa, cheia de bulício, aduladora, versátil, miniatura dum desses pavilhões de concubina ou validé que albergavam multidões de escravas, de áugures, mensageiros, guardas, bobos, conjugando-se numa força de conjurações e frioleiras, um palrar vertiginoso, um adejar constante, batendo portas, afastando reposteiros, correndo com um aviso, regressando com uma recompensa, enchendo o ar dum rumor entrecortado de gargalhadas e de ralhos, de presságios, de desejos e de tédio. Fora porque ela amava essa existência desleixada, sem deixar de ser dissipadora, que não se acostumara nunca à capital. As recepções aborreciam-na, a etiqueta fanava-lhe a originalidade, os lugares requintados onde ela, para ser notada mais do que notável, teria que se afadigar em estudos e maneiras de sensação, acabrunhavam-na. Gostava, sim, de sentir-se uma pequena soberana, sem abdicar mesmo daquelas comodidades desmazeladas, os cabelos que se não frisaram, a bata que se não abandonou e cujos botões de veludo encalveceram com o uso e cuja fímbria o carvão da braseira queimou. Mesmo feia, mesmo com a sola das pantufas encarquilhada pelo calor das escalfetas, mesmo mastigando solidamente as refeições que lhe eram servidas no quarto em tabuleiros de charão, mesmo usando o seu horrível roupão de flanela cujo capuz era como uma tenda arreada sobre a cabeça, ali era a única, a senhora. Recebia às vezes à noite, quando organizava pequenos concertos de piano e recitais com as notabilidades da terra e alguns artistas que mandava assalariar sem os conhecer, para lhe assegurarem o prestígio dos serões. Vestia então regiamente musselinas negras sobre o forro de tafetá, e os seus brilhantes azuis eram famosos nas joalharias do Porto, aonde mandava as jóias para limpar. Mas as roupas passavam de moda, sem perderem aquele cheiro a novo, sem amarfanharem os plissados, sem que uma gaze ficasse mais picada por um dos seus alfinetes de peito, a que o de Lago chamava «os

Pag.Sibila_Final.indd 81 3/8/09 11:31:37 PM

faróis da viúva». Ela sentia-se bem somente no retiro um tanto achavascado dos seus aposentos, na alcova onde a cozinheira vinha alvitrar ementas, pratos de confeiteiro, de que ela gostava, com muitos recortes de missangas, de flocos de açúcar, de cremes em que se misturam corantes, e que não chegava a provar. Essa intimidade, essa tirania de vontades, esse mimo com que se regalava a si própria, era o argumento mais fecundo que a impedia de tornar a casar. Temia a tutela, o domínio, a incomodidade dum homem que a manejasse, lhe alterasse os hábitos e a fizesse perder aquele mundo que gozava ao mesmo tempo como Cinderela e princesa. Embora gostasse de ser cortejada e saboreasse os galanteios, não pensava em escolher marido. Isto, até que a sua vida sem imprevistos recebeu o choque duma experiência muito azeda, que bastaria para a desiludir dos valores que lhe admiravam os convivas enquanto digeriam os seus jantares.

Mulher de posição e cujo nome figurava nos anuários, recebia ela uma porção de convites e implorações de beneficência, revistas que não pedira, jornais que não assinara, cartas de amigos que jamais vira e de parentes que desconhecia. Um dia, trouxe-lhe o correio um pequeno volume que ela abriu sem ler e que folheou sem reparar. Eram versos; afeita a homenagens de autores pobres, julgou-se mais uma vez contemplada com essa cerimónia de vates que cantam para esmolar mais heroicamente. Quando, algum tempo depois, lhe chegou às mãos o papel de cobrança, sentiu-se vítima duma cilada; e teve razão. Não limara ela nas quinas do brasão os ímpetos que a faziam famosa entre a pequenada da sua infância, que a temia, a ela e à bilha de alumínio com que espantava a passarada dos silvados e distribuía toutiçadas nos inimigos quando, ao entardecer, corria a buscar o leite nas quintas. Procurou o livro, devolveu-o com um risco esborratado na embalagem, onde escreveu uma insolência, uma troça abespinhada: «Não pegou…» A resposta veio em carta. Ela sorriu, mordendo os lábios ao lê-la, muito desorientada com aquele espírito cruel, verrumador

Pag.Sibila_Final.indd 82 3/8/09 11:31:37 PM

e fino, as frases suspendidas em suavidades, calores, de mistura com uma ironia profunda e que, ferindo, acariciava. Respondeu, por sua vez, desculpando-se, negando a deselegância; e isto foi o início duma correspondência longa e cada vez mais ardente, cheia de cintilações de verve, risos abafados em melancolias vagas, coisas muito intelectuais, com citações de D'Annunzio e de Omar Khayyam. Aquilo eram doses de que ela depressa experimentou os efeitos. Tremia quando uma palavra transpirava uma ousadia de paixão; os olhos velavam-se-lhe, todo o dia para ela decorria num alheamento a si própria disfarçado. Tentava encarar aquilo como um passatempo que adquirira sem que o ritmo dos seus prazeres sofresse com isso. Mas, aos poucos, começou a achar apenas fastio nesses recreios, nas relações todas, a girar inquietamente duma janela a outra, olhando a noite densa, cheia duma atracção de solidão, enquanto, ao piano, a fidalga de Lago cantava *lieder* de Schubert, com a sua voz gargarejante e pontilhosa. Ela pouco sabia do estranho correspondente. Era jovem – supunha. Mas advertia nas suas cartas uma prudência sentimental e, ao mesmo tempo, um arrojo tranquilo em falar-lhe de amor, de que nenhum rapaz poderia ser autor. Por fim, a paixão dominou-a, deixou-se arrastar e entregou-se a ela, desvairada de curiosidade. Disse declaradamente que o queria e que o amava; confessou-se vencida, exausta de o visionar, de lhe extrair realidade, ansiosa de corporizar um fantasma que a cada instante simulava uma nova forma, uma feição nova e cujo mistério a atraía mais do que um deus cujos braços estivessem abertos para ela. Escrevera-lhe sempre com a mão esquerda, mas já se fatigava daquele disfarce. Queria apresentar-se-lhe, vencê-lo com os esplendores da sua fortuna, do seu encanto de mulher que se poupa para não envelhecer, no seu ambiente carregado de preciosidades um tanto bufas, em que se adivinhava mais a intenção de possuir o caro do que o belo, e denunciava mais o fausto do que o bom gosto. Pediu-lhe para a visitar, denunciando com uma certa petulância graciosa que o esperava e que sabia que ele

Pag.Sibila_Final.indd 83 3/8/09 11:31:37 PM

viria. Entretanto, naquele interior de comadres, de criados e amigos que se coligam para espreitar e comentar, estavam já como assentes aqueles amores. A condessa, ela própria, não evitava bosquejos da novidade, rejuvenescia naquela alegoria de esponsais, disposta a quebrar o voto de viuvez perpétua, e tomar outro senhor. Aquela intriga romanesca do correspondente embasbacava-a por completo, fazia-lhe conhecer umas virginais convicções, dessas em que as mulheres são pródigas mesmo quando muito consumiram, por retalhos, o coração. Preparou-se para receber o seu herói, adquiriu uma porção dessas vestes que, sem serem indiscretas, sugerem intimidade, e que se chamavam *tea-gowns*. Experimentou-as diante do seu espelho oval, que os gonzos de madeira faziam inclinar, e pôs nesse exame todo o terrível senso crítico duma mulher que ama. Achou-se cheia duma sedução quase cândida, com aquelas túnicas frouxas de *foulard* cor de malva, de baptista rósea, com efeitos de laçadas denunciando uma curva, e mangas suspendidas num folho de renda que se abria como um leque quando o braço se erguia. Uma profusão de estilos – grego, com a sobriedade estatuária, as pregas que tombam com uma majestade casual; século XVIII, com os seus frufrus de folhos, de *paniers*, de grinaldas de pastoras de comédia; Thermidor, os decotes à vítima, antiguidade recriada por David e feita musa de café-concerto, com *écharpes* que voam, com um roce de perfume, escarpins que deslizam como que em corridinhas logo estacadas, de *ballet* –, tudo isso ela acumulava e vestia, sacudia mimosamente, compunha sobre os sofás, com jeitos sonhadores, entrevendo triunfos de palco e sucessos de camarim.

Estavam as coisas neste ponto, quando chegou a resposta ao seu convite insofrido, às palavras em que ela pusera grande estudo de sinceridade. Era um cartão apenas, e dizia, simplesmente: «Não pegou.» Este foi o fim do romance. Quina tinha-o talvez profetizado quando, no palacete de Água-Levada, era ainda tudo galas e preparativos de recepção. Quando Abel se despediu, aludindo

Pag.Sibila_Final.indd 84 3/8/09 11:31:37 PM

à frechada que levava no coração, disse à condessa, que, muito negligente da sua presença, ensaiava laços nos cabelos, um molho de alfinetes apertado ao canto dos lábios que repuxava, de lado, para falar:

– Parece uma noiva. E ainda hoje minha irmã me disse que a condessa nunca mais se casaria!

– Ela disse? – estranhou Elisa Aida, empertigando-se na voltaireana, avançando o pezinho, à moda de La Tour, sob a roda do seu vestido de flanela lilás, apertado na cinta por cordões de seda negra.

Depois da catástrofe, daquela recusa ignominiosa ao seu amor, aos seus *bibelots* orientais que trouxera da viagem a Constantinopla, aos seus rendimentos em boa terra de lavradio, aos seus encantos de conserva, ela lembrara-se daquele vaticínio com uma espécie de fagueiro entusiamo – pois as mulheres que sofrem um desaire, uma afronta, aprestam-se a esquecê-los logo que os atribuam a agentes de agoiro, malefício ou predestinação. Quina tornou-se, então, dum grande interesse para ela, e mandou chamá-la. Quando Quina entrou na alcova-*boudoir*, tão cheia duma diversidade de móveis, de objectos descasados e inúteis, encontrou lá uma mulher esbelta, bonita, com esse langor que é já um declinar para a velhice, que deixou de ser uma pretensão de fragilidade, para ser já uma decrepitude. Ela estendeu-lhe a mão esquerda, sem largar da direita a pá de bronze com que remexia a braseira, ajeitando pináculos de cinza.

– Ora viva a sibila! – disse, com mais riso na voz do que nos lábios. E apontou-lhe uma cadeira com a pá, voltou a entreter-se a cavar crateras no carvão, fazendo levantar a cinza, que se lhe pegava nos cabelos e neles ficava como no contacto duma humidade, mais escura e fuliginosa. Os seus admiradores, os que lhe obstruíam o passo com os seus suspiros, naquele momento tê-la-iam desconhecido. Vestia uma *matinée* quase sórdida, de forma Império e cuja gola de valencianas acusava manchas de café e de gema de

Pag.Sibila_Final.indd 85 3/8/09 11:31:37 PM

ovo; e o seu rosto apresentava esse macilento da pele não lavada, amarrotada pela prostração e o sono. Dirigiu-se a Quina como se se tratasse duma velha amiga perante a qual as cerimónias nem se lembram e são supérfluas.

– É maluquice minha, mas eu queria que me dissesse uma coisa: se alguém a ofendesse muito, perdoava, retribuía ou esquecia?

– Perdoava a uma criança, retribuía a uma mulher; tratando-se de homem, esquecia.

– Ah! – Com um certo pasmo, a condessa fitou Quina. Começava a respeitá-la, antes mesmo de a ter entendido. – Acha, então…?!

Toda a manhã papaguearam as duas, muito íntimas num certo plano de confidências caseiras, mas sem chegarem jamais a confissões pessoais. No fundo, infinitas e imensuráveis questões de amor-próprio, de raça, de classe, e até a certeza de que eram ainda parentas chegadas, as mantinha numa espécie de alerta, qualquer coisa de hirto, fechado e sem compreensão, e que elas, de resto, não desejavam esclarecer. Os reposteiros cor de mostarda, debruados com pompons de peluche, abafavam o ar, fazendo a luz mais invernal e mais sucumbida; gatos de penugem grisalha, rasa sobre as orelhas, exemplares caros, cor de canela ou dum estranho azul-cinzento, dormiam sobre o estrado da braseira, recostando o espinhaço à cobertura de cobre recortada de arabescos; ou então pulavam, com os seus bruscos movimentos elásticos, as suas patas almofadadas de carne rósea caíam silenciosamente no tapete, caminhando com um ondular nervoso, como se uma carícia lhes perpassasse sob a pele. Havia um odor pestilento de bichos enclausurados. Tabuleiros e recipientes com tisanas, restos de doce, viam-se sobre tamboretes e contadores, cujas gavetas cheias de embutidos miudinhos, de nácar e de marfim, estavam semi-abertas, abarrotando de inutilidades, sinetes e lacres doirados, pilhas de cartões de tons pastel já com nódoas ruivas de velhice e onde se lia o nome da condessa, tendo por baixo a coroa de nove pontas, cor de escaravelho, impressa em relevo. Ela tratava Quina com

Pag.Sibila_Final.indd 86 3/8/09 11:31:37 PM

uma familiaridade depreciativa e que, no entanto, significava mais que todas as prestimosas mesuras dirigidas às mulheres da sua igualha. O que nela suspeitava talvez de poderes estranhos não lhe fazia admirar a criatura, mas apropriar-se dela como dum bem móvel, duma ave canora; havia de considerá-la propriedade da sua casa, ser magnificente, nobre, dedicada, sincera e cheia de fervor para com ela, mas tudo isso não contribuiria para que a considerasse jamais sua igual.

– Ah, Joaquina Augusta – disse ela, dando-se à canseira de se fingir pensativa –, haverá muita gente assim, pelo mundo? É que diz palavras de iluminada, como se só contasse um chiste.

– Doutra maneira, quem me ouvia?

– Talvez tenha razão. – E a condessa pôs-se a olhar a sua babucha turca, que era como um focinho de doninha assomando sob a fímbria do vestido enodoado. – É tão nova! Como parece nova ainda! Não é a juventude de feições, o rosto que não murchou ou a cor que não ficou desbotada. É outra coisa. Um reflexo de vitalidade que não parece bem resultado somente duma bela forma física. Talvez seja até doente. E está perto dos cinquenta…

– Não, nada que se pareça – acudiu Quina, exultante e também azeda. – Minha irmã Estina, que é mais velha, podia lembrar-se da senhora, porque andaram na mesma mestra; mas eu só ouvi falar na condessa Monteros quando casou, e vi de longe a sua carruagem, uma vez ou outra, quando, no tempo das sachas, eu ia parar a casa de minha madrinha Balbina. Eu era muito pequena ainda, quando comecei a ir por lá.

– E eu, no fim de contas, tinha doze anos quando casei.

– Catorze. Doze anos tinha a minha prima do Souto quando lhe nasceram dum ventre dois rapazes.

A condessa fez um trejeito duro, logo desvanecido, de autoridade. Depois riu-se. Ela não sabia já qual a sua própria idade; voluntariamente fora perdendo a memória dela, e acontecia-lhe gozar uma espécie de tranquilidade momentânea, o retardar duma lei

Pag.Sibila_Final.indd 87 3/8/09 11:31:37 PM

amarga, tendo a impressão algo desesperada de que retinha em si o tempo e que o iludia. Todos os anos festejava o seu aniversário com um festim no enorme salão do rés-do-chão, e onde fazia acender quatrocentas velas perfumadas de âmbar. «Parabéns, parabéns», dizia o de Lago, fitando-a com uma audácia fria, que o hábito ia fazendo desleixada e parecer, em vez de cínica, fraterna. Mas Elisa sabia que ele a felicitava só pela sua túnica de tule com franjas de oiro e sob a qual ela parecia ligada como uma bela múmia em faixas de gaze e de cetim.

No entanto, não houvera no tom de Quina qualquer premeditação ou desrespeito. Haveria? Talvez que a harmonia entre ambas ficasse ligeiramente estremecida. E seria sempre assim; haveria sempre entre elas uma prevenção, uma tensa observação, um fino entender de cogitações apenas claras, de parte a parte. Entendiam-se bem, sem mutuamente se estimarem; partilhavam segredos, detestando-se, como se eles tivessem sido arrancados por violência ou por traição. Contudo, seriam capazes da mais inteira admiração uma pela outra, experimentando até uma coragem quase insolente, uma afeição viva e resgatadora, que estavam muito próximas do ódio.

– Aprecio-a muitíssimo – disse a condessa. Era a despedida. Com a ponta dos dedos arredava a orla da cortina, para vigiar a chegada dos de Lago, que viriam para almoçar. – Muitíssimo – repetiu. – Com um arrepio e sentimento compassivo para consigo mesma, Elisa Aida começou a deslaçar os nós da sua suja bata, mesmo antes de tocar no minúsculo *gong* as duas pancadas que chamavam a criada de quarto. Ardia um grande fogo no fogão, sobre cuja pedra se enfileiravam as porcelanas de Copenhague ridicularizadas pela fidalga de Lago, bem como a velha bacia com chanfradura, para a barba, que o conde tinha sempre utilizado porque – dizia – era louça do «Rato» e tinha *patine*. O cheiro de animais enjaulados era mais nauseabundo, mais acre.

– Até amanhã, Joaquina Augusta. – E a condessa acenou, foi-se pelo quarto fora, arrastando a bata amarfanhada, calçada apenas

Pag.Sibila_Final.indd 88 3/8/09 11:31:37 PM

com as meias que se lhe enrugavam nos artelhos. Quina ainda esperou à porta uma última saudação, uma palavra ainda. Mas ela já não se apercebia da sua presença.

Ainda nessa manhã, foi ver Estina. A filha, única que lhe restava, pois dois rapazes tinham, já moços quase, desastrosamente morrido, sofria de alucinações. Fugia para vaguear pelos campos, incapaz de regressar se a não reconduzissem, e provocava a cada passo receios mortais. Quina foi encontrá-la sentada num toro derrubado de eucalipto, observando as formigas que seguiam pelo muro, em procissão.

– Sua bênção – pediu ela. E ficou esperando a resposta de Quina, com um ar de preocupação extrema, como se temesse não ir ouvir a réplica que já a sua mente tinha adoptado como justa. Era uma rapariga alta, de malares acentuados e sorriso ambíguo, sereno, quase irónico.

– Ela não anda boa – explicava Estina, com uma entoação vaga de fatalismo, de passividade. Continuava ela a mesma mulher bela, austera, fria, tendo adquirido com a idade uma majestade um tanto filosófica, um laconismo mais acentuado que fazia suspeitar reacções tardas, quando era apenas uma sábia economia de energias. Tinha quase brancos os cabelos, fazia-se corpulenta e, dum modo geral, envelhecia; mas sem parecer sucumbida ou denunciar fadiga, pois ninguém como ela era capaz de aparar o infortúnio sem ferir-se com ele. Inácio Lucas torturara-a sempre, tentara aniquilá-la, sem, no fundo, o desejar; e a fama das suas sevícias, da sua crueldade mórbida, de carrasco, correra a freguesia inteira, onde era conceituado como um espécime diabólico. As suas crises de cólera eram como vendavais que tudo destroem, que tudo desbaratam à sua frente, e acometiam-no sem motivos claros, como se o despertar dum duende malvado, dentro de si, lhe soprasse todo aquele infernal apelo de catástrofe. Quando os filhos nasciam, usava trancar as portas de casa, isolando a mulher de toda a assistência e todo o auxílio, deixando que ela se desembaraçasse

Pag.Sibila_Final.indd 89 3/8/09 11:31:37 PM

sozinha do seu penoso transe. Só depois de ouvir chorar a criança, entrava no quarto; e Estina voltava o rosto para não ver aquela figura demoníaca que a contemplava com modo de reproche, mantendo-se à sua cabeceira, cravando nela os olhos desesperados e sarcásticos. Um ataque apenas perceptível deixara-lhe um tanto sem acção todo o lado direito. Como ele parecia uma vítima que atira ao seu algoz um último olhar combativo, antes de se extinguir! E quanta amargura recôndita nos seus olhos hostis! Estina nunca quisera deixá-lo nem abandonar o lar, fugindo à intolerável maldade de Inácio que, ela sabia, não tinha verdadeiramente objectivo, mas era uma pressão fatal da sua natureza. Ela não se afectava com o sofrimento senão na medida em que ele tinha actualidade. Como a dor física, todas as outras ela esquecia depressa e, mesmo ao vivê-las, fazia-o já com antecipado desprendimento. Contudo, o seu coração era generoso e grande; só que, talhado para a vida, toda a violência dela, todas as suas ciladas ao que é indefeso e fraco, esse coração possuía um revestimento de pessimismo que o fazia quase invulnerável. Ela era uma réplica, mais estóica ainda e indiferente dessa própria qualidade, do que fora sua mãe Maria. E ainda noutra coisa elas eram semelhantes – no pudor da sua intimidade sentimental. Era como Quina, a quem nunca ninguém ouvira um soluço, uma queixa diante de estranhos, um desses desabafos em que se faz a crítica da família e que são tanto mais expansivos e espirituosos quanto sabemos que estamos a cometer uma traição. Estina, mesmo com o marido, mantinha essa distância, essa negativa de comparticipação em problemas que só o ramo directo de Francisco Teixeira poderia escutar e resolver. Qualquer prima afastada tinha mais direitos nesses conciliábulos em que se decalca a virtude ou o erro, se deprecia ou se louva, se acolhe ou se repudia um membro do clã, do que esses homens ou mulheres que, saídos doutras casas, doutros núcleos, apenas eram contribuintes duma dinastia, sem lhe participar das prerrogativas.

Pag.Sibila_Final.indd 90 3/8/09 11:31:37 PM

Os dois filhos varões de Estina morreram mercê da brutalidade do pai, um porque o escadeirara num acesso de furor, provocando-lhe lesões fatais, outro porque o intimara a levantar-se, mal curado duma gripe, e a criança sucumbira com uma pneumonia. Estina disse a sua mãe que, alanceada de revolta, lhe pedira para abandonar Inácio:

– Não deixo a minha casa. Isso não faço nunca.

– Olha pela tua vida, mulher. Tens uma menina para criar, e como podes ter segurança ali?

– Em toda a parte é igual. A gente tem que se defender sempre, e em toda a parte corre perigo – ripostou Estina. – Se os meus filhos morrem, sou eu quem sofre. Mas eu, se fujo, desonro a família.

– Ó mulher, mulher! – gemeu Maria, assoando-se ruidosamente no seu lenço de barra preta. Mas, como entrasse Adão, o visitante habitual e conselheiro de Quina, compuseram-se, falaram das colheitas, do mercado, de preços, gados, sementeiras. Cofiando os longos bigodes orientais, ele deu os sentimentos a Estina pela morte do último filho, rapazinho azougado e tão belo que sempre era rogado para figurar como anjo nas procissões. Ela carregava-o de oiro, vestia-lhe saias de bicos com grande ruge-ruge de bordados assomando sob a túnica de flanela branca, que roçava as botas amarelas, de botões.

– Foi um roubo – disse Adão –, foi um roubo…

Ela desviou bruscamente o olhar, esteve muito tempo a contemplar o tenebroso boqueirão da prégua, no cimo da qual se via a capota de zinco da chaminé. «Dantes – pensou ela – eu dizia que, mesmo sem me mexer do borralho, podia olhar para cima e ver as estrelas no céu; mas eram só as fonas do lume, que caíam, feitas em cinza, em cima de mim.» Com o atiçador, fez desprender uma cascata de fagulhas, que voaram, sinuosas, iluminando de rubro a parede negra.

Pag.Sibila_Final.indd 91 3/8/09 11:31:37 PM

Pag.Sibila_Final.indd 92 3/8/09 11:31:37 PM

VIII

Com quarenta anos, Quina obteve uma corte de pretendentes que em moça nunca conseguira. Realizara-se, enobrecendo-se, mercê do espírito, que atingira a maturidade. Estava muito grisalha, porque, na família, as cãs tinham de temporão o que as rugas teriam de serôdio; mas isso não a fazia velha, apenas respeitável. Ela adorava os respeitos, mais do que os amores. Sempre assim fora, e, mesmo agora que alguns partidos consideráveis mandavam espiar-lhe as disposições a respeito de consórcio, ela sentia mais prazer pelas honras feitas ao seu nome de proprietária, do que pela galanteria dedicada à mulher. Não tencionava casar-se. Porém, não o declarava abertamente, nem se negava a receber certas cortesias, certas atenções insinuantes que ela saboreava com uma gratidão um tanto pungente, saudosa, porque em breve não as encontraria mais no seu caminho. Narcisa Soqueira, a velha e andrajosa amiga com olhos escarlates de coelho albino, não desistira ainda de a casar com seu filho Augusto, cada vez mais pingão, mais asqueroso e mais solto de língua. Bronco até ao anedótico, parecia inventar as próprias ocorrências, com o fito de fazer rir todo o povo, que o achava parecido com o pai, um lapuz que, engajado para as trincheiras da Patuleia, desertara muito assarapantado com o encravar da escopeta, e viera pedir auxílio, aos baldões por arribadas e barrocas, ao compadre Francisco Teixeira.

– Então que é lá isso? Vossemecê encravou a arma, não tem que ver…

Pag.Sibila_Final.indd 93 3/8/09 11:31:37 PM

Desatochou-lhe o arcabuz carregado até à boca, mirou o outro, com olhos em que se dissimulava a risada.

– Como foi que vossemecê arranjou?

– Lá carregar carregava eu; mas disparar é que eu não fazia…

Francisco Teixeira ria-se, contando o lance, até que as lágrimas o cegavam, visionando aquele combatente acocorado e tremendo, muito pressuroso em atulhar a boca do arcabuz, e suando agonias, quedo, à voz de fogo.

Era o digno herdeiro desse exemplar castiço que Narcisa Soqueira ambicionava casar com Quina. Em vão lhe enumerava todas as suas rendas muito à vista, em campos que confinavam com a quinta da Vessada e tinham sido sempre a grande cobiça dos ascendentes de Francisco Teixeira, e, agora, dos seus continuadores. Mas Quina não pagaria por tal preço a unificação das terras; a sebe de murta que dividia as duas eiras continuava lá, e, por cima dela, continuavam a trocar saudações, em boa vizinhança, os representantes das duas famílias.

– Olhe, Quininha, então quando se resolve a pôr essa coisa da *gia* dentro de casa? – perguntava Augusto, numa bela manhã em que, o cabaz do milho enfiado no braço, chamava com brados roufenhos e estrídulos o galináceo disperso. A sua cabeçorra redonda erguia-se como a dum títere por detrás da sebe, e Quina, maneirinha e jovial, parou para o cumprimentar. Ele quisera referir-se à energia eléctrica que uma ou outra vila próspera das redondezas se propunha inaugurar. Usava, na linguagem, as deturpações mais inesperadas, entremeada com uma sujidade de termos em que nem sequer suspeitava proibição. Olhava Quina, com os seus olhos vagos e pasmados, e que denunciavam a eterna perplexidade do seu entendimento.

– Biras, biras, birinhas… – clamava ele. Dos campos fundos, vinham em desfilada os frangos pedreses, rasando o solo com as asas abertas, pulando as fragas costeiras, seguidos avidamente pelas galinhas chocas, que faziam rodeio antes de avançar, ensinando o

Pag.Sibila_Final.indd 94 3/8/09 11:31:37 PM

caminho aos seus pintos. – Biras, birinhas… – Respondia-lhe a gozosa pipilada, e ele ria um bocado, palrando aos bichos, distribuindo rações, fazendo equidade entre eles. Era um criador famoso e a quem os bácoros resultavam sempre espécimes sem competição e que era preciso banhar pelas sestas de Agosto, para não sufocarem de calor, arrasados já de banhas, enormes, com um bamboleio trôpego ao andar.

– Fui há tempos ao Folgozinho, a casa dos seus primos, e só lhe digo que têm lá uma *bruta!* – E, pachorrento, dava esclarecimentos, descrevia a gruta subterrânea com as suas estalactites fingidas e bancos de cimento imitando troncos. Com esse horror do labrego pelas despesas, ele maldizia aqueles luxos, os canteiros onde a grama era aparada à tesoira, essa maldita energia eléctrica cujos focos pálidos iluminavam, desde o patamar, todo o terreiro. Ele tinha dinheiro entre as tábuas do forro e dentro de colchões, mandara uma vez levantar o soalho para recolher uma moeda de pataco que rolara por um buraco ratado. Odiava o progresso, como fonte de gastos sem compensação irrefutável; mas roía-o também a prosperidade dos outros, revelada nessa adopção de comodidades, coisas novas. Quina tranquilizou-o.

– Já agora, comigo isto não muda – disse-lhe. E, por sua vez, contou a história dum fidalgo que, já velho, se negara a permitir outra iluminação na sua casa que não fosse o gasómetro e a candeia, que se apagam por si sós, enquanto a luz eléctrica era, dizia, como fogo infernal, que pode arder eternamente. Só a preocupação de desandar o comutador lhe parecia insuportável.

– Razão tinha ele – aplaudia Augusto, num êxtase de risada meio boba, meio arguta. – E olhe que até há quem faça versos a essas coisas…

Quina sabia. Um sobrinho segundo do seu velho amigo Adão compusera alguns versos ao progresso, que tinham saído impressos no *Avante*, jornalzinho com repiques reaccionários e cujas notícias de óbitos e casamentos eram flagrantes do mais puro humor,

Pag.Sibila_Final.indd 95 3/8/09 11:31:37 PM

à Swift, de que é capaz, sem o saber, o povo português. O rapaz ia longe, dizia-se. E foi. Num seminário de beneditinos que frequentara, achavam que o facto de ele ser produto dum lar onde os pais, desavindos, se tinham separado, depois de muito esmocados a tamanco de parte a parte, era impedimento à sua ordenação. Impontaram-no com isto; o moço acabou por emigrar, e, como resultou trêfego para o comércio, arribou depressa, mandava à mãe encomendas de açúcar por atacado, aproveitando os conterrâneos de torna-viagem. Dizia-se que ele possuía uma ilha no Brasil, e o povo, com tal, imaginava umbrosas paragens com papagaios verdes pendurados nos ramos e coqueiros deixando cair os seus frutos no regaço dos negros, que abanavam as árvores para assim os recolher. Dizia-se também que ele pagava a passagem de toda a gente que servisse de intermediário para o transporte de preciosidades, objectos antigos sobre os quais a alfândega, doutro modo, lançaria impostos fabulosos. Os homens morriam de privações, uma vez desembarcados, pois caíam no abandono, ou ficavam perpetuamente pagando a comida com os serviços prestados na cadeia de bazares criados pelo terrível emigrante, que assim os escravizava. Adão contava apenas o aspecto triunfal daquela carreira, e dizia que o sobrinho se parecia consigo. «Raça de judeus que têm um toco de rabo no fundo das costas», dizia o povo, com benzedelas e exclamações de «sume-te inimigo». Tal era a reputação de Adão e de toda a sua gente.

Em 1913, Adriana surgiu bruscamente na casa de Folgozinho, e lá assentou arraiais, incomodando muito Quina com pedidos de aprestos domésticos, criação e vinho, chamando-a insistentemente para junto de si. Um escândalo do marido, que a enganava muito e viajava com outra mulher de boa gente a quem prometera casamento, fizera-a buscar refúgio na velha mansão de província onde o pai morrera e onde todos os lugares tinham um bafo de infância, uma lembrança deixada por cada uma das quatro raparigas que ali tinham brincado e agasalhado os seus desejos, as

Pag.Sibila_Final.indd 96 3/8/09 11:31:37 PM

suas impaciências, as suas promissões. «Criei-me para isto; para vir olhar para estes espelhos manchados, e chorar, porque vejo neles a morte de tanta coisa que eu julgava que duraria sempre» – dizia, cheia duma banalidade espiritual, muito tocada de emoção viva, fulgurante, o que lhe permitia certa originalidade. Era ainda uma mulher linda, com os cabelos alaranjados da mãe e um perfil inocente e grave. Amava o marido, e, para tentar retê-lo – o que só explorando-lhe a vaidade era possível –, fazia-se notar pelo seu esplendor de apresentação, as túnicas de renda, o azul Nattier dos seus cinturões adornados com uma rosa cor de lavanda; aquele ondear de *écharpes*, a arte da majestade, a ninfa aliada à mundana, estudava-os ela com uma aplicação pungente e submissa. Mas, fatigada daquela constante escravidão de personalidade, farta de simular frivolidade, um riso mais sonoro, uma cor mais brilhante, retirou-se, não sem verter algumas lágrimas sobre a vencida que era também uma liberta.

– É uma fatalidade que pesa sobre nós, as mulheres. Não sabemos viver sós, enquanto que o homem procura o isolamento, mesmo quando se dirige para a multidão – disse ela. Há raros momentos de clarividência, mesmo nas criaturas mais triviais, e é sempre o sofrimento que os provoca. Quina acrescentou um dos seus aforismos, que sublinhou com uma ironia, pois aquela mulher, vestindo, da casa Drecoll, um trajo de cetim marinho e *ratine* branca que lhe dava o ar duma preceptora elegante, parecia-lhe uma princesa que brinca a ser desgraçada, que se diverte a fazer experiências amargas, para quebrar a monotonia.

– Ninguém é feliz! – murmurou, sentenciosamente, achando assim que se desobrigava do seu papel de consoladora. Adriana, sentada numa das poltronas forradas de seda listrada de verde, sorriu intempestivamente.

No ano seguinte, rebentando a guerra, ela correu para junto do marido. Mais tarde, o filho mais velho partiu para o *front*, e aquela angústia reconciliou-os por completo. Escreveu muito depois

Pag.Sibila_Final.indd 97 3/8/09 11:31:37 PM

a Quina: «Como as suas palavras foram oportunas, prima! Ninguém é feliz! Isto ajuda-nos a esquecer muitas ofensas e a entregar a alma menos aos rancores que ao perdão.» Quina soletrou trabalhosamente a carta, e riu-se. «É uma menina – disse –, é ainda a mesma menina…»

A casa da Vessada prosperava sempre. João, cuja sarapantona mulher desdenhava muito dos seus bens e o espicaçava no sentido de irem habitar na cidade, acabou por abdicar da sua parte de herança por uma quantia em dinheiro que jubilosamente lhe foi entregue por Quina. Ela pedira um empréstimo que lhe permitisse aquela transacção, e esperava desforrar-se com uma venda de madeira e poucos anos de colheita. Adão louvou-a muito por aquele discreto manejo que a fazia senhora de metade do património; e, no íntimo, perguntou a si próprio se não teria agido asnamente ao escolher como melhor partido uma mulher chocha de sentido, ainda que rica, e que, de resto, enchera a casa de filhos inaptos, de feitio estacado, mandrião. Fizera alguns padres, mas eles, muito afeitos a aletrias, a tijolos quentes na cama, não arredavam de junto das saias da mãe, que julgava ter a própria corte celestial de portas a dentro.

– São uns tudescos – resingava Adão. E isso queria apenas dizer que eles eram aluados e sem grande préstimo. Não é qualquer filólogo que se atreve nos labirintos das origens fogosas do linguajar do povo.

Era, no fim de contas, Quina que subia, que se emancipava, que, segundo o dizer respeitoso dos do lugar, «fazia casa». Nas rendas dos irmãos, ela subtraía habilmente a comissão devida às suas responsabilidades e fadigas na administração delas. Apenas Inácio Lucas a perturbava às vezes com o seu frenesi em esclarecer contas, em tentar um granjeio directo da parte que pertencia a Estina. Mas cansava-se depressa dessa meticulosa fiscalização que parecia interessar-lhe só na medida em que julgava importunar Quina. Quanto a Abel, esse não pensava em exigir a sua quota.

Pag.Sibila_Final.indd 98 3/8/09 11:31:37 PM

Tinha-se feito rico, e, mesmo quando informou a família do seu próximo casamento com uma rapariga de origem castelhana, não mostrou interesse em esclarecer as fracções que sua irmã aproveitava com grande zelo e minúcia. Só quando, mais tarde, ela comprou uma pequena granja e começou a divulgar-se a sua fama de ricaça, Abel se inquietou, roído pelo verme do despeito. Enquanto ele movia grandes somas, punha na sua actuação um espírito de jogo de azar, e chamava bom negócio ao facto de perder menos do que seria possível acontecer, Quina conseguia, no ritmo mesquinho dos seus interesses, desafogar-se em receitas e adquirir novos bens. São os espíritos superficiais que mais crêem nos êxitos retumbantes, nas fórmulas fáceis para vencer, pois isso lhes lisonjeia a incapacidade e a fraqueza de vontade. Os lances engenhosos, em que se torce a moral para obter um mais rápido efeito, conseguem grande público. Mas a vida, cujas leis são infinitamente mais sóbrias, mais puras que as dos homens, não os aceita. Quina, que nada mais fez durante a vida que juntar migalhas, foi alcunhada de desonesta quando, depois de muitos anos, se apresentou abastada, sem contudo deixar de ser tão parca quanto era antes. O equilíbrio era quase, naquelas mulheres, uma forma de génio; e o que as fez sempre tão originais, pois o equilíbrio de nervos e de razão é tudo quanto há de menos vulgar nas criaturas humanas.

A prosperidade trazia-lhe também espinhos – os inimigos, aqueles que nascidos na mesma condição, não sofreram ver-se ultrapassados, ou os que, tendo visto aluir-se-lhes os degraus sob os pés, lançavam a poeira daquelas belas ruínas aos olhos dos que conquistavam direitos. Essa poeira deslumbrava Quina, perturbava-a a ponto de a inferiorizar, de a transformar nalguma coisa miserável e ingenuamente timorata. Não lhe bastava, para se corrigir, a frieza espiritual de sua mãe e de Estina, que, em ser solitárias, em obedecer a si próprias, em recusar influências, encontravam a paz. Elas não precisavam do mundo, e viviam com uma plenitude inigualável. Mas Quina amava o mundo, as suas manifestações de

Pag.Sibila_Final.indd 99 3/8/09 11:31:37 PM

poder, de grandeza e superficiais ouropéis; amava, se não a multidão, os que venciam, o espalhafato e a exterioridade. Admirava todas as coisas bafejadas pelo êxito; invejava tudo quanto lhe parecia culminância de situação, de felicidade – moda, classe, saber. Isto condenou-a. Esse apego apaixonado ao momentâneo manteve-a sempre ao nível do efémero. Criou asas, sem jamais poder voar. Havia nela uma admirável capacidade de entusiasmo que podia arrastá-la ao sobre-humano. Mas o instinto prático pesava-lhe como chumbo no coração, e ela subordinava aos interesses a chama que Prometeu furtou e cujo valor ela nunca compreendeu. Todos os seus passos acabavam por deixar um rasto de auto-suficiência tão inocente quanto grotesca, e todas as suas acções traziam consigo um selo de vaidade e ânsia de louvor que as tornavam desde logo inúteis, ridículas e falsas. Como veículo do sobrenatural, ela achava-se mais venerável do que as forças de que se propunha ser intermediária; e, quando se sentava à cabeceira dum moribundo, dizendo-lhe «durma, descanse, que eu estou aqui», procurava-lhe no olhar velado o sereno êxtase que a sua presença lhe provocava, e lágrimas de alegria caíam-lhe pelas faces. Aconteceu assim, quando o homem da velha Lisa morreu.

Era um desses tipos de camponeses a quem a idade dá um espiritualismo puríssimo de ascetas fatigados de cultivar o seu horto e de orar. Vivia no lugar, numa casa de pedra solta, composta duma única dependência térrea cujo tecto de palha o fumo tinha enegrecido. Havia algum tempo que estava só, pois a companheira, uma mulherzinha mirrada e delicada a quem aquela comparticipação de vida de tantos anos identificara fraternalmente com ele, morrera docemente, quando estava sentada na beira do caminho, ocupada ainda no seu ofício de fiadeira. O velho desenraizou-se com aquela falta, sem aparentemente parecer alterado ou parecer ter sofrido. De facto, não sofrera. O sofrimento está sempre aliado a uma emoção violenta – uma surpresa, o destruir dum hábito que nos prometia estabilidade. De resto, a morte dum velho não

Pag.Sibila_Final.indd 100 3/8/09 11:31:37 PM

inspira dor a outro velho – inspira pânico. A cerimónia do funeral foi a única coisa que tocou o homem e o fez olhar com espanto a morta. Se ele continuasse a vê-la, petrificada no seu banquinho junto do lar, isso bastaria para que sentisse o seu conchego e se tranquilizasse. O mundo, resumira-o àquela criaturinha cuja mente gasta guardava toda a história de ambos; quando Lisa desapareceu, ele esgotou também o sentido da vida, e começou a agonizar. Quina foi vê-lo, uma noite, porque o velho morria e a chamara. Ela era sua senhoria, apenas honorária agora, porque aquela longevidade ultrapassara já o âmbito das leis, e, em tempos, ele fora muito dedicado a Francisco Teixeira.

O homem arfava levemente, quando ela se aproximou do leito, o mesmo leito de bancos das suas núpcias e ao qual, durante setenta anos, fora substituindo as tábuas de pinho.

– Então, *se* Zé? – disse Quina. Mas ele já não a ouvia. Tinha o olhar fixo e baço, balbuciava coisas indistintas em que se percebiam, às vezes, trechos das conversas que tinha aplicado nos seus serões de ganhão – um nome dum filho ou dum amigo, uma pergunta que dirigia a alguém e cuja resposta parecia entender e dar-lhe alívio. Bruscamente, apavorou-se, quis erguer-se na cama, todo trémulo, com um grande suor correndo-lhe pela cara, como chuva que se derramasse. Uma angústia senil era toda a sua expressão, e ele debatia-se fracamente, com um ralo de choro. Havia alguns vizinhos em volta, e uma mulher, amortalhadeira de profissão, veio desde a lareira, com a colher de lata negra com que estivera a revolver um cozimento suspensa na mão. Todos olhavam, demasiado fascinados pelo mistério da morte, para sentirem piedade e até terror. O velho estendeu o braço adiante de si, tacteando e pedindo auxílio com o olhar vidrado e profundamente cravado de pasmo e de medo quase vil. Todos estavam imóveis à sua volta, e apenas o fogacho do lar crepitava suavemente, iluminando de cores de laranja os caibros onde estava apoiado o telhado de palha. Alguém suspirou contidamente, como se soluçasse. Quina inclinou-se so-

Pag.Sibila_Final.indd 101 3/8/09 11:31:37 PM

bre o leito, rodeou os ombros do velho com o braço, movida por um ímpeto apaixonado que lhe inspirava as palavras e que a fazia unicamente uma alma que se entrega na partilha do mesmo humano transe.

– Deite-se para baixo, *se* Zé – murmurou ela. – Adormeça. Esta é a sua casa, e aqui estão amigos seus. Durma. Está muito frio, durma. Amanhã pode levantar-se, e sentar-se ali no lar, com a sua Lisa… Ela está aqui, a sua Lisa. Olhe-a… está a acabar de fiar uma estriga, olhe-a…

Ficava a descoberto o plano da lareira, algumas pedras quebradas onde o fogo ardia, estrebuchando, extinguindo-se e voltando a estralejar em volta dum graveto mais seco. O velho deixou-se recostar, ficou quieto, olhando à sua frente. Não parou de mover os lábios, e, quando Quina tentava afastar-se, ele agitava-se, gemendo. Porém, não a tinha ouvido.

– Durma – disse ela. – Descanse, que eu estou aqui…

Fitava aquele rosto cheio duma beleza cândida, de velho, e que a falta dos malares fazia encovado, até lhe dar um carácter de miséria pueril, docemente triste. Invadia-a uma exultação. «Ele precisa de mim – pensava –, ele está calmo, e não sabe que vai morrer, só porque eu quis assim…» No seu coração, isto tinha a ressonância dum sacrílego triunfo, enchia-a duma alegria estuante e cruel. O moribundo, arfando e murmurando incessantemente na sua enxerga, suportando aquela luta fatal com a dolorida queixa duma criança, recuava agora da consciência de Quina, onde se interpunha a sua vaidade monstruosa e implacável.

Assim esteve a noite toda junto do velho, chegando-lhe as roupas para os ombros, olhando-o. Alguns vizinhos tinham saído, e só restava a amortalhadeira, mulher encurvada que parecia ter entroixado as costas com uma almofada e que se entretinha fazendo chá e café em cafeteiras denegridas de barro, e tomando-os alternadamente, com vagidos de comoção e consolo. Era tecedeira, e chamava-se Domingas; viúva, celebrara havia pouco o segundo

Pag.Sibila_Final.indd 102 3/8/09 11:31:37 PM

casamento, com um tamanqueiro remediado de bens que a embeiçara desastradamente. Ela era, de resto, atreita a amores, e todos os homens lhe pareciam bem.

– Santinho! – gemia, olhando o moribundo. – O meu falecido acabou assim. Só que vomitava o fígado, um fígado desfeito, cor de vassoura de piaçaba… Ai!

Limpava uma lágrima desgarrada, com a manga, esquivando muito a mão, enfarruscada pelos tições. Quina não lhe respondia. Detestava-a. Achava-a duma hipocrisia farfalhuda, que, de resto, muita vez lhe aceitara como a sinceridade mais tersa; mas evitava-a, pois a sabia enredadeira e mentirosa. Sobretudo, aquela pecha amoruda, os casamentos, os homens que ela louvava com suspiros de delíquio e de compreensão, faziam-lhe raiva. De todas as mulheres experientes da freguesia, de todas as casadas, as iludidas, as repudiadas, as esquecidas, as que apenas tinham gerado filhos sem amor, as que tinham conhecido homem para lhe receberem os desprezos, ou as que, com um sentido vivíssimo de independência, de orgulho, tinham recusado as propostas de amor e se mantiveram virgens e menos optimistas do que quaisquer outras – de toda essa horda de mulheres, batidas, exploradas, angustiadas de penas e que aceitavam a filosofia da desgraça com poucas lágrimas e muitas blasfémias, só aquela Domingas bendizia os homens e se requebrava em lisonjas, falando deles.

– Feliz como eu sempre fui com o meu falecido! E deste também nada tenho que dizer, não! – exclamava, remoendo jaculatórias pela paz eterna do defunto. A sua voz tinha uma insinuação íntima, sôfrega, muito inconveniente naquele meio de aldeões em que a ternura é um privilégio do leito, apenas, e onde em público os amantes se injuriam e se espancam por bem-querer.

De madrugada, o velho morreu. Sem se mover e sem mostrar mais ânsia, ficou-se. Quina aproximou-lhe a candeia do rosto, e viu, sob as suas pálpebras imóveis, duas lágrimas que escorriam como gotas de glicerina, vagarosas e desfeitas, no encalhe das rugas.

Pag.Sibila_Final.indd 103 3/8/09 11:31:38 PM

Quando se chegaram para o amortalhar, Quina rezava diligentemente uma melopeia improvisada e penetrada duma piedade um tanto fútil. Não a interromperam, e ela, pressentindo atrás de si o pequeno magote de vizinhos, chefiados por Domingas, elevou a voz, que se tornou surda e pesada, com uma retumbância trágica e cheia de calor. «Aceita-o nos teus braços, ó meu Senhor, e que ele encontre tudo o que procurou aqui e não pôde achar; todo o tempo que já tinha vivido, com todas as coisas boas que ele, para tua glória, contém; todas as coisas que por teu amor nascem e por teu amor morrem; tudo que por tua inspiração desejamos, e não tivemos forças para conseguir. Agora, ele está pobre e nu diante dos teus olhos divinos. Recebe-o. Esclarece-o agora, para que ele te diga por que pecou, e possa ser perdoado. Porque nós não sabemos porque erramos, só tu o sabes, Senhor, e é por isso que tu perdoas. Nós não compreendemos essa piedade, nós não compreendemos nada de nós, nem temos voz para explicar, nem olhos para ver no escuro, nem ouvidos para ouvir quando tudo parece calado. Mas tu estás do outro lado da noite. Agora, este que foi homem sabe porque veio de ti e voltou para ti, e já não nos pertence. Ajuda-o, porque agora deves guardá-lo – ele não está mais à nossa guarda. Na morte não há irmãos, ele já não é mais nosso…»

Assim rezava Quina. E, no seu coração, havia uma espécie de jubilosa agonia, sentindo que atrás de si a pequena chusma de criaturas estremecia com a vibração das suas palavras. Ouvia-se chorar, depois de pequenos gritos entrecortados; as mulheres, ajoelhando no chão de terra batida, lançavam os aventais pelo rosto, e choravam, comunicadas de extasiada angústia e como que desvanecidas pela veemência das próprias lágrimas e das próprias preces. A consciência desta efusão piedosa fez com que a voz de Quina amortecesse, ganhando um tom mais reservado, postiço. Ela compreendeu que não podia continuar sem denunciar essa quebra de zelo, de fervor, essa traição à confiança deles e à fé que a sua mística exaltação lhes comunicava. Calou-se, antes que eles próprios

Pag.Sibila_Final.indd 104 3/8/09 11:31:38 PM

se calassem e a renegassem, assim. E saiu. De joelhos, as mulheres arrastaram-se na terra negra e batida, para ela passar, e Quina esgueirou-se, cabisbaixa, rápida, procurando não olhar ninguém, penetrada de exultante felicidade, mas inquieta, sempre inquieta de si mesma.

– Morreu já? – perguntou-lhe a mãe, que a esperava, atiçando as brasas sob o púcaro do chá.

– Quê? – fez ela, pois ia esvaída, entranhando em si a sua própria experiência e mal se lembrando do velho. Precisou de alguns momentos para se recompor; notou então que estava enregelada e que as suas mãos, o seu nariz, pareciam inertes de frio. Sentou-se à lareira, e, enquanto mexia na tigela o chá preto em que migava sopas de trigo, entabulou com Maria uma conversa trivial sobre o morto, os seus parentes e as escassas alfaias que herdavam eles.

– Perdoei-lhe a renda durante muito ano. Eu podia apropriar-me dos trastes, e não era mais que justiça.

– Parecia mal – disse Maria, morta de sono, debruçada sobre a cinza e suspirando grandes bocejos.

– Nem eu penso nisso… Eu, eu?

As palavras da mãe, que não tinham chegado a ser uma advertência, assopraram-lhe o orgulho, e ela afogueou-se, como se tivesse de facto exibido uma fraqueza ou uma deformidade. Nada a espevitava tanto e a fazia encabritar-se, como a suspeita de outrem acerca das suas perfeições. Assim, ela própria zelou pelo funeral do velho, cuidou dos gastos de cera e de missas que mandou rezar com uma liberalidade que pareceu ao abade de bom presságio para as suas rendas. Farto estava ele de a saber rica, mas igualmente lhe interessava como piedosa. Na casa da Vessada, sempre fora recebido com uma afabilidade levemente esquiva, que ele, fino e afeito à simulação subtil do povo, bem entendia. Aquelas mulheres, ortodoxas apenas na medida em que a fé não interferia com os interesses, vexavam-no um tanto. Mas gostava delas, um pouco porque lhe não negavam a jantarada opípara de arroz de

Pag.Sibila_Final.indd 105 3/8/09 11:31:38 PM

hortos e talhadas de carne fumada, e também porque, junto delas, deixava que se deslocasse a mascarilha da conveniência, e era apenas um homem que pede receitas de purgas ou esmiúça um escândalo que lhe convém compreender por dentro. Muito lhes devia, pois, nos seus primeiros tempos de pastoreio, fora na opinião delas que encontrara um escudo, uma sugestão e um aviso para uso nas suas práticas aos fiéis. Por elas sabia quando a ronha atingia um do rebanho, ou quando o lobo rondava, e os porquês de todas as intrigas e todas as razões que grassavam na freguesia. Muito aprendeu ouvindo-as, e não raro, do púlpito ou do altar, eram as palavras delas que alvejavam a multidão, claras, sucintas e até brutais, e que cimentavam o elo mais seguro entre ele e o povo, melhor do que o teria feito o latim e as parábolas esotéricas ou as profecias misteriosas. Uma grande amizade os uniu com o tempo, sem que elas, mulheres, deixassem jamais de o considerar com aquela reserva um tanto desdenhosa que, no fundo de si mesmas, experimentavam para com todos os homens. Também jamais o trataram sem que o seu tom fosse de grande cortesia e uma benevolente submissão. A sua disciplina moral levava-as a aceitar com grande espírito de filosofia a ordem estabelecida pelo homem, depois dos esquemáticos preceitos impostos pela vida. O padre era-lhes venerável, ainda que a criatura humana fosse para elas cheia de misérias. Admitiam-lhe os direitos, ainda que lhe negassem a confiança – eis tudo.

Pag.Sibila_Final.indd 106 3/8/09 11:31:38 PM

IX

Acabara Quina de banhar os pés num alguidar de barro e pousara-os sobre a toalha enquanto desdobrava as meias que devia calçar; as portas da cozinha estavam fechadas, o dia era morto, cheio de pausa, de grasnidos de patos no terreiro. Chovia muito, e a bátega caía no patamar, com um sonoro ruído de estalo, escorrendo em enxurrada pelos degraus. Sob as medas, abrigavam-se os pintos, muito eriçados, o pescoço torcido, como quem escuta e pasma. O carteiro bateu, anunciando-se de fora, com um tom urgente e vivo; Quina foi abrir, não sem antes ter desviado o alguidar, ocultado as meias, calçado as chinelas de cabedal castanho com debruns mais claros e diminutas como as duma criança. Eram o seu orgulho físico a cinta estreita e o pé pequeno.

– Recolha-se – disse, deparando com o homenzinho muito encharcado, debaixo do velho guarda-chuva que ele apoiava na cabeça, para escolher na saca a correspondência.

– Ora os meus parabéns! – Ele foi entrando pela cozinha, brandindo gentilmente o bilhete-postal, antes de o entregar. – Temos então uma sobrinha nova, uma menina…

– É uma riqueza – disse Quina. Aquilo era todo um fino tratado de reprovação, com tudo o que a reprovação pode ter de irónico, ferino, despeitado e, apesar disso, não de todo sério ou combativo. Ela aborrecia que lhe escrevessem em postais, fosse até a mais banal das recomendações. Achava horrivelmente indelicado aquilo, e era, sob esse aspecto, mais susceptível que uma inglesa com os seus *shockings*. A comunicação sujeita à apreciação e à curiosidade ocio-

Pag.Sibila_Final.indd 107 3/8/09 11:31:38 PM

sa do intermediário parecia-lhe tão detestável como se esses pequenos segredos familiares que estão apenas numa ternura, numa palavra de gíria íntima que ninguém mais entende, fossem interceptados por um estranho. Pegou no postal, e guardou-o na algibeira, sem o olhar.

– Beba um copo e enxugue-se ao lume, ande lá.

Escanceou o vinho, que, dormente na caneca, mal espumejou a sua baba ciclame; ofereceu pão, levantando a tampa do comprido banco, que era interiormente dividido em compartimentos destinados ao feijão de gasto diário, às estrigas já fiadas e que, húmidas de saliva e de cor pardacenta, se mantinham com a forma do fuso, mas ventrudas como pequenas bilhas de terracota. Quina movia-se lestamente, procurando, por pudor, ocultar sob a cauda da saia os calcanhares nus, como impróprio da sua condição de lavradeira abastada, para quem andar descalça foi uma garotice de rapariga, que a idade madura já não consente sem desprimor.

– Então pra que viva! – disse o carteiro. E bebeu. Das suas roupas molhadas desprendia-se o vapor, com um cheiro de suor e de trapos usados que ganharam já a característica emanação da epiderme. Falaram um bocado ambos, muito emparelhados, pois Quina era, por vício, palradora, verbosa e tão incapaz de perder uma oportunidade de conversa, que Estina, nos seus momentos mais intratáveis, a chamava uma «trefe-trefe», isto é, uma linguaruda.

– Beba outro copo, ande lá…

– Ná, que ainda tenho alguns barrancos para descer – caçoava o homem, tentado. Bebia. E ela não parava de falar, contava, com muito pormenor mas omitindo certos nomes e certo sentido, um caso do dia, franqueando ali um aspecto, rodeando uma certeza acolá, ondeando dúvidas e dando ao assunto mais cru e trivial um ambiente profético e reticente. A chuvarada ia espaçando, e uma soalheira de Outono veio dourar as medas, onde a água escorria como sobre uma superfície oleosa. Escarlate do calor do fogo

Pag.Sibila_Final.indd 108 3/8/09 11:31:38 PM

e do vinho, o carteiro não tinha jeitos de partir. Maria, que viera de dentro, da sesta dos dias santos – ela dizia que o fim da sua vida se assemelhava a um permanente feriado –, e tendo ainda impressas no lado esquerdo do rosto as bainhas do travesseiro, saudou-o daquele velho degrauzinho que era uma espécie de caixote solto no soalho, e ali fora posto para as crianças poderem subir melhor para o corredor.

– Então tem outra netinha! Graças a Deus! – disse o homem, bajulador e expansivo.

– Pelos modos, graças… – E ela olhou pela janela de grades abauladas, para o terreiro agora claro, onde os parrecos se bamboleavam em fila indiana, grasnando. – Vá-se embora, que isto aqui não é estalagem de muda.

Com a velhice, o seu génio de franqueza quase agressiva perdera até o sentido das conveniências; e era necessária a presença da filha para desculpar com um redobrar de simpatia as lacónicas sentenças dela, tão indiferentes como se já as pronunciasse para além da morte, e ela não sentisse essa obrigação de mentira para com os semelhantes, de cuja sociedade, enfim, estava isenta.

– Cá vou… – E o homem riu-se, correspondendo ao sorriso amigável e um tanto pressuroso de Quina. – E muitos parabéns. Ai, é essa novidade que nos faz velhos, a nós.

Puxou o guarda-chuva de debaixo do preguiceiro, enxotando um pequeno rafeiro com ele, pegou na sacola e foi-se embora. Decerto ia cego com aquela obscuridade da cozinha, porque se ouviu o baque da sua cabeça num dos pilares da saída, e ele foi pelo caminho fora, a praguejar, escarrando, e tacteando o solo com a ponteira do guarda-chuva.

– Tu embebedaste o homem, ó Quina! – advertiu Maria. – Aposto que ele vai por aí a contar todas as esquinas com a testa, o pobre.

– Acho que não terá tempo, agora, para ler mais nenhum postal. Ou se afoga nalguma presa, ou cai de cangalhas nesses regos de água, e chega a casa feito um entrudo.

Pag.Sibila_Final.indd 109 3/8/09 11:31:38 PM

– O pobre! – lamentou, com uma reprovação ainda, Maria. Mas a filha já tinha mudado de conversa.

O nascimento de Germa não lhes causava entusiasmo de maior, pois ela seria uma pequena fidalga educada e crescida em ambiente diverso, e sem muitas probabilidades de que a identificassem com o próprio sangue. «Os filhos de minhas filhas, meus netos são; os filhos dos meus filhos, serão ou não» – dizia, asperamente, Maria. Não havia nisto intenção insultuosa, ou, se a houvesse, seria somente por influência e controle de Quina, que, com o tempo, tomara sobre a mãe um intenso domínio. E um dos aspectos mais característicos de Quina era desprezar por princípio todas as mulheres. Não que pessoalmente as odiasse, mas, na generalidade, atribuía-lhes uma categoria deprimente, e, como elemento social, não as considerava. A verdade era que, toda a vida, ela lutara por superar a sua própria condição, e, conseguindo-o, chegando a ser apontada como cabeça de família, conhecida na feira e no tribunal, procurada por negociantes, consultada por velhos lavradores que a tratavam com a mesma seca objectividade usada entre eles, mantinha em relação às outras mulheres uma atitude não desprovida de originalidade. Amadas, servindo os seus senhores, cheias dum mimo doméstico e inconsequente, tornadas abjectas à custa de lhes ser negada a responsabilidade, usando o amor com instinto de ganância, parasitas do homem e não companheiras, Quina sentia por elas um desdém um tanto despeitado e mesmo tímido, pois havia nessa condição de escravas regaladas alguma coisa que a fazia sentir-se frustrada como mulher. Na generalidade, amava o homem como chefe de tribo e pelo secular prestígio dos seus direitos. Mas ria-se de todos eles, um por um, pois lhes encontrava inferioridades que ela, pobre fêmeazinha sem mais obrigações do que as de chorar, parir e amar abstractamente a vida, pudera vencer, não tanto por desejo de despique como por impulso de carácter, e utilizando para isso, sabiamente, tanto as suas fraquezas como os seus dons.

Pag.Sibila_Final.indd 110 3/8/09 11:31:38 PM

Só viram Germa passados dois anos. Apesar de estarem dispostas a considerá-la como uma visita à qual se deve menos afecto do que cortesia, acharam que se parecia muito às mulheres da casa da Vessada, simplesmente porque era bonita. Mediram-na na velha porta da cozinha, já crivada de entalhaduras que marcavam a estatura de muitas outras crianças que ali tinham encostado a pequena cabeça que não experimentara ainda a tesoura.

– Há-de crescer o dobro desta altura – diziam. E lá ficava na porta a linha que profetizava o tamanho de cada uma dessas crianças, que, vinte anos depois, iriam apoiar a cabeça naquela porta toda lanhada pelo tempo, e rir, com jubiloso pasmo, da precisão do cálculo antecipado. Germa olhou com uma certa dúvida maravilhada a mão que gravava a canivete a data daquela sua prova. Havia uma infinidade de coisas extraordinárias que ela não achava possíveis de serem realizadas, mesmo pelos adultos. Esse mundo misterioso e deslumbrante da gente grande, era já motivo único da sua observação. Não vivia nesse estado de aceitação total em que se verifica que as borboletas voam, não porque tenham asas, mas porque, simplesmente, são borboletas; e não era uma menina atraente, pois lhe faltava essa calorosa expressão da meninice – a confiança. Aprendera depressa que a obediência era a sua melhor defesa contra a esmagadora autoridade, força e categoria dos maiores; a sua suavidade era angelical, a ponto de a classificarem como insignificante. Mas, um dia em que a mãe a esbofeteara apenas por uma necessidade de violência, desafogando uma arrelia doméstica, a criança refugiou-se num recanto do jardim, sob as palmeiras onde os cachos agridoces, de tâmaras, se inclinavam para o chão, como arracimados de guizos amarelos.

– Que um raio venha do céu para a ferir, porque ela pecou contra mim! – disse, alto e fervorosamente, Germa, apelando para a justiça bíblica. Bateu com os pequenos punhos na parede, e chorou, porque se sentia injuriada no mais íntimo da sua alma, onde,

Pag.Sibila_Final.indd 111 3/8/09 11:31:38 PM

com um pudor estranho, guardava a sua grande sede de compreensão e de paz.

Era esta a pequena Germa que as duas mulheres da casa da Vessada receberam com hostilidade afável, contemplando, cheias de céptica ironia, os seus sapatinhos de verniz e as polainas de lã branca que se prendiam com elásticos sobre os joelhos. Quina disse:

– Que grande mulher! Já sabes varrer e fazer o caldo?

Germa encarou-a com aquele seu ar que tanto podia ser desdenhoso como obtuso. Gostava de bonecas – era tudo quanto sabia. Mas, naquela casa, jamais qualquer criança possuíra uma boneca, e eram os irmãos mais novos que as substituíam quando os embalavam nos braços e esmurravam em tombos pelos degraus. Posto isso, Quina riu-se com uma ponta de azedume, pois ela fora desse número de cachopas que têm por único brinquedo o enxotar a criação do cebolo, ou ver nascer um vitelo, ou mesmo batucar ligeiramente nos ovos onde se escuta o pio dos pintainhos, para ver mais depressa surgir os bichos cujos rudimentos de asas se agitam tremulamente, enquanto a penugem vai secando, fazendo-se novelo. Contudo, em segredo, não fosse a mãe ver nessa atitude de pieguice, Quina fabricou para a pequena Germa uma extensa série de monas de trapo, cujos olhos eram extraídos dos vidrilhos negros das suas sacas de veludo e cujos braços em forma de crucifixo ficavam abertos em estática cordialidade. Germa, de resto, achava-as excelentes, porque, para ela, as bonecas não valiam como significado de beleza, mas antes como forma humana capaz de lhe ser incutida uma alma. Gostava de possuir legiões dessas figurinhas, quer recortadas em papel, quer moldadas em farrapo, e a sua diversidade encantava-a, pois eram a turba que movimentava em enredos que ela criava, antes de saber que tinham de facto realidade. Era uma criança paciente, pouco meiga e que gostava de brincar sozinha. Os seus primeiros contactos com o ambiente campestre agradaram-lhe friamente, apenas aceitou essa casa onde as candeias à noite desenhavam sombras e onde a higiene era tida

Pag.Sibila_Final.indd 112 3/8/09 11:31:38 PM

quase como um luxo secundário, onde não havia esses pormenores de feminilidade ociosa – uma flor, um pano de renda –, e onde tudo parecia simultaneamente velho, apto e desarrumado. Mas, aos sete anos, Quina era já tão popular no seu coração como a própria casa da Vessada, com a sua lareira onde as achas crepitavam sob os potes e a trempe de ferro, com a provisão de carolos de milho e de caruma sob os bancos, e o cesto de pão na comprida mesa de cozinha onde arranchavam os criados, migando boroa no caldo e comendo, naquela atitude típica de quem se debruça num peitoril. Suspeitava ela o feitio traiçoeiro de Quina, a sua diplomacia admirável e um tanto pegajosa, o jeito de troçar ferozmente e de culpar em abstracto toda a gente, ainda que uma espécie de moleza de carácter a fizesse tão fraterna e abnegada diante duma miséria ou duma pena, que a sentença dos seus juízes teria de ficar sempre suspensa. Ela não gostava de Germa, por ser mulher e porque, mesmo criança, era às vezes intratável e, por vício, amante de contradizer; mas quão tolerante e delicada era com ela, como apreciava fazer-se querida, mais do que amar! Não suportaria que Germa ou alguém no mundo dissesse: «Ela incita ao aborrecimento e à aversão.» Jamais. Talvez houvesse nela uma ternura irreprimível perante a proximidade humana que lhe proporcionava aquele dom, maravilhoso, puro, nada constrangido, da simpatia. Talvez que, na distância, ela se vingasse desse impulso de comunicabilidade, com uma certa vileza exigida pela vivacidade do espírito, que era como um látego, quando o coração era como um bálsamo. Essa mesma dualidade estranha se acentuava em Germa duma forma mais funda e varando como que um abismo entre duas margens da sua alma.

Enfim, Germa e Quina compreendiam-se bem demais, cada uma delas via na outra a sua própria personalidade, como num espelho que não tem os jogos de luz da benevolência para lhe adoçar os ângulos e esbater as deformidades. Cada uma via na outra os próprios defeitos e virtudes, e, uns porque não gostavam de os

Pag.Sibila_Final.indd 113 3/8/09 11:31:38 PM

contemplar em outrem a nu, outras porque antes quisessem tê-las como originais, isso fazia com que mutuamente se detestassem, pois nós sempre tomamos como um vexame a cópia do nosso eu. Uma vez em que Germa exaltava os valores dos seus encantos com uma descuidada e infantil egolatria, Quina disse, desviando o olhar, pois apoderava-se dela uma espécie de cobardia quando tinha de castigar ou repreender alguém:

– Sim, tu és diferente dos outros. Até o teu suor cheira a rosca…

Durante dois dias, sentiram-se inimigas. E, contudo, que fora a vida de Quina senão um constante combate com a obscuridade, que fizera ela senão aspirar a ser «diferente dos outros» e cumprindo, para isso, a mais árdua e humana das batalhas?

A verdade é que a educação de Germa recebeu um tributo incalculável naquele convívio com os costumes do campo e da sua gente, especialmente com as mulheres da casa da Vessada. Todo o postiço que a sociedade lhe incutia, o supérfluo de que a cultura lhe rodeava o espírito, sofriam ali um contraste que lhe proporcionava um equilíbrio de valores. Vinda dum lar imponderável, de burguesia um tanto desenraizada e onde o dinheiro possuía todo esse prestígio obcecante, abjecto, mas positivo, que lhe emprestam os que apenas dividem a vida em miséria e fartura, e tudo mais acham romance, e habituada, por isso mesmo, a impor uma contradição de consciência, a preferir as coisas pobres e sem frenesi de avaliação, encontrava na casa da Vessada um ambiente um tanto árido de encantos, mas que lhe parecia digno de ser respirado. Passado algum tempo, aborrecia-se da vida remansosa, em que todos os dias tinham o mesmo ritmo, sem um inesperado, uma notícia, que viessem provocar uma emoção nova e alvoroçar a imaginação. Mas que admirável lastro, tão humano e tão vivo, restava no fundo da sua alma, mesmo quando ela esquecia, quando tudo ficava calcado sob uma camada de acontecimentos mais vibrantes, e sepultado, adormecido, nos recantos mais pro-

Pag.Sibila_Final.indd 114 3/8/09 11:31:38 PM

fundos da sua memória! E que mestras tão sábias aquelas duas mulheres, como os seus ditos saíam com um perfume de epigrama grego, desses decerto que os poetas vagabundos e os filósofos errantes comunicavam à beira do caminho, enquanto sacudiam a areia das suas sandálias, ou riscavam no pó, com a ponta do cajado, um verso cuja força imortal entregavam ao vento! Nada mais grato a Germa do que ouvi-las, apanhá-las sentadas, entregues a um afazer doméstico mais repousado, e sempre dispostas ao comentário gracioso, a história sem rebuços, a crítica humorística e cheia de fel, o facto que se transmite dum antepassado, e aquele intrincado joguetear com famílias, destinos, gerações que se entrecruzam, se perdem e ressurgem como essas raízes subterrâneas que parecem esgotar-se e morrer, para, mais além, despontarem e prosseguirem em enflorações de vida. Toda a freguesia, com suas casas, seus campos e suas gentes, e as origens deles, e também todos os seus pensamentos e movimentos todos, passavam naquela lareira onde os gatos se chamuscavam no fogo, e a pequena Germa, como outrora Estina, fazia círculos esbraseados no ar, girando o atiçador. A avó, já velhíssima então, proporcionava-lhe um assombro inquieto, pois, perdendo o equilíbrio das suas faculdades, parecia que se desumanizava. Falava muito, sempre coisas da sua juventude, e não compreendia que o marido tivesse morrido. «Quando o teu pai vier…» – dizia a Quina. Ou: «Prepara-lhe aí um bocado de vinho quente, para que o tome quando chegar.» E Quina respondia, invariavelmente e com modo cheio de doçura: «Sim, minha mãe. Já vou, senhora…» Nestes momentos, Germa cravava nas duas os olhos atemorizados e duvidosos; era como se o espaço extensíssimo duma época que não vivera se lhe colocasse diante, sem que ela deixasse de sentir-se expulsa, mais do que distante, desse tempo morto, porém inesgotável. Nas ceias de Natal, quando todos ficavam reunidos na lareira, bebendo café e tagarelando, enquanto o largo toro que se estendia até ao sobrado ia sendo consumido e puxado aos poucos sobre o trasfogueiro,

Pag.Sibila_Final.indd 115 3/8/09 11:31:38 PM

Germa ia-se deitar no quarto, onde Maria dormia já. Aquele sono agitado, que era como uma vivência entrecortada do passado, em que a avó se debatia, se erguia e pronunciava frases que eram o eco doutras frases que já tinham tido oportunidade, tinham sido lúcidas e tinham recebido o calor duma réplica, fazia-lhe medo. Mas levantava-se, ia postar-se junto da cama dela, tentava perceber, com uma nervosa atenção, uma palavra, um sentido, pois aqueles lábios murchos, aquele cérebro cansado, tinham para si o sortilégio dos velhos móveis, nos quais se auscultam segredos, e se rondam, e se contemplam, como na obcecação dum mistério que resta insolúvel e acaso se pode encontrar. Apavorava-se junto daquele ente encarquilhado e já tão débil que, a cada gemido da sua sonolência, parecia render a alma, expirar a cada suspiro solto do mirrado peito, que as cobertas não chegavam já para aquecer. Contudo, havia cinco anos apenas, ela era ainda ágil e reconhecia todas as pessoas; conversava, com a sua fluência austera e cheia de nobreza, parecendo somente mais indiscreta e desrespeitosa com hierarquias e condições sociais. Sua velha amiga Narcisa Soqueira tinha morrido havia muito, caída nessa espécie de amuo com a vida, que é o indício de esgotamento entre os aldeões. Deixara simplesmente de sair de casa, de cozer o pão e de ir, todas as manhãs, enxotar os cevados para o quinteiro, para vê-los trotar pesadamente, os olhitos brutais ocultos sob as orelhas elefantinas, e fossando no tojo que se lhes enredava no arganel das ventas. Ela dizia: «Meu ruço, meu ruço…», com inflexões untuosas, evitando vergastá-los com o ramo de giesta, pois a pele rosa e doirada acusava logo vergões sangrentos. Os bichos avançavam quase de rojo, buscando comida, devorando tudo quanto o instinto lhes indicasse como comestível, fossem detritos, ou mesmo os pintos novos escorraçados da mãe. E Narcisa Soqueira revia-se, mirando-os, tão nédios, tão esbagachados de banhas, construídos, fêvera por fêvera, pelas suas mãos experientes e bem fadadas para o mester. Chegava a privar-se de pão, para que a farinha engrossasse a lavagem, e o

Pag.Sibila_Final.indd 116 3/8/09 11:31:38 PM

milho estreme desse os últimos retoques na nutrição. Invariavelmente antes do Natal, o abade passava no largo, onde a enorme figueira desenhava em volta uma rede de sombras, e dizia, se via Narcisa no portal:

– Posso ver o seu gado? Já está aberta a exposição?

– Quer não, que eles, este ano, coitadinhos, não comeram o que queriam… – respondia ela, sempre no mesmo tom modesto, esquivo, e sempre usando as mesmas palavras de lamúria. – Com sua licença, os porcos precisam de sustento muito certo. – E, escaveirada, com ar mendigo, o avental muito remendado sobre o ventre, chamava para dentro: «Ó Gusto, Gusto, mostra, com licença, os porcos, aqui ao senhor abade…»

Saíam os exemplares a terreiro, entre eles Augusto, pesabundo, com o mesmo olhito gris e bestial que fixava vagamente todas as coisas, sem parecer compreendê-las ou distingui-las entre si. Estava cada vez mais inumano, ele. Quando Germa o avistava do outro lado da sebe, puxava pela saia de Quina, para que ela parasse e entabulasse conversa, pois a menina sempre se enchia duma perplexidade maravilhada ouvindo aquela voz roufenha, porém estrídula, que pronunciava enormidades como se elas lhe fossem espremidas do cérebro por métodos cruentos e abomináveis. Ele berrava, falando. As frases saíam-lhe aos puxões, com entoações desiguais e sem expressão alguma, excepto a dum permanente e desconfiado escândalo.

– Ó Quininha, ouvi dizer que tinha posto a correr uns *diabetes* nos jornais! – gritava, referindo-se aos éditos publicados pelo tribunal da comarca, a propósito da questão de águas mais recente.

– Não, não é verdade – disse Quina. – Quem lhe disse isso?

– Foi o povo! – bradava ele, incerto.

Ela tinha um gesto de mão, breve e revoluteado, muito seu, e que queria significar tímido desdém, bem-humorada e amigável troça. Germa escondia-se atrás do seu ombro, para rir, sufocando as gargalhadas, evitando olhar o mostrengo que, do outro lado da sebe, as encarava placidamente, sem pestanejar.

Pag.Sibila_Final.indd 117 3/8/09 11:31:38 PM

– Biras, birinhas! – rugia bruscamente, convocando a criação, que desarvorava pela quinta acima e que vinha empoleirar-se-lhe nos braços, enquanto ele ria, baboso, exultante, distribuindo punhados de milho, com obscenas efusões de linguagem.

– É, no fim de contas, um bom homem! – concluía Germa, que via naquilo uma versão do campo para uso nas escolas, e lhe acrescentava uma filosofia naturalista mais ou menos elementar. Quina, com o seu prazer quase sádico pelo rebater da opinião alheia, contava-lhe então as misérias íntimas do vizinho, a sua sordidez incalculável, as suas sodomias várias e os filhos da juventude que ele negava, para não lhes permitir candidatarem-se à herança; aproveitava-se ainda da velha amante, fazendo rir todo o povoado com os seus amores e o costume de a fazer sair de madrugada pela janela, suspensa dos lençóis, para não acordar os criados que dormiam no quarto seguinte, que ela, doutro modo, teria de atravessar. Era imundo com a sua afeição por animais, a sua brutidade velhaca, testemunha falsa contra a casa da Vessada, numa pendência grave, doutros tempos. Uma vez, o chão da cloaca abatera, ele caíra e levantara-se da fossa, e fora-se deitar calmamente, sem sequer descalçar as peúgas ou com o olfato perturbado pelo desastre. Era o bobo do lugar, com a sua bestial maneira de viver, os seus vícios, que nele ganhavam um carácter mais grotesco do que condenável, tanto ele parecia uma sórdida imitação de homem, que irracionalmente pratica tudo quanto com a incoerência humana se compreende e não se justifica com a coerência dum ser primitivo.

– Mas isso é horrível! – exclamava Germa, com um arrepio de repulsa, ela, educada por freiras e aprendendo, a respeito da moral, a ser limitada, por prudência mais do que por virtude. – Um homem desses devia ser renegado por toda a gente!

– Isso não se diz, menina – advertia, muito calma, Quina. – É um vizinho, conhecemo-lo desde pequeno, desde quando passava à nossa porta, levando o gado a beber. E já então falava muito mal, e dizia aos bois: «Hás-de beber tanta água até urinar branco.» E nós

Pag.Sibila_Final.indd 118 3/8/09 11:31:38 PM

bem sabíamos que ele procurava passar calado quando nos via, porque nos respeitava. De resto, ele não punha malícia naquele palavreado, era só um bruto – e quem lhe podia deitar a culpa disso? O pai dele foi muito amigo do nosso pai, e, quando a casa esteve falida e desgraçada, nunca nos pediu o dinheiro que devíamos; fugia de nós para não lembrarmos a dívida, só com a presença dele. Nunca se pode tratar mal os filhos dos nossos amigos, porque isso é como esbofetear os mortos. As coisas feias são tão próprias do mundo como as bonitas. Tu és muito nova, menina, e, no colégio, não fazem outra coisa que tapar-te os olhos – o que é um engano, menina. Conhecer o mal é já uma defesa. Onde não há inocência, pode haver pecado; mas onde não há sabedoria, há sempre desgraça.

Germa ficava-se muda, cismando na complexidade daquela mulher, que acusava e defendia com o mesmo denodo de consciência. «Não é sem razão que os advogados a consideram», pensava. E sentia uma irritação retrincada contra ela, porque era tão crua, tão liberta de ilusões e disposta sempre a combater as utopias, sem porém aplaudir o pessimismo, unilateralmente, pois ninguém como ela própria para ceder a um auxílio, acreditar numa mentira romanesca, ou sentir fielmente uma fantasia. «Como é esquisita!» – pensava Germa. «Está sempre do outro lado do muro, fazendo saltos à vara por cima dele, por necessidade de desafio, e gritando – Não me hão-de apanhar! – Um dia, vou obrigá-la a escrever e assinar uma das suas leis, e apresentar-lha depois, quando a contradisser com toda a pompa que costuma usar para isso.»

Mas era Germa, de facto, muito nova, e não sabia que o que havia em Quina de contradição, incoerência, era o seu profundo conteúdo humano.

Pag.Sibila_Final.indd 119 3/8/09 11:31:38 PM

Pag.Sibila_Final.indd 120 3/8/09 11:31:38 PM

X

Maria morreu. Foi numa Primavera, e ela tinha passado a estação anterior fiando inalteravelmente à lareira, com uma gravidade doce e automática. Da mulher bela que ela tinha sido, nada restava já; mas a velhice trouxera-lhe uma *patine* característica e não menos encantadora, com os seus bandós amarelados, como que manchados pelo fumo, e as rugas, cuja disposição no rosto e nas mãos lhe criava uma harmonia nova e comovente. Todo o seu porte mantinha a dignidade de quem nunca curvou a fronte senão para ocultar uma lágrima, ou dissimular um julgamento mais precipitado. Um pouco antes de morrer, o abade visitou-a para a confessar, como fazia todas as semanas, pois não queria ele que a morte lhe apanhasse desprevenida aquela alma retida apenas por um elo muito débil. Oh, que espectáculo seria a confidência daquela decrepitude, na qual se buscam ainda sedimentos terrenos que perseguir e que penitenciar! Não expiara já as suas revoltas, as impaciências duma vida inteira, pois que as esquecera? Que haveria agora naquele coração que um hausto mais forte poderia suspender, que expurgar, que velar com tão responsáveis zelos? A carne extinguira-se nela, o espírito vacilava, como que regressando ao nascimento. O abade inclinava-se sobre aquele rosto doce, hermético e cheio duma indecisão infantil, e dizia: «Quais são os seus pecados?» Ele próprio os ia enumerando, adivinhando, auxiliando, a murmurar uma lenta ladainha que preenchesse o vácuo daquele inquérito. E, nessa ocasião em que, pela última vez, a vira com vida, recomendara-lhe:

Pag.Sibila_Final.indd 121 3/8/09 11:31:38 PM

– Reze três Ave-Marias como penitência.

– Reze-as o senhor abade, que tem mais vagar do que eu – respondeu Maria. Era, aos noventa e quatro anos, um lucilar ainda do seu humor impávido e irreverente.

Agora estava morta. Ela, que tanto desprezava as lágrimas e as atitudes veementes, tinha agora como homenagem, à sua volta, essa mesma contenção de sentimentos que toda a vida praticara como singular prova de altivez. Não se ouviam prantos, não havia rostos desfeitos pela dor, nem alardes de desespero. A casa estava repleta de vizinhos e de parentes que era preciso cortejar, indagar dos seus filhos, das suas alianças, dos seus negócios, infortúnios e venturas. No lar, ferviam constantemente as cafeteiras, onde se lançavam brasas para que a borra assentasse depressa e a bebida escorresse límpida; o pão de trigo, a aguardente, a jeropiga, eram francos para toda a gente, e os homens, encostados aos umbrais, cortavam com os canivetes pequenas talhadas de rosca, que mastigavam lentamente enquanto falavam, com essa concisão de movimentos que têm os camponeses a quem a terra não pede argumentos, nem o tempo lhes contesta o pensamento. Quina girava constantemente, e a voz velada que usava, os seus monossílabos precipitados, como no desejo de acabar de falar com maior urgência, pareciam fazê-la, para Germa, uma desconhecida.

– Anda comigo, menina – disse ela, pegando-lhe na mão. E conduziu-a à câmara-ardente onde Maria jazia na sua rica urna envernizada, com um véu de tule negro lançado sobre o rosto. Ela própria, Quina lhe lavara a face e as mãos, a vestira com a roupa de merino com debruns de seda, e lhe cruzara as mãos, pousando nelas um beijo, cheia dum terrível pudor de, mesmo naquela eterna despedida, se revelar fraca pelo afecto. Havia no ar um odor estranho, não de cera ou ambiente fechado, mas outra coisa mais imponderável e que, mesmo inexplicável, infundia horror. Um cheiro de formigueiro – pensou Germa. Não repugnante ou mesmo destrinçável pelos sentidos, mas penetrando o ambiente,

Pag.Sibila_Final.indd 122 3/8/09 11:31:38 PM

entrando nas narinas e dando a impressão de que os cabelos o respiravam e se embebiam dele. No chão estendia-se uma colcha de peluche escarlate, com franjas frisadas, e que tinha a contextura dum tapete; e havia poucas flores – apenas obscuridade, silêncio e aquele cheiro varando a frialdade da sala, apossando-se da materialidade característica das coisas, tornando-as intocáveis e indesejáveis. Fora, o ar era quente, doce, com o perfume das maçãs que se empilhavam na jardineira. E aquela familiaridade de sons, aquela quentura efusiva que emana da gente viva, dos corpos que se tocam, dos objectos que se usam, da própria sujidade, de tudo quanto compõe o âmbito da vida!

Germa viu Estina que, muito alagada no seu fato de luto, estava colocada ao pé duma velha tia da casa do Freixo, a única que restava do antigo alfobre de belas raparigas, e que agora era uma criatura hidrópica e cujas palavras magoadas tinham ainda um quê de galhofeiro e de superficial entendimento com a vida. Estina sorria, uma vez ou outra, ao ouvi-la. E Germa contemplava aquele rosto em que a beleza subsistia ainda, com essa terrível dignidade que têm, na sua tragédia, as belezas que se vão apagando como se o tempo lhes passasse uma esponja, em vez de as abater com um camartelo. Não gostava de Estina, do seu carácter inteiriço que lhe proporcionava essa impassibilidade orgulhosa, tanto na dor como no prazer. Ela impunha-lhe um respeito quase revoltado; achava-a desumana no seu estoicismo, sem aquele calor compreensivo que era o maior atractivo de Quina, sem a sua simulação, a piedade súbita, os rancores fervorosos e passageiros que a faziam tão comunicativa, às vezes tão desprezível, mas tão humana sempre. Estina tolhia-a com uma palavra sua, um olhar dos seus; era inflexível até à crueldade, duma secura confrangedora mesmo quando amava. Inácio Lucas dizia: «Ela é uma luz feita de gelo – ilumina sem aquecer.» E era verdade. Talvez que, para a loucura de verdugo desse homem infeliz, contribuísse muito a companhia dessa criatura tão querida, cujo sono ele velava às vezes com ímpetos de

Pag.Sibila_Final.indd 123 3/8/09 11:31:38 PM

a estrangular, e que a sua violência, a sua paixão, a sua desgraça, não comoviam jamais. Estavam velhos ambos, e ela tratava-o como a uma sombra que se habituasse a ver reflectida a certas horas do dia numa parede da casa ou nas lajes da eira. A filha, doida e ultimamente mais alucinada, era como um animal, gemendo terrores, vigiada para não disparar em corridas embrenhando-se nas matas, onde ficava oculta até que, em batidas, a descobrissem e a forçassem a regressar. Só a presença de Quina a sossegava mais, pois ela empregava um tom infantil para lhe falar e escutava atentamente a descrição das suas visões.

– Foi um arejo que passou por ela, ao toque das trindades, quando era menina – dizia, condoída.

Germa protestava com aquilo, mas, notava, era ela a mais ridícula, tentando fazer a troca daquelas crenças que partiam do âmago do espiritual, pelas suas convicções modeladas apenas por diferentes princípios. A prima infundia-lhe, de resto, repulsa, se bem que a achasse duma beleza estranha, com o seu rosto mongólico, o olhar cruel e cheio de terror. «Para que serve? Porque não morre?» – pensava. Mas o olhar de Estina era uma explicação que a estarrecia. Ela sentava-se na soleira, punha-se a catar a cabeça grisalha e sempre desmelenada da louca, com uma minúcia paciente. Eram estes todos os seus afagos. Mas punha naquilo uma ternura tão imensa, tão eloquente, tão viva, que Germa se voltava para não a ver, pois lhe parecia uma profanação observar a cena e, fatalmente, extrair dela pensamentos de compreensão, de amargura, de piedade, porém indignos sempre.

Ficou na sua memória, como alguma coisa de dantesco, porém sem esse estertorar espasmódico das cenas infernais, mas antes extraordinariamente discreto, reservado, abafado como um atroador clamor que choca com uma superfície intransponível e ali se prende e ameaça e ruge, mais terrível do que se explodisse na ampliação dos ares, o dia em que a louca desapareceu e não pôde ser encontrada.

Pag.Sibila_Final.indd 124 3/8/09 11:31:38 PM

Era no fim do Verão, e Germa recebera carta de sua mãe dizendo-lhe que voltasse. Estava no quarto, o mesmo que a avó Maria partilhara com Quina e era, como os outros, disposto na correnteza da varanda, ornado apenas com alguns cabides pintados de azul. Uma estampa de certa Virgem cujo aparecimento na região não fora confirmado pela Igreja, pendia sobre uma das cabeceiras. Germa escrevia de pé, diante do pequeno toucador cujo espelho de engonços estava sempre na mesma posição impossível para reflectir o rosto de alguém. Ela ditava a si própria: «A pena que tenho sempre que me vou embora não está no momento da partida, mas em todas as mudanças que sou obrigada a fazer, quando retiro outra vez o meu pente e a escova de dentes da prateleira do lavatório. Aqueles espaços vazios significam mais do que saudade, dão-me a impressão de que alguma coisa acabou, e que eu tenho culpa de que isso acontecesse.» Isto não era um diário, mas simplesmente uma carta para sua mãe. E acrescentaria, anos depois: «Mudar de hábitos e de lugar, que é senão uma fútil maneira de encarar a morte?»

Ouviu na porta o suave bater com os nós dos dedos, que Quina usava para avisar que a procurava ou queria entrar no quarto. Esta cortesia inata de sensibilidade, e a que são alheias as afadigadas fórmulas da etiqueta, não a encontraria em ninguém mais.

– Que foi? – disse. O seu tom era de consentimento, e Quina entrou. Trazia a fisionomia composta e, no fundo dos seus olhos, havia a chamazinha levemente desorientada, como quando alguma nova a atingia de chofre e ela repelia uma reacção precipitada.

– Vou agora mesmo para Morouços, que a tua prima fugiu ontem de casa e não há rasto dela.

Tirou dum dos cabides azuis o seu xale de Verão, trocou de avental duas vezes, pois, mesmo nos momentos mais graves, era extremamente zelosa da sua apresentação.

– Também vou? – disse Germa.

Pag.Sibila_Final.indd 125 3/8/09 11:31:38 PM

– Não; é melhor não, menina – respondeu ela, esquivamente. Havia um certo mundo em que não gostava de ver penetrar aquela rapariga que nunca deixaria de ser de todo estranha para si, nunca lhe captaria por inteiro a sua confiança de aldeã cheia de preconceitos da espécie, melindres que vão desde o conhecimento das suas inferioridades de cultura até ao ocultar dos mais sagrados ditames do espírito, as crenças e os costumes que se suspeitam tão bárbaros quanto se preferem como verdadeiros. Germa intimidava-a, como a presença dum não-iniciado cuja frieza perturbasse os rituais duma fé. Mas, como era profundamente fraca e bastava um sorriso para a convencer, acabou por levar Germa consigo. Não lhe desagradava, vendo-a obediente e tolerante, pensar que a poderia chamar ao seu âmbito e exercer sobre ela a sua sugestão de mentora. Mas o seu aspecto místico ainda Germa não o adivinhara, e longe estava de imaginar aquela mulher, intriguista sorrateira e tão mesquinha de coração quando cismava uma vingança, intentava um lucro, sempre estuante de actividade e ambiciosa de considerações mundanas, ela, tão rasteira como o pó, fardo de malícia e de estultícia incríveis, ela, uma sibila; ela, alguém que sabia, com o único poder duma prece, secar um jorro de pranto e soprar novos alentos numa alma esmorecida e gasta. Naquela noite estranha que Germa ia viver, uma parte da cortina que encobria o mundo admirável de Quina havia de afastar-se, para que ela pudesse entrever o esplendor maravilhoso que se desprende dum ser trivial e sem génio, uma mulher vaidosa e fraca, e mesmo não muito inteligente, mas cujo espírito conseguia, às vezes, superar a sua própria qualidade e ser poderoso e grande.

Estina estava sentada num canto do lar, segundo o seu velho hábito. O mesmo chapéu de palha sobre o lenço, cujas pontas dobrava negligentemente para cima, estava como sempre coberto com impalpáveis resíduos de cinza. A casa parecia muito deserta, com as portas abertas e uma trágica tranquilidade naqueles aposentos onde as galinhas entravam, depenicando no soalho e pro-

Pag.Sibila_Final.indd 126 3/8/09 11:31:38 PM

curando sobre a mesa da cozinha migalhas de pão. Inácio Lucas batia os arredores desde a véspera com um magote de vizinhos e de criados, explorando barrancos, penetrando nas tojeiras e nas minas abertas nas ribanceiras saibrosas. Não voltara a casa; pernoitara algumas horas em casa dos amigos, porque aquela mudez plácida da mulher causava-lhe um arrepio, um ódio, um desejo de a esbofetear, para a ouvir soltar um grito, de a calcar aos pés, para que ela gemesse, então, nem que fosse um derradeiro suspiro, nem que a visse morta depois, para sempre silenciosa e sem alma.

– Reza – disse ela, quase interrogativamente, a Quina. As palavras saíam-lhe custosas, como se os lábios estivessem paralisados. – Tu podes.

E Germa confrangeu-se ao ver aquela criatura invulnerável, férrea de compleição, talhada para o infortúnio, com o seu lastro de filosofia que a fazia extrair optimismo do próprio exagero de pessimismo, inimiga da futilidade de coração e do supérfluo do sentimento, inatacável porque nada temia, parecer de repente uma pobre mulher desamparada e decrépita diante daquela outra que a contemplava com a sua chamazinha levemente desorientada no fundo do olhar.

– Reza – pediu ela. Sob a pálpebra que decaía, dando-lhe à órbita o feitio dum triângulo, ela lançou à irmã um olhar ávido, extenuado e sem afecto.

Quina sentou-se junto dela e começou a rezar. Rolava-lhe dos lábios um turbilhão de palavras, não fogosamente e cheias de místico ardor, mas antes como se desejasse vencer uma fadiga ou ultrapassar uma crise. Cruzava e descruzava os dedos curtos e ásperos, sem nunca conseguir tocar com eles o dorso da mão. Não estava imóvel e serena, mas antes presa dum nervosismo irreprimível, que continha qualquer coisa de fascinante para Germa, pois a fazia seguir-lhe os movimentos, adivinhá-los, concentrar-se naquela instabilidade que, apesar de tudo, não dava impres-

Pag.Sibila_Final.indd 127 3/8/09 11:31:38 PM

são de agitação. «Que acontece aqui?» – pensou Germa. «Há em volta desta mulher um círculo que não posso transpor e que me torna invisível para ela. Parece, não só que ela contempla alguma coisa que não vejo, mas que essa espécie de visão lhe é muito familiar. Não está surpreendida, mas até um pouco desatenta, não com o exterior do círculo, isso é evidente.» Como esta última palavra era ainda um luxo do seu vocabulário, Germa deixou-se empolgar pelo efeito dela e esqueceu o seu raciocínio. Mesmo os espectáculos mais originais, os acontecimentos mais raros, deslizavam-lhe pelo espírito com uma celeridade anormal; os sentidos não retinham a experiência para a sofrer, apenas o cérebro a fotografava para, a todo o tempo, a reviver. Ali esteve desenhando, com uma vara de amieiro, letras góticas na cinza, aborrecendo-se muito, mas sem deixar de estar embrenhada naquele momento de tragédia tão singularmente fria e impenetrável. Anoiteceu, e, sem suspender o murmúrio das rezas, Quina foi acender a candeia, que colocou num gancho na parede da chaminé; e Estina começou os aprestos da ceia, metodicamente, sem um passo vão a denunciar-lhe a perturbação e o sofrimento, indo e vindo devagar, um tanto cambaleante porque estava velha e pesada, além de que o seu andar tivera sempre aquele jeito de quem se bamboleia. Com uma precisão rítmica, erguia as folhas das couves, expondo-as à luz, para catar os aglomerados cinzentos dos pulgões. E, como ouvisse no caminho o chouto da mula do petróleo e o toque da gaita do vendeiro, ela saiu à soleira, perscrutando o escuro e dizendo:

– Veio muito tarde, hoje…

– Caiu uma ferradura à mula – explicava o homem. – Santas noites…

– Vá com Deus. – E ela regressou, a almotolia escorrendo ainda uma lágrima verde, e trazendo consigo, de fora, um pouco daquele relento álgido que parece ser a consumação do luar e do vapor das nascentes, da escuridão e do respirar da natureza adormecida.

Pag.Sibila_Final.indd 128 3/8/09 11:31:38 PM

Às dez horas, ainda não havia notícias; uma serva, que tinha ido em recados à vila, chegou, acompanhada com um caseiro da propriedade dos Moinhos, que a encontrara no caminho.

– Anda um ror de povo por estas matas – disse o homem. Tinha um olhar extraviado, de bêbedo, e o seu casaco, cujas abas pingavam quase até ao joelho, estava polvilhado de farinha. Chamava-se Tibúrcio, e vivia com a tia, uma criatura monstruosa cujo olho esquerdo, atingido de cataratas, parecia feito dum esmalte pintalgado de azul, como certas loiças de cozinha. Sórdida, ciosa do seu ouro, das suas cruzes e cordões, que trazia, chocalhando, no bolso do avental, era a esquálida descendente duma família de moleiros, caseiros já da casa do Freixo, e cuja propriedade, umas ramadas alcantiladas e as azenhas sobre o despenhadeiro, coubera como dote a Maria e, por direito de partilhas, pertencia agora a Quina. Por dó e porque a velha a adulava com muitas e desveladas admirações, ela perdoava-lhe as rendas, ocultando, porém, esta generosidade com um recrudescer de ameaças, à puridade, simples efeito de girândola despótica que ela gostava de manter, sobretudo entre a família. Vendo Tibúrcio, que esmorraçava com os dedos o pavio da vela encaixada no lampião, chamou-o de parte e, em secreto, disse-lhe:

– Mando para a semana os meus moços vindimar aos Moinhos, informe lá a sua tia. E olhe: ouvi dizer que ela vendeu o ouro…

– Não vendeu, não senhora! – disse, abruptamente, o homem. Era enorme, e a sua cabeça, flectida para diante, dava a impressão de estar saliente dum muro e sustida nele por uma farpa ou um torno, como as cabeças decapitadas dos traidores e bandidos que se expunham na fachada das cidades árabes. – Eu rebento-a se ela vender o ouro, pode contar comigo.

– Tome conta do que lhe eu disse – recomendou Quina, simulando não o ter ouvido, mas vexada pela feroz atitude do homem. Quando ele partiu, ela meneou várias vezes a cabeça, calada; depois, com o seu trejeito de mão sacudido e quase irónico, que ela

Pag.Sibila_Final.indd 129 3/8/09 11:31:38 PM

empregava por acirrado hábito e que lhe servia para testemunhar desdém e, sobretudo, esconder o seu pensamento real, dirigiu-se à moça, que ceava, cabisbaixa e esmoendo boroa na malga, em cujo bojo uma espécie de São Tiago com tiara de pope parecia prestes a lançar-se num galope glorioso abaixo do seu pedestal.

– De noite, não se aceita companhia de ninguém e nem ao próprio Cristo se dá a salvação – disse, sentenciosa.

– Ai, ele ainda é meu primo! – ripostou, espevitada, a rapariga. E Germa pôs-se, subitamente, a rir.

Acordou noite alta, e, no primeiro momento, experimentou aquela terrível desorientação que o escuro provoca nos sentidos. Seria incapaz de definir as dimensões do quarto, a situação das suas portas e dos móveis. Imaginou a disposição do seu aposento na casa da Vessada, pois se julgava lá, com a enorme chave enfiada na fechadura, quase à sua cabeceira, e estendeu o braço para entreabrir a porta e ver se havia luz ainda, filtrada da cozinha para o pequeno alpendre do patamar. Quina sempre se deitava tarde, pois herdara os hábitos noctâmbulos de sua mãe, que, depois do serão, depois de ver os moços recolhidos e a casa descansada do bulício das crianças se sentava com um baralho de cartas, abrindo a mesa móvel do preguiceiro, e dispondo nela, com obstinado cuidado, os naipes que ia combinando numa paciência interminável. Cantavam os galos, a cinza esfriava no lar e, na candeia esgotada, o morrão estralejava, ardida até ao fim a torcida de linho. Só então Maria, com os membros inteiriçados de frio, se erguia, guardando no escano o baralho, que estava cheio de nódoas e impressões de dedos. Tinha uma expressão abstracta e tensa, e nos olhos ardia-lhe um fulgor retraído, de paixão. Às cinco da manhã, estava de novo a pé, ágil e seca, preparando a fornada, servindo o dejejum dos homens que partiam para o mato, com as suas roçadeiras e a corda enrolada nos fueiros do carro, cujo chiado se ouvia à volta, pelos caminhos do monte, e era o aviso de que tudo corria bem. Quina não jogava, mas gostava de tagarelar com as criadas ou com a família, se a tinha

Pag.Sibila_Final.indd 130 3/8/09 11:31:38 PM

de visita, ou até com os espíritos de que ela se fizera íntima, um pouco, decerto por desejo de expansão e de público. Germa tolhia-se de medo, acordando de noite e não a sentindo respirar na cama próxima. Chamava-a então, ia às vezes encontrá-la banqueteando-se discretamente com uma gulodice, uma malga de vinho quente que ela colocava na pedra do borralho, acautelando-o das faúlhas com um velho pedaço de cartucho.

– Que é, menina? – sobressaltava-se ela. Fazia-se activa, mexendo pela cozinha, voltando-se de costas, para disfarçar a boca cheia, tomada duma contrariedade ingénua, quase ofendida. «Que coma à vontade as suas cavacas, mas porque não há-de fazê-lo diante de toda a gente?» – pensava Germa, muito perplexa. Tinha a impressão, de resto, de ter surpreendido uma intimidade perante a qual a sua presença era uma violência. E envergonhava-se por isso.

Mas, desta vez, ela não estava na casa da Vessada, e sim em Morouços, naquele sobrado que gingava sobre as lojas onde se arrumavam as arcas do cereal, a giesta para vassouras, as rasas e os selamins encaixados uns nos outros. Ouviu vozes e, depois, um roufenho tossir dum homem e as suas palavras sufocadas de ira e de exaustão.

– Ela já morreu – dizia. – Antes de hoje e há muito tempo que ela estava morta. Já a pariste morta, porque as tuas entranhas são amaldiçoadas. Quando viste os teus filhos estendidos numa tábua em cima da cama, não choraste uma lágrima que enchesse um dedal; porque também tu estás morta, e os teus frutos são a desgraça. Ah, se eu visse, uma noite, que te rojavas no lugar onde se espolinhou um animal e corrias o fado feita cadela, ou jumento, ou raposa, achava isso menos infelicidade do que viver toda a vida com uma defunta…

Tossia e gritava, e as patadas das suas botas ferradas reboavam pela casa. – Se a menina não aparecer, se ela não vier ter aqui, trazida pelos anjos ou pelos diabos, e sem que um pico de tojo lhe tenha arranhado a pele, abro uma cova no quinteiro e enterro-te lá. Ouves?

Pag.Sibila_Final.indd 131 3/8/09 11:31:38 PM

– Ela não torna a aparecer – disse Estina, debilmente. E a sua voz não denunciava susto nem sofrimento; apenas fadiga, uma terrível indiferença, mais trágica que todos os desesperos e todas as dores. – Ela não aparece mais.

– Não? – E ele vacilou na sua cólera. – Foi aquela bruxa que veio agourar isso? Foi esse rato com asas? Foi ela?

– Cale-se aí, Inácio Lucas. Você não está no seu juízo – disse Quina. – Quer uma pinga de chá, antes de sair outra vez? Quem pode prevenir as desgraças que Deus manda? Ninguém tem culpa de nada. Quando o seu cão atirou ao chão um homem e comeu parte da cara dele sem que você mexesse um dedo para lhe valer, quem teve culpa? Você tinha o bicho preso até à noite e dava-lhe só comida salgada, para que, atormentado pela sede, ficasse mais raivoso…

– Está bem, está bem… Lá vem você com a sua chicanice – quem é que não a conhece? Vamos, dê-me uma pinga de chá. Isto é chá? Parece caldo, com tantas folhas a nadar cá dentro. Tome-o lá…

Ouviu-se o escaqueirar da tigela contra a pedra fofa pela camada de cinza. As duas mulheres nada disseram. O grupo de vizinhos que porfiavam na busca vinha, de novo, para que Inácio Lucas se encorporasse naquela ronda lúgubre. As suas sombras aglomeravam-se no quinteiro; falavam baixo, erguendo, acima das cabeças, as chumaceiras de palha que acendiam, e o seu murmúrio viril e ponderado comunicava uma confiança e também uma certa disposição fatal de renúncia.

– Inácio! – chamou Estina, já quando ele saía.

– Que é agora?

– Traz a menina – disse ela, simplesmente.

Ele não respondeu. Fechou a porta atrás de si, que bateu com um fragor surdo; a gigantesca chave de ferro caiu, e os gatos, pulando da lareira, foram farejá-la conscienciosamente. Germa não ouviu mais nada.

Pag.Sibila_Final.indd 132 3/8/09 11:31:38 PM

Ao outro dia, muito cedo, partiu com Quina para a casa da Vessada. A louca não aparecera ainda. Deixaram atrás de si um lar devastado pela angústia, mas onde subsistia ainda uma parcela de esperança. Inácio Lucas dormitava quando elas saíram, e o seu respirar gemebundo, de velho, distinguia-se do corredor. Chegara de manhã, enlameado e cheio de gilvazes que as silvas lhe tinham rasgado no rosto, fazendo-o gotejar um sangue negro e espesso. Germa não o chegara a ver. Fugia-lhe, temia-o. Sempre se mostrara amorável com ela, de resto; contava-lhe histórias de lobisomens e os assaltos do José do Telhado, presenteava-a com bolos de feira que tinham desenhados, a missanga cor-de-rosa, um coração ou uma estrela. Chegara a fazer, para ela, um carrinho vermelho, a que procurou atrelar uma ovelha, quando Germa era bebé ainda e vinha maravilhar-se com todas as coisas novas, incomensuravelmente originais, do campo e da quinta. Dizia-lhe: «Carriça, minha carricinha…» – e ensinava-lhe o local onde nasciam, em largos maciços, as violetas brancas, ou onde o texugo cavara a sua lura. Uma vez, mandara-lhe uma pele de doninha, para usar como um pequeno abafo. Tinha para ela doçuras dum avô que encontra, naquela alvorada humana, como que uma trégua nas suas lutas sobre o abismo. Mas Germa temia-o pela sanha e crueldade que lhe atribuíam, e até, mais ainda, pela tranquilidade generosa que sempre aparentava para com ela. Apenas Quina não receava dizer-lhe, frente a frente, coisas que ele não toleraria a mais ninguém. Ela tinha a virtude de o aplacar, e via-se que uma certa desajeitada e feminina perturbação da sua parte o divertia, acalmando-o.

– Menina – disse, como muitas outras vezes dizia, Quina –, não te cases nunca. É a maior desgraça que pode acontecer a uma mulher.

– Depois de não casar? – E Germa riu-se, porque aquela sentença, com obstinação repetida, primeiro a intrigara, depois a incitara à controvérsia, e agora soava-lhe apenas como uma banalidade azeda de solteirona. E, nesse momento, a amoruda Domingas, viú-

Pag.Sibila_Final.indd 133 3/8/09 11:31:38 PM

va duas vezes e já casada com um rapaz que, de moço de servir, ascendera a proprietário dos seus eidos e do seu rebanho de cabras, por contrato nupcial, passava por elas com grandes tagatés de saudações.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Tão cedo cá por fora! Digo pela menina, que não deve estar acostumada. E daí… O meu homem, que não nasceu fidalgo, também gosta do café na cama. Mais vale um gosto na vida que cem mil réis na algibeira.

– Pois decerto – disse Quina, amável. Aproveitou para informar-se de alguns enredos, e suportou a melíflua conversa da mulher com atenciosas maneiras, um pouco constrangida apenas quando ela lhe descrevia as seduções do novo marido, o seu feitio cordato, dedicado, honesto, os encantos que tinham atraído todas as raparigas e que tinham sido destinados a ela, viúva e achacosa, e atribulada pelos desgostos.

– Ai, Deus Nosso Senhor tem sido bem meu amigo. Todos os meus homens foram uns santos.

– Tem filhos? – perguntou Germa, a quem aquela mulher gibosa e de repas aneladas caindo-lhe pelas orelhas, como cachos de uvas coríntias, enchia de curiosidade.

– Tive nove. Mas, felizmente, Deus Nosso Senhor tem-mos ido mondando.

– Aí está – disse Germa, mais tarde, balançando-se na *rocking-chair* da sala e dirigindo-se a Quina, que colava com grude os papéis de seda sobre as malgas de doce de ginja. – Aí está uma que não maldiz o casamento. Concordo que é preciso ter uma predisposição especial…

– E ela tem-na. Os dois primeiros maridos matou-os com veneno, é sabido…

Contou a história de Domingas, a morte dos homens que ela empeçonhava com sistemático prato de papas a que adicionava cevadilha, ou até arsénico; deixava-os a estorcer-se ansiados, as entranhas dissolvendo-se, lançando em vómitos pedaços de vís-

Pag.Sibila_Final.indd 134 3/8/09 11:31:38 PM

ceras, enquanto ela partia para as sachas e se deixava beliscar por todos os jornaleiros, rindo muito, mostrando-se melindrosa, coceguenta, esquiva. Fora este feitio camarada, duma chulice cúmplice, que a salvara. O cadáver do segundo marido chegara a ser exumado, mas a autópsia, devido ao desleixo dos peritos, dera uma prova duvidosa. Ninguém se anunciou como testemunha, em parte porque o crime de morte, a ofensa à segurança individual, não suscita ódios, excepto quando toma o carácter maníaco e tem então características de ameaça pública. Também não tinha inimigos. Domingas era prazenteira com os homens, que, protegendo-a, asseguravam um contrato-promessa; às mulheres adulava-as, tornava-se prestável e fazia-se insignificante junto delas. Nenhuma mulher acusa outra que um dia se lhe reconheceu inferior. Assim passou rasando as tábuas da lei, e ninguém parecia ter-se prejudicado com isso, excepto talvez aquele moço, o terceiro marido, efeminado e preguiçoso, e cujos desígnios cobiçosos ele interpusera à prudência. Mas alguém tem culpa de alguma coisa? Joga-se e perde-se; luta-se e é-se vencido. O mal que atinge um membro, cura-se ou tolera-se; quando atinge um organismo inteiro, o homem sabe que é então uma questão de vida ou de morte, ataca e defende-se. Mas uma criatura que perece por imprevidência, fraqueza, logro, não é o Homem – e o povo sabe-o.

Pag.Sibila_Final.indd 135 3/8/09 11:31:38 PM

Pag.Sibila_Final.indd 136 3/8/09 11:31:38 PM

XI

Só decorrido um mês a louca foi achada, ou o que dela restava, numa das galerias duma velha mina. Foi reconhecida apenas pelas roupas; o cadáver decomposto jazia no solo areento, onde a água corria em filamentos ramificados. Era uma mina abandonada, covil de morcegos, e cuja entrada uma sapada obstruíra. Nunca se soube ao certo como a louca pudera penetrar lá, pois a furna parecia intacta e grandes fetos bravos cresciam ali, juntamente com as campânulas roxas das flores-de-cobra e um matorral que na Primavera se cobria de floração dourada. Muito mais tarde, crianças do lugar que guardavam ovelhas descobriram um óculo aberto na terra, que comunicava com as velhas galerias. A louca tinha talvez descido por essa abertura, lançara-se no antro onde acabara, sofrendo uma agonia de muitos dias, devorando terra e gritando a cada roce das asas dos morcegos, que se penduravam do tecto nas raízes lenhosas que perfuravam o solo e se balançavam no vácuo. Ela deixara, pois, o mundo, assistindo a espectáculo tão alucinante como as visões que o cérebro perturbado lhe punha diante. O silêncio e a noite, os torrões de saibro que se desprendem de chapa sobre a água que gorgoleja e corre; os pórticos das galerias, com as suas paredes de mineral mosqueado de negro; a luz do dia, que era como uma sombra vaporosa de cinza que o ar embebe; o canto estridente dos chascos, vivo e célere, com uma nota cruel que vibra e se escapa sem eco, sempre mais longe, sempre mais fugaz. Germa sofreu essa morte, meditando-a. Quando voltou a ver Estina, só dois anos depois, achou, com espanto, que ela não mudara nada.

Pag.Sibila_Final.indd 137 3/8/09 11:31:39 PM

Eram as mesmas feições suaves, se bem que fatigadas, mas em que o sofrimento não deixara impresso o selo que amarfanha, que contorce e que esmaga. Não vestia já luto, e, como era no Verão, usava as suas blusas estampadas, com remendos nos cotovelos, de cor não menos garrida. O seu ódio ao negro estava-lhe na alma, e Quina também o compartilhava, dizendo muitas vezes: «Se a paixão pela morte de alguém durasse mais tempo do que dura uma roupa de dó, quem é que resistia?» Germa, que se encaprichara pelas roupas pretas que a faziam mais senhoril, mais velha, era motivo dos seus constantes protestos. Tinha então quase treze anos, e continuava bonita. Quina gostava de a exibir perante as suas relações, e, ainda que não mostrasse empenho nisso, procurava tê-la durante o mais tempo possível na sua companhia. Amá-la-ia ternamente – e o orgulho que tinha nas graças herdadas por Germa era já bom princípio para isso – se lhe fosse dado dispor dela inteiramente, manejá-la e incutir-lhe educação e costumes de lavradeira, vê-la vestir pelo figurino que a própria Quina jamais alterara, a saia com o cinto forrado de cetim, o lenço de seda apertado em forma de touca e que lhe dava ao rosto uma suavidade freirática, uma austeridade doce e medieval.

Quando Quina adquiriu a primeira propriedade, que vinha engrossar o primitivo património, fazendo-a incontestavelmente rica, houve um pequeno escândalo na família. Abel suspeitou que o dinheiro existente na casa da Vessada quando falecera a mãe fora subtraído em proveito dos negócios pessoais de Quina, os seus empréstimos, os seus juros, coisas obscuras em que intervinha sempre o conselho de Adão, o rábula, o confidente de toda a vida e no qual ela aproveitava todas as vantagens dum aliado sem direitos. João, que vivia na cidade uma existência de pobre, engavetado num prédio de andares e tendo por horizonte as varandas onde se arejavam tapetes velhos e as mulheres papagueavam com uma familiaridade mais obscena do que a própria licença, apo-

Pag.Sibila_Final.indd 138 3/8/09 11:31:39 PM

quentou-se, muito arrependido em abstracto pela venda da sua parte, na qual via agora os caboucos duma fortuna.

– Deixa lá, que ela não passa de quem é… – consolava-o a mulher, femeaça bronca que fazia rir as amigas nas casas de chá, virando de borco sobre o pires a sua chávena, para declarar que não se serviria de mais. Grande, caricata, desse género que desperta a hilaridade antes de se descobrirem as causas dela, continuava a ser uma humilhação para a família da Vessada, que a aborrecia sem antipatia. Não tinham filhos, eles. E Abel, com esse olho perspicaz para a presa fácil, que fora sempre o expediente mais considerado no seu afanoso *struggle for life*, viu nessa restrição de sucessores uma predestinação feliz. Industriava Germa em reverências, pois sabia Quina muito vulnerável a elas, e deixou de exigir contas dos seus rendimentos, acabando por cedê-los mesmo por completo, como bónus de procuradoria. Quina incitava-lhe esta resolução, com alusões finas ao seu legado e ao futuro de Germa; e punha nisto um gostinho provocante, de despotismo, que a rapariga lhe atalhava às vezes com umas arremetidas secas e destituídas de diplomacia.

– Anda com a tua vida – dizia-lhe, agastado, o pai. – Tu não és rica. Tudo é muito bonito, mas não custa nada mentir um bocado, e, se à custa disso recebes com que comer toda a vida sem trabalhar, é um bom negócio.

Esta moralidade indignava Germa, mais do que a prática dela. Era uma injúria às boas intenções, a esse recanto virginal e defeso na alma até do homem mais vil, e que ele mantém como argumento de emergência, depois da queda e em face da morte. Se ela declarasse, diante do pai, que preferia o perigo embora o temesse, que odiava a dádiva embora a cobiçasse, que aceitar é ser vencido e que a luta seria para ela como que uma fatalidade, um apelo constante, uma necessidade absurda e inapelável, ele rir-se-ia na sua cara e havia de sentenciar, com a sua tenebrosa filosofia de mundano gasto, de velho a quem a vida adaptou à lei da gravidade, ao

Pag.Sibila_Final.indd 139 3/8/09 11:31:39 PM

valor da inércia, ao poder da fraqueza: «Fala-me daqui a vinte anos, e mostra-me então o lucro das tuas teorias.» Inútil dizer alguma coisa. Para ele, a virtude era resultado das circunstâncias, e, se admirava algum acto nobre, algum coração raro, algum mester desinteressado, era com essa mesma consideração que se experimenta perante um fenómeno cuja exibição pode ser vantajosa e atrair qualquer género de sucesso. Foi o contraste de caracteres, a inadaptação, a perene batalha do seu espírito contra o ambiente, que amadureceu muito depressa Germa. Toda a gente, e igualmente Quina, lhe desagradavam. A constante hostilidade de todo o seu ser devia-a àquele imposto de sujeição que o mundo lhe queria exigir, que as criaturas lhe pediam para prestar, em concordância mesmo aparente. Quina revelou-se-lhe, afinal, possuidora de todo o puro enigma do ser humano, vórtice de paixões onde subsiste, oculta, nem sempre declarada, às vezes triunfante, uma aspiração de superação, alento sobre-humano que redime e que transfigura. Dedicou-lhe homenagem e, se não a amou, nela aprendeu toda a história do homem, e, recordando-a, deu-lhe a eternidade do seu coração.

A data que marcou a sua separação de alguns anos da casa da Vessada foi aquela em que acompanhou Quina à sua nova propriedade, onde ela ia assinar o contrato de compra. Num terreirozinho bucólico, cheio de festões de parreiras e que podia considerar-se mobilado com os toros serrados e a mesa de pedra tosca onde a caseira dispusera vinho e talhadas de melancia, procedeu-se à cerimónia. Era uma das testemunhas um neto daquele José do Telhado de cujas façanhas a lenda se apropriara e que fora amigo um tanto incógnito de Francisco Teixeira. Germa não desfitava o homem, um comerciante pingueiro e que primava por honrado.

– Ele não gosta que lhe lembrem o parentesco – avisou Quina.

– Mas o avô é uma celebridade. A moral só atinge as camadas neutras – disse Germa, a rir.

– O sangue do ladrão ainda lhe corre muito fresco nas veias, para que não se revolva ao ouvir chamar por ele. O homem não

Pag.Sibila_Final.indd 140 3/8/09 11:31:39 PM

vale nada e é um bêbedo. Do avô aproveita a fama, para a valorizar com a respeitabilidade, julga ele. É assim que se fazem os fidalgos.

– Ora! – exclamou, por troça, porém delicada, Germa. – Que socióloga me saiu!

E, ao ver Quina, que assinava tremulamente o seu nome no papel da escritura, um tanto ruborizada pela atenção que punha em escrever sem emperrar o aparo nem salpicar a tinta, ela abismou-se em cogitações.

Entrou depois no período esfuziante da adolescência, e durante muito tempo não voltou à casa da Vessada, que achava opressiva com a sua meia treva, com a sua falta de juventude, o seu isolamento, aquela calma abandonada das casas que vão caindo irremediavelmente na ruína, como se para sustê-las não bastasse escorar as vigas ou consertar caleiras, mas sim o calor duma geração nova. Germa deixou de encontrar encanto naqueles serões onde os incidentes mais triviais pareciam recheados de revelações; deixou de apreciar os contos de Quina, a história da dama das três camisas – a de nagalhos, a de tropicalhos e a de nó no traseiro –, assim como não se importava mais com as efemérides do lugar, os ditos borregos do vizinho Augusto, o destino dos maridos de Domingas, o caso do moço a quem tardava a virilidade e recomendavam estrume de pomba como creme de barbear, ou aqueloutro que tivera demolhado no poço oito dias um sobretudo, para evitar o desgosto de o ver encolher com uma chuvada, usando-o depois dez anos, curto como um *spencer*, encortiçado a ponto de lhe tolher os movimentos e duma cor fulva e verde, de ratazana. O sabor especioso, tão rico e tão original, daqueles relatos deixou de a interessar, e, uma vez em que encontrou no jornal a notícia da morte da horrenda caseira dos Moinhos, que aparecera estrangulada e despojada do seu ouro, teve apenas um gesto de repulsa e uma fria exclamação de surpresa. Como esses faquires que se sepultam vivos numa cova profunda, ordenando um hiato de vida no seu organismo, assim a cor e o estuante processo da sua infância,

Pag.Sibila_Final.indd 141 3/8/09 11:31:39 PM

com as suas emoções e personagens, jaziam soterrados dentro de si, não mortos, mas suspensos, não destruídos, mas conservados até nas particularidades que só o tempo e a experiência fariam compreender e notar.

Foi também por essa altura que a condessa Monteros morreu. Estava decididamente acabada, a partir do dia em que, descendo a escadaria que comunicava com o átrio, o «*foyer*», chamava-lhe ela, resvalou numa beira folgada de passadeira, e quebrou uma perna. Aquela escadaria tinha sido sempre a sua sublimação, o seu ponto estratégico de sedução. Por ela descera, arrastando as suas rendas de Bruxelas e os seus cetins cor de marfim, quando se casara e era apenas uma garota magra a quem o espartilho fazia verde de angústia. Depois, nos tempos áureos em que recebia, com o grande espalhafato dos seus milhões que, dizia o fidalgo de Lago, verboso má-língua e tenório sem sucesso, «não custavam a derreter porque eram feitos de açúcar» – e aludia com isto às plantações açucareiras que o conde administrara no Tucumán –, depois, dizíamos, ela valera-se dessa escada como uma rainha de opereta, surgindo no topo, com ar sensacional e majestoso, desdobrando por ela as suas caudas de veludo carmesim, rasto de vestidos acolchoados com botões de seda e que lhe davam o aspecto dum móvel estofado que se movimenta. Ah, a graça negligente com que apoiava a mão, calçada de compridas luvas claras, no corrimão que imitava mármore cor-de-rosa da Mauritânia! E o pé, avançando com o refulgir da fivela de diamantes, como atraía, como subjugava, como fazia repicar os corações e acendia nos olhos uma chama, quando ela descia, lenta, uma cascata de rendas pulando degrau a degrau atrás de si, como a espuma crepitante do próprio berço de Vénus! Cada prega da saia parecia esculpida, salientando com um rigor impertinente a bela linha de ânfora das suas ancas, que eram a perfeição mais dissecada pelo fidalgo de Lago, para quem as mulheres eram suportáveis, dizia, como erros da natureza, mas a quem não podia perdoar jamais os erros de ortografia. «Prefere as cerebrais, as de

Pag.Sibila_Final.indd 142 3/8/09 11:31:39 PM

muitas letras?» – perguntavam-lhe. «Não; gosto das que têm o assento no sítio» – explicava, cheio duma gravidade sonsa. A condessa, descendo a sua escadaria, bela e grácil, pousando sobre os seus convivas, sem jamais os fixar, os seus olhos risonhamente surpreendidos, era um espectáculo muito da sua predilecção. «Ela é ao mesmo tempo a ópera e o cancã. Se ela vai descer assim aos infernos, eu quero estar lá no fundo» – comentava, com uma malícia muito celebrada. Enfim, a condessa Fattoni, quebrando uma perna em cena, como Sarah Bernhardt, não voltou mais a descer a escadaria, enrolando-se com ar friorento nas suas estolas roçagantes, que eram, na velhice, todo o seu luxo de indumentária. Idosa como já era, ressentiu-se muito do desastre, e, se até ali se limitava a uma vida sedentária, comendo pratadinhas de doce de chila sobre os joelhos, depois resignou-se à invalidez, e só deixava o leito para se estender num sofá, rodeada de gatos, de servas, de bules de chá e restos de bolos onde pousavam moscas em revoada.

Quina tivera sempre junto dela o seu lugar, e as suas visitas, outrora apenas matinais, agora dependiam do humor da condessa, que a chamava a todo o momento e chegava a despedir as fidalgas mais melindrosas, para não as mesclar àquela intimidade ratona num quarto sobreaquecido, penetrado dum cheiro acre de jaula e onde se queimava açúcar na pá da braseira, como desinfectante e para espalhar aroma. Ela denunciava agora um completo desdém pelas relações, os atavios, todo o dispêndio de forças, a contrariedade de gostos que, durante tantos anos, imolara à sociedade. Atingia uma filosofia de mulher galante que se aposenta, deixara de lutar pela *entente cordiale* entre ela e o mundo, e, vendo a vida esgotar-se-lhe, exigia-a apenas para uso próprio, não desperdiçava um minuto com maneiras melífluas ou cativantes sorrisos, porque já não esperava o juro desses gastos. No dia em que o médico a avisou de que a sua perna, lascada no fémur, não soldaria jamais por completo e que, mesmo para obter uma marcha claudicante para

Pag.Sibila_Final.indd 143 3/8/09 11:31:39 PM

o resto da vida, teria que se submeter a um penoso tratamento de imobilidade e formas de gesso, ela disse:

– É trabalho demais para conseguir um cadáver escorreito. Vou ficar assim mesmo.

– Mas, senhora condessa, pode estar destinada ainda a uma longa existência. Tem setenta e três anos…

– Setenta – disse ela.

– Veja ao que se sujeita. Não poderá andar nunca mais.

– Já andei muito. – E Elisa Aida ergueu a sua mão encarquilhada e sardenta, cheia de anéis de jade e de brilhantes, desde o indicador até ao dedo mínimo. – Deixem-me em paz – declarou. Com um gesto arredava o médico e toda a turba de parasitas que, como rémoras, a tinham sugado, aproveitando-se do seu crédito, dos seus sofás, da sua cozinha e da sua carruagem, e dos quais não tinha no coração uma única lembrança grata.

Assim, gradualmente, foi afastando os amigos e aceitando a falência de certos hábitos. As rendas das suas saias tornaram-se mais pingonas, e os seus roupões pareciam desencantados de alguma velha arca de judeu e cheiravam a cânfora. A amizade de Quina não a repudiou, antes a estreitou mais ainda, e a sua presença tornou-se uma obcecação para ela.

– Olha, sibila, sonhei esta noite com galinhas: são penas. Que será que me espera?

Mordiscava as passas dum pão-doce, ou molhava os lábios num cálice de licor de leite, com ar entre distraído e meditabundo. Os jornais amontoavam-se a seu lado numa cesta de prata, com as cintas intactas, e algumas cartas que recebia da cidade serviam para comunicar o fogo da braseira à sua lamparina de álcool, sem que as abrisse antes. Não falava da morte, tão-pouco do futuro. Apenas uma vez, quando entrou no quarto, trazendo uma provisão de lenha para o fogão, um criado que ela estimava muito e conservava desde criança, disse, com um olhar errante e inquieto:

– Gostava de o deixar bem…

Pag.Sibila_Final.indd 144 3/8/09 11:31:39 PM

Mas nunca mais se referiu a isso. O povo dizia-a mãe do rapaz, que trouxera, havia quinze anos, já espigado, um bonito grumete loiro, com essa petulância dos chamados *tigres* dos elegantes de Paris 1800, de uma das suas viagens à capital. Dera-lhe o lugar de escudeiro e tolerava-lhe muitas faltas. Talvez por isso lhe assacavam a história daquela maternidade clandestina; e, quando um dia o moço, vadio, com o esplendor de arcanjo e um sorriso de jovem Baco de Rafael, seduziu a copeira, induzindo-a depois ao suicídio, e Elisa Aida, num assomo de furor, esbofeteara a rapariga agonizante, o povo ergueu clamorosas vozes. Além de filho, disseram-no seu amante. Teceram uma lenda muito caprichada em que a condessa surgia como um vampiro, com a sua gaforina vermelha e as abas enxovalhadas dos seus *tea-gowns*, descendo a escadaria onde, à meia-noite, havia um atropelo de mancebos que ela atraía com os seus fosforescentes olhares. Tudo isso caiu, afinal, no esquecimento. Quando ela morreu, o escudeiro ainda lá estava e contava então vinte e oito anos ou pouco mais. As raparigas engalfinhavam-se por ele nas quermesses onde se leiloavam as prendas, as toalhas de crivo, os sabonetes cor-de-rosa, as flores de papel ou a almofada de casamento, com rufos de seda branca. Ele era peralta, dengoso, com um rosto quase glabro e cabelos corredios, de nórdico, que usava um tanto crescidos e assentes com brilhantinas que cheiravam a ranço e essência de violeta. Com a morte da condessa, viu-se desastrosamente perdida a sua carreira. Não se queixou. Havia nele um apelo de aventura, uma ânsia de mergulhar em ambientes cujo turbilhão o enfeitiçava, só porque o suspeitava, e não se achava talhado para a vida da província. O fim daquela mulher que o sujeitara, até ali, com a substancial segurança da domesticidade, lançou-o para a miséria, mas também lhe proporcionou esse glorioso estado de liberdade tão caro aos que são jovens e cujo coração não se deixa possuir pelo mais poltrão dos sentimentos – o apreço pela esmola. Logo depois das exéquias da condessa,

Pag.Sibila_Final.indd 145 3/8/09 11:31:39 PM

disse a Quina, que encontrou junto do mausoléu onde Maria, por uma cortesia de Elisa Aida, tinha também sido sepultada:

– Prometeram-me um lugar em casa do fidalgo de Lago, mas eu acho que vou mas é correr mundo.

– És tolo. Cama e mesa e ordenado forro, que mais queres tu? – E ela teve o seu meneio habitual, que queria dizer desdém, ironia e timidez por se ter exprimido tão claramente.

– Acho que me vou mas é embora – teimou o rapaz. Havia uma espécie de descoroçoada mágoa no seu semblante, e Quina não estranhou isso. Criara-se com os mesmos mimos que a condessa dispensava aos seus gatos, recebera as mesmas sapatadas e as mesmas gulodices, e tivera, como eles, uma certa irresponsabilidade de pequenos furtos e tropelias que, por capricho, se repreendiam ou se perdoavam. Deixara a condessa uma disposição testamentária para que os gatos fossem envenenados, pois lhe amargava a ideia de que aqueles bichos, que tinham, para brincar, guizos de prata e bolas de feltro vermelho, viessem a vadiar pelas hortas dos campónios, esgoelando-se de fome e recebendo nas costelas as tamancadas das mulheres, ou então tivessem de acabar num nicho de cozinha, entre um prato de espinhas e um caco de leite azedo. Quanto ao belo escudeiro, nada ficara expresso. Tinha ele de abandonar a encantadora farda verde agaloada de prata, ou o casaco de tussor com que, no Verão, servia os convidados na varanda que abria para os lameiros e os pinhaizinhos cheios de clareiras manchadas pelo serrim rosado dos toros derrubados. Não amealhara nada, e tinha apenas um relógio cujo tampo apresentava uma cena à Watteau, em gravado e em esmalte, jóia cuja procedência os herdeiros intentaram esclarecer, mas, com temor a revelações pouco edificantes, não foram adiante. Os bens couberam a uma parentela, pobre quase na totalidade, e que empregou no seu rateio uma soma de forças que, dirigidas num sentido produtivo de negócio ou indústria, bastaria para fazer deles milionários. Abel ainda tentou adquirir algumas propriedades anexas à grande mansão de Água-Levada,

Pag.Sibila_Final.indd 146 3/8/09 11:31:39 PM

mas Quina, como intermediária, fingindo interessar-se, atrasou muito as negociações, e teve o prazer de ver a venda feita a um desconhecido.

Já tinha esquecido o escudeiro da condessa, quando ele lhe apareceu um dia pedindo-lhe que o aceitasse como criado. Tinha um ar prudente e acomodatício, mas a sua gravata era duma flamante cor de túlipa raiada de negro e de laranja.

– Ó rapaz, tu que vens fazer aqui, se não sabes cortar uma gabela de erva? – perguntou ela, com um divertido pasmo.

– Não mas sei. Aposta como sei?

O seu rosto era cheio duma insolência quase cândida, e Quina pôs-se a rir. No fim de contas, não lhe desagradava instaurar-se protectora daquele pobre diabo que a fidalga egoistamente desamparara. E, como tinha, havia pouco, entregue a quinta a caseiros, pois já lhe pesavam as canseiras da lavoura, aquele moço, cheio de conhecimento de cortesias, vinha dar-lhe à casa um verniz aprumado, de riqueza e de luxo. Fez dele o seu hortelão, com um ordenado parco e um tratamento familiar. Parecia ter por ela uma certa dedicação, obedecia-lhe com prontidão e escutava com deferência as suas lições de meteorologia, que eram a matemática das semeaduras. Mas, às vezes, Quina surpreendia nele um olhar profundo e malicioso, quando a via puxar uma fungadela para cima, o que lhe dilatava as ventas e lhe dava um ar supinamente plebeu. Nesses momentos, ela até se envergonharia de o despedir, de lhe fazer notar a sua autoridade, tanto ele se impunha como casta diversa da sua, tão belo, com aqueles olhos doirados e cheios duma folgazã impertinência.

Passaram-se alguns meses, e, uma certa manhã, pela alvorada, em que ela o chamou desde a varanda, pois era hábito ancestral acordar os criados que dormiam junto à velha dependência do forno, no quinteiro, ele não lhe respondeu. «Passou a noite no serão» – pensou Quina, com azedume. Os rafeiros denunciavam-lhe o regresso quando, depois duma das suas veladas com mulheres,

Pag.Sibila_Final.indd 147 3/8/09 11:31:39 PM

chegava atirando pedras sobre o portal, para que um mocito que já servia Quina antes de ele se alistar como hortelão, ouvisse e lho fosse abrir.

– Ele não voltou ainda – disse o garoto quando, às duas horas, entrou na cozinha, já para merendar as suas cebolas cruas e as ácidas maçãs assadas numa velha travessa de esmalte. Quina cogitou para si uma infinidade de versões que explicassem aquele desaparecimento, passou revista à sua adega e aos seus celeiros, contou o dinheiro que guardava na gaveta emperrada da cómoda, e verificou, peça por peça, o seu ouro denegrido pelo uso e em cujos interstícios se amoldava uma pasta mole, de sujeira, de cotão. Nada faltava, porém. «Foi-se embora. Era bastante tolo para ser um bom criado de fidalgo, mas, a mim, só um igual me pode servir. Alguém que compreenda que, num contrato de aptidões que mutuamente se apoiam, não existe o servo nem o amo, mas uma permuta de forças igualmente dignas» – meditou ela, o melhor que pôde e soube, e servindo-se do escasso vocabulário que possuía, menos ainda que da ideia.

Mas, pela noite, teve uma surpresa. O rapaz chegou, e, depois de ter colocado o chapéu no prego sobre o desvão da ferramenta, onde, havia dezenas de anos, se aglomeravam velhos ferros de enxadas, tesoiras de podar e foicinhas cujo denteado estava embotado e ferrugento, ele sentou-se junto ao lar, fitando, demoradamente e cabisbaixo, o fogo rasteiro e os gatos lazarentos que dormiam, chamuscando-se. Quina considerou-o, calada, muito cheia de reserva e esperando dele a primeira expansão.

– Já ceaste? – disse, sucintamente, com aquela sua brusquidão orgulhosa que era antes humildade, desejo de tolerância, apelo de harmonia. Ele ergueu os olhos, que se voltaram para Quina, devagar, como se o entendimento tardasse em achar a direcção daquela voz, o sentido daquelas palavras. Eram uns olhos apagados, mortos, sem a sua radiosa expressão de malícia, e pareciam vazados e sem cor. Ela sentiu esfriar-se-lhe o coração.

Pag.Sibila_Final.indd 148 3/8/09 11:31:39 PM

– Então, que foi? – perguntou, agora cheia de alarme e mais curiosa, até, do que perturbada.

Como resposta, o rapaz começou a chorar. Um homem de trinta anos que chora, ou é um imbecil ou é um poeta; a menos que uma dessas razões que desabam como uma avalanche sobre os temperamentos mais imutáveis venha convulsionar-lhe a alma, arrancando dela as comoções mais terríveis – mais terríveis ainda por serem isoladas e surgirem num campo sem essa prevenção constante, proporcionada pela experiência do pessimismo, que é escudo do infortúnio e que melhor conhecem as mulheres. Quina compreendeu que alguma coisa de único acontecera na vida daquele homem, e sentou-se defronte dele para o interrogar. O que soube deixou-a perplexa, tímida para julgar, e dorida por aquele lastimoso relato.

A mulher tinha-lhe morrido. Não uma esposa, qualquer filha de lavrador sujeita a uma aliança clandestina, para evitar a cólera paterna e vingar a herança futura; não uma noiva, uma serva, dessas que, na sua tarimba de tábua de forro, adormecem com um sorriso manhoso e cândido, depois de catar uma pulga na dobra do lençol de tomentos, e pensar que isso é previsão de casamento próximo; não também uma namorada, rude e faceira, empinada de banhas, frisando os cabelos com o cabo dum garfo de ferro, e calçando luvas de lã verde, para conversar, aos domingos. Antes outro género de criatura. Uma prostituta, não muito jovem, nem bonita, nem gentil de modos, e que vivia em comunidade com outras da sua espécie no único bordel e já à margem da freguesia, junto à estrada real, numa casinhola de madeira que parecia feita de travessas do caminho-de-ferro, um género de isba, ponto de reunião de gatunagem e de receptadores. O belo escudeiro encontrara ali um refúgio caloroso, pleno de tumulto de vadiagem, de langores fadistas, essa virtude chula que é o romantismo em segunda mão, essa brutalidade generosa que é a nobreza da ralé. Um tal ambiente estava-lhe no sangue. De tudo quanto a condição social,

Pag.Sibila_Final.indd 149 3/8/09 11:31:39 PM

a situação limitada, a pobreza, a inferioridade mórbida, não lhe consentiam, encontrava ali o simulacro. Aquela mulher, pintada, e que usava colares de pérolas falsas e chinelas debruadas com imitação de arminho, amou-o. Dera-lhe um filho, ensinara-o a temer o furto, porque a paixão lhe ditava moral em nome do instinto de defesa que ela desejava incutir no amante, por egoísmo, por medo de o ver enredado na súcia da pilhagem e caçado numa ronda que lho arrancasse dos braços, talvez para sempre. Não foi um lar que encontrara junto dela, mas a vingança do seu desamparo, da sua farda agaloada de prata, das côdeas com sabor de restos, dos altruísmos que ele tinha que merecer com vénias. Afeiçoara-se àquela mulher, com esse ímpeto de quem receia, mais do que a fome, mais do que a morte – a solidão. Ela era vil e sem escrúpulos, bebia muito e acolhia-o às vezes com humor liricamente debochado, ou, com um ciúme cego, batia-lhe. Mas, junto dela, vendo-a fumar os seus cigarros de mortalha de folhelho que ela própria brunia e recalcava a ferro quente, ouvindo-a cantar à viola uma dessas desgarradas soturnas de eco arábico e sem melodia, experimentava uma sensação de segurança, de confiança profunda que, mesmo no turbilhão duma batalha, representa para o homem a verdadeira paz. Mas a mulher morrera. Acabara em poucos dias, com uma febre que lhe enevoou a mente e a fazia arrojar-se do leito, para ir de rastos beber urina, com um vidrado mortal no olhar, estertorando sozinha no seu cubículo adornado com leques amarelos, retratos de fadistas e o signo de São-Solimão, contra os maus olhados. Ele velara-a na sua última noite, fumando e girando pelo quarto, cheio da impaciência brutal de a ver expirar por fim, depois daquela agonia desesperada e muda, traduzida só num pequeno meneio de cabeça, sempre igual, sempre cheio desse protesto surpreendido, mais triste do que doloroso, duma criança que se queixa. «Morre, morre, então…» – dizia ele para consigo. Fora, havia um gargalhar de mulheres, brados de saudação e de rixa; e o lento dedilhar duma viola ouvia-se, brando e grave, suspendido e

Pag.Sibila_Final.indd 150 3/8/09 11:31:39 PM

recomeçado, e, nessa pausa, era como se duas alas de rumor se abrissem e ficassem seguras pelas paredes de silêncio.

– Deixou o filho – disse ele. Mas, pela sua voz, Quina percebeu que a criança não tinha qualquer significação para si. Era um menino de quatro anos, belo como um pastorinho de presépio, e que não falava ainda.

– Credo, santo nome! – exclamou Quina. – É preciso ir pedir o bolo com ele. A madrinha deve fazer isso.

– Não tem madrinha. – E o rapaz fitou-a com uma circunspecção exagerada, como para evitar que ela lhe surpreendesse o pensamento. Mas, de resto, Quina já tinha decidido.

Pag.Sibila_Final.indd 152 3/8/09 11:31:39 PM

XII

Eis aqui a senhora Joaquina Augusta, da casa da Vessada, a quem o seu acréscimo de propriedades e riquezas em rendosos dinheiros conferia já o título de dona. Tinha cinquenta e oito anos, mantinha-se com uma esbelteza de rapariga, se bem que um tanto corcovada e de cabeleira totalmente branca. Estava ela no apogeu das suas faculdades de administradora, de discernimento e de vivacidade. Sabia fruir o prazer da lisonja, sem lhe ceder os seus interesses; sabia ser cauta, sem deixar de ser audaciosa. Sabia ser generosa sem prejuízo seu e sem estabelecer entre ela e o desafortunado ou o vencido essa espécie de relações odiosas, comuns no mundo dos que mutuamente se espoliam e se degradam. Estava perfeita no seu cargo de sibila, pois conhecia a alma humana de dentro para fora, o que é talvez prever sempre nela o imprevisível, sem, porém, chegar a compreendê-la. Era uma fortaleza de prudência cuja torre de menagem era sempre a vaidade. Mas não passava duma mulherzinha inteiramente ignara, tola e vulnerável de coração, no dia em que aceitou em sua casa aquela criança e incondicionalmente a adoptou.

Era de facto um belo menino, com esses olhos interrogativos cuja inocência parece repassada de toda a sabedoria do mundo. Quase não falava ainda. Quina não hesitou em proceder com ele à cerimónia do «menino do fole», usada na região com as crianças de fala atrasada, e que consiste numa pequena peregrinação presidida pela madrinha. Deverá ela pedir, em três casas em que a porta de entrada seja oposta à porta de saída, «alguma coisinha

Pag.Sibila_Final.indd 153 3/8/09 11:31:39 PM

para o menino do fole, que quer falar e não pode»; a criança leva os pés enrolados numa ressequida membrana de saco das águas, aproveitada dalgum parto por velhas e previdentes comadres que, igualmente por motivos da sua terapêutica, arrecadam bexigas de porco para cura de fleimões malignos. Para Quina, decidir-se a utilizar este antiquíssimo preceito era arriscar muito a sua reputação em certa categoria das suas relações. Mas ela condoía-se muito da criança, que parecia condenada a uma semi-mudez, e, assim, escolheu as casas de três mulheres discretas – uma delas foi Narcisa Soqueira –, velhos marabus para quem a sua atitude era uma espécie de senha de sapiência. Alguns dias depois o menino começou a falar; mas a sua pronúncia nunca foi perfeita, e não chegou jamais a pronunciar o *éle* com exactidão. Dizia «ume» e «ugar». Porém, Quina concluiu que o efeito miraculoso se produzira, e nem todos os génios encerrados por Salomão em garrafas poderiam obrigá-la a reconhecer que o rapaz era, de facto, belfo.

Criou-o junto de si, preso às suas saias e à sua sombra, e jamais permitiu que o pai se considerasse com direitos a seu respeito. De resto, ele, um dia, partiu, desarvorou para outras paragens, primeiro para a vila próxima, depois para mais longe, até que se perdeu na voragem anónima, e Quina não soube mais dele. Estimou isso, porque o homem fizera-se-lhe importuno, desleixado no trabalho, cínico de falas, muito seguro daquele afecto da patroa pela criança, que ele tratava com deferências de escudeiro que calejou no ofício. Talvez porque suspeitava aquele homem um escolho difícil entre ela e o menino cuja propriedade queria inteiramente para si, começou a aborrecê-lo, a notar os seus vícios de mândria, a odiar os seus hábitos quase galantes que a educação, sob a égide da condessa, lhe criara. Sorria com acrimónia quando o via retalhar a carne, servindo-se destramente da faca e do garfo, ou quando tirava do bolso o lenço com que delicadamente enxugava a boca, depois de beber. Mesmo quando praguejava, fazia-o com um certo sarcasmo, como se, para responder com propriedade ao motivo

Pag.Sibila_Final.indd 154 3/8/09 11:31:39 PM

do seu furor, tivesse que imitar os vis. O lacaio ficara-lhe estampado na personalidade. A todo o instante vexava Quina, com os seus olhares avaliadores de costumes e de bens, percorrendo-a toda, julgando-a, comparando-a, sem deixar escapar um galão desbotado da sua saia de castorina, nem o rasgão em ângulo feito pelo estrepe de milho, no avental, nem as suas mãos de pele riscada e endurecida, o dedo onde o anel da sua mocidade, a pequena trança de oiro, fizera um círculo mais macio e mais branco, enquanto ele próprio se gastava e ficava reduzido a um aro informe, já soldado duas vezes. Quando ele dizia «a condessa… a minha ama… a minha falecida senhora…», Quina estremecia sempre, pois aquilo trazia-lhe uma mensagem ofensiva, nem sempre propositada, mas sempre cheia duma untuosa recordação servil, que a distanciava, que a reduzia a uma insignificância terminante, que era a declaração explícita da sua pobreza, da sua falta de distinção, de nome, de honras, ao lado daquela outra mulher fabulosa e cheia de poderes, que, só com um trejeito que quase não chegava a esboçar-se, o sacudia de si, e que, só com um olhar que não chegava mesmo a distingui-lo, impunha autoridade e ordenava. Chegou a ter-lhe aversão a ponto de empalidecer de constrangimento quando o via, cada manhã, bebericando o cálice de aguardente com uma pausa toda cheia de acinte, de burla, enquanto fazia estalar os dedos para atrair os dois cachorros lãzudos, falando-lhes com expressão exageradamente, provocativamente humana.

– Filho da mãe! – dizia, para consigo, Quina. – Afinal, devias-lhe mais se ela tivesse deixado instrução ao veterinário para te aplicar a mesma dose que a todos aqueles gatos…

Havia nela como que uma animosidade permanente mas pré-consciente, contra a condessa Monteros. Quando a revia em pormenor, com as suas batas manchadas de ovo e de colírio, naquele quarto sobreaquecido onde os dourados tinham enegrecido e cujo espelho do fogão, no qual se poderia mirar um gigante, parecia

Pag.Sibila_Final.indd 155 3/8/09 11:31:39 PM

nublado de vapor, Quina não experimentava senão uma fogosa pena, um desejo de remir não sabia por que actos aquela decadência e aquela saudade. Ela morrera quase nos seus braços, muito lúcida, já amortalhada com majestade num vestido que lhe dava o ar duma velha dona que jazesse no fundo dum sarcófago de pedra de Ançã onde se talharam almas pecadoras e abortozinhos que ascendem, em glória. Os cabelos, que nunca deixara de pintar, eram como os cabelos das múmias, palhentos, sem vida, e pareciam ir-se-lhe desprender, em mechas, do crânio. Ela olhara aquela alcova lendária, que fora sua câmara nupcial, com o seu tecto abobadado onde peregrinavam cupidos cor-de-rosa, o seu olhar errara, parecera desprender-se do próprio significado das coisas, ficar perdido e sem sentido.

– Tanta porcaria! – murmurara, com um desalento que gelava e que fazia mal. A sua fronte, ainda ligeiramente oleosa da Extrema-Unção que recebera, brilhava na penumbra do seu dossel de brocado, sobre o qual o tufo de penas de avestruz estava sempre como que agitado pela aragem, tinha apodrecido, e desfazia-se em filamentos ténues de penugem cinzenta.

Porém, tudo isso, era com um carácter aviltado e cheio de desespero que Quina o considerava, através daquele homem que, às suas sopas, opunha aquela antiga magnificência, e sorria nas suas costas com desprezo intolerante, inimigo, porém melífluo. Antes de se ir embora, ele pediu-lhe dinheiro, além da soldada que lhe cabia.

– Empresto – disse Quina. – Mas, agora, em casa não tenho nenhum.

Era o seu argumento de emergência. Muito crivada por pedidos semelhantes, desde que a sua reputação de ricaça se consolidara, punha nessas entrevistas com lavradores falidos, caseiros consumidos pelas rendas ou moços que tenteiam os passos para o casamento, uma judiciosa atenção.

– Empresto, sim. Mas paguei a décima e fiquei sem nenhum comigo. – E só depois duma informação rigorosa se resolvia,

Pag.Sibila_Final.indd 156 3/8/09 11:31:39 PM

pondo na transacção esse segredo inquieto, pressuroso, somítico, essas falas contrariadas, esse manejo disfarçado, sub-reptício, próprio de todos os campónios quando lidam com dinheiro, seja quando recebem uma féria, ou quando pagam um imposto, um género mercantil, ou simplesmente entregam a côngrua ou dão uma esmola.

Com o pretexto de que queria mostrar ao menino o pequeno relógio cujo tampo tinha esmaltada uma cena de Watteau, guardou-o e ficou com ele. Depois emprestou o dinheiro, metade da soma pedida e acompanhada dum exórdio que tinha por fim ilibá-la de qualquer interpretação de avareza e, ao mesmo tempo, apresentá-la tão abastada quanto modesta dessas riquezas. O homem embolsou a maquia, sem a verificar, pois as lições da opulência aproveitara-as em todos os sentidos. Passado pouco tempo, inopinadamente, foi-se embora. Quina não o voltou a ver mais.

Ficava, pois, a seu cargo a criança. Estava ela registada com o nome de Emílio, mas, como todas as crianças antes do baptismo são chamadas Custódios pelo povo, aos quatro anos designavam-no apenas como tal, e nunca o reconheceram com outro nome. Custódio ficou, portanto. E esse nome, que tinha em si qualquer coisa de apenas tolerante, depreciativo sem qualquer rancorosa intenção, mas, simplesmente, era indício de limbo, catecúmeno, extratemplo, extravida, Quina não pôde jamais libertá-lo dele e fazê-lo esquecer.

As suas intenções ao se responsabilizar pelo rapaz eram bastante frias. A sua doçura para com as crianças dependia da sua imensa ansiedade de simpatia e da satisfação que sentia ao ser reclamada e preferida por elas. Nisto estava ainda a sua velha ambição de ser considerada à parte dos demais, e era verdade que no seu íntimo julgava corresponder sempre com menos ternura, amor e gratidão, do que o que exigia que lhe votassem. Ela era incapaz de qualquer forma de desinteresse. Quando amava, era porque o troco de reconhecimento a compensaria em larga escala. Quando recebia um

Pag.Sibila_Final.indd 157 3/8/09 11:31:39 PM

desagradecimento ou uma injúria como paga, sofria, não como quem é ultrajado, mas como quem foi espoliado do seu capital; e não hesitava em arriscar novas paradas sempre mais generosas e temerárias, para o recuperar. A sua caridade não tinha, portanto, esse cunho de vileza que caracteriza as mais pias acções movidas pela piedade ao ser inútil e indefeso. Era sempre um negócio, sempre um contrato em que a moeda era a reciprocidade de sentimentos. Não havia esmola nem pedinte, protector e socorrido. Havia só duas criaturas que se defrontam sobre a face da terra, e lealmente fazem a permuta dos seus bens – pão por alegria, um sorriso por um conforto, admiração por um valor. Nada pertence ao homem do que lhe é dado aceitar, nem o seu destino, nem a sua aptidão, nem a sua fé, nem a sua alma. Tudo ao homem entrega, e dele recebe a sua própria consciência. Somente, Quina, com o instinto de lucro que lhe era peculiar, esperava sempre dos outros um pouco mais. E até ao fim da vida arriscaria sempre um pouco mais para o receber.

O pequeno Custódio pareceu-lhe, desde o princípio, um encargo inquietante. Lamentava as suas tropelias, as suas chancas espatifadas, o seu génio um tanto alvar que o fazia explorado por todo o garotio do lugar. Pensava na sua ascendência melindrosa, e enchia-se de receios. Mas logo ele a buscava para lhe puxar pela saia e pedir, na sua voz trôpega e confiante, que o acompanhasse, que tirasse para ele uma laranja sanguínea do pomar, ou que lhe ensinasse o nome dum gaio cujas penas azul-pedrês cobiçava. Era esta confiança, esta dádiva total de instintos que desabrocham, que maravilhava Quina. Nunca ninguém a considerara tão única, tão imprescindível, tão suprema. Quando vencera a hostilidade da mãe, impondo-se na casa com o seu ascendente espiritual desencadeado em toda a sua magnitude ambiciosa; quando a condessa a ouvia, num crédulo e passivo assombro, lambendo a colherinha de manjar branco ou de compota de framboesa, com todo o ar de quem escuta nos pingos de chuva uma voz de duende; quando Estina dizia: «Reza», no seu tom peremptório e sem comoção; quando

Pag.Sibila_Final.indd 158 3/8/09 11:31:39 PM

Germa a beijava na fronte, gabando o encanto dos seus cabelos brancos; quando a bela Adriana lhe escrevia, enchendo-a de louvores simultaneamente cândidos e convencionais; quando Adão, o seu velho confidente, lhe meditava as razões, cofiando o derrubado bigode de tártaro, e concluindo para si que perdera naquela mulher o paralelo da sua força e da sua virtude de entesourador; quando, enfim, esse mundo de valores se lhe rendera e ela obtivera dele a sujeição completa, não experimentara uma parcela da glória que aquela criança lhe proporcionava ao pegar-lhe na mão com as suas mãos sujas e papudas, ao dizer-lhe: «Vem… ouve… ajuda-me…», balbuciando, implorando com a sua corrente de lágrimas, que, como o seu riso, não obedeciam a um sentimento, mas puramente e apenas a um instinto.

Germa, que veio visitá-la alguns anos depois, deparou com uma mulher constantemente acabrunhada por uma certa timidez e cujos modos tinham perdido muita da sua antiga vivacidade irónica, desse desafio próprio de quem se considera, sob algum aspecto, invulnerável. Tinha-se operado nela uma estranha mudança. Como alguém que sofre uma acusação partida do íntimo, se afrouxa no remorso e é prostrado pelo descrédito de si próprio, assim ela se comportava. Tinha ganho talvez em suavidade e simpatia, mas, de facto, alguma coisa do seu carácter se constrangera até se estiolar. O amor pela criança fizera-se nela tão devastador, tão profundo, que ela não ousava interrogar de frente a sua razão, que outrora era o seu orgulho mais fixo e mais soberbo.

Recebeu Germa com o seu beijo um tanto desorientado, de quem não se acostumou jamais a essa forma de cumprimento; e aquela afabilidade reservada doutrora parecia mais humilde, triste quase, sem chegar a ser comunicativa. Via-se que a visita de Germa não lhe dava prazer, que os seus modos e palavras eram contrafeitos e cheios de secreta inquietação. Quando Custódio se apresentou, a rapariga não deixou de notar o olhar de Quina, que dissimulava em vão um entusiasmo vivo, fremente e ao mesmo tempo angus-

Pag.Sibila_Final.indd 159 3/8/09 11:31:39 PM

tiado, como quem expõe ao critério alheio o que a sua alma já absorveu e adoptou. «Pobre mulher!» – pensou Germa, advertindo aquele êxtase cego, perdido de raciocínios, apenas vencido, apenas isolado na paixão e dela respirando sem saciedade e sem paz. Depois, contemplando o rapaz, ela disse para consigo, cheia de curiosidade e estranheza: «Ele é espantosamente belo! Belo e fatal!»

Assim era. Quase adolescente, possuía graças dum efebo um tanto selvagem, no expectante do gesto, no movimento da cabeça que se adianta para escutar, não com interesse, mas sim ingénuo, espontâneo espanto. A vulgaridade dum lábio espesso demais, da fronte saliente e obtusa, era atenuada pela auréola fulva dos cabelos, não riçados, não quebrados com essa negligência sábia da natureza, mas autêntica crina, brilhante e áspera, cortada à altura das orelhas e que lhe acompanhava os movimentos como uma pesada madeixa de seda cujo leve e contínuo oscilar provoca uma impressão poética, musical, extenuante. Os seus olhos, desse azul mediterrâneo, nítido mas não luminoso, pareciam pinceladas de guache feitas sobre uma superfície absorvente. Não eram estriados de negro ou de dourado, mas inteiramente azuis, baços, fixando-se em todas as coisas com uma inexpressão profunda, e parecendo destituídos desses predicados de transparência receptora que têm os olhos dos vivos. Germa jamais pôde compreender como eles eram fascinantes, porque despertavam um arrepio de ternura amarga; nunca soube porque jamais os conseguiu fitar sem que um desejo desesperado de lágrimas e de risos lhe despertasse os nervos e lhe comunicasse um ímpeto de brutalidade, de coisas terríveis, represadas na alma, aí esquecidas ou ignoradas, mas que vivem e ao pé das quais a razão do homem, os seus mundos construídos e destruídos, bloco por bloco, em barro e em nuvem, a sua arte e a sua ciência, os seus dogmas e as suas leis, não passam de superficialidade e de burla.

Demorou-se algum tempo com Quina. Enviada de Abel, trazia a missão de verificar qual a actual disposição da velha proprietária,

Pag.Sibila_Final.indd 160 3/8/09 11:31:39 PM

qual o lugar destinado ali àquele rapaz cuja protecção fora primeiro levada à conta de caridade, mas agora parecia por demais zelosa para não despertar inquietudes na família. Germa era uma mulher, agora; porém, essa maturidade que se exprime nas criaturas por um estacionamento mental, a súmula de percepções acerca da sociedade e da natureza que regem até à morte o homem, sem que o seu espírito experimente mais uma instigação de curiosidade, de interesse, de reparo, de conclusão nova, isso ela não adquirira. Permanecia criança na faculdade de rever uma cena cansada, e extrair dela um sabor de experiência; permanecia criança no impulso para o riso e para a violência, o egoísmo até na generosidade, o valor de buscar em si própria as definições do mundo. Abel disse-lhe:

– Quina está velha e tem uma fortuna. Não deixei de pedir as minhas rendas, para aumentar a herança dum estranho. Há quanto tempo não vais à casa da Vessada?

– Não sei…

O tom, indiferente, irritou muito Abel. Defrontaram-se, corando ambos, vexados por aquele rancor fundo, implacável, que às vezes subia à superfície, motivado pelo embate de duas energias contrárias – ele, utilitarista, capaz do manejo vil e resguardado pelo anonimato, sem determinação bastante para tentar o ilícito, mas aplaudindo nos outros essa coragem; fraco, vergado ao êxito alheio, cheio de despeitos burgueses pelos valores do espírito – porém pressentindo-lhes força –, em que não chegava a ver mais do que um adorno, não uma utilidade. Ela, Germa, talhando nestes obstáculos a sua coragem, hostil, rebarbativa, temperando na humilhação a sua constância, buscando no contraste o seu destino, desafiando, ferindo, e sofrendo a sujeição, o cativeiro das próprias faculdades, sofrendo também o imperativo daquela luta.

– Não sei… – disse ela. Tinha conhecido alguma vez a casa da Vessada, vivido nela, cruzado o seu umbral? Era lá que havia uma câmara de ratos condenados à morte, uma grande caixa de pinho

Pag.Sibila_Final.indd 161 3/8/09 11:31:39 PM

onde a vítima esperava a entrada do carrasco, que avançava, lento, rojando a cauda, com estremecimentos de volúpia no lombo? Era Quina aquela mulherzinha irónica e gentil que lhe ensinava, quando uma baforada de fumo do lar lhe embatia no rosto: «O fumo vai para as formosas…», e lhe contava a história do fidalgo pelintra e do seu criado galego, relato um tanto sujo e grotesco, com esse toque medieval de arroto, de digestão laboriosa, de paz monacal e de risada coceguenta de mulher burguesa que coloca sobre o seu livro de horas os *Contes à Rire, ou Récréations Françoises*? E, de súbito, Germa sentiu uma saudade imensa da casa da Vessada, de todas as coisas recolhidas lá sem o concurso do espírito, e cujo encanto, originalidade, perfume e graça se lhe revelavam agora, como acontecia com uma matéria fóssil, morta, carvões sepultados na terra e que um dia surgem transmudados em condensações de raridade e de beleza.

Porém, teve um desencanto ao aproximar-se, de novo, de Quina. Ela não a queria lá. Jamais seriam possíveis aqueles colóquios à lareira, sob a língua imóvel da luz da candeia, aquele recostar da fronte no ombro dela, para dormitar, ouvindo a repetição das sentenças da donzela Teodora, que enumerava os rigores da mulher perfeita – larga em três sítios, estreita em três sítios, branca em três sítios, negra em três sítios, alta em três sítios, pequena em três sítios… Germa adormecia visionando uma figura bizantina com capa de brocado suspensa por mulheres de toucados arqueados como gôndolas. Lia muito história, e aquela sábia Teodora aparecia-lhe numa hirta compostura de tapeçaria, com um friso paralelo de aias cujo olhar imóvel e mortificado parece esperar o diluir dos oiros das suas tiaras e dos seus borzeguins, o desvanecer, o caducar desse fausto que o tempo desbota e gasta, tornando-o uma cópia mais trágica da miséria. Ah, esse palrar colorido, mais do que alegre – feliz! Essas expressões castiças em que a gramática se revoluciona e desprestigia; aquelas figuras de retórica e aqueles ditongos assanhados no erro, a ponto de constituírem

Pag.Sibila_Final.indd 162 3/8/09 11:31:39 PM

um dialecto; as histórias burlescas de militares e estudantes, as histórias melodramáticas dos corredores de fado, cujo vestuário era necessário queimar à meia-noite, no forno do pão, e cujos corpos era necessário ferir até sangrarem, para lhes quebrar o encanto. E as matanças, o cheiro de chamusco entrando pelas janelas, aquele agoniento odor de casco queimado na manhã límpida, com os pinheiros vergados de sincelo, os regos da vessada coalhados pelo frio, a água azul correndo sob o gelo onde o ar tinha criado vácuos, onde insectos ficavam aprisionados como desenhos botânicos estampados em vidro. O cheiro quente das vísceras empestava a casa, penetrava-a toda, estava na própria roupa, na pele, nos cabelos, no carcomido das caldeiras de cobre onde, na banha doirada, boiavam os rojões floreados, de formas hepáticas ou de cogumelos cinzentos. Ardia nas brasas o coração retalhado, pingando um suco sanguinolento; nas grandes vasilhas de barro, a carne despedaçada tomava um tom arroxeado, de gangrena, mergulhada no vinho. Sobre a aldeia inteira parecia pairar o cheiro de entranhas quentes, ainda vivas, arrancadas a ponta de facão; vinha no vento, subia no fumo este fartum espesso, nauseante e que excitava nos nervos um entusiasmo, fatigando-os, provocando no organismo um estado febril, de arrepio e de inquietação. Germa via sentar-se à mesa, diante duma refeição lauta e um tanto cerimoniosa, o matador, o senhor Zezinho de São Sebastião, não um profissional daquele mester, mas um proprietário amigo que não aceitava paga, excepto a generosa maquia de carne escolhida com mimo. Era um típico cavalheiro, belo, grave, discreto e grisalho, com uma ponderância encantadora de maneiras, que, como capa da indecisão, seria a coroa de glória dum diplomata. A sua perícia como degolador e desmanchador era célebre. Uma criada esperava-o próximo dum banco ou da carrela onde prendiam, com cordas do mato, o condenado; a moça oferecia-lhe a toalha mais rica, com cercaduras puxadas no linho, ele amarfanhava-a levemente, depois de lavar as mãos, que um borrifo de sangue maculara. Eram mãos

Pag.Sibila_Final.indd 163 3/8/09 11:31:39 PM

longas, muito belas, era sempre aquele borrifo de sangue perlado e como que gorduroso. Germa perguntava a si própria: «Ele pensa? Quando crava a lâmina naquela carne que range, ao ser aberta, como um tecido que se desgarra, branda e túrgida, ele que sentirá?» A fronte elevada e nobre, as mãos espirituais que o trabalho tornara apenas mais expressivas, sem as deformar, nada lhe respondiam. O que havia de enigmático naquele homem era talvez o seu imenso vazio.

Ao segundo dia da sua visita à casa da Vessada, Quina disse-lhe:

– O comboio da tarde é com certeza melhor. Comes, antes de ir, alguma coisa…

Era uma forma muito sua de despedir Germa. Ela assentiu, com um pesar insidioso no coração. O seu lugar estava, pois, esquecido, alguma coisa avassaladora e única tinha ganho terreno naquela alma, e não era possível expurgá-la mais. Como dantes, quando lhe buscava a companhia, pedindo-lhe, com lisonjeiro capricho: «Conte-me qualquer coisa, vamos…», assim procedia ainda, mas não via agora em Quina aquele cândido prazer que a incitava à volubilidade e à comunicação. Na sequência das refeições, que ela nunca partilhava, fiel ao seu costume de comer a ocultas, acontecia esgueirar-se da sala onde se empenhava em servir Germa, que a ouvia logo depois em murmúrio de tertúlia à lareira, com o rapaz, que regressava das suas andanças com os mosqueteiros do lugar. Pressentindo-o, Quina abalava com o seu passo alado e sem rumor, fazia-lhe o prato com algum petisco de reserva, demorava-se a vê-lo comer, com um desvelo desassossegado e um tanto importuno. Germa, assomando à entrada da cozinha, ia surpreendê-la debruçada no lar, em sussurro ameno com Custódio, que lhe falava com esse humor distraído que inventa subterfúgios e ardis para escapar, próprio dos jovens a quem os velhos retêm com os seus repisados assuntos. Porém, que diferença nessa Quina que outrora tanto amenizava o ambiente com as suas graças, como impunha as suas massacrantes opiniões a res-

Pag.Sibila_Final.indd 164 3/8/09 11:31:39 PM

peito de terapêutica, de ética, de metafísica! Ah, como ela era insuportável com a sua aversão à água como bebida, porque, dizia, «alaga as arribadas»! As suas prédicas a propósito de indisposições de mulheres, as suas dietas, os seus tabus, o seu vício de contradizer, a sua dúvida perene a respeito da virtude de outrem, a sua secura sentimental, que simulava mais do que sentia, a sua desconfiança pelo pobre que se desconhece, o seu magno desprezo pelo funcionário, o amanuense, o cumpridor de horários, essa raça extra-bíblica criada a uma luz que não é de sol, vegetando entre dois muros móveis de orçamento, ridículos porque não são a miséria apostólica que mendiga mas que julga, mas a miséria do que trai, do que mente, do que imita, do que adula, do que espia, do que come pó e excrementos, do que sorri à injúria, não para salvar a vida, mas para obter o conforto dela. Esse desprestígio dos homens em geral e que ela constantemente apregoava, esse particular menosprezo pelas mulheres e do qual tantas vezes Germa sofreu a alusão, eram agora em Quina como que fontes esgotadas que não alimentavam mais as suas ideias quase tão egocêntricas como pagãs. Era confrangedor vê-la tentar captar as atenções daquela criança boçal e tosca de entendimento, que, de fronte baixa, simulava escutá-la ou mesmo nem se preocupava em fingir cortesia, pois se levantava de súbito para correr ao caminho, a cortar a passagem ao camarada, ao gado, ao cão, à ninhada, cujo rumor compreendera. Que expressões iluminadas de orgulho se espelhavam no seu velho rosto, quando o rapaz, com a sua voz rouca e tarda, lhe confiava um dos seus pequenos segredos, coisas de amores e de traições, maledicências, projectos, uma zanga, um canivete trocado entre amigos, a cachopa que do tabefe maternal fez selo de garantia dos seus afectos, o pião que venceu outro pião, a *estrela* lançada sobre a mata e cujo barbante se enredou, o triunfo na *choca* e no jogo do botão, o primeiro varapau de marmeleiro experimentado, em zunidos, nos rebentos de eucalipto e nos tojais. Germa apenas logrou defrontar-se com ele duas vezes, porque o rapaz, arisco como

Pag.Sibila_Final.indd 165 3/8/09 11:31:39 PM

bicho-do-mato, com um misto de acanhamento selvagem e desabrimento, lhe fugia. Quando ela fazia uma pequena incursão, tomando o caminho entre lódãos que ia desembocar na vessada, encontrou-o junto do pombal, construção quase lacustre e cuja dependência inferior tinha em tempos sido alambique.

– Tu que fazes, rapaz? – perguntou Germa, pondo na voz uma entoação cautelosa, lenta, quase melíflua. Não sabia ainda como tratá-lo, confundida com aquela situação do moço cujos trajos não passavam de modesto cotim cor de chumbo, mas cujos costumes eram ali mais de morgado do que de afilhado pobre. – Tu que fazes? – disse ela. Custódio voltou-se em sobressalto, rápido e quase astuto, com o jeito bravio de quem confere os meios de retirada antes mesmo de supor o perigo.

– Ando às rãs… – disse. Com a voz entaramelada e pressurosa, pôs-se a explicar a sua tarefa, o modo como, com uma forquilha, prendia a rã pelo dorso, de surpresa, antes de ela ter tempo de pinchar na água verde da presa, onde flutuavam limos e emergiam os esteios que sustinham os ferros da ramada. Germa analisava-o, à socapa. Grande, cheio duma elasticidade animal, debruçava-se sobre a pedra do lavadouro, com ar atento e exageradamente perscrutador, disfarçando a confusão, o desejo de se ocultar e de fugir daquela mulher sorridente, porém grave, que lhe infundia desconfiança. Na água clara, o seu rosto brilhava, às vezes deformado com um ligeiro tremular provocado pelo insecto que pousa, a gavinha que tomba, o vento que perpassa. E era essa imagem reflectida, não na superfície, mas como que imersa e ali retida pelo peso da água, bela e um tanto turva, com a sua crina fluida e loira desenhando-se aos lados do rosto com o corte rectangular das cabeleiras das esfinges, que Germa contemplava. Durante algum tempo, nenhum dos dois falou. Depois, com um suspiro de perturbação, ele voltou a cabeça e fitou-a, de relance, fazendo bater pesadamente as suas pestanas que eram como penas dum doirado quente e que lhe sombreavam a face com um largo semicírculo.

Pag.Sibila_Final.indd 166 3/8/09 11:31:39 PM

– Não és grande demais para esse brinquedo? – riu Germa. Mas a voz saiu-lhe um tanto estrangulada, para surpresa sua.

– Não, senhora, não sou.

Sobre uma pedra, uma rã, confiada naquele meio silêncio, viera postar-se, verde e arruivada, a pele viscosa enfolando-se com o ritmo do seu coaxar. Estava imóvel, com o ventre branquicento cheio de sol, enquanto, por cima de si, pequenas libélulas cruzavam o ar, com uma cintilação de arco-íris nas asas, que pareciam sustentar um corpo obscuro de verme.

– Está longe demais – disse Germa, baixinho, como que advertindo-o. Talvez, sem o desejar de facto, ela exprimisse com aquilo ironia e desafio. O rapaz imprimiu ao tronco um movimento brusco, muito rápido, para diante. E caiu.

– Não te disse? – gritou Germa. – Vai-te embora depressa. Vai mudar essa roupa, palerma. Para que queres tu apanhar rãs, não me dirás? É para as comer?

– Não, senhora, não é.

Com o seu tom serviçal, cheio duma bronca timidez, ele respondia-lhe, ainda mergulhado na água, cego pelas farripas do cabelo que escorriam regueiros pelo rosto abaixo, não ainda penetrado da algidez da água, mas apenas sofrendo o choque desse frio contacto, que era, na sua pele, como um percorrer de formigueiro. Levantou-se e, tropeçando primeiro numa das bases de pedra dos esteios da ramada, depois numa velha mó abandonada junto à lacustre construção do pombal que fora outrora alambique, acabou por sair da presa.

– Não foi nada – disse, com uma fanfarronice tola e até encantadora. – Não tem mal.

Germa, com as pontas dos dedos, retirou-lhe do rosto uma madeixa de cabelo, com um gesto breve e violento.

– Vai-te embora depressa! – repetiu, com um ardor levemente ofendido, quase de represália.

Pag.Sibila_Final.indd 167 3/8/09 11:31:39 PM

Dum pulo, o rapaz achou-se no caminho bordejado de lódãos e onde os folhedos, em forma de coração, das violetas, faziam alcatifa na terra negra e aberta. Germa pôs-se a atirar na água pequenas areias pardas, soltas da pedra do lavadouro. O rosto não se lhe animara nem com um sorriso; e, mesmo revivendo a cena, o rapaz sentado no fundo limoso da presa, forcejando por se recompor daquele embate e a olhar para ela através das franjas do cabelo que pingava ininterruptas gotas, ou quando ele dissera «Não tem mal», com a sua pronúncia de criança tarda, excluindo os *éles*, Germa não se ria. O seu olhar era contrariado e duro, e não pensava gracejar com tudo aquilo. Partiu nessa mesma tarde, sem tornar a ver Custódio.

Pag.Sibila_Final.indd 168 3/8/09 11:31:39 PM

XIII

Abel não ficou satisfeito com as informações que Germa lhe levava. Aquele desvario todo maternal da pobre Quina, que criava no seu regaço um espécime perigoso de usurpador, revolucionava a família. Chegou a procurar João, que vulgarmente considerava no ostracismo dos parentes insignificantes, para lhe propor uma coligação ardilosa ou mesmo violenta contra o que ele chamava caturrice de velha. João, que vivia numa enorme casa desmantelada, propriedade da mulher, desceu oitenta e quatro degraus para lhe abrir a porta, porque faziam residência apenas no último andar, e o cordel a que se prendia o fecho não funcionava.

– Olá! – disse, sem entusiasmo. Retirou-se para um lado do pequeno vestíbulo pavimentado com azulejos dum fosco cor-de-rosa, e esperou que o irmão entrasse, para o conduzir pela escada interminável, iluminada nos patamares pela claridade das habitações desertas, cujas paredes, pintadas com veios negros imitando mármore, brilhavam suavemente. Não falaram antes de chegar acima. E, depois, quando Abel se encontrou na sala, mobilada com essa espécie de móveis que exprimem, na sua solidez modesta e no imprescindível das suas atribuições, a honesta e grotesca resignação das falências burguesas, não achou nada para dizer. Havia talvez doze ou quinze anos que os dois irmãos não se cumprimentavam de perto, tornados muito indiferentes pela oposição das suas vidas, João respirando uma quase pobreza, essa falsa auréola de conforto da classe média a quem as pretensões fazem pelintra; Abel continuara sempre um aventureiro inconformado que obtivera como

Pag.Sibila_Final.indd 169 3/8/09 11:31:39 PM

triunfo o crédito, mas a quem o dinheiro escasseara sempre. O crédito era o seu luxo, como nas velhas actrizes o são as suas jóias. Como seu pai Francisco Teixeira e como a própria Quina, não era um burguês, uma criatura doméstica, nem um fidalgo, nem uma pessoa de espírito – era um diletante da experiência. Olhou o irmão, que se tinha sentado numa estranha cadeira cujas molas pareciam ser do tipo das utilizadas nos circos para números como o da bala humana, e uma certa comoção velou-lhe a voz e embaciou-lhe o olhar. Porém, João não tinha qualquer aparência que inspirasse uma recolhida compaixão; estava velho, era tudo. Esta brusca revelação de decadência em alguém que conhecemos no apogeu da sua promessa humana, alguém que vimos jovem, activo e loquaz, para encontrarmos um dia decrépito, deformado, irreconhecível já até pela cor dos olhos e o contorno do rosto, impressiona mais ainda os caracteres frívolos e mundanos para quem o tempo surge como um abismo que apavora.

– Tens um bonito quintal, vejo-o daqui – comentou, por cortesia, Abel, chegado à varanda traseira, donde se avistava uma sucessão de bairros miseráveis entre murecos derruídos onde trapos secavam, muito destacada a cor de laranja, a cor de salmão das baetas. Uma faixa de terreno, com um eriçado de estacas de feijoeiro, via-se em baixo. Era exíguo e pobre, mas à consciência de proprietário de João, muito sensível agora naquela existência de hortelão que sonha granjas e lameiros num canteiro, aquilo parecia grandioso. Germa chamara-lhe, uma vez, «o quadro das lanças», na certeza de que ele não entenderia.

– Oh, tenho desleixado muito isso! – acudiu, humildemente. O seu rosto mole e cansado irradiou um entusiasmo irrisório. – Queres descer para ver?

Abel acedeu. E foram outra vez os oitenta e quatro degraus percorridos com um passo arrastado e cauteloso, e aqueles patamares, com as portas abertas para interiores vazios onde flutuava um

Pag.Sibila_Final.indd 170 3/8/09 11:31:40 PM

odor de poeira e de sementes que secam sobre papéis, nos peitoris, por detrás das vidraças sem cortinas.

Foi indicando um a um os talhões de feijão-verde cujas vagens rajadas de roxo se confundiam na folhagem áspera; um poço, com a sua parede circular, de cantaria, abria-se no extremo do quintal. João atirou uma pedra para dentro, para demonstrar como era fundo.

– Passo aqui o meu tempo a jardinar – disse. E envolveu com um olhar enlevado as teorias de amores-perfeitos e as pontiagudas folhas dos lírios cujos bolbos branquicentos se desaterravam ao longo dos muros. Manhosamente, Abel sorriu.

– O nosso futuro não está na lavoura, vê-se. Entretanto, Quina conseguiu apropriar-se da representação de todo o nosso passado de lavradores. Está rica, e consta-me que muito disposta a beneficiar estranhos com o pé-de-meia para o qual nós, de resto, contribuímos.

– Não quero que me fales de Quina. Não me fales dela – interrompeu João. Parecia gravemente ofendido, decerto mais pelo pouco tacto com que Abel considerara a sua horticultura, do que pelos prejuízos de que este acusava a irmã e até pelas desfeitas sofridas por sua mulher, que, como parenta, jamais tinha sido reconhecida na casa da Vessada. – Ela é uma intriguista que me enoja, uma criatura sem sentimentos… Não sou rico – disse, pondo, pateticamente, a mão sobre o coração. – Não sou mesmo nada rico. Mas prefiro este bocado de terra, as minhas couves e os meus chinelos de corda, a viver como Quina, com toda aquela história de bruxedos e de juros ilegais. A última propriedade adquiriu-a graças a não sei que voltas muito escuras, a que se pode chamar génio da finança e que, para mim, não passa de ladroeira. E tenho pena, que ela é minha irmã…

As suas expressões não tinham variado muito, nem atingido qualquer exaltação, pois ele, mesmo na indignação, era mais sofredor do que agressivo. O modo como apoiava a mão no peito e

Pag.Sibila_Final.indd 171 3/8/09 11:31:40 PM

dizia «Não sou rico» tinha, porém, muito mais de rancor do que de conformidade. Era um homem fraco, conciliador e liberal na fartura, mas sujeito à inveja e à torturada maledicência quando o êxito de alguém lhe revelava mais profundamente a própria impotência. Era também o apontamento intelectual da família. A sua estante de macacaúba, que não perdera a antipática circunspecção de guarda-roupa para que fora talhada, estava cheia dessa bibliografia ingénua e presumida, praticada com o sentimento preconcebido de explorar a emoção humana, conseguindo dela uma imoral e falsa e desprezível submissão. Eram raptos, coincidências fatais, duelos, traições, histórias de favoritas e espadachins, de *grisettes* amorosas, de cartas, de flores murchas, de filósofos bandoleiros e de amazonas apaixonadas. Era a escada de seda e o veneno na luva; eram máscaras e dominós, um exotismo inspirado nas litografias de calendário, beldades de Benares e de Banguecoque interpretadas por uma estética europeia. Sobre uma feia, pesada e quase luxuosa mesa de pé-de-galo, via-se, marcado com um canto de jornal, *O Bastardo da Rainha*, encadernado em papel de lustro salpicado de verde-garrafa. João chamou a atenção do irmão para o livro, que era o tomo II e cujas páginas, por serem velhas, pareciam crestadas e quebradiças. Reteve-o muito tempo; cheio dessa sofreguidão própria dos que raramente logram obter um auditório, falou-lhe do herói Carambilhas e de mulheres régias, despedaçadas de dor, dentro dos seus *vertugadins* e das suas golas à Médicis, altas e rendadas como pentes de espanhola. Os amores de Mazarino e Ana de Áustria mereciam-lhe uma consideração tão viva, inquieta e deslumbrada, como se representasse um fenómeno actual e o caso do dia do seu tempo. Isto não deixava de ter espírito.

– É a vida, é a história da vida – dizia. Abel calava-se, e tinha para dentro de si um risinho de mofa despeitada. Não lhe fora possível encaminhar a conversa para a razão verdadeira da sua visita – o caso de Quina e a possível repressão dos seus desmandos administrativos. Porque ela fazia-se pródiga, agora, pagando dí-

Pag.Sibila_Final.indd 172 3/8/09 11:31:40 PM

vidas àquele rapaz que, criado no conchego duma mulher fraca e vaidosa, obtivera um lugar de afecto à casa, que ela, por orgulho, por desafio ao murmurar do povo, não queria negar. As suas estroinices eram muito reparadas e já célebres. Rodeava-o toda uma matilha vadia. Custódio era um idiota, sem entendimento mais que para exigir submissão onde suspeitava cobardia. Aos dez anos, a sua razão petrificara, e obedecia apenas a uma memória de experiências muito limitadas. Quina achava-o inocente, condoía-se ternamente do que lhe parecia ser uma negação para o mundo, a sua crueza e os seus enredos. As violências de Custódio levava-as à conta dum capricho de humor não frequente e que lhe vinha às vezes com volta de lua, com indícios de temporal, quando as nuvens se acastelavam e a terra despedia fluidos que faziam vibrar a atmosfera. Ele aprendeu depressa a dominar Quina – ora pelo carinho de menino, ora pela grosseira arremetida que ela temia muito pela suspeita de escândalo que podia ocorrer aos vizinhos. Agora que ela estava no fim da vida, rica, considerada e orgulhosa do seu êxito, Custódio caíra-lhe como um anátema no coração. Era o seu pesadelo, o seu carrasco e também a mais viva chama do seu mundo árido, porém tão espiritual como cheio de miseráveis manejos de interesse e aberto à compreensão mais audaciosa. Aquele rapaz, que se fizera belo enquanto ela lhe servia o prato de batatas regadas com ácido azeite ou lhe traçava a risca no cabelo com o velho pente de osso, ele, tão boçal e tão instintivamente venal, inconsciente quase, tanto para o mal como para o bem, era afinal a vingança dos juízos que ela sempre fizera dos homens. Amava-o, não o observava; mas conhecia-o a fundo, com uma lucidez amarga que ela desviava da sua mente, para não coroar de espinhos a sua vaidade, que era grande e intocável, mesmo quando a paixão era de molde a abatê-la, a reduzi-la a fragmentos. Abel dizia: «Tenho que me opor, tenho que fazer alguma coisa. Quina é talvez uma pedra dura; mas aquele rapaz é dinamite.» Germa dizia, apenas: «Coitada!» E, depois dum ligeiro cismar, mudava de assunto.

Pag.Sibila_Final.indd 173 3/8/09 11:31:40 PM

Não era possível encontrar apoio para qualquer espécie de diligência em João. Ali estava ele, remoendo os entrechos das suas soberanas e dos seus conselheiros, depois de ter exibido o quintal, os feijoeiros, os amores-perfeitos, discriminando *viúvos, casados e solteiros*. Estava velho, tinha essa fisionomia nula e um tanto impertinente que define o egoísmo pacífico dos sedentários, maníacos de pequenos hábitos, confinados a uma restrição de desejos cuja parcimónia, de tão repetida, chega a figurar como a obtenção dum ideal.

– Vou-me embora – declarou Abel. – Deixo-te a ti e aos teus bastardos.

O irmão corou. Experimentava um grande pudor pelos seus dois filhos ilegítimos, que a mulher fingia suspeitar apenas quando queria reprimir-lhe uma rabugice ou conseguir um acordo mais regateado entre o casal. Bem sabia ela qual a criada que provocara aquela sucessão, uma gordinha, fina, ondeada como uma garota de calendário e que João mantivera num desses bairros numerados onde se aglomeram as invenções do século – as mansardas apeadas dos telhados. A rapariga mudara de mão e vivia fora da cidade, junto do mar, casada com um catraeiro idoso que lhe proporcionava uma semi-abastança. Os filhos, ambos rapazes, tinham quase a idade de Germa, e constituíam o orgulho daquele leitor de novelas históricas que se imaginava talvez fruindo a mesma sensação dos enredos que, à noite, vestido com o seu camisolão de mescla golpeado na coxa, um quebra-luz de papel esmorecendo o clarão da lâmpada de cabeceira – a que a mulher chamava «cascatinha de peniqueira» –, ele devorava com grande sorvedela de choro e um tumulto de paixões dentro do mirrado peito. «Pobre diabo!» – pensava Abel. Contudo, deparando com o retrato dos pais, ampliado duma pequena e fosca fotografia de artista ambulante e que estava suspenso por um grande cordão de seda verde na parede onde a tinta desbotara e criara uma flora pardacenta, ele comoveu-se, sentiu de novo uma fraterna tolerância para com aque-

Pag.Sibila_Final.indd 174 3/8/09 11:31:40 PM

le bom homem, não tolo, não incapaz, mas tornado medíocre à custa da abnegação, do conformismo, do comodismo das próprias aspirações.

Quando saía, encontrou-se com a mulher de João, que entrava, ataviada com essas galas imitativas de grandeza, com que um sem-número de burguesas julgam aparentar fortuna. Era uma mulher avantajada e cuja banalidade, mais terrível que um vício, contagiara o marido, a ponto de o ter feito perder todas as características da personalidade. A submissão dele não parecia obediência, mas antes uma espécie de agradecimento pela iniciativa de responsabilidade a que ela o poupava.

– Adeus, adeus… Muito gosto em vê-la – disse, pressurosamente, Abel. Aquela cabeleira lanosa de abexim, aquele ar de açucarado desdém com que certo número de mulheres parecem vingar o não serem cortejadas, ao mesmo tempo que desejam revelar a sua virtude, quase lhe faziam medo. Ele não concebia a fêmea senão por dois motivos – pela beleza ou pela importância financeira. Aquele género de burguesas couraçadas de preconceitos, pobres como ratos e que não prescindem das mínimas homenagens que se dispensam àqueles de quem se espera algo, sejam favores de amor ou de dinheiro, aborreciam-no e, como ele dizia, traziam-lhe *malapata*.

– Fui ver o João – disse à esposa, uma dessas mulheres que são arca de aliança e torre de marfim, discretas e sentimentais, e que tão bem os mundanos e os frívolos sabem escolher, sem as apreciar jamais. – Venho derrotado! Venho arrasado…

– Então – falou Germa, com fastio –, ele ainda expõe no quintal a rendição de Breda? Aqueles feijoeiros valem um exército. Valem a floresta militar de Macbeth…

– Não se trata disso. – E o pai lançou-lhe um dos seus olhares sorrateiros em que havia uma malícia premeditada, porém sem crueldade. Aquela rapariga de vinte e seis anos, que não se casara ainda e que não parecia disposta a transaccionar legalmente o seu

Pag.Sibila_Final.indd 175 3/8/09 11:31:40 PM

corpo e todos os seus dotes de educação e mentalidade por uma situação vantajosa para toda a família, parecia-lhe insolente e digna de reproche. Ele entretinha-se, às vezes, a depreciar os seus dotes, com simulado intuito de desafio, para a ver reagir e demonstrar uma actividade útil das suas qualidades – casando-se depressa, procurando um partido indiscutível, ainda que fosse como vingança. «Não és bastante bonita nem esperta, para te safares desta ratinhice doméstica e obteres tudo quanto qualquer mulher menos subjectiva sabe conseguir» – dizia o seu olhar. E o olhar de Germa respondia: «Tenho espírito demais para que possamos ser aliados. Sou um valor que não rende, portanto um luxo. Paciência ou parabéns. Não é qualquer que tem em casa uma jóia de tal preço e reforma letras a sessenta dias…» E, acima da destilação desses dois olhares, pairava uma cordialidade sincera, um afecto cheio de bonomia e de compreensão, e uma cobardia mútua.

– Sabiam – disse Abel – que a Quina tenciona vender os Moinhos?

A própria Germa experimentou um sobressalto. Era possível? Os Moinhos eram o único legado de Maria, a fatia que lhe coubera da ração dos irmãos todos e dos quais só um, José do Folgozinho, fizera grande fortuna. Eram um símbolo, pois rendiam pouco, e os últimos moleiros, aquela hedionda mulher que chocalhava o seu ouro no bolso do avental e o sobrinho Tibúrcio, não pagavam nunca. A velha aparecera estrangulada, uma madrugada, e o corpo, mal fechado com umas pontadas depois da autópsia, pingara sangue do caixão durante todo o percurso até ao cemitério, o que queria dizer, na voz popular, que o assassino acompanhava a sua vítima. Era, decerto, Tibúrcio. Bêbado e embaraçado pelo medo, ter-se-ia comprometido se não fosse o socorro dum antigo senhorio, lavrador de má tradição, que lhe proporcionou um álibi. Mas Quina despedira o homem, finalmente justificada para se descartar do seu compromisso de caridade. Agora, os Moinhos tinham novos caseiros, um casal já velho e que possuía uma

Pag.Sibila_Final.indd 176 3/8/09 11:31:40 PM

destas fisionomias e um porte que intimidam, pois neles vemos expressa a força indestrutível e um tanto antipática da virtude. Que acontecia, pois, de tão estranho na casa da Vessada, para que os Moinhos, agora produtivos e um relicário de família, fossem vendidos?

Eram, de facto, apenas boatos. Custódio crescia, fazia-se um homem caprichoso dos seus privilégios, que eram a fartura sem esforço, as honras sem merecimento. Não trabalhara nunca. Aos doze anos, moldava em estearina chaves falsas, para abrir as gavetas onde suspeitava valores, que trocava sempre com prejuízo, muito iludido com a generosidade dos companheiros, cuja lisonja lhe parecia já suficiente paga. Tornou-se conhecido dos ourives de feira, receptadores de roubos. Quina, a quem aquelas culpas num homem outrora teriam feito expedir catilinárias aos quatro ventos, apenas definhara um pouco, cheia duma pena calma, sem revolta. Era incapaz duma atitude furiosa, dum gesto mais desabrido; tomava tudo pelo lado da conciliação, da prudência, da espera, da concessão. Com um carácter destes, o rapaz impava, como a vara da videira que se não poda, e desenvolvia toda a sua promissora qualidade de delinquente. Pobre mulher, iludida a ponto de acreditar que os seus conselhos produziriam fruto naquele espírito informe, que a suavidade lhe seria exemplo, que a benevolência chamava a gratidão! Em Custódio não havia qualquer capacidade de adaptação aos princípios mais primitivos da responsabilidade. Quina era excelente crítica, não lhe escapavam as deficiências todas, as tendências perigosas daquele rapaz que tanto amava e por cuja perfeição daria a própria vida. Um espírito crítico jamais exclui o sentimento, antes é um produto dele e sempre intenta vingar uma sede de beleza. Mas ela não o corrigia. Pensava: «Pobrezinho, és desatinado e tolo, há muitos bem melhores do que tu…» A razão ia, portanto, a par com o coração, e, por um motivo de egoísmo, para não melindrar uma e outro, ela subvertia-se a um papel de espectador daquele destino do qual não queria participar de-

Pag.Sibila_Final.indd 177 3/8/09 11:31:40 PM

finidamente. Fora sempre esta, aliás, a sua atitude. Como a sua personalidade era um misto incoerente de tendências ascéticas, desprendimento do mundo e, ao mesmo tempo, um desejo incansável de notoriedade e de honras, o seu procedimento com Custódio obedecia a estas controvérsias. Nunca falava nele, não se fazia acompanhar por ele, não o declarava senhor de quaisquer direitos, e vestira-o sempre como um camponês mediano cujo calçado não vai além da bota ensebada de vitela e que enverga camisa de popeline somente para casar. Mas toda a sua acção em que a opinião pública não fosse participante tinha outro cunho diferente, de idolatria, de cega devoção, de paciência e até indignidade na submissão. Custódio roubava-a, ela apenas se precavia mais, sem o repreender; insultava-a, proferindo ameaças, ela optava pelo silêncio. Quando, por prazer maléfico, ele matou com um pontapé o cãozito rafeiro, cego já e que Quina tinha salvo dum ribeiro havia muito tempo e mantivera com essa ternura especial, meio orgulhosa, que nos suscitam aqueles que alguma vez incondicionalmente protegemos, ela encerrou-se no quarto e não lhe disse nada.

– Não tens vergonha? – disse-lhe Libória, a criada. – Um bicho que era teu amigo e gania de contente quando te sentia chegar!

– Não tenho culpa. Ele também para que se pôs diante?

Era um argumento muito seu, alvar, obtuso, cheio de teima, como todos os que usava para se defender em caso de desorientação. Depois, pé ante pé, foi para a porta do quarto de Quina, e lá se entreteve a entalhar o seu nome com o canivete, numa das traves que suspendiam a cobertura da varanda. Como ela não aparecia, irritou-se; depois, cismando no cão cego, tomou-se de remorsos, foi esconder-se num desvão, chorando e dando punhadas nas paredes. Quina passou, e perguntou-lhe, simulando indiferença:

– Que te dói?

– Vossemecê não quer saber de mim! – gritou o rapaz. E os seus estúpidos olhos cheios de pranto, a sua bonita boca tornada mais túmida na emoção do choro, imploravam reconciliação e

Pag.Sibila_Final.indd 178 3/8/09 11:31:40 PM

perdão. A veia irónica de Quina sobressaiu da sua amargura, e ela, a custo, escondeu um sorriso, diante daquele moço tão belo, cheio dessa superficialidade de certos mármores gregos, cuja correcção de linhas tão extrema chega a exemplificar uma radiosa nulidade. Ele era, pois, o espécime anedótico do labrego bonito cuja mãe, doutorada em astúcia, o ensina a cortejar uma abastada mulher. «Como, se eu não sei namorar?» – lamenta-se o tolo. «Pois bem; devolve-lhe tudo quanto ela te disser» – industria a mãe, confiada na paixão da ricaça que, na primeira oportunidade, suspira e arrulha ao seu pretendente: «És lindo como um sol…» E ele, obediente: «E a senhora é como uma sola…»

Pobre Quina! Todas estas chufas e risotas, aplicadas ao patego, ao imbecil, ao simples, a que o povo, com uma infinita argúcia, recomenda para criado de fidalgo, se ajustavam admiravelmente naquele Custódio que ela fizera dormir no seu leito até à puberdade e que ela amava com a desesperada noção dos seus ridículos. Proporcionava-lhe uma vida ociosa, presenteava-o com regalias impróprias da sua posição e que, naquela modéstia e dependência em que o mantinha, tomavam a característica desse luxo pródigo que só se encontra nos pormenores, diferente do luxo económico dos burgueses que, adquirindo, amealham. Comprara-lhe um tordilho, potro ainda e que o fidalgo de Lago, em decadência financeira, mandara feirar como último arrumo dado nas suas cocheiras, outrora famosas. Pagou o animal muito caro, porque ele fraquejava dos joelhos e era inapto para as ladeiras pedregosas; mas Quina não era pessoa para abandonar o mercado contentando-se com um produto inferior e deixando os outros adquirir o que ela cobiçara. Como Francisco Teixeira, era extremamente obstinada na tentação. Não só pagou pelo cavalo uma exorbitância, como negociou o acréscimo dos arreios, bonitas peças marchetadas de prata e selim de camurça com pregaria, que por si só representava três anos de soldo dum criado de lavoura.

Pag.Sibila_Final.indd 179 3/8/09 11:31:40 PM

– Quero que se justifique porque me chamam rica – ufanava-se ela. E, às vezes, quando uma parenta mais íntima dizia: «Meu Deus, Quina! Porque não pões uma enxada nas mãos deste rapaz? Estás a criar um vadio na tua casa», ela tomava uns ares contrafeitos de mistério que, como último argumento, se esclarece.

– Ele é, supõe-se, neto da condessa Monteros. Que diriam se eu o recolhesse para fazer dele meu criado? Ora! E, se dou o meu pão, não é para que mo paguem, é para que não mo peçam.

– Seja como tu quiseres. Mas olha que hás-de acabar sempre por ser roubada.

– Deixá-lo. A minha casa pode com os roubos, só não pode com o desperdício – cortava ela, com um orgulho insensato e cheio de acinte.

Assim, na origem de Custódio ia ainda buscar uma razão que favorecesse a sua vaidade; e, não lhe bastando isso, acabou por descobrir no rapaz um filão oportuno que a si própria justificou o seu interesse por ele. Achou, finalmente, que aquela sua dedicação, a espécie de sugestão que ele exercia sobre si, eram devidas ao espírito reencarnado de algum ente querido – talvez o espírito bem-amado, preferido sempre, e que na sua memória era como um espinho, uma sôfrega dor nunca aplacada e quase jovial, de seu próprio pai. Estranha a fusão que ela fazia do real e do inumano! Nem um instante a sua razão esquecia um interesse, fosse de cifras, fosse de respeitabilidade e de convenção; e, a par desta ávida homenagem ao mundo, estava a integração profunda na mais subjectiva originalidade, a entrega das suas forças morais a um infinito espiritual que não admitia impenetrável, mas tão acessível como para si era a terra. «Há mistérios – dizia –, mas não para mim. Há Deus, mas é ele que me procura.» Não podendo aceitar Custódio com as superioridades concretas que não possuía, admitiu-o com as grandezas abstractas das predestinações divinas, pois essas ninguém lhas negaria. E, desde então, achou-se imunizada contra todas as turbulências e erros daquele rapaz, e nos

Pag.Sibila_Final.indd 180 3/8/09 11:31:40 PM

quais via sempre a marca terrível da fatalidade, de que não compete ao homem ser responsável. Ele não agia de livre vontade; era apenas o instrumento duma força independente, da qual nem suspeitava e de cujos poderes nada sabia.

Uma tarde em que ela passava na varandinha sobre o quinteiro, surpreendeu Custódio, que tinha deixado de martelar um dos seus engenhos para a caça das toupeiras, e olhava o ar toldado do entardecer. Não lhe falou nem ele a pressentira, pois o seu hábito de caminhar suavemente nos calcanhares, evitando instintivamente tocar até com os ombros numa esquina de parede ou numa porta que transpunha, ficara nela não tanto como uma graça, mas como um ridículo. Observou Custódio, e aquele rosto de arcanjo pareceu-lhe fosforecer na noite já próxima, na luz velada onde apenas sobressaíam os contornos dos telhados, o enfeite de madeira rendado à goiva, que havia sobre o pequeno alpendre da cozinha. Assim estiveram algum tempo; o rapaz fixando à sua frente algum ponto que parecia fasciná-lo, procurando talvez captar uma forma ou um som que não compreendia; Quina, com aquela sua curiosidade desconfiada que punha em todo o exame, estava quase junto dele, vacilando em tocar-lhe, chamá-lo ou retirar-se sem ser vista. Mas Custódio voltou-se, e, sem surpresa na voz, disse:

– Ande cá. Não vê ali um homem? – E apontava para a resvaladiça cobertura de palhas das cortes, sobre as quais subiam as copas das laranjeiras vizinhas, plantadas em vida de Narcisa Soqueira.

– Não é nada. São ramos, alguma escada encostada… – repreendeu Quina, porque ela detestava as crendices fáceis e comuns do povo, a quem uma sugestão impressiona mais do que um facto, e para quem o raciocínio é muitas vezes a maneira de deturpar a verdade. Mas Custódio, com essa exaltação peculiar às crianças que, para serem notadas como originais, são capazes de suscitar deliberadamente a confusão e a tragédia, definiu com mais pormenores o vulto do homem, pintando-o ataviado com uma batina e uma volta branca, sem esquecer até o rosto ictérico e os olhos

Pag.Sibila_Final.indd 181 3/8/09 11:31:40 PM

amarelos do abade. A criada deste, que à noite vinha buscar o leite, só mungido depois de o gado ter saído para beber, disse da doença do amo, um mal súbito que o acamara, sintomas estranhos que ele tomara já como aviso de morte.

– Ai, eu nem quero crer! – chorou a mulher, enxugando os olhos à ponta do avental e assoando-se nele em seguida. Com aquela, eram quatro viúvas que o excelente pastor deixaria na freguesia, todas galhardas, com essas linhas poderosas e sãs dos que representam três gerações, pelo menos, sem fome e oito séculos sem excesso. Ah, as suas prédicas contra o sexo fatal, as traiçoeiras e falazes saias, as suas invectivas desde o degrau do altar em que ele bradava, o dedo acusador varando a multidão, iam acabar! Aquelas mocinhas, ranhosas ainda e que seguravam a saia sobre a espinha com um alfinete de ama do tamanho dum polegar, ou aquelas avoadas, tolas, gordas raparigas que cruzavam sobre o ventre as mãos em que desfiavam o terço, sem o rezar, ou ainda as mofentas criaturas de pigarro carraspento que se encostavam ao guarda-vento ao fundo da nave, ou as fidalgas entrouxadas nos seus vestidos de domingo e que marinhavam o olhar ao longo das colunas romanas em cujo topo os pardais faziam ninho, iam deixar de ouvir a voz estentória e ralhadora: «As mulheres são como cornos de carneiro – duras e tortas.» A frase retumbava, subia até aos arcos esbeltos das ogivas de pedra, alcançava os rudes capitéis, entrava nos ouvidos como uma ameaça escarnecedora, contudo ironicamente paternal. «Bom homem!» – pressentia o povo. E havia um ressaibo de riso neste comentário, o riso humorista, tolerante, fraterno, com que criticavam as suas amantes, as suas prédicas de civilidade, ao evangelho, quando ensinava a suster um espirro esfregando o nariz, ou indicava a compostura dos ateus, forasteiros que visitavam uma igreja, como exemplo para os fiéis. «Bom homem!» – disse Quina. Estimavam-se, ainda que se considerassem um tanto adversários. Quando ele morreu, ela compreendeu bem que o povo, embora perdesse um coração humano demais para ter

Pag.Sibila_Final.indd 182 3/8/09 11:31:40 PM

sido um exemplo, perdia nele um amigo. Fora uma fraca e vulgar criatura, mas ao homem, de resto, agrada-lhe sempre o desprestígio da autoridade que o rege e que o comanda. Onde há chefes venais, há menos a consciência de se ser escravo.

Desde este acontecimento, Quina investiu Custódio duma dignidade que ela a si própria não declarou bem e que era uma espécie de direito de sucessão espiritual que lhe outorgava. Mas isto tinha apenas o significado das condecorações que se conferem para evitar desprezar pela razão aqueles que nos vimos obrigados a amar por uma questão de honra ou de sentimento.

Pag.Sibila_Final.indd 183 3/8/09 11:31:40 PM

Pag.Sibila_Final.indd 184 3/8/09 11:31:40 PM

XIV

Assim decorria a velhice de Quina. Isolava-se muito, ainda que toda ela fosse uma dádiva, um imperativo de generosidade e até desse sacrifício quotidiano que ressalta de todas as pequenas abdicações. O seu egoísmo era em proporção ao seu amor pela vida; a sua abnegação era o desprendimento da mesma vida, o orgulho de quem a própria paixão submete e vence. Não parecia de todo uma criatura nem admirável, nem sábia, pois não passava duma mulher cujos defeitos eram expressivamente evidentes e cuja alma era, talvez, demasiado intrínseca para ser recortada em síntese. Possivelmente, era Quina uma destas pessoas de quem se diz não terem carácter, significando com isto todo o turbilhão de aspirações, desejos, fraquezas, perversidades, mentira, audácia, medo e loucura, que pode ser encontrado no coração humano. A fibra mais recôndita do seu ser era a ternura – a mais bela e mais rara ternura.

Em tempos, bastava apenas aquele sorriso ambíguo e irónico com que seu pai a saudava, para que uma torrente de emoção lhe transbordasse do peito. Mas o pudor impedia-a de dar à sua voz um tom mais vivo, de a fazer pronunciar uma dessas palavras impulsivas e doces e tão banais em que se comunica o fulgor dum sentimento. O pudor é, talvez, a mais violenta, a mais iniludível das manifestações de sexualidade. Há grandes amorosas que envelhecem sem que o pudor deixe jamais de lhes transtornar a cor do rosto, ou de as obrigar a recato de virgens prudentes. Eis porque Quina, com os seus belos bandós brancos, curvada pela idade, ainda provocava em Inácio Lucas, o estranho e terrível marido de

Pag.Sibila_Final.indd 185 3/8/09 11:31:40 PM

sua irmã, uma sensação de amenidade e de consolo inigualáveis. Perante ela, as suas cóleras demoníacas quebravam-se e eram vencidas, e ele ficava um tanto vexado até; se ocultava com maldades e brusquidões a sua perturbação, era já inofensivo.

Em Quina, mesmo as suas brutalidades de linguagem, quando presa duma grande ira, traziam consigo o acento de exagero a que a obrigava o pudor, porque, se o exagero é a arma branca dos tímidos, é igualmente a mais desesperada das reacções do pudor.

A sua confiança nas criaturas foi sempre demasiado precária para que ela ousasse demonstrar inteiramente o seu amor por elas. A sua infância excluída de carinhos, dessas imponderáveis minudências de coração, esses supérfluos de sensibilidade que valem como o pão para uma pequena alma incerta de si mesma, deixara-lhe uma cicatriz profunda. Na sua afeição arrebatada e delicada por Custódio, estava a mesma gratidão, a mesma humildade apaixonada que dedicara ao próprio pai. Mas o pudor de não ser correspondida com igual soma de pura sinceridade, fazia com que ela jamais lhe pudesse revelar toda a intensidade da sua ternura e chegasse a desprezá-lo mesmo quando mais o favorecia. Aquela situação de subordinado era para ela a garantia de que Custódio não teria nunca a audácia de a julgar vinculada a si. E, contudo, como ela daria as suas rendas todas, tão laboriosamente acumuladas, para ter sobre o seu regaço a cabeça daquele adolescente, nas noites de serão em que os ventos zunem nas chaminés e a luz da candeia dobra como uma lâmina e vibra como o penacho verde e doirado das searas! Poder confiar-lhe as palavras simples e cheias duma eloquência primitiva e quente, e que fazem a linguagem do coração materno ou coração de amante! Dizer-lhe que o amava, que o mundo todo era como uma taça esgotada e atirada longe, enquanto ele era a luz, a presença sempre apreensiva e ansiosa da felicidade, a paz e o terror da morte, e até a solidão que o homem busca na angústia de ser só. Mas a vergonha de suspeitar no olhar dele uma indiferença, um interesse, uma tirania de oportunidade, gelava-a.

Pag.Sibila_Final.indd 186 3/8/09 11:31:40 PM

Um dia, com a sua bruta inconveniência, Custódio perguntou-lhe, sem propósito, denunciando-se, assim, industriado pela curiosidade de estranhos:

– O que me deixa vossemecê quando morrer?

– Que me és tu? – disse Quina. – Criei-te e dou-te de comer. Que esperas mais?

– Então que estou aqui a fazer? – bradou o moço, com escândalo. E ela riu-se, ainda que a desajeitada punhalada, por muito tempo ou para sempre, tivesse de sangrar dentro de si.

Aquela ingenuidade, aquela falha de arteirice e de dissimulação eram, de resto, menos desfavoráveis para Custódio do que a astúcia mais consumada. Mesmo quando a sua ambição eclodiu e se fez apresentar com factores de malícia, uma ou outra inesperada argúcia, ela acreditava-o apenas instrumento de conselheiros mais hábeis, e não impulso da sua própria natureza tão singela.

Depois dum Inverno mais rigoroso, Quina sentiu-se muito debilitada. Adão, o seu imperturbável confidente, achou-a mudada, e foi com voz um tanto inquieta que lhe recomendou, como fazia há meio século, para cuidar a saúde com regalo de bons manjares e desdéns pelas atribulações da vida:

– Coma e beba, e vá andando – disse-lhe, copiando, de resto, o aforismo muito usado na casa da Vessada, fosse por Estina, fosse por sua mãe, para quem o desgaste na vida era mais consequência dos pormenores que do seu esquema, quer na desgraça quer na monotonia dos acontecimentos.

– Não tenho andado boa – queixou-se Quina. Relatou os seus fastios, muito coadjuvada por aquele homenzinho mirrado cujos bigodes derreados podiam atar-se sob o queixo. Mesmo nisso, nesse mimo de apetite, eram parecidos. Mas Adão adquirira o seu enjoo próprio quando convidado para um almoço de ricos proprietários e, ao passar pela cozinha, surpreendera um cão que se banqueteava, com grandes sorvedelas glutonas, nos potes destapados na lareira.

Pag.Sibila_Final.indd 187 3/8/09 11:31:40 PM

– Chegou-me. Desde aí, casas de fidalgos são só para dar à língua, e não para dar aos queixos – dizia. E Quina ria-se, traçava no ar o seu revoluteio de mão, meio descuidado, meio trocista, contava a relutância de seu pai em aceitar qualquer acepipe que não fosse preparado sob o seu olhar. Numa feira, vira ele uma pobre rancheira apartando do seu alguidar de arroz a mimosa contribuição dum jumento preso ali. «Valham-me os santos anjos!» – chorava a mulher. Francisco Teixeira pagou a todos os seus amigos essa refeição em que não tocou, e disse, despedindo-se da tendeira: «Vossemecê que me dá por eu lhe ter valido como os santos anjos?»; «Uma novena de arroz de burro» – ripostou ela. E em todas as romarias a mulher oferecia-lhe sempre, gratuitamente, os seus refrescos de aguardente e o café que babujava das cafeteiras de barro, à luz de leque dos gasómetros.

No Verão seguinte, houve um acontecimento que serviu para provar que o génio medianeiro de Quina não estava ainda extinto. Se bem que ela parecesse mais indiferente aos sucessos e às gentes do seu mundo, se agora uma espécie de passividade lhe revestia o espírito, que se fazia mais íntimo, mais atento apenas ao seu sentido visionário, possuía o mesmo brilhante equilíbrio de razão prática que a tornava tão capaz para a solução de pendências e desatinos.

Um filho de caseiros seus seduzira ou forçara uma serva pequena, uma dessas crianças de miseráveis ganhões de sol a sol para quem a prole é uma forma de rendimento e um pecúlio. O rapaz era casado e vivia longe, em sítio ermo em que instituíra uma venda, primeiro passo para a fuga à terra e maneira muito usada pelos caseiros medianos para estabelecer um filho segundo. Porque, assim como a velha nobreza traçava de antemão o destino dos seus herdeiros, agoirando-lhes o título, a ordenação e a carreira militar por sucessão de idades, também o camponês, uma vez assegurado o pão do dia imediato, cria as suas leis próprias. O filho maior sucede-lhe nas terras, e o seguinte, em geral, anicha-se no comércio, «põe negócio».

Pag.Sibila_Final.indd 188 3/8/09 11:31:40 PM

Quina tinha sido convidada de honra no casamento desse rapaz, para cujo enxoval contribuíra com seis copos de vidro verde adornados no bojo com pequenas depressões de tom metálico e que queriam significar flores – prenda muito comentada para orgulho dos noivos, que receberam todos os habitantes do lugar no sobrado da casa paterna, sobre as pocilgas. Era num sábado, como sempre se destinam os casamentos dos aldeões, para quem o domingo seguinte representa a lua-de-mel. Quina provou de todos os pratos: carne que se tinha embebido do gosto do ferro; galinhas desossadas pela longa cozedura, cabrito assado, muito pontilhado pelo verde da salsa crua; arroz açafroado que deixava na boca um gosto simultaneamente doce e bravio; travessas enfeitadas com camélias vermelhas que os vapores faziam melar; essa aletria temperada com sal e cujos arabescos de canela deslumbram as moças, dando-lhes uma sugestão de inaudito fausto e de felicidade. Aquele espectáculo de júbilo ingénuo, as mulheres com os seus lenços novos com túlipas bordadas, a seda amarela sobre fundo de ralo tecido de fancaria, a noiva com o vestido cor de flor de pessegueiro, grávida já, mas tímida, fugindo da sala para chorar e rir no ombro das amigas, aquela cordialidade de vizinhos que permutam fatias de pão-de-ló e limpam os beiços com o gume e o dorso da mão, antes de ponderarem uma fala, encantavam Quina. Ela sabia que os velhos tinham ratinhado os dotes, oposto razões, porfiado, explorado, maldizendo-se de parte a parte, e feito uma chicana infame de volta daquela rapariga embaraçada de três meses e que chorava, e do galã, a quem incutiam tentações por outras sereias, mau grado as circunstâncias, a noiva e os compromissos todos. Mas tudo se compusera, e apenas a mãe do rapaz mantinha um sorriso azedo e despeitado, que se dissipou logo com o sucesso da festa.

– Agora tratem de ser amigos – disse Quina aos noivos, quando saía. Eles mal a encararam, cheios duma emoção constrangida, rindo e dando-se as mãos que se beliscavam disfarçadamente,

Pag.Sibila_Final.indd 189 3/8/09 11:31:40 PM

numa carícia exultante e nervosa. Dois anos depois, ele fora detido pela guarda e conduzido para a vila, muito sucumbido e enquanto a mulher estava ausente, cuidando duma irmã enferma.

– O meu filho está preso, senhora Quininha – disse-lhe a mãe. – Eu endoudo!

Para um camponês, a prisão tem um significado mais desonroso que o próprio crime. O crime é ofensa feita à natureza, mas a perda da liberdade tem mais um sentido de ofensa contra o homem. A pobre criatura lançava o avental sobre a face balofa e pálida, e carpia-se. Estava no terreiro principal, lá onde se erguiam as medas, e o cano de chumbo sobre o tanque escorria a sua água, que borbulhava ao cair; o gado tinha sido solto, e, com um lento ondular de ancas, as vacas afastavam-se pelo caminho, fungando no ribeiro, puxando ervagem dos muros, e seguindo. Um vitelo turino, com estremeções de susto que o faziam espinotear, corria, estacava, fixando as coisas com os seus enormes olhos aguados e ensaiando marradas. Quina, no patamar, revistava tudo com o seu olhar reservado, tranquilo, penetrante, anotando um erro de administração, o gasto inútil, o atraso, o desleixo. Desde que entregara a quinta a caseiros, fazia do seu conselho constante uma tirania. A mulher tinha pousado no chão, com certa precaução, a sua abada de legumes, e chorava sem adiantar explicações.

– Eu endoudo! – repetia, com essa bufa obstinação de ideias que é a espécie de eloquência das grandes dores.

Depois de algumas divagações, Quina julgou entender as peripécias todas, desde a tentação do rapaz inspirada pela pobre criança, até à ira do pai, que falava em degredo com grandes clamores proféticos. Era ele um triste homem com uma ranchada de cachopos e cujas cóleras eram forçosamente medidas pela ração do pão e a onça de tabaco, e a quem aquela rapariga, que lhe trazia no ventre outra boca ruinosa, fazia o efeito dum cardo sob a albarda dum burro. Quina mandou chamá-lo.

Pag.Sibila_Final.indd 190 3/8/09 11:31:40 PM

– Olhe lá – disse-lhe –, isto de culpar o homem não lhe adianta nada. Ele não paga, que não tem por onde, a loja está empenhada, ele está empenhado até às orelhas, e o pai não quer saber de nada. Vossemecê retira a queixa e faz uma declaração por escrito e afiança que o rapaz nada deve à sua filha. E pode contar com o dote da rapariga.

– Isso também não é assim… Há-de andar a justiça! – barafustou o triste. Tirou do bolso do colete o resto do cigarro húmido de saliva, reacendeu-o e pôs-se a sugá-lo com frenesi.

– Que me diz ao dinheiro duns bois?

– Ah, o dinheiro duns bois… É uma desgraça, sabe a senhora? Vem o filho…

– É o mesmo. Dotada, ela casa, arruma-se, que não falta quem na queira. Sempre é o dinheiro duns bois – insistia Quina.

Por mais de uma hora, repisou aquela alusão ao preço duma junta, com a qual o homem podia ascender a caseiro duma pequena propriedade, e satisfazer assim uma ambição que lhe estava no sangue. Parlamentou demoradamente, gizou todos os passos a efectuar, convenceu; a história ficou sepultada e esquecida ali mesmo. O homem partiu, sem conseguir fazer fumegar o cigarro, que aspirava com obcecada volúpia, enquanto Quina o considerava com aversão, porque o espectáculo dum vício irritava-a e tornava-se-lhe mais pungente do que uma desgraça e do que a morte.

– Bem… Fica pelo dinheiro duns bois – remoeu o homem, ao afastar-se. Parou, recolheu o tabaco da mortalha despedaçada e guardou-o outra vez no bolso do colete, pescando um a um os filamentos na palma da mão. Quina sentiu uma espécie de violento descontentamento, ao cismar no contrato, na criança com cuja desdita o pai edificara castelos. Mas alguém é culpado de alguma coisa? Canas ao vento, folhas que rolam, flores esmagadas, areias que se dispersam… É-se vencido, chora-se, morre-se, desiste-se; e é terrível ser vencedor. Quina foi sentar-se na *rocking-chair* da sala, ficou imóvel, fixando a porta, como fazia havia tempos; imóvel,

Pag.Sibila_Final.indd 191 3/8/09 11:31:40 PM

sem orações e sem paz, olhando aquela porta como se esperasse ver entrar por ela alguém que esperara sempre, que esperara mesmo quando os seus olhos traduziam orgulho e desafio, mesmo quando o seu breve revoluteio de mão queria dizer ironia e suficiência.

Assim o infeliz sátiro regressou à sua lura, no ermo; o filho, quando nasceu, foi sufocado pelas próprias mãos do velho, que finalmente adquirira os bois e a categoria de caseiro.

Esta foi a última intervenção de Quina como procuradora de coisas do povo. Mesmo a sua fama de sibila ela recusava agora, pois sentia-se demasiado convencida de si mesma para precisar da crença dos outros, fé e convicção que teriam que ser tão grandes quanto as suas, para não a desrespeitarem. Ela precisara da lisonja e da admiração, enquanto duvidara. Mas, agora, para quê aquela frenética sede de aplauso e de adulação, se do fundo da sua alma subia uma certeza que no silêncio encontrava maior plenitude? Aquelas mentiras de consideração da parte das fidalgas, para quem era apenas um bobo mais, arranchado entre os servos, não se esforçava já por as aceitar de coração simples e iludido. Aquela pobreza de compreensão, a mísera humildade do espírito, o tolerante sorriso ou a superficial interpretação dos dependentes, dos amigos ou de alguns crédulos, pareciam-lhe já tão dispensáveis quanto inúteis.

Acontecia-lhe sentar-se na sala, no meio da casa deserta, e pensar que o seu triunfo, a sua riqueza, o nome pronunciado com reverência naqueles conciliábulos do adro, entre lavradores, a deixavam exactamente no ponto de partida – a mais inacessível das individualidades e o mais triste isolamento.

As asas dos pombos batiam na vidraça da pequena janela de guilhotina e que o sulfato embaciara de azul; a pêndula de cobre do relógio oscilava na sua caixa pintada de verde e oiro sujo; flutuava um perfume de frutos maduros, e as tábuas rangiam levemente sob a *rocking-chair*. Quantas vozes se cruzavam longe, pela berma da vessada, pelas eiras, nos caminhos do monte, brancos, ondeados, luminosos! Mas ela estava só. Ela não pensava em Cus-

Pag.Sibila_Final.indd 192 3/8/09 11:31:40 PM

tódio nesses momentos, nem lastimava a desgraça da sua natureza, que o fazia lançar-se numa vida de desmandos sempre mais perigosos. Sofria quase com devoção essa mágoa de permanecer só, e, apesar do enorme dispêndio da sua energia moral, do seu interesse humano sem limites, sentia-se como um capitão de navio que vê embarcados em escaleres todos os náufragos e permanece na amurada, enquanto sob os seus pés, num gorgolejo arrastado, se abrem abismos. E então estremecia, tomada dum pavor abstracto, sem nome. Sentia-se rolar como uma pedra por uma área infinita, sempre com aquela lúcida sensação de fim inadiável e sempre mais próximo, de força desencadeada sobre si, de impulso monstruoso, contra o qual a sua resistência não passava dum caos de terror. Esforçando-se por reunir aqueles como que pedaços de espírito que se desprendiam de si a cada progresso da alucinação, tentava reconhecer-se, ser de novo um indivíduo, com nervos, sangue, reacções, ideias, em vez da forma absurda, empolgada pelo tempo e pelo espaço. O suor corria-lhe pelo rosto, as mãos torciam-se, ela experimentava, depois, uma abulia total, deixava de ver e de ouvir. Com um pensamento que, a ser-lhe dado voz, teria a entoação dum rugido, ela libertava-se; a sua alma ascendia daquele pânico incoerente, e o medo deixava a sua presa. Se a morte lhe tocasse a fronte, achá-la-ia mais fria do que se já se tivesse entranhado nela. Estava serena e cheia de paz, não tinha pensamentos. Apenas lhe ocorriam formas vagas e cheias de doçura, coisas de que tinha a consciência profunda de serem belas, sem as compreender. E, durante algum tempo, ela experimentava um estado de felicidade magnificente, mas sem exaltação. Não era esse humano conhecimento de felicidade, a satisfação dos sentidos, o dominar os desejos, a auto-convicção duma responsabilidade cumprida, o riso de gratidão pela dádiva da vida. Era a renúncia total do estado humano. Era a desesperança mais gloriosa, porque não era adicionada por qualquer pena, mágoa ou saudade. Era, enfim, a liberdade de Prometeu.

Pag.Sibila_Final.indd 193 3/8/09 11:31:40 PM

À parte estes momentos dificilmente obtidos num processo espiritual, Quina era a mesma mulherzinha sensível a mesquinhas paixões e jamais saciada, ainda que experiente delas.

Custódio fizera-se homem, e a sua atitude, dantes desastrada e bronca, tinha-se modificado um tanto. A um grande período de obediência e dedicação aparentes, sucedia uma exibição fugaz do seu carácter de degenerado. Então, era medonho, mais pela insinuação da sua perversidade inconsciente, que pelos actos que praticava ou as palavras que proferia. Estes acessos tinham sempre fundamento nas suas dificuldades em obter dinheiro de Quina.

– Vossemecê – disse-lhe uma vez –, ainda há-de querer contar as suas libras e encontrar-lhes só o sítio!

Porque agora corria a fama, temperada com esses pormenores imaginosos tão do agrado do povo, de que a velha Quina possuía um rolo de oiro escondido dentro dum chifre de barrosão. Além de bruxa, diziam-na avara, censurando o pulso débil com que protegera Custódio, cujas proezas chegavam aos limites do banditismo.

De facto, ele tornara-se popular entre uma série de valdevinos arregimentados às ordens dum temível expurgo dum orfanato, um rapaz a quem chamavam o *Morte* e cujos dotes de astúcia e inteligência o fariam transitar em breve para meio mais amplo e campo de acção mais ambicioso. O *Morte*, que atingiu mais tarde uma celebridade de ralé e cuja fleuma fanfarrona no banco dos réus lhe havia de valer a admiração dessa fauna estropiada para quem a valentia é a insensibilidade, era nessa altura um elemento em embrião, muito *dandy*, gostando de gravatas exuberantes e chapéus de feltro verde. Vestia-se com um espavento que fazia perturbar as moças, ao primeiro olhar, e que os cães lhe ladrassem desde os umbrais. Custódio apegou-se-lhe muito, e seguia-o com a mais perfeita sujeição, sem que, de resto, parecesse esclarecido acerca dos segredos e das tramas do grupo. Mais de uma vez, um dos apaniguados, exigentes do santo-e-senha, murmurou daquela excrescência que representava Custódio, tolo como um carneiro e em quem

Pag.Sibila_Final.indd 194 3/8/09 11:31:40 PM

seria loucura confiar. Porém, o *Morte* defendeu-o sucintamente.

– Há sempre lugar para um tipo daqueles – disse. – Um dia pode servir.

Com isto, consolidou a presença de Custódio, por quem tinha uma afeição cheia de magnanimidade, a ponto de o excluir totalmente dos riscos da profissão, e a quem, mesmo como espia inconsciente, não empregava nunca. Visitou-o mesmo na casa da Vessada, comportando-se lá com grande ponderação e tino, e até com uma certa expressão de moralidade, evidente demais para ser natural. Quina achou-o em extremo cativante; brindou-o com algumas das suas sentenças favoritas e das quais o *Morte* não cometeu o dislate de se rir, piscando os olhos ou avisando com cotoveladas a sua galhofa ao companheiro, como é costume em jovens de melhor sociedade, perante as madurezas dos velhos. Nada disso. Ouviu Quina, com um ar compenetrado e deferente, suportou com espírito a exaltação do campo como fundo económico, deixou-se guiar até à eira onde, sobre os suaves relevos circulares da pedra, destinados a conter o cereal rapidamente empilhado durante uma tormenta, havia mantas de farrapos abertas ao sol e cheias de sementes. O *Morte* era um rapaz de maxila espessa, orelhas salientes do crânio, um tanto disfarçadas pelos caracóis do cabelo. Sentou-se na velha mó abandonada na margem da eira, e, por um momento, perante aquela calma angústia dos campos desertos, das medas de canas onde a aragem soava como um arrepio musical, ele podia talvez pressentir que a predestinação roía dentro de si como um verme, e que o desejo de ser diferente era inconcebível para si, como de resto para todos os outros mortais. Desejamos atingir a sublimação da nossa individualidade, mas não trocá-la por uma outra. O homem não aspira senão ao superlativo da sua própria condição, mas sem desviar um só passo do estigma das suas tendências, que são irresgatáveis.

Quando Quina teve notícias de que o bando do *Morte* fora culpado do assassínio dum usurário receptador, criatura viciosa e

Pag.Sibila_Final.indd 195 3/8/09 11:31:40 PM

sórdida que iniciava certa casta de adolescentes em todos os crimes, ela sentiu-se defraudada na sua confiança, e atribuiu ao mundo a perversão daquele rapaz que lhe dissera: «A senhora faz-me lembrar minha mãe», com um modo saudoso e cheio dum timbre de abstracta reprovação. Ele não conhecera a mãe, essa era a fraude.

Durante as acareações, entre as mais abomináveis declarações, acusou os cúmplices já comprometidos; mas a respeito de Custódio calou-se, e, ou porque o temessem, lhe obedecessem ou o apoiassem, os outros calaram-se também. Custódio permaneceu, pois, na obscuridade; quando viu o *Morte*, cujo pesado e sarcástico rosto aparecia na fresta do carro que o conduzia para uma colónia penal, chamou-o de longe, e correu algum tempo, um tanto sem destino, seguindo o enovelado branco da poeira. Em casa, durante dois dias, não quis comer, e chorou.

– Que tens? – estranhava Quina. E o seu coração exultava, porque via aquele rapaz, cujos cabelos lhe caíam sobre os olhos como uma larga franja de seda e se molhavam de lágrimas, soluçar, cheio duma tristeza arrepiadora, pela ausência dum amigo. Pousava-lhe a mão no ombro, e, docemente, fazia-o encaminhar-se para a mesa, onde qualquer petisco fumegava, rescendendo ainda o odor original de carne crua ou de legume verde onde brilhavam bolhazinhas de unto.

Um dia, Custódio desceu à vessada, cavou junto ao talude que fazia uma das paredes da presa, e retirou um volume que era uma aba de capote atada pelas pontas. Abriu-o, e brilhou sobre a terra e as ervas, cheias ainda da transparência gris do orvalho, o ouro de algumas peças, correntes limadas nos elos pelo atrito, relógios cujas molas tinham saltado e cujos vidros estavam estilhaçados. Custódio, de joelhos no chão húmido, oculto por uma dessas plantas perenes que os campónios chamam *fitas*, usando as folhas, depois de esfiadas, como barbantes, demorou-se a revistar um por um os relógios todos, deu-lhes corda, fez girar com o dedo os ponteiros no mostrador, acercou-os do ouvido, escutando, muito imó-

Pag.Sibila_Final.indd 196 3/8/09 11:31:40 PM

vel, com os seus olhos foscos como pedras de turquesa pregados no muro em frente. Alguns não trabalhavam mais; ele atirava-os na cova, escolhia outro, bafejava-o para lhe extrair brilho, fazia-o oscilar suavemente como um joguete cujo mistério o fascinasse e pretendesse deleitar-se com volúpia na sua forma intacta, antes de o destruir. Por fim, lançava-o sobre os outros; e o baque das suas tampas era como o entrechocar de cascas de mariscos.

Era dia já, e pesava na atmosfera uma luz morna e doce; torrões, que se esfarelavam ao calor, caíam bruscamente sobre a água da presa. Havia um marulho de águas tornadas, rompendo por entre o trevo rasteiro. Era Primavera, e a baba-de-cuco branquejava nas giestas; um cheiro de fungos que sorvem humidade, de sentieiros sobre os troncos velhos, de organismos a que a evaporação provoca uma exalação mais penetrante, vinha do monte próximo. O cachão do *inferno* do moinho ouvia-se, porque, desde a madrugada, as mós trilhavam o milho para o pão da semana. No carreiro, visível entre os lódãos, passou um criado carregando a cesta de palha roxa, cheia de farinha. Custódio viu-o desaparecer ao longe, para lá do telhado de lousa do moinho. Não se tinha mexido, não tivera um gesto mais precipitado para esconder aquele oiro; batia brandamente nas caixas dos relógios, como para lhes despertar o andamento, e punha-se, com os olhos fixos, numa absurda contemplação. Por fim, o último relógio foi atirado na cova, e sobre ele a aba do capote, e a terra negra e gordurenta selou aquele espólio. Custódio ergueu-se. Os pombos arrulhavam na borda do pombal; atirou-lhes pedras, para os ver corricar sobre o parapeito da entrada, e depois voar rodeando o vale, com o seu colar verde brilhando muito.

– Ou, danados! – gritou, extasiado. Uma espécie de riso rouco rolou-lhe na garganta, entrecortado com blasfémias. Os pombos fizeram circuito sobre a vessada, em bando cerrado, vieram pousar outra vez no parapeito do pombal, e lá ficaram, torcendo os pescoços, com pequenos estremeções cheios de graça. Custódio cor-

Pag.Sibila_Final.indd 197 3/8/09 11:31:40 PM

reu para o caminho, subiu pelo escadote até ao antro dos ninhos, alegre porque uma ventania de asas de pombas que chocavam lhe passou sobre a cabeça. Havia, dentro, o cheiro acre dos excrementos e o calor das penas soltas, e a característica quentura do choco. A penumbra era cinzenta, sob as telhas lavradas pelos líquenes; os ninhos, dispostos em prateleiras, eram regalos de penugem esfiada, alguns frios e abandonados, outros tépidos, com os pequenos ovos aconchegados dentro. Custódio olhou-os, chegando-lhes o rosto para sentir a exalação daquele calor, mas sem lhes tocar. Os borrachos, depenados ainda, com os seus enormes bicos cor-de-rosa destacando-se da cabeça calva, que parecia uma coisa macabra e triste, com aquela película alvadia aderindo molemente ao crânio, entretiveram-no muito tempo. Pegava-lhes, afagava-os, ria-se porque eles tremiam na sua mão e estendiam aflitivamente os rudimentos de asas; abocanhava-os, para sentir na boca aquele piar que era como subido das suas próprias entranhas, e ria-se ainda porque duas pombas bravias voltejavam sobre si, tentando bicadas.

– Bonitos, bonitos, rapazinhos! – murmurava. E roçava-os pela face, todo tomado por uma ternura exaltada, quase uma raiva amorosa que o fazia capaz de os esmagar nas mãos, empolgado pela volúpia daquela fragilidade. A voz de Quina, que o procurava, ouviu-se ao cimo do caminho ou na ribanceira do pomar.

– Senhora! – bradou, prontamente, Custódio. E um novo desassossego de asas, um revolutear de penugem, acompanhou este grito. Assomou ao limiar, e procurou Quina com a vista. – Há dois borrachos novos – declarou.

Ela descia pelo carreiro abaixo, trazendo na mão um ramo de salsa e de hortelã que fora colhendo das bordas, porque, mesmo os seus passeios e os seus vagares, necessitava de os revestir sempre dum sentido utilitário. O seu sorriso comovido, que nunca chegava a ser traduzido pelos lábios, reflectiu-se-lhe no rosto. Custódio estava sobre a escada de tábuas, com os seus cabelos loiros

Pag.Sibila_Final.indd 198 3/8/09 11:31:40 PM

caindo-lhe solenemente sobre a nuca e cheios da penugem cendrada dos ninhos.

– Não mexi nos ovos – disse ele. E desceu.

O vizinho Augusto, do outro lado da sebe, clamava a sua cantilena: «Biras, birinhas…», distribuindo punhados de grão, enquanto os garnisés pulavam dos ramos das laranjeiras, para o seu ombro. O seu perfil de monstro, a enorme careta glabra com o mosqueado cor de chumbo dos suínos, desenhava-se com aquele realismo patético e sem movimento de certas pinturas chinesas ou dos quadros de Breughel, *o Velho*.

Pag.Sibila_Final.indd 199 3/8/09 11:31:40 PM

Pag.Sibila_Final.indd 200 3/8/09 11:31:40 PM

XV

Quina adoeceu. Naquela casa em que a vida surgia, se desenrolava e era ceifada quase sem essas interrupções ou pausas da saúde que são como que a denúncia para uma recuperação da natureza, ali onde se estancava o sangue dum lanho aberto à foicinha com uma cataplasma de teias de aranha, e onde as sopas de leite quente e o ovo cru obrigavam a supuração dos fleimões, e o vinho representava por atacado todos os desinfectantes, entrou pela primeira vez o médico. Uma pneumonia prostrou Quina, na entrada do Inverno, e ela recolheu-se no seu sofrimento, não avisou a família, resolvida a esperar. Porém, como os sintomas tomavam um carácter muito grave, Libória, a criada, por alcunha *a Sancha*, porque o povo crisma assim certas figuretas carnavalescas de mulheres gordas, deu alarme na casa de Morouços, e Inácio Lucas, muito velho, muito trôpego já, trouxe consigo o médico.

Quina escapou, mas a convalescença desesperou-a mais do que os dias culminantes da doença. Tinha que permanecer imóvel no seu quartinho com varanda de lousa, e sempre demasiado inquieta para se entregar à oração, suspeitando-se roubada, desfalcada nas suas arcas de linho, nas suas tulhas de grão. Libória, que parecia viver no eufórico estado de bebedeira, trazia-lhe o café com o carvão nadando sobre a escuma amarela. Ouvia-se na cozinha o crepitar duma fogueira desastrada, que ameaçava pegar fogo às ripas da chaminé.

– Mulher, olha aquele lume! – repreendia Quina. A outra desandava, saracoteando as saias, lampeira e avoada, muito repon-

Pag.Sibila_Final.indd 201 3/8/09 11:31:40 PM

tona às reprimendas, porque, mesmo feia como era e criada entre gigos de sardinha salgada, tinha em alta conta os seus méritos, influenciada pelas promessas do noivo, que ia adquirindo como enxoval uma cama francesa e algumas mísulas muito recortadas, com infusão cor de mogno.

– Fresca, da viva! – ripostava ela. Era o estribilho do pai, que fora sardinheiro, e que Libória usava para demonstrar uma insolência gaiata.

Quina não a queria dentro de portas, além das horas do trabalho, e a rapariga dormia no lugar, no casebre fumoso entranhado de salmoira, que fora sempre o seu lar. Assim mesmo, cometia pequenos furtos, punhados de farinha, uma abada de géneros, que Quina simulava considerar escandalosas perdas, para ela não se atrever a mais. De resto, a moça dizia-se doente, atreita a ânsias, a delíquios, males a que o doutor receitava banhos de igreja. Ela postava-se, à noite, junto à cabeceira de Quina, contava-lhe demoradamente intrincados casos de pobrezas de parentes, invejas de amigas, galhardias de pretendentes seus; porque ela acreditava-se muito perseguida, motivo de liças entre os rapazes, que por ela varriam feiras e se aconselhavam nos bruxos. Medicava-se com receitas de curandeiros, bebendo, de tempos a tempos, meia canada de água amarga, «para limpar», e que trazia da casa do adivinho, um homem perspicaz e discreto, muito hábil e que conhecia do povo a aversão contra o pagamento, assim como a capacidade para a esmola. Não aceitava dinheiro pelas consultas; apenas proporcionava a alternativa de adquirirem na casa os seus produtos-panaceia. Libória regressara dali, uma vez, desolada, porque o bruxo apenas a fitara nos olhos e lhe dissera que ela não soubera «dar os fios» e não era crente. Desgraçada Libória, que durante o tempo em que esperara a sua vez no sobrado escuro, se fizera surda a todas as perguntas de agentes secretos em que ela via outros tantos sedutores e mestres de inculca! Trouxera consigo a sua garrafa de água com sabor de trovisco e que bebia aos cálices, com

Pag.Sibila_Final.indd 202 3/8/09 11:31:41 PM

uma devoção que o seu feitio azoratado tornava menos patética. Quina, que fora oráculo da geração anterior, limitava-se a encher de advertências moralistas aquela rapariga de ventre esbarrondado, que amava andar descalça, atirar pelos ares cantigas que não eram intuito melódico, mas expansão, berro e apelo ou satisfação sexual.

– Vai-te deitar – dizia Quina, depois dum longo confiar de segredos e soletrar de conselhos, enquanto na candeia o pavio já absorvia água e estalava, despedindo chispazinhas lívidas. – Amanhã tens a barrela. E quem há-de cozer o centeio ainda?

– Não se atrigue… – E Libória, as mãos espalmadas sobre o avental, rugia um enorme bocejo. A sua sombra bailava uma sarabanda, crescendo pelo tecto quando ela se movia. Um crucifixo, dentro dum oratório negro com filamentos doirados e porta onde sempre faltara o vidro, deixava ver a sua silhueta pálida, com efeitos de carne desgarrada, semelhantes a lágrimas de cera que escorrem. Os cravos de madeira, pintados com purpurina, brilhavam fracamente; terços bentos, de contas brancas e azuis, pendiam dos braços de Cristo. A cómoda, arquivo de escrituras, resguardo dos oiros, com o seu espelhinho de engonços voltado de forma a não poder reflectir o rosto de alguém, ficava frente ao leito, sob o olhar de Quina. Tudo era um tanto sujo, usado e possuindo essa *patine* melancólica, familiar e simpática, das coisas que atravessam várias gerações, sem serem substituídas – coisas que o homem escravizou a si, dando-lhes apenas um direito de duração, menos que de conforto, menos que de elegância. Onde todos os objectos têm essa evidência de servidão, pode existir espírito; mas onde as coisas possuem apenas um cunho de consideração e de valia material, existe somente o bezerro de oiro.

Só muito tarde é que Custódio voltava para casa, porque saía sempre depois da ceia, e várias vezes demorava fora dois ou três dias. Com a idade, os seus hábitos tornavam-se francamente libertinos. Fumava muito, era parceiro predilecto para a partida de sete-e-meio, regressava com o seu belo rosto amarrotado de fadiga,

Pag.Sibila_Final.indd 203 3/8/09 11:31:41 PM

um olhar baixo, de irritação antecipada, por temer explicações, encontros. Parecia atormentado por uma obsessão, um desejo permanente, uma avidez surda que o fazia superficial para tudo quanto não fosse essa lava íntima que o arrastava, que o impelia. Mesmo quando era tagarela e amável, os seus risos tinham um certo timbre dum frívolo insultuoso, próprio dos que, afeitos a um ambiente cerrado de paixões, julgam como infantilidade e ridículo o doméstico e a ordem pacífica e estreita da vida. Quina não o considerava perdido. Lembrava-se duma velha amiga de sua mãe, que a procurara, em prantos, algum tempo depois do casamento.

– Ai, o meu homem joga, queres tu saber?!

– Deixa lá! Isso passa… – disse-lhe Maria.

Mas, anos depois, encontrou de novo a criaturinha, que tangia um bácoro para a feira, e perguntou-lhe, com a sua ironia céptica e orgulhosa:

– Então, o teu homem ainda joga?

– Ai, agora anda medito com raparigas! – carpiu-se a outra.

– Deixa, que isso também passa.

Pela terceira vez se avistaram as duas, por altura dum funeral de parente, e a triste mulher, muito minguada na sua roupeta ruça, no casibeque com mangas de presunto e gola militar, à moda do seu tempo, suspirou cansadamente:

– Nem jogo nem mulheres… Ele agora bebe.

– Então, sim, que estás desgraçada! Isso nunca mais passa! – exclamara Maria. E a outra pusera-se a balançar a cabeça, com um fatalismo mortiço, rebuscando na algibeira o seu rapé, que tomava desde nova, desde quando servira como caseira os antigos fidalgos de Lago, cuja senhora usava mitenes de seda roxa e tinha caixinhas de marfim para o simonte, com passos da vida de Cristo em baixo-relevo.

Custódio não bebia. Repugnava-lhe o vinho; o velho hábito das casas de lavoura, onde o criado mais antigo fica incumbido de descer à adega a encher a cântara para as refeições, era cumpri-

Pag.Sibila_Final.indd 204 3/8/09 11:31:41 PM

do por ele. Quina sabia que ele não aproveitaria jamais aquele direito quase oficial dum gole extra à beira da pipa. Porém, não raro subtraía algumas canadas para Libória, que gostava de fazer pactuar consigo, pois tinha uma necessidade absoluta de angariar protecção na consciência dos outros, e, pela coacção da cumplicidade, fazê-los seus aliados, sobretudo quando os pressentia inimigos. Libória odiava-o. Em parte, talvez o aborrecesse porque ele não a cortejara nunca, o que a enchia de enfados púdicos, fazendo birra de não penetrar no seu quarto, nem para lhe fazer a cama. De resto, todos os seus furtos lhos atribuía. Queixava-se dele a Quina, com um frenesi amuado que fazia a ama sorrir; e logo esperava Custódio no exíguo patamar da adega, que era como a superfície superior de um escadote e onde as talhas das azeitonas curtidas e dos salpicões mergulhados em azeite ocupavam quase todo o espaço, recebia a sua porção de vinho, que emborcava ali mesmo, em gorgolejos sufocados.

Uma vez que Custódio não a notava como mulher, diante dele não refreava nenhuma dessas tendências que são o prejuízo duma reputação e que, por instinto, as raparigas sabem disfarçar, para não fazerem baixar a cotação das suas prendas. Era, de facto, glutona e ávida, mas, numa tarde de romaria, se aceitava um bolo açucarado, era para o mordiscar apenas, com fastio mimoso; esvaziava uma jarra de vinho por desafio e «a eito» – dizia –, ficava-se ofegante e orgulhosa depois da prova, batendo os calcanhares e girando de roda, na exaltação do riso. Mas isto eram excessos de intimidade, porque, fora de casa, bebia pouco, molhava só os beiços na borda do copo e logo desviava os olhos, como que chamada por outras atracções. «Que grande mula!» – pensava Quina. E estimava-a bastante, apesar de tudo. Chegava a descobrir-lhe vantagens e qualidades para opor a outras mais bonitas e mais prendadas. As suas gargalhadas rudes, as suas blusas estridentes, aquela brutidade ingénua de fantasiar noivados, a indiscreta maneira de intrometer as suas opiniões, e ainda a sua intriga sempre irresoluta e

Pag.Sibila_Final.indd 205 3/8/09 11:31:41 PM

pronta a desdizer-se, e as cantigas que lançava como pedradas e que preferia sempre sentimentais e apaixonadas, tudo isso parecia bem grato ao coração de Quina. Ela possuía em alto grau a faculdade de amar além de toda a compreensão. Amava em toda a gente, não a capacidade de se tornarem melhores, isso seria banal, mas o que em todos havia de aspiração impotente, voz que se extingue sem se exprimir, originalidade que se não eleva, mas que enche a vida duma cor quente que não existe nos mármores gregos, nem na monotonia da perfeição.

Durante as longas horas da sua doença, Quina viveu uma plenitude espiritual, rara e até única na sua vida. Não através do pensamento, porque o pensamento é uma criação artificial do espírito; mas o seu estado de harmonia moral, de vivência íntima, semelhante a essa profundidade silenciosa de certas águas onde subtis correntes provocam vibrações encadeadas e intermináveis que bastam para as renovar, era mais do que um estado de razão – era uma flutuação de sentidos tão finos que a concretização da ideia mais fugaz e simples chegava para os perturbar. E então a vida, não na sua particularidade e recordação, mas a pesada e quente vitalidade das suas veias, do seu sangue e tecidos conjugados num cumprir rítmico, porém imperceptível, ela compreendia-a como alguma coisa totalmente alheia de si, indiferente a si, inumana – diria. As suas próprias mãos, que ela tinha o costume de estender diante de si, esfregando-as nervosamente como se procurasse aquecê-las, porém sem ter a consciência desses gestos, pareciam inexplicáveis, quase repugnantes, pois não lhes encontrava sentido senão relativo e imediato. Conseguia colocar-se num ponto exterior da vida, e, olhando-a, então, achava-a desconforme, porque a comunicação humana tinha cessado, e ela não era mais órgãos que reagem, cérebro que assimila factos e imprime experiências. Era, antes, um absoluto.

Quando Custódio chegava, chamava-o delicadamente do quarto, mas sem insistir, se ele a não ouvia.

Pag.Sibila_Final.indd 206 3/8/09 11:31:41 PM

– Emílio! – dizia, porque ela sempre o tratara pelo verdadeiro nome de baptismo, e parecia experimentar um prazer ainda de vaidade, por ser a única a quem pertencia o direito de o chamar assim.

O rapaz detinha-se fora da porta, flectindo ligeiramente a cabeça para esse lado, imóvel, expurgando de todos os rumores da noite as palavras de Quina.

– Vossemecê que quer? – E a quase ternura que havia nesta pergunta lenta e atenciosa enchia de serenidade o coração de Quina. «Que horas são?» ou «Descansa bem…» eram os invariáveis remates daquela breve comunicação. Ouvia-o entrar no quarto ao lado, correr o pequeno trinco depois de ter pendurado fora a candeia. Em breve ele dormia, com o seu sono pesado de criança, suspirando e mastigando palavras sempre com entoação de protesto e de vaga surpresa – sono que dava uma impressão de combate, e não de repouso, e que se tornava exaustivo de velar. Depois serenava, e só pequenos e espaçados roncos o faziam às vezes estremecer e voltar-se no colchão de palha de centeio, fresco e hirto, e que estalava ligeiramente.

Na casa, apenas estavam os dois. Mesmo os criados, cujo quarto fora sempre arrecadação de batatas, no quinteiro, e cujo leito era uma antiguidade D. José, de cabeceira acolchoada, donde o serrim peneirava ainda dentre os farrapos de damasco, tinham sido alojados junto à outra ala das cortes, no terreiro. Instalaram-se numa divisória cujo tecto era de caibros, utilizados para suster a forragem de má qualidade, destinada a ser puxada de baixo pelo gado. Uma mesa de abas, legítima preciosidade proveniente, assim como a cama, dalgum velho espólio de fidalgo, completava ali o mobiliário, tido como sem valia. A tépida exalação dos estábulos envolvia tudo; batiam contra o forro das manjedouras os chifres dos bois, cujas placas cor de chumbo se amoleciam com azeite, para figurarem melhor nas feiras.

Os moços deitavam-se tarde; saíam para seroar, ou ficavam improvisando modinhas nas violas, jogando os naipes, à luz dum

Pag.Sibila_Final.indd 207 3/8/09 11:31:41 PM

coto de vela, que pegavam com um pingo de estearina sobre a mesa. Contavam histórias, experimentavam a força do pulso aguentando o cotovelo fixo; e as suas vozes faziam ladrar os cães vizinhos, que vinham trotar impacientemente nos campos, sobre o caminho.

A casa ficava, portanto, muito isolada. No auge da enfermidade de Quina, a irmã, que viera vê-la, ficou uma semana, mas sempre reclamada por Inácio Lucas e importunada pelas suas recriminações e egoísmos. Ela fizera-se muito pesada, e o seu humor sedentário impossibilitava-a para quaisquer actividades mais de improviso. Não saía nunca, e as suas blusas, que comprava sempre a par com Quina, pois, mesmo velhas e separadas uma da outra, gostavam de se vestir de igual, duravam-lhe o dobro do tempo. Apesar de estreitamente ligadas de coração, Estina sofreu como um exílio aquela época em que esteve afastada dos seus hábitos, porque, dizia ela, «a infelicidade também cria raízes», e a sua casa de Morouços era o seu mundo. Enquanto Quina dormitava, ela sentava-se na cadeirinha baixa que tinha na borda uma aderência pastosa de sabonete verde, e fazia meia, movendo as quatro agulhas de arame com uma presteza cadenciada. Um dia era o bastante para aprontar um par dessas peúgas pardas de lã churra, ainda entremeada por um ou outro bico de tojo, e que ela usava todo o Inverno. Germa tinha uma vez notado que, mesmo sob aquele espesso borzeguim, as linhas perfeitamente curvas do pequeno pé se desenhavam ainda, e ele ainda parecia mimoso e encantador.

Quando Quina foi considerada fora de perigo, Estina foi-se embora; e depois nunca mais voltou. Mandava muitos recados, e uma ninhada não nascia debaixo do tampo do velho cesto, na cozinha, sem que a irmã o soubesse. Todos os seus cuidados e lidas como que irradiavam de si, sem que ela parecesse mover-se mais do que para revolver o fogo do lar com o atiçador, com que desenhava círculos de lume no ar.

Pag.Sibila_Final.indd 208 3/8/09 11:31:41 PM

Quina levantou-se numa tarde soalheira, e, sabendo-o, o seu amigo Adão foi, propositadamente, vê-la. Ela acanhou-se pela primeira vez de o receber, pois se achava totalmente envelhecida, abatida e sem forças até para compor os bandós brancos do cabelo. Porém, foi uma digna criaturinha, adornada com um pequeno alfinete de brilhantes, que se veio recostar no preguiceiro, apoiando os calcanhares sobre a chinela de camurça preta. Se Adão lhe achou vestígios profundos de decrepitude, guardou-se de o revelar, e cumprimentou-a pelo seu belo aspecto. Isto fê-la corar como a uma rapariga. Ela pertencia, de facto, a essa classe de pessoas que atravessam a vida sofrendo mínimas alterações espirituais e que, portanto, parecem não ser de todo sensíveis à idade. Morrem crianças, depois de ter amadurecido todo o saber dos adultos. A mente desabrocha, tem a sua metamorfose, extingue-se; mas o espírito é uma forma intemporal, não conhece a propriedade de sentimentos que o tempo imprime na razão dos homens; tem as suavidades cândidas da infância, juntamente com os cepticismos mais cruéis da experiência – e o que neles chamamos idade é apenas o seu hábito e riqueza de expressão, que só com a desenvoltura mental se adquirem.

– Os seus irmãos vieram vê-la, Quininha? – perguntou Adão.

Ela, tão gravemente que era fácil notar que mentia, disse que sim, desculpando Germa, porque viajava e não pudera, portanto, visitá-la. Era falso. Em parte porque não revelara a seriedade da doença e em parte também porque, excepto Estina, os outros se tinham tornado bastante indiferentes, minados por despeitos, ainda que, num plano geral, a estimassem, não tinham ido à casa da Vessada. Quina sofrera com isso; mas não o confessaria nunca, sobretudo a si própria. Assim, com toda a serenidade, mentia, e era lástima que aquele homenzinho enredador e vingativo não possuísse bastante sentido divinatório para o notar. Aproveitaria então a lição, ele cuja avareza e instinto de chicana o levavam a processar os próprios irmãos, extorquindo-lhes as heranças,

Pag.Sibila_Final.indd 209 3/8/09 11:31:41 PM

declarando-os pródigos ou dementes, vivendo numa lufa tenaz de perseguição e de revindictas.

– Ouça, Quininha – disse ele, anediando as longas guias do bigode e traçando, num movimento convulso, uma perna sobre a outra, como se fizesse accionar uma mola. – Já fez testamento?

– Já, sim, senhor. – E Quina tomou um ar, entre contrariado e ufano. – Quem morre sem testamento, morre como um jumento…

Isto foi o prelúdio duma extensa conversa, um desses curiosos diálogos de aldeões, genuínos e cabalísticos, e em que a cordialidade toma uma forma sinuosa, entrecortada, em que as palavras-chave nunca são ditas e tudo se deixa adivinhar, sem se confirmar nunca, em que tudo parece ficar esquecido e jamais se denuncia ter compreendido. Estavam neste entendimento de peritos, quando, de fora, uma voz estridente como um ganido chamou:

– Olé! – E o acompanhamento de palavrões identificou logo Augusto, que foi entrando muito ofegante e como que suportando a custo a sua enorme caluga refegada. O rosto malhado e como que cheio de aderências de musgos parecia um modelo das carrancas de Notre-Dame. Trazia o seu colete de baeta escocesa, de decote redondo e com grandes botões cor de pinhão; vinha ver Quina.

– Fiz uma morte – disse ele, sem mais preâmbulos, desde a porta. – E queria vossemecê como minha testemunha.

O tom, o homem, a declaração tétrica, eram arrepiadores; mas tratava-se simplesmente dum convite para comer as fêveras do porco que, na véspera, tinha sido abatido. Augusto sempre dizia assim.

Adiantou-se pela cozinha, falando com grande profusão de guinchos e de urros; as palavras saíam-lhe como pelo impulso dum mecanismo que emperrava e rangia e, por fim, as projectava em catapulta. Adão nada dizia; limitava-se a balançar a cabeça com uma cómica insistência, demasiado absorvido, fechado nos seus terríveis litígios fraternos, para se dar à frivolidade de ser irónico. O confronto entre aqueles dois homens daria um volume sobre a filosofia das origens.

Pag.Sibila_Final.indd 210 3/8/09 11:31:41 PM

Augusto, especado no meio daquela cozinha, a que um inopinado asseio fazia parecer mais triste, bramia. Entrara como bom vizinho, a inteirar-se cavalheirescamente da saúde de Quina; agora tentava negociar com ela os presuntos ainda verdes do seu bácoro trucidado.

– É pegar ou largar! Mas nada de lhe espetar palitos!

Dizia «palhitos», escumava, no auge da excitação. Aquela prova, que se exige para verificar a carne sã, renegava-a, punha-o possesso, pois tanto temia a descoberta duma mazela, como achava caso de honra duvidarem dos seus produtos.

– Depois vemos isso – apaziguou Quina. Falava mais baixo do que o natural, porque era o único meio de o forçar a prestar atenção e ouvir. De facto, Augusto calou-se, e logo depois se esqueceu da razão do seu furor. Tão intempestivamente como aparecera, desandou e foi-se embora. Berrou de fora a sua despedida, voltou atrás quatro vezes, para dizer algumas coisas vãs, meticulosas, obcecadas, de comadre que retarda o momento de cair de novo na solidão da sua horta, do seu lar umbroso e frio, entre os seus leitões que babujam nas gamelas de soro. Por fim, sempre partiu.

– É assim… – disse Quina, com um vago sorriso quase de desculpa, acompanhado do seu breve revoluteio de mão, tímido e irónico. Mas Adão não a ouvia. Com a sua face afiada, de raposa, voltada para as chamas e a cinza que, a qualquer agitação do ar, se desprendia das achas como um bolor e voava, ele estava profundamente mergulhado nas suas cogitações. As duas repas do bigode tremiam com o movimento das maxilas, como se ele saboreasse uma iguaria. Quina desviou os olhos, tomada dum asco frio e insuportável. «Ambos os dois são homens, e não fazem diferença» – pensou cheia dum intenso fastio e dum desgosto mortal. Por detrás daquela fronte macerada, pressentia o palpitar de toda uma vida devotada ao miudinho interesse, à calúnia, à mentira, à seráfica compostura que esconde a língua que envenena, o dente que desgasta, rói e desmorona. Quina afogou mais a boca

Pag.Sibila_Final.indd 211 3/8/09 11:31:41 PM

sob o lenço subido em viseira, pôs-se a falar de coisas indiferentes, com voz um tanto enfática e autoritária. Porém, nem ela sabia porquê, nos seus olhos havia lágrimas.

Nunca mais recobrou por inteiro a saúde. Abel, quando veio à casa da Vessada, de surpresa, escondendo o desejo de a ver com o pretexto de uma viagem pelas proximidades, penalizou-se bastante.

– Vem comigo – disse-lhe. – Na cidade podes tratar-te. Lá há mais recursos.

– Estive mal, mas agora isto é só velhice! Há nove anos que tu não me vias…

– Nove anos! É verdade, nove anos – cismou ele. E ambos ficaram um bocado calados. Abel remoendo em tumulto certas antigas cenas, os seus calções abertos de garoto, e por onde um recorte de fralda saía como uma vela; o susto que tomara, uma vez, ao deparar com o vulto de Narcisa Soqueira, que lhe acenava da janela, ao entardecer; a própria Quina, menina de carrapito atado com um nastro vermelho, estendendo a saíta diante dele, para o defender duns bois que vinham pelo caminho em disparada e que, mal castrados, corneavam. Nove anos, então? E ela que tivera o impudor – nela era um impudor – de se dizer velha! Alguma coisa acontecera no seu espírito, para que assim se desataviasse e aparecesse simples, quase sarcástica, na sua simplicidade. Abel sentiu os olhos molhados porque ele, diferente das mulheres da casa, era de fácil comoção e, por isso mesmo, mais superficial. Ceder ao sentimento demasiado prontamente é indício de carácter dúctil para todos os fins, sendo a questão de meio e de circunstância.

– Tu vens comigo! – exclamou ele, no seu jeito precipitado e generoso de resolver as coisas. Mas Quina sorriu daquela fogosa determinação, esquivou a resposta, como quem não quer comprometer-se com a razão duma criança. Ouvia-se a voz de Custódio no terreiro. Ela ergueu a cabeça, ficou como que iluminada, toda no ar, feliz e impaciente, desejando transmitir até ele um turbilhão de afectos, de mimos, de cuidados. Era por altura das lavoi-

Pag.Sibila_Final.indd 212 3/8/09 11:31:41 PM

ras. Havia um calor húmido e perfumado, em parte exalado pela terra; o pomar de velhas macieiras carregava-se de sombras; as flores dos pereiros de Inverno abriam-se em auréola, e no segredo do seu gineceu mergulhavam as vespas, que retiravam depois, como que empoadas de oiro. Tinham já apodrecido as violetas no caminho de lódãos rasgado entre os campos; sobre as leiras, os montículos de estrume fumegavam; viam-se passar os moços a conduzir o gado, que se fazia magro e ganhava bubões onde, muito brancas, se moviam larvas.

Custódio gostava de lavrar, e fazia-o com perícia. Gostava de animar os bois, chamando-os pelos nomes, em tom pachorrento ou estimulante. Mas fatigava-se logo, estendia-se à sombra sob o olhar trocista dos caseiros, punha-se a modular variações na gaita de beiços, enquanto as formigas trepavam pelas suas pernas acima, e o sol fazia estalar o tabuado do velho alambique que era agora pombal. Pequenas vagas negras iam sendo erguidas pelo arado, o aço relampejava na terra e mulheres chegavam com a merenda, pão de milho que parecia ressumar uma água oleosa, pepinos com sal, e azeitonas com sabor a lodo. Custódio distribuía cigarros e, às vezes, levantava uma altercação com os moços, porque a protecção de Quina o fazia a ele de ânimo fanfarrão, e aos outros muito melindrosos pelo despeito.

Desde que Abel chegara, ele não aparecia por perto de casa, por timidez ou talvez independência grosseira. Abel, que magicara adular Quina por intermédio do rapaz, mostrando-se afável e mesmo sugerindo uma disposição testamentária que o resguardasse de privações futuras, irritou-se muito com aquela selvagem atitude.

– Que vais fazer dele? – perguntou. – Porque não trabalha?

E, já não podendo conter mais o rancor que, havia anos, acumulava, vazou ali todas as suas queixas, acusou-a de o arruinar, de o lograr, de manter a suas expensas um vadio cujas mãos eram mais brancas que as duma duquesa, que tinha vícios e que a mal-

Pag.Sibila_Final.indd 213 3/8/09 11:31:41 PM

tratava. Lançou-lhe em rosto o dinheiro e as diligências que gastara para o isentar do serviço militar, o tordilho comprado ao de Lago, com os arreios recamados de prata. Mostrou conhecer, um a um, todos os seus passos, todos os casos sucedidos, os boatos soezes de logradouro, os murmúrios infamantes. Quina ouvia-o, muito ruborizada, num silêncio odiento; deixava que aquela ira se escoasse e ele ficasse vazio e vexado perante os destroços da sua razão, e compungido até negar literalmente as suas palavras, retroceder sobre elas ou procurar-lhes interpretação nova. Isso deu-se. Mas, durante o dia inteiro, não voltaram a encarar-se.

Visitando Estina, ele rompeu em lamúrias, intrigando contra a irmã que – dizia – o fazia pobre, e derramava a rodos o património, para satisfazer os caprichos daquele rapaz. Mostrou-se magoado e cheio de generosas apreensões; mas, surpreendendo o olhar de Estina, um olhar de quase afectuosa ironia, frio e gracioso, zangou-se logo, culpou-a também pelo desleixo dos seus interesses, os bens que cedera quase gratuitamente e que um estranho ia delapidar.

– Ora, tu! – disse ela. – As coisas não são assim!

Era maternal e risonha. Aquele irmão, bonito, mentiroso, aventureiro, tão ligeiro nos escrúpulos como nas paixões, ridículo quando se fazia sério, encantador quando aplanava dificuldades ou via a vida rósea e tinha perspectivas de dinheiro, fora sempre seu predilecto. Nunca lhe parecera ter crescido; era o mesmo rapaz que, um belo dia, entrava pela porta dentro carregado de presentes luxuosos e mandava servir leite com açúcar aos criados, e logo surgia macambúzio, com ar de agravo, impondo restrições, exigindo contas escritas e falando convictamente da fome, da miséria. O que faz suportáveis os grandes golpes é a graduação com que as suas consequências se fazem sentir. No espaço que levaria a experimentar os efeitos duma ruína, acostumava-se a ela e insensivelmente adaptava-se-lhe. Os seus punhos de brilhantes eram substituídos por outros de oiro fingido ou de madrepérola, e a

Pag.Sibila_Final.indd 214 3/8/09 11:31:41 PM

economia tornava-se um hábito. Se lhe dissessem que as despesas actuais de Quina, que ele chamava loucuras, representavam menos que aquilo que ele outrora considerava gratificações, recreios e esmola, ficaria muito surpreendido.

Estina deixou-o falar, e serviu-lhe uma ceia substancial, bucho recheado com farinha de milho, velho prato do cardápio da casa da Vessada, porque os nomes das casas transmitem-se pelos filhos varões, mas os seus costumes são herança de mulheres. Na monotonia daquela refeição, que decorria apenas um pouco sobressaltada pelas rusgas dos cães que se engalfinhavam sob a mesa, Abel foi tocado pela aparência dos dois velhos que mastigavam lentamente, sem se encararem nunca, dando pequenos toques com a ponta do garfo aos alimentos, antes de os espetarem. Inácio Lucas, mirrado, de ventre reentrante e as calças escorregando-lhe dos quadris, fazia-lhe uma grande pena; não tinha já um único dente, e as suas maxilas, ao chocarem-se, produziam um ruído de engonços de cartilagens. Estina, essa, estava enorme, transbordante; no rosto flácido e que se cobrira duma pigmentação delicadamente arruivada, apenas se suspeitava a antiga beleza. Como estavam velhos! E aquele laço que numa longa vida em comum acaba por ligar os entes mais díspares, neles não fora tecido; e davam, assim, uma horrível impressão de desamparo. Eram como estátuas sobre um túmulo, incomunicáveis simbolismos duma vida extinta.

Outra vez com Quina, no dia seguinte, ao despedir-se dela, reforçou as atenções para com a sua saúde e pediu-lhe que fosse tratar-se na cidade. Para surpresa sua, ela aceitou, desta vez. Ao contrário do que podia imaginar-se, aquilo provocou em Abel uma surda contrariedade, e uma centena de inconvenientes lhe acudiram ao espírito.

Pag.Sibila_Final.indd 215 3/8/09 11:31:41 PM

Pag.Sibila_Final.indd 216 3/8/09 11:31:41 PM

XVI

Uma semana depois, Quina chegou a casa do irmão. Desde logo fez notar que a sua visita não tinha outra intenção senão a de não parecer desinteressada da família. Não levava consigo roupas além das que envergava, e este carácter de viagem casual, de romagem que não pode dilatar-se por muito tempo, foi o seu pretexto antecipado para regressar depressa. Ela sabia já que aquele ambiente de conforto e hábitos supérfluos – o correio entregue numa salva de prata, as flores em jarras de cristal, os tapetes talhados em volta dos móveis, os diademas engomados das criadas, as comidas demasiado picantes e repisadas – haviam de lhe provocar um vexame e uma azeda timidez. Por desforra, precaveu-se com largos cabedais que, com essa subtil bazófia dos que muito prezam o dinheiro, não poupava. Insistia em pagar tudo, em presentear todo o mundo, sem, porém, dar a essa liberalidade um aspecto franco, de dádiva absoluta. Os seus gestos ao entregar uma nota, ao fazer uma oferta, eram disfarçados e como que inquietos. E os agradecimentos pareciam simultaneamente incomodá-la e imaginá-los deficientes e escassos.

– A generosidade da parcimónia e a coragem de certos criminosos equivalem-se – comentou Germa, um pouco à toa. Ela tinha trinta e três anos, era uma intelectual inactiva, como convém a uma mulher, e começava a experimentar interesse, não pelos tratamentos de beleza, como talvez quinze anos antes, mas um interesse faccioso pelas teorias de Carrel e Bogomoletz.

Pag.Sibila_Final.indd 217 3/8/09 11:31:41 PM

O pai lançou-lhe um olhar bilioso, mas não lhe disse nada. O conceito de artista, vulgarizado pela Revolução Francesa, compreendia-o ele na filha; a aparente ociosidade, esse estado que, de resto, nela nunca era criador, mas incubação impotente duma obra sempre esquemática e vaga, confundia-os Abel com a mais espapaçada preguiça. Não perdoava a Germa a sua aristocracia de espírito, nem o desprezo pelas profissões que assentam o seu êxito na venalidade de carácter; achava que ela ocultava a avidez permanente de dinheiro, naquela independência de coração, e que, julgava, era antes o amordaçado despeito por não o obter. «A solução destas vidas é sempre uma herança» – pensava. E lia nos olhos de Germa a previsão fria da sua morte, falava muito na imagem de Rousseau, a mágica campainha que suprimiria aquele mandarim que, no mesmo instante, nos fazia senhores das suas fabulosas riquezas. No fundo, sofria talvez, porque pressentia o desamor de Germa; aviltando-a na sua consciência, achava-se desforrado e imaginava ficarem, portanto, quites. Germa conhecia tudo isso. Ela possuía, em parte, o temperamento de Estina e de sua avó Maria, um génio inquebrantável que, se atraía uma memória respeitosa, não permitia simpatia. Entre ela e Quina nunca houvera aliança, e só superficialmente se toleravam. Mas, de facto, quanto se assemelhavam! De facto, sim, ambas eram contraditórias, não conheciam fé senão a que representasse um impertinente individualismo, combatesse o maior número, fosse genuína inquietação e dificuldade.

– Ela deve estar muito doente – disse Germa a seu pai. – Repare como ela suspende as palavras para respirar. Nunca supus que pudesse envelhecer ou, pelo menos, perder aquele aspecto estacionário que a fazia tão característica. Era como as santas que na morte ficam incorruptas, de pele lisa e tisnada, como se o fogo lhes tivesse passado por cima. Mas agora é uma criatura esgotada.

– Oh, não… Ainda está rija – disse Abel, adiando a preocupação. – O plano dela para conseguir a quinta de Augusto, não é duma pessoa que se sente morrer.

Pag.Sibila_Final.indd 218 3/8/09 11:31:41 PM

Pôs-se a dar grandes passadas pelo salão, batendo muito os pés e fazendo tremelicar o lustre de pingentes. Exaltava-se, e uma febre de cobiça fazia-lhe o olhar profundo, ao pormenorizar a trama que chamaria à quinta da Vessada os campos e o montado adjacentes e que Narcisa Soqueira, os seus homens e os seus filhos, apesar da sua colaboração generosa com os infortúnios da casa de Francisco Teixeira, nunca tinham podido admitir que um dia haviam de ceder. Augusto, cuja miserável caterva de filhos ilegítimos o fazia tremer pela segurança do património se lhes fosse confiado, vendera fantasticamente a um parente, que tinha como mérito precioso um rancor antiquíssimo contra a casa da Vessada, todos os seus bens ao luar. Quina dispusera-se, depois da morte de Augusto, a provar a venda fantástica, habilitar os filhos, que eram muitos e que, de pedintes, com a herança passariam apenas a pobres. Então, aqueles campos, que havia duzentos anos eram como que uma parcela independente da quinta da Vessada, seriam por fim anexados a ela. Talvez que a ameaça de tal litígio bastasse para apavorar o herdeiro actual, e ele optasse pela venda directa à própria Quina, antes de aventurar-se a ver as courelas e sortes retalhadas em miúdas porções.

– Se Augusto suspeita isto, estoura! – riu Abel. E recomendava sigilo, os seus olhos fosforesciam agora com um ânimo garoto, feliz, punha-se a rodopiar bailando com taconeios rítmicos, como os bailarinos andaluzes. Germa mordia o polegar, tomada de grande tédio. Ela tinha todos os inconvenientes morais de quem nasce espirituoso e rico, incompatibilidade esta de estados que conduz à esterilidade mental e à atonia da alma. O tempo áureo da sua vida fora o da infância, aquele em que a ignorância da sua própria importância e valores sociais lhe permitiu ser original, puríssima intérprete da vida. A palavra de ordem no lar era a restrição, a convicção era a pobreza. E, assim, ela chegara a experimentar uma sensação de verdadeira concordância consigo própria, quando, sentada na soleira da casa da Vessada, mordia a tona ferru-

Pag.Sibila_Final.indd 219 3/8/09 11:31:41 PM

genta duma maçã, ou comia lascas cruas de bacalhau, ou então quando, no monte, passava a manhã enfiando malmequeres amarelos num fio de linho, para fazer gargantilhas encantadoras. Sem deixar de se aproveitar do luxo, ele ficou para sempre uma coisa tabu para si. Usava as coisas ricas, sem porém as gozar. Sentia que elas a amoleciam, que as mais valorosas qualidades da sua personalidade perdiam o brilho, como as pérolas que se não usam e envelhecem. E, então, o espírito completava aquela obra, sofismava, extraía cépticas sabedorias, sentenças cheias de fatalismo epicurista, subtilezas egoístas, esse mundo caquético dos que se não renovam para não terem que se negar e destruir. Quina observou-a um momento, e ambas não encontraram que se dizer. Num relance tinham-se entendido e notado que uma barreira se lhes interpunha e que, só não tentando transpô-la, podiam manter afáveis relações. Evitavam-se, e cada vez que se separavam mostravam-se mais generosas na cordialidade.

– Porque não acompanhas mais Quina? – perguntava Abel, insinuando conveniências.

– Ela não quer. O nosso passo anda sempre trocado… É uma aflição!

– Depois queixa-te, minha menina – resmungava o pai. E a atmosfera ficava tensa e cheia de surdos combates.

Onde Quina encontrava um ambiente que lhe proporcionava certa satisfação era em casa de João. Aquela mediania conformada, os próprios ridículos da pelintrice, as queixas de família e as lamúrias cristãs com que o irmão a brindava em particular, adulando-a por instinto e sem lhe pretender favores, incitaram-na a considerar-se um tanto protectora e portanto a definir logo ali a sua superioridade. A cunhada, muito velha, parecia menos feia que na juventude, talvez porque achamos mais natural a fealdade na velhice; os seus cabelos, amassados como croquetes, mantinham-se negros e lanosos. Fixara-se ela em determinada classe de burguesia cujos hábitos-senha podem definir-se nas características

Pag.Sibila_Final.indd 220 3/8/09 11:31:41 PM

de comer pastéis com a faca, levantar a aba do casaco antes de se sentar, e tratar como príncipes de sangue os cabeleireiros. Descurando hostilidades antigas, as duas mulheres mostraram-se duma afabilidade um tanto nervosa, como se com ela quisessem resgatar as críticas passadas, de cuja justiça duvidavam agora. Porque aquela criatura de busto majestoso e que partia talhadas de bolo-de-areia accionando o braço como uma alavanca e se mostrava tão sincera na sua mediocridade, parecia quase encantadora a Quina. Ela fora sempre muito sensível à sinceridade, quando afinal a sinceridade é uma impotência de espírito e a mais deselegante das virtudes. Percorreu a casa, piso por piso, reconheceu, não sem um vago vexame, que era uma destas habitações de lojista onde o que não é frontaria está tomado por uma lúgubre escada; e a instalação eléctrica era um enredado de fios que pendiam sobre o vão dos patamares e tinham a provisória eternidade das coisas que servem sem satisfazer; e que, desde o pátio onde na pequena pia de cimento se amontoavam peças dessa roupa cujo garrido esconde a sujidade, até ao quintal, aproveitado palmo a palmo com uma paciência de miséria, se respirava essa frustração da burguesia que, à custa de simular, faz da sua pobreza uma impertinência. A simulação ali não era para esconder um farrapo, uma economia, era para os fazer acreditar voluntários. E essa ausência de constrangimento, esse declarar de deficiências, o exibir de simplicidade, eram afinal um laço à consideração. Quina saiu dali muito impressionada e sofrendo o remorso de ter julgado sempre um tanto superficialmente a cunhada. «Vale mais o que na minha casa deito fora, do que, nesta, o que se aproveita» – disse, para si, não sem orgulho. E isto contribuiu para a encher de sentimentos fraternos e perfeitamente altruístas.

A outra usara-a como veículo de informações, crivara-a de perguntas a respeito do lar de Abel, cujo luxo imaginava fabuloso, reconstruindo-o pelas suas operações financeiras e até por uma certa lenda da cultura de Germa, que aliava sempre, não a uma

Pag.Sibila_Final.indd 221 3/8/09 11:31:41 PM

propensão natural, mas a um resultado da ociosidade e da riqueza. Fora-lhe dado, mais duma vez, conhecer o ambiente, a que as contínuas mudanças de domicílio, a instabilidade, o espírito de aventura material e de constante expectativa no futuro, davam um carácter desagregado e sem harmonia. Móveis ricos completados com trastes sem valor, objectos esporádicos cuja beleza se apagava entre as gastas mediocridades de coisas inúteis que não se renovavam; uma certa aura de conforto que parecia ser uma sugestão antiga que persistia mesmo nos invernos sem aquecimento, as roupas ruçadas, os requintes que se desleixavam sem admitir-lhes o fim. E, de repente, uma época rápida de gastos sem proventos, à conta duma possibilidade, um bafo de fortuna que arrasta para dentro das portas uma nova remessa de coisas fanadas e luxuosas, damascos de adelo, móveis de leilão, louças checas de partilhas litigiosas, jóias de contrabando. Porque o luxo nunca ia buscar-se à sua fonte; admitia-se como pechincha, pagando-se duas vezes mais caro. Depois, era outra vez a moral franciscana, a restrição ridícula, a avareza de tostões, as medidas draconianas para exclusiva prática das mulheres, as relações que se evitam por preguiça e que, como justificação da inata insociabilidade, se dizem fastidiosamente caras. A mãe de Germa, uma mulher orgulhosa até do próprio facto de se atribuir humildade, era uma destas figuras de fundo de certos quadros em que os olhares dos peritos descobrem afinal uma primitiva obra-prima a que se sobrepuseram outros traços mais deliberados do artista. Nascera ela com rara vocação de espírito, afogada, como recurso, no romantismo, que é o paul das almas fracas; a sua capacidade de resignação assemelhava-se à insensibilidade. Os hábitos eram a sua religião, e Germa, até à sua maioridade, lutara contra aquela súmula de hábitos que era sua mãe, para quem uma tradição era a confirmação absoluta duma verdade. O que fazia exaustivo o seu convívio era que, no seu foro íntimo, não cedia jamais de opinião e estava pronta a submeter todas as leis cósmicas à autoridade da sua razão, herdada doutras

Pag.Sibila_Final.indd 222 3/8/09 11:31:41 PM

razões. Quina detestava-a muito, porque ela era a mais impecável, a mais justa e prudente e fiel de todas as mulheres que conhecia, e também porque incomodamente manifestava tudo isto. Durante o tempo que se demorou em sua casa, foi dela que Quina obteve a mais assídua atenção, uma simpatia sem reserva, uma generosidade toda de coração, mas que não possuía essa subtileza que faz com que primeiro se adivinhem os fracos alheios para os servir, antes de satisfazer as reais necessidades que nos são apresentadas. O aspecto individual do humano é mais precioso do que a sua generalidade. A mãe de Germa chegava aos altos cumes do altruísmo para prevenir uma fome, acudir ao nu, resgatar o que pecou. Porém, não sabia pressentir a urgência duma banalidade oportuna, o sorriso perante uma pequena glória, uma despesa inútil que proporcionou uma sensação de originalidade, ou a mentira que era afinal uma exaltação do eu. Ela praticava profusamente a caridade e a justiça. Mas essa profunda adesão humana, sensível mais à aspiração do que à realidade, não a compreendia; por isso, todos se lhe volviam ingratos, e nas suas mãos a intenção mais filantrópica se lhe azedava e tomava a qualidade dum empréstimo sob condição. Quina, que sabia de uma esmola fazer sempre uma paga, era o oposto deste carácter.

No terceiro dia logo após a sua chegada, Quina recebeu uma carta de Libória, anotada com essa espontaneidade que é como que a matéria bruta de todos os sentimentos e portanto no-los apresenta desfigurados. Custódio adoecera em casa de Estina, onde ficara, e viera de noite, como um foragido, enconchar-se no palheiro da eira, esperando Quina. As portas, pela primeira vez trancadas desde que a casa da Vessada se construíra, impediam-no de entrar. Não se mostrava belicoso nem arrogante; simplesmente parecia sofrer, a ponto de Libória lhe oferecer um catre na sua choupana, e os caseiros o rodearem, meneando a cabeça, entre compadecidos e velhacamente solidários. Quina, sorrateiramente, desceu à cozinha e queimou a carta na fornalha.

Pag.Sibila_Final.indd 223 3/8/09 11:31:41 PM

– Tenho que ir para casa, mana – disse à cunhada.

A roldana do pequeno elevador das comidas guinchou longamente, e só depois de ele ter depositado em baixo as suas pilhas de pratos, com um pequeno baque que produzia na loiça como que um murmúrio de protesto, Quina explicou a sua partida, em termos breves e um tanto confundida na azáfama dessa casa estranha, que lhe parecia tão inutilmente ruidosa.

– Mas as suas radiografias? A sua consulta às cinco horas? – opôs Germa, que estava naquele limiar da cave onde se situava a cozinha, e cuspia no pátio caroços de cerejas. Com os pedúnculos fazia feixezinhos, pelo prazer pueril de obedecer a um hábito, pois outrora uma velha criada zamorana lhe ensinara a guardar provisões de pés de cereja, para farmacopeia caseira, e que, uma vez mofados, se deitavam fora no fim de todos os invernos. «Também me ensinou a comer salada de laranja com azeite e vinagre» – pensou, com exultação, pois, às vezes, certas recordações inopinadas lhe causavam uma alegria indizível, e era como se saboreasse um pormenor duma vivência anterior, pertencente a um extinto reino de fantasia. Não deu pelo aceno descuidado, tímido e irónico, com que Quina respondera à sua pergunta. E quando, à noite, não a viu ao jantar, disse – «Ah, foi-se então embora!», enquanto considerava, com vertiginosas associações de ideias, qual a espécie de terapêutica a que conviriam os rabanetes. «Madame Curie desmaiava de fome, com o seu forçado regime de rabanetes» – disse, para si. E pôs-se a cismar nos sapatos de cetim da jovem Slodovska e que ela, numa noite de baile, inutilizara para sempre, exactamente para sempre. Precisava também de lançar fora os seus sapatos de cetim. E toda aquela sala, com as suas bandejas de madeira de cedro, com paisagens pintadas e pendentes por correntezinhas das paredes, os copos triangulares do licoreiro e que brilhavam como se estivessem cheios de bórax, e também os pregos em flor-de-lis dos espaldares, pareceram-lhe alfaias de empréstimo, fortuitas, e que nunca poderia usar, excepto por uma noite ou um

Pag.Sibila_Final.indd 224 3/8/09 11:31:41 PM

dia, durante um escasso prazo de aluguer. Mesmo quando a confirmação dum mérito seu lhe produzia o efeito duma recompensa, alguma coisa em si ficava impassível e hostil, como se dentro de si houvesse, eternamente, um ser infinitamente valioso e cuja pobreza, solidão e fealdade, o faziam relegado para a sombra, e vítima, portanto, duma eterna injustiça. Tudo quanto Germa devia ao mundo era a glória dos seus sapatos de cetim – essa auréola lisonjeira para a comunicabilidade fácil, o que os homens adoptam incondicionalmente como uma participação de si mesmos, o sorriso, a beleza, a afabilidade, o conforto, a independência, a elegância. Mas o que é terrivelmente raro, estranho, difícil, profundo, e o que tem tortulhos no nariz e membros anquilosados, o que é pobre e sem graça, o que rói o sabugo das próprias unhas para entreter a fome sucessiva e sempre nova, o que é ridiculamente desgraçado e que murmura uma melopeia grotesca, e dorme, enquanto bailam os sapatos de cetim, quem o procura, quem o achará e quem o compreende? Germa sentia que não havia partilha possível para si, entre as coisas demasiadamente humanas. Não aceitava uma palavra boa, sem que ela se lhe não convertesse num remorso, porque a outra forma proscrita no âmago de si própria era, de facto, a legítima, e ela, a festejada, a inteligível, a possível, uma usurpadora. Todos os bens se lhe faziam pesados, todos os recreios imerecidos, todos os louvores insuportáveis. E o seu lugar, o único onde poderia alcançar a paz, era o da obscuridade, era o de estrita aliança com a vida, com uma retribuição apenas indispensável que correspondesse ao seu direito de subsistir. Tudo mais seria um furto feito aos homens, como sempre a sua existência fora um furto para seu próprio pai, de quem utilizara os bens e o nome, sem que jamais se identificassem e deixassem de se defrontar em mundos opostos.

Muito tempo Germa pensara na casa da Vessada como reduto, porque aquele semi-abandono, que lhe dava um cunho de não-domesticidade, o tempo que lá decorria medido por larga pauta

Pag.Sibila_Final.indd 225 3/8/09 11:31:41 PM

e pouco rigorosa, a atmosfera imóvel e aquela como que vida independente de todas as coisas – o cair da água soava no silêncio, assim como simultaneamente o canto do melro, os passos de Libória, um balido de ovelha ou casco afundando-se na areia do ribeiro, soavam dentro da envoltura do seu próprio silêncio –, tudo a chamava e lhe confiava e lhe prometia uma espécie de angustiada, triste, gloriosa felicidade. Mas ela não gostava de Quina; a sua presença tagarela ou furtiva aborrecia-a, e sabia que ambas seriam como bichos que, aprisionados, correm vertiginosamente em redor ou se enovelam num canto para se evitarem, e duram até à morte, naquela sôfrega fuga, sem saberem jamais se pertenceram a espécies inimigas ou amigas. Contudo, conheceu uma emoção de vivo desalento quando seu pai, algum tempo depois da precipitada partida de Quina, trouxe o diagnóstico dos médicos, que comunicou, com aquela sua seriedade um tanto hostil que apenas busca um motivo para se contradizer e dar lugar a um optimismo também inconstante. A saúde de Quina atingira um irremediável estado de declínio; ela não viveria muito mais. Tinham sido encontrados, no pulmão, vestígios bem cicatrizados duma afecção antiga. Mas ela sucumbia agora duma prostração total do organismo, um descalabro de toda aquela harmonia vital que, durante tanto tempo, como que apenas uma resistência espiritual tinha equilibrado e mantido.

– Oh, ainda há-de viver muito. Eu conheço-a – disse Abel, galhofeiro. Mas a expressão sucumbida de Germa não se dissipou.

Depois, aquilo foi-se-lhes tornando familiar, e todos eles depuseram aquela espécie de luto que lhes adoçava as palavras quando falavam de Quina e que parecia mesmo fazer-lhes toleráveis os seus defeitos e impertinências. Esqueceram-na muito; e se, às vezes, num rebate, a mãe de Germa dizia – «É preciso saber como vão as coisas na casa da Vessada…», Abel olhava por cima da linha graduada dos óculos, com um olhar venenoso ou negligente, conforme o seu humor de momento, divagava sobre as conveniências

Pag.Sibila_Final.indd 226 3/8/09 11:31:41 PM

duma aproximação, ou mais uma vez se alastrava em catilinárias contra o génio e o proceder da irmã. Porque ela, que dantes comunicava pelos recoveiros e mandava desses mimos aldeões que são como um sublinhado dum passado comum, deixara de todo de dar notícias.

Partira ela dali afogueada de vergonha e de rancores contra Custódio, cuja atitude suscitara um certo rumor em toda a freguesia. O escândalo parecia-lhe menos resgatável do que o crime – este é de resto um princípio de toda a consciência provinciana. Chegara ao escurecer, e, ainda que descesse do comboio num apeadeiro vizinho, teve que atravessar um largo trecho de bouça, antes de entrar no pequeno vale onde se situava a quinta. A noite era suave; ouviam-se os sopros felinos dos mochos nos covis dos troncos, e um branco luar dava a toda a paisagem uma expressão abandonada e casta; da nebulosidade verde emergiam as formas dos casebres com os seus fogachos que pareciam escumar dos janelos talhados a esmo na pedra. A casa da Vessada, com a sua grande eira clara e nela o ovalado das medas, com as suas velhas varandas e pináculos de barro nas esquinas do telhado, estava escura, sem um pingo de luz a tremer para lá das vidraças salpicadas de azul. Pela primeira vez, Quina via aquela casa fechada e vazia, como amarrotada entre a treva e já feita ruína, recordação, passado. E teve a impressão de estar a assistir a alguma coisa irremediavelmente acontecida, e afastando-se dela; os seus passos deixaram de roçar no solo, não ouviu mais o deslize das suas chinelas na caruma vidrada, e a pequena plataforma do sopé do monte pareceu-lhe impossível de ser ultrapassada. Via, sob o belo luar, os copos lilases das flores que, sem pedúnculo, surgiam da terra e eram iguais a pequenas tubas; pedras marmóreas brilhavam; um espinheiro, que bulia levemente, ficou de súbito quieto, e os seus ramos, de tão imóveis, davam a ilusão de mudar de forma e palpitar. E, no imenso silêncio, vibrou o toque duma campainha cujo eco, mais penetrante do que o som original, se desdobrou noutros ecos, se enovelou

Pag.Sibila_Final.indd 227 3/8/09 11:31:41 PM

com eles, formando um turbilhão de rumor argentino extraordinariamente poderoso, mas que não dava a impressão de ser captado pelos ouvidos. O volume daquele som, que se comunicava como o de milhões de pequenos crótalos de prata que ao mesmo tempo se chocassem entre si pelo efeito da própria vibração, enchia todo o vale, ocupava todo o espaço, como um sólido. Sentia-se, sem se ouvir. Contudo, não era a recordação dum som, era a sua natureza que aflorava a todos os nervos e se podia localizar nalgum ponto, na vertente do monte, na atmosfera tranquila e azul, sobre os campos onde a seara crescia, com as suas folhas ásperas agora cinzentas na obscuridade e arqueadas como gadanhas. Rapidamente, Quina deixou-se escorregar pela ladeira, cujo saibro era igual a um rasto de farinha, e achou-se na vereda entre lódãos que atravessava a quinta. Via, agora, o telhado de lousa do moinho, serpenteado pelas heras, e, mais à margem, mais longe, o pombal e a fronde das macieiras do pomar. O repique em turbilhão das campainhas abafava-se, ia ficando para trás. Em breve ela chegou ao caminho, rente ao qual os muros das cortes exalavam o bafo do gado; e não as ouviu mais.

Foi encontrar Custódio sentado na eira e fazendo estalar os dedos, para que os cães pulassem diante de si. Estava encostado à parede da casa, às vezes apoiava o queixo nos joelhos, como se meditasse ou dormisse. Os seus cabelos pareciam brancos, ao luar.

– Tu que fazes aqui, maroto? – disse Quina, baixinho.

Ele levantou-se prontamente, pôs-se a sacudir as calças, dando palmadas nos quadris com uma violência que tinha por intuito distraí-lo da sua perturbação.

– Vim para aqui… – tartamudeou. Apesar de tudo, o seu olhar era feliz.

Quina sentiu que toda a sua ira se dissolvia como um bloco de neve que rola sobre o fogo, ao ouvir aquela voz tenteante de criança. Ele estava agora procurando agradar-lhe. Correu à sua frente, desembaraçando-se dos cães com ameaças, porque se lhe enleavam

Pag.Sibila_Final.indd 228 3/8/09 11:31:41 PM

nas pernas, e foi escolher cavacos e cisco bem seco para acender o lume no lar. Como Quina fizesse notar essa diligência, incompatível com a doença de que, a todo o povo, se mostrara tolhido, ele esmoreceu logo, ficou cabisbaixo, acomodado a um canto, e não falou mais durante todo o serão. Quina espiava-o, sem, porém, deixar que ele a surpreendesse. E tomava-a uma secreta alegria, ao sentir de novo a familiaridade de todos aqueles objectos, os ancinhos, as velhas foices desdentadas no vão escavado da parede mestra, a lareira com a pequena cafeteira que fervia e cujo silvo era o acompanhamento adequado ao ronroneio dos gatos. Por uma frinchazinha da pálpebra, advertia a atitude amuada e puerilmente orgulhosa daquele homem cuja estreita fronte se franzia num esforço tocante de se mostrar penalizado por uma ofensa. E ela ria-se intimamente; e as lágrimas afogavam-lhe o riso, e as suas mãos tremiam ao tocarem a tampa da cafeteira que oscilava ao ferver. O grande luar e a atmosfera toda azul viam-se da janela de grades abauladas; os cães ladravam aos rumores da noite, e sonoramente a água caía de alto sobre o tanque, desenhando círculos que eram como rugas de vidro. Quina estendia os seus pequenos pés, os calcanhares poisados nas chinelas; o lenço, puxado sobre a boca, dava-lhe um ar misterioso e quase jovem.

– Não queres cear? – disse ela, ríspida, enquanto vertia o chá numa tigela, fazendo boiar pedaços de tosta, que lentamente se abeberaram até duplicar de tamanho. Custódio ergueu a cabeça, com certa surpresa, murmurou uma negativa; mas como Quina lhe falasse indiferentemente dos sucessos do lugar, ele descuidou-se da sua birra, procurou comida nos compartimentos do banco; achou apenas alguns mendrugos de trigo, que se pôs a rilhar vorazmente, reunindo as migalhas na palma da mão e sorvendo-as de golpe, como se emborcasse uma bebida.

Desde que Quina partira, ele não comera mais. Em casa de Estina, deixara-se ficar a remexer o seu caldo de feijões vermelhos, até que ele esfriou de todo e um véu de gordura se enrolou no

Pag.Sibila_Final.indd 229 3/8/09 11:31:41 PM

cabo do garfo de ferro. No quarto, olhara um momento a cama, com o rolo de moinha do travesseiro e as mantas tecidas com novelos de farrapos, e deitou-se no sobrado, sob o qual as ratazanas dos celeiros corriam, esgadanhando as tábuas; ele apercebia o seu cheiro almiscarado, e a aragem das frestas, que trazia consigo o odor do grão seco e da batata que grelava, batia-lhe na face. Assim esteve até ao dia seguinte, indiferente e quase imóvel, pestanejando porque as picadas sob as pálpebras o impediam, tanto de manter os olhos abertos, como de dormir. Inácio Lucas disse-lhe, ao vê-lo, de manhã:

– Ou!, pingão! Há muita água nesses ribeiros, lava essa cara! – E cuspira-lhe quase em cima.

Agora, mesmo no seu silêncio se apercebia o gáudio sôfrego dum cão que acha o seu dono e de novo fareja e rebusca pelos cantos familiares. Quina deixava-o proceder, fingindo não notar que ele tinha fome e que o seu rosto quase imberbe parecia ter sofrido amolgaduras e estava esverdeado de fadiga. Via-o sorrateiramente espreitar num armário, aproveitando a sombra para palpar os restos que, em velhos pratos de barro, se tinham coberto dum bolor azul e cor de prata, delicado como uma borla de pó-de-arroz. Ela chamou-o, e Custódio, voltando-se, apresentou a expressão exageradamente inocente de quem disfarça uma culpa; um fio acobreado de doce de cereja corria-lhe, devagar, pelo queixo. Quina puxou mais o lenço sobre a boca, e tossiu, cheia de riso. Ali estava aquele rapaz, tolo, belo, fiel e egoísta, não mais responsável do que um sarmento de videira que, esquecido de si, contudo cheio de veemência, vive. Aqueles olhos opacos, que pareciam trespassar todas as coisas sem porém lhes tocar, como os amava! Os seus cabelos, a que os movimentos imprimiam um constante balanceio de seda desfiada e que mesmo na imobilidade eram possuídos de vibração, esgotante e perene vibração, como os amava! E a sua voz, aquele balbuceio indiscreto, vago, tão humano, que soava sempre

Pag.Sibila_Final.indd 230 3/8/09 11:31:41 PM

um pouco como uma surpresa angustiada, um pedido de auxílio, como ela a amava!

Deixou-se ficar muito tempo Quina, sorrindo sob a venda do seu lenço e compondo com o pé as achas que ruíam no encosto do grande pote de ferro, brilhante de gordurosa fuligem. Custódio, saciado já, entretinha-se a chamuscar com um tição o pêlo dos gatos, seguindo-os com o olhar excitado, maligno, quando, bufando, arcando o lombo, eles pinchavam e fugiam. Depois, repentinamente, adormeceu, a cabeça escorregou-lhe do espaldar do preguiceiro, um pingo de baba foi deslizando, devagarinho, da comissura dos lábios até ao queixo; e as suas grandes pestanas loiras, à luz que serpenteava com um risco de fumo negro que exalava um cheiro activo de petróleo, ininterruptamente palpitavam, como asas.

Antes de se recolher, Quina revistou os seus esconderijos e contou, uma por uma, todas as suas jóias, os trancelins, as alianças, os dobrões, os brincos de libras com cercaduras de cordame no estilo manuelino, e que ela guardava numa velha caixa de charutos, cujas cintas douradas, reproduzidas na tampa, lhe proporcionavam uma impressão de coisa estimável e de luxo. Não faltava coisa alguma; as gavetas todas e todos os fechos estavam intactos. Então, entrou no quarto, sentou-se no *siège-percé* que fora de sua mãe, e, serenamente, pôs-se a rezar. O silvo dos comboios, o seu matraquear sobre a ponte além do monte fronteiro, diziam-lhe as horas, denunciavam-lhe a direcção do vento e o tempo provável para o amanhã.

Pag.Sibila_Final.indd 231 3/8/09 11:31:41 PM

Pag.Sibila_Final.indd 232 3/8/09 11:31:41 PM

XVII

Ainda todo o Verão ela andou de pé, alheia quase à consumpção de todo o seu organismo e mantendo aquele interesse, paciente e cheio de doçura íntima, por todos os factos da vida, as repetições e as formas que nunca parecem extintas ou gastas, excepto quando o espírito se adormenta e perece. E, mesmo quando recolheu ao leito, o seu génio, todo feito de previsão e prudência, estava inalterável. Libória achava-a apenas tocada por um achaque sem importância; não cessava de fazer estremecer os sobrados com as suas rasas patadas, e vinha em altas vozes comunicar-lhe todos os acontecimentos internos ou externos da vida pessoal e as políticas do povoado. Usava agora muitos oiros, e o cordão que fora a sua ambição suprema não o tirava nem para dormir. O surro zebrava-lhe o pescoço, e das orelhas muito penugentas, com um pêlo riçado como lã, pendiam as enormes arrecadas, que ela balanceava com grande garbo.

– Não, tu agora andas bem aparelhada! – dizia Quina, com aquele seu riso que parecia acontecer atrás dos beiços fechados. E a outra, muito pândega, com um giro que fazia leque das suas saias:

– Fresca, da viva! – E lançava aos ares uma das suas predilectas trovas apaixonadas que contavam penas de amantes e ilusões perdidas. Ia rebuscar hortos nos secos estrepes de couve, era cheia duma faceirice arrogante para os moços dos caseiros, que passavam, arrastando os pés descalços e inventando demoras, a camisa sem colarinho, muito manchada de terra e de suor.

Pag.Sibila_Final.indd 233 3/8/09 11:31:41 PM

– Há-de morrer donzela – tinha dito Quina, recordando, a propósito, uma contemporânea de sua mãe e de quem ficara histórica a virtude. Já velha, ao ser louvada pela sua conduta, ela exclamara, com uma risadinha viva e displicente: «Não me custou muito; nunca ninguém me falou…»

Também Libória, apesar das suas rudes denguices, ficaria, decerto, sempre casta, não porque não pudesse jamais personificar uma tentação – os recursos da espécie são infinitos –, mas porque era, afinal, esquiva nos amores como uma toupeira, e tomava quase como agravos todos os galanteios. Ainda cachopa, bradara «Aqui-d'el-rei» sobre um velho cabreiro, só porque ele, no meio dum tojal, a olhara fixamente, sem a saudar. As histórias de violações e falaciosos enganos, de que o soalheiro feminino está sempre cheio, brutalidades obscuras que ao seu cérebro de criança se apresentavam indistintamente como brincadeiras torpes praticadas em animais, esses horrendos jogos de infância, os sapos que se esfolam vivos ou se obrigam a fumar um cigarro até rebentarem, os gatos recém-nascidos que se afogam nas presas, espetando-lhes o bandulho tenro com uma farpa, o segredar cruel dos rapazes a quem a puberdade desponta e exibem uma depravação tão imaginosa quanto inocente, tudo isto lhe fixara nos sentidos um alarme e uma aversão, fazendo-a incapaz para o amor. Acomodava-se à noite no quarto de Quina, na cadeirinha baixa que tinha um eterno empaste de sabonete verde na margem, e punha-se a contar coisas sentimentais, delicados melindres de coração que atribuía aos seus supostos pretendentes. Era quase comovente notar como, sob aquele aspecto de avantesma, a sua pele encortiçada, aqueles olhos riscados de ruivo e cuja pupila parecia um seco caroço de azeitona, havia uma alma de rapariga que visionava assexuados idílios e se ruborizava ao narrar mentiras românticas que lhe acudiam com uma prodigiosa capacidade de improvisação. «Só gostava de ser como as bonecas» – dizia, às vezes, com modo alvar, mas, de facto, aludindo finamente a que as bonecas não tinham sexo e lhe

Pag.Sibila_Final.indd 234 3/8/09 11:31:41 PM

davam uma impressão de inviolabilidade e de pureza. Porque, de volta dessa evocação sexual tão livremente patente em toda a vida campestre e, ao mesmo tempo, insinuada como desgraça nas relações humanas, criara ela como que uma sugestão subconsciente de dor, de reprovação e de pecado. Contudo, casar-se-ia só para usar o lenço branco e o ramo com fitas de seda, que depositaria no altar da Virgem, antes de deixar a igreja. Gostava de coleccionar blusas de seda fulgurante, cheias de rendas e de laçadas; imaginava a sua figura reluzente de oiros, com pentes fingindo tartaruga e esmaltes, nos cabelos, acreditando que os rapazes se desafiavam por ela, enquanto, debicando atenções, se fazia rogar ou lhes voltava as costas. E as ciganas fascinavam-na. Perdia-se, apostando no jogo da fita e tirando como prémio alfinetes-de-ama e caixas de palitos. E, enquanto aquelas mulheres de linguajar castelhano, de seios vazios bamboando sob o pequeno xaile de frocos cor de mel, lhe seguravam a mão, ditando uma cegarrega impudente de distracção, ela tolhia-se de pasmo, sem um riso, sem um gesto.

– Hei-de passar as águas do mar. E há muito quem me tenha inveja… E um moreno que me quer bem – repetia, sonhadora, emitindo uma falsa incredulidade. – Sume-te! Pra negra basto eu… – E as suas enormes arrecadas badalavam, punha-se de pé, de pincho, ia mexer na palmatória de esmalte azul, fazia chocalhar os fósforos, como se agitasse um búzio ao ouvido.

– Vai-te embora, mulher… Amanhã também é dia – dizia-lhe Quina.

Então ela partia. Passava pela despensa, onde as boroas da fornada estavam encasteladas, desprendendo das largas fissuras da crosta um perfume de fermento. Rapinava sempre alguma coisa, uma badana de bacalhau, uma colher de azeitonas da talha de barro, que exteriormente parecia escorrer um lodo negro; e, depois dum último galão de aguardente que bebia beijocando voluptuosamente o gargalo do garrafão, ia-se embora. A casa ficava em silêncio, e nesse silêncio, vivo e impaciente, ficava Quina.

Pag.Sibila_Final.indd 235 3/8/09 11:31:42 PM

Não dormia. Agora, quase nunca dormia. A sua relutância em aceitar companhia ou permitir mesmo que Libória demorasse sob aquele tecto, depois que anoitecia, tornara-se quase maníaca. Apressava-a a todo o momento, com enfastiadas palavras de despedida, e só quando ouvia a sua voz no caminho, falando para os vizinhos que respigavam nos campos ainda àquela hora – era pelas colheitas, e os terrenos adjacentes às casas estavam ocupados por aprestos de vindima, e viam-se em contraluz as sombras dos moços trepados nos lódãos, esgalhando aqueles cachos apertados de *bastardo* entremeados por teiazinhas e bolores, e que tinham um acre sabor químico, de tinta –, então Quina julgava repousar. Mas, à medida que se fechava a noite e todos os ruídos, como velas sopradas, se apagavam, e ficava apenas aquele zumbido que era como que o fremir da vida temporariamente extinta, ela sentia uma renovação penosa dos seus sentidos, excitava-a o esgotamento, e, através de todo o caos de recordações inconscientes que, como alvéolos, se abriam na sua memória, ela pensava na morte. Não a desejava, apenas todo o seu ser se adaptava a cumprir a morte. Naquela casa deserta, ela, enferma, nada receava. Era invulnerável, porque não se instruíra a ponto de compreender o medo. Aos pés da cama desenhava-se o espaldar daquele *siège-percé* envernizado de cor de mogno e que fora adquirido para os últimos tempos de sua mãe. E era como se a própria Maria ali estivesse, com o seu casibeque de lã dos Pirenéus ou a sua bonita blusa de peluche negra em que os oiros brilhavam muito, e contasse, com a voz incoerente cujo timbre de ironia não se perdera nunca, as proezas do seu Chico, que as mulheres amavam e que não tivera culpa de ser bonito. No leito a par, e cujo enxergão apenas estava coberto por uma manta mais nova, tinha jazido o irmão amortalhado sobre uma tábua de pinho, com a sua flanela de risquinhas dum elegante de Ostende ou de Baden; e Estina, de rosto impenetrável, intratável e dura, ali se deitara, seguindo com o dedo as brechas da parede, levantando partículas de caliça, enquanto as

Pag.Sibila_Final.indd 236 3/8/09 11:31:42 PM

outras mulheres rezavam e ela guardava na alma o adeus de Luís Romão, que partira pelo caminho fora, o chapéu derrubado sobre a orelha, fazendo ainda, do largo, um gesto galante e banal, de saudação, como se tivesse de voltar no domingo seguinte e ela fosse uma possível e bem dotada noiva.

Ouvia o ramalhar das laranjeiras plantadas pela velha Narcisa Soqueira, e também era como se ela estivesse viva, dentro das suas saias que a imundície fazia pardacentas, couraçadas de gordura que luzia em reflexos como *moiré*. Ela e o abastado filho do primeiro casamento, o que usava botões de oiro nos coletes de fustão ou de seda rígida, com bordados violeta, e a levara a conhecer mundo, pelos hotéis onde ela engulhava olhando as maioneses e os pudins, e usava como vasos de noite as escarradeiras de porcelana. E também aquela enteada sua, branca como uma deusa de mármore de Paros, e a quem ela fazia decorar versos para, com eles, simular esse espírito brejeiro e poético das conversadas, que, às vezes, com o seu génio da réplica, podem ganhar um partido. Tão bruta quanto era linda, pretendida uma vez por um perfeito herdeiro, cumprimentara-o com uma quadra licenciosa e insultante, por conselho traiçoeiro doutras moças que assim a ensinavam a namorar, neutralizando sagazmente os efeitos daquela beleza. Tinha morrido já, mas Quina via-a ainda com aquelas farripas loiras aureoleando-lhe o rosto, que era cor da pétala de *bela-portuguesa*, o delicado desenho do seio acusado pelas pregas da camisa de linho e o frouxo entrecruzado do nastro vermelho do colete, que tinha as abas golpeadas e cheias de arabescos.

Às vezes, quando a noite era de vento, a cancela da varanda, e que abria para as musgosas escadas do quinteiro, rangia muito. E era como se João fosse ainda um adolescente e ali estivesse rodeado dos seus perdigueiros mosqueados, que expulsava fora da cancela, enquanto media e pesava, em balançazinhas de folha, a pólvora e o chumbo dos seus cartuchos; os cães ganiam e esgadanhavam, enfiando a pata entre as ripas, excitados, até que João lhes

Pag.Sibila_Final.indd 237 3/8/09 11:31:42 PM

permitia entrar; então pulavam-lhe de roda, iam com ele pelos caminhos, farejando, regressando, partindo de novo com um trote ligeiro, quase rojando no chão as grandes orelhas onde as carraças das ervas se lhes filavam. O seu capote de gola de raposa estivera muito tempo pendurado no seu antigo quarto, que era agora madureiro de peras de Inverno; e lá estava ainda aquela prolixidade de objectos que fazia o seu ambiente, as pequenas ferramentas, uma forma de sapateiro para alargar calçado, estojos de barba forrados de cetim roxo, um *soco inglês*, arma que Abílio trouxera do Brasil, uma colecção de varapaus com aguilhão de ferro, ou encabados em prata, ou simplesmente com o fundo de metal amarelo dos cartuchos. Havia-os de marmeleiro, de eucalipto e de freixo; uma bengala de cana-da-índia, outra com castão de marfim, eram ainda espólio do jovem irmão morto, assim como eram dele os minúsculos frascos que, vazios, desprendiam ainda um perfume de âmbar e de nardo. E o retrato dele, um rapaz de orelhas acabanadas, alto pescoço onde se apercebia muito o pomo-de-adão, estava num caixilho de mogno e impregnado de poeira. Através dessa fisionomia ligeiramente surpreendida, cheia duma precocidade de consciência naqueles olhos vítreos, quase sofredores, adivinhavam-se as feições do pai, mas como que deformadas, reprimidas por algo de funesto e apaixonadamente triste, que estava mesmo expresso naquelas mãos ossudas, longas e contudo infantis, e que seguravam uma chibata de baleia.

Toda a casa, para Quina, era a doce evocação do pai – da sua voz quente e cheia de paciente expressão, um tanto trocista; do seu pequeno vulto, seco e ágil, aquele seu movimento de felino em repouso, as suas pupilas onde havia sempre uma astúcia, uma defesa, uma ternura generosa que dedicava como uma recompensa, mas sem o que há de vexame ou até estímulo na recompensa. Todo o seu coração conhecia ainda aquele conforto furtivo, amoroso, inquieto, da presença do pai. Ele chegava, e logo a atmosfera árida e prática da casa se transfigurava, fazia-se jovem, inconsequente,

Pag.Sibila_Final.indd 238 3/8/09 11:31:42 PM

aventurosa, todas as coisas pareciam ganhar uma propriedade vital, e todo o trabalho era como uma vertigem feliz. O génio justiceiro e prudente de Maria obscurecia-se, os seus ralhos perdiam a autoridade ante a presença calma, quase indolente e que dava a impressão duma reservada e perigosa força, daquele homenzinho que patriarcalmente presidia à ceia e a quem os melhores bocados eram oferecidos num prato à parte, como num ritual, e que ele rejeitava sempre, quase com o pudor de se ver distinguido, se bem que outros costumes nunca os pudesse admitir. Gostava de distribuir pelos filhos a sua ração especial, mas só depois de ter tido ocasião de a recusar.

Quina não o encarava nunca. O seu amor por ele era feito de temor e duma ousadia infinita e secreta, que se manifestava às vezes nas suas rebeldias para com os estranhos ou os irmãos. Porque ela alimentava a alma daquele amparo tão firme que encontrava na compreensão do pai, compreensão que jamais se confirmara por uma palavra de preferência sequer, ou um favoritismo declarado da parte dele, e da qual extraía ela razões profundas de superioridade e de orgulho.

– Esta moça ninguém a vence. Que feitio rebelde e desgraçado ela tem! – dizia Maria.

– Convém obedecer em particular, mas ser rebelde em geral – acudia o pai. E Quina corava de prazer, afadigava-se um pouco mais no trabalho, para ocultar o seu triunfo e a altivez do seu olhar.

Apenas restava a casa, que ele reconstruíra e também arruinara. Contudo, às vezes, Quina sentia-se imobilizar no tempo, e impelia-a uma tentação de se arrojar do leito e ir olhar o quinteiro, na madrugada cinzenta, porque sabia que o pai estava lá, aparelhando o carro que devia partir para o mato, enleando a corda nos fueiros e jungindo os bois que tinham descido das cortes, húmidas do vapor das suas respirações. E, como quando rapariga, ela experimentava aquele desejo frenético que a fazia precipitar-se para fora da velha cozinha térrea onde se cozia a fornada, com os braços ainda

Pag.Sibila_Final.indd 239 3/8/09 11:31:42 PM

empastados de massa e cheios os cabelos do seu aroma azedo, e ficar imóvel contra as tábuas do portal, procurando distinguir aquela voz que pressentira ainda ela estava longe. Quando o pai chegava, durante algum tempo Quina não lhe aparecia; retardava o momento em que havia de o ver e olharia sem expansão alguma, como a um conhecido mais e do qual não se estranhou a ausência. Também o olhar dele parecia indiferente; mas Quina entendia num relance o que ele lhe podia confiar – o galanteio, o consolo, a exortação e a incomensurável ternura. Beijava-lhe a mão duma forma esquiva, quase relutante, vingativa, e fugia.

Quando o pai morreu, pareceu a si própria que a sua dor não correspondia àquele amor que perdurava nela com uma intensidade que minorava, até, a sensação de perda e de fim. Longe de chorar a sua pena, antes uma grande paz lhe penetrou o coração. Em breve se apresentava faceira e alegre, e o seu carácter abandonou aquela característica de agressividade que tanto desesperava Maria. Porém, o seu espírito, mais do que nunca, vivia a dedicação absoluta ao pai, que, tendo morrido, se lhe agregava inteiramente, já não era o homem disperso por todos os prazeres, partilhando amores e cuidados de tantos mais, pertencendo ao mundo e querendo-lhe, acima de tudo, com uma terrível e egoísta paixão. Agora, era apenas dela, nela estava com o seu olhar penetrante e doce e para sempre havia de depender de Quina, da profusa chama da sua recordação.

E eis que, no decorrer daquelas noites em que a enfermidade, a tremenda sensibilidade dos que vão morrer a faziam desperta, os passos de Custódio, que voltava do seu vadio seroar, lhe provocavam um estremecimento. Era como, quando criança, anichada aos pés de sua mãe, entre os corpos dos irmãos adormecidos, ela se apercebesse da chegada de Francisco Teixeira e o visse aproximar-se, com a candeia protegida do vento com a mão, e notasse o seu rosto frio, entediado e distraído, ao pousar os olhos aqui e além pelo quarto, e, com um laconismo cruel, responder à mulher que, bai-

Pag.Sibila_Final.indd 240 3/8/09 11:31:42 PM

xinho, o increpava. Oh, aqueles diálogos discretos, cheios de surda violência, não os esquecera nunca! Ela fechava os olhos, gritando mentalmente à mãe que fosse humilde, que eliminasse da voz o desafio e o desprezo, que chorasse talvez, que vertesse essas lágrimas copiosas e ardentes que são uma súplica de paz e a que os homens cedem sempre. Mas ela não chorava, e o silêncio era a sua única represália. Quina acabava por lamentar o pai, que, como uma ave cativa, girava na casa, inventando pretextos de concórdia, perturbado no seu orgulho e disposto a esquecê-lo, se isso fosse o preço com que adquirisse de novo uma consciência livre, o direito, portanto, às suas fugas, às suas estúrdias e às bonitas raparigas. Passava por Quina, trocava com ela um sorriso quase cúmplice, e ambos sabiam que, mesmo na injustiça, eram aliados.

Fora naquele carácter, inconstante, pródigo, vulnerável aos vícios, sempre disposto a julgar o mundo utilitário campo da sua sobrevivência, e que tão vivamente ela sofrera em todos os sucessos domésticos, as tiranias impostas com um riso ameno, a ruína que se abatia sobre a casa e era proclamada com uma autoritária recriminação, que Quina temperara a sua aversão aos homens, aos seus direitos e intrínsecos poderes. Mas fora também aquele homem, terno e terrível, prudente e astuto, sarcástico mesmo quando vivia um momento de drama e de perigo, que ela admirara e para o qual fora uma alma escrava, cheia do fanático timbre da paixão.

Agora, que Custódio se apresentava um pobre diabo marcado por taras e lhe introduzira em casa o presságio das suas depravações, ela aceitava-o, não lutava mais para repelir aquela fatalidade de erros e loucuras, que chegara, sem saber, a amar em Francisco Teixeira. Essa posição de responsabilidade orgulhosa, mesmo perante a brutalidade e o crime, era o que ela profundamente invejava nos homens e simultaneamente não lhes perdoava.

Uma noite, depois da saída de Libória, ela sentiu-se repentinamente mal. Não chamou ninguém, não se moveu da cama. Mas quando Custódio se recolheu, ela bateu com os nós dos dedos no

Pag.Sibila_Final.indd 241 3/8/09 11:31:42 PM

tabique, para o advertir; teve que repetir muitas vezes aquelas pancadas, antes que ele as percebesse.

– Vossemecê que me queria? – disse, de mau modo, fora da porta. Caminhara em peúgas, e fazia articular os pés, evitando que eles arrefecessem. Fizera-se muito melindroso. Gostava de petiscos, que exigia a diário, e sem os quais se enfurecia e chegava a chorar de despeito. Tinha, no entanto, vinte e quatro anos, era alto, aparentemente vigoroso, e cuidava-se como uma mulher. A sua surpreendente beleza parecia declinar, o rosto ganhara um anguloso provocado pelo repuxar da pele sobre as maxilas que se desenvolviam muito. Algumas raparigas, na maioria pobres e insidiosamente aconselhadas pelos pais, marcavam-lhe encontros nos recessos das bouças; Custódio, porém, desdenhava esses amores, e isto com íntimo regozijo de Quina. Fazia uma vida pimpona, vadia e um tanto melancólica. Não se divertia. O seu devaneio predilecto era ainda o de se debruçar nas presas e caçar rãs, que encerrava num frasco de largo bocal, analisando depois a sua resistência à asfixia. Os companheiros aborreciam-se dele, provocavam atritos, pugnas, batiam-lhe, e, vendo-o lacrimejar, abalado por grandes soluços, o ranho pingando-lhe do nariz, entreolhavam-se vexados e cheios de perturbação. Depois do *Morte*, que cumpria pena muito atenuada por indultos à conta do seu génio perfidamente cauteloso e que, entre o crime e a lei, criava uma matemática, não tivera mais amigos.

– Escuta – disse-lhe Quina –, chama os moços, manda um deles buscar o doutor…

Devagarinho, recostou-se, querendo aplacar a ânsia que lhe sacudia as entranhas; o lenço, preso num dos recortes de ferro da cabeceira, puxou-lhe para trás a cabeça, que ficou como que desprendida do corpo, exangue e manchada de pequenas nódoas violáceas. Custódio precipitou-se, descobriu-lhe a face; os olhos com que Quina o encarou encheram-no de terror. Ela queria talvez tranquilizá-lo, mas aquele olhar era apenas vazio e desamparado.

Pag.Sibila_Final.indd 242 3/8/09 11:31:42 PM

– Vossemecê que tem? – gemeu ele. E grandes lágrimas começaram a correr-lhe pela cara, enquanto lhe tocava nos cabelos e os cobria com o lenço, que não atinava bem em desprender. Quina olhava-o sempre, a boca ligeiramente torcida; os vincos que partiam das asas do nariz até ao queixo pareciam ter-se distendido, e a sua expressão era agora rejuvenescida e doce. A vela, sobre a comodazinha antiga, iluminava o pedaço de espelho riscado e cheio como que de dedadas negras.

– Vossemecê não morre, não morre! – gritou Custódio. E abatia os ombros sobre o leito, chamava Quina, queria que ela lhe respondesse e o olhasse com a tímida e contida ternura que usava para com ele, e o confortasse ainda, porque ele se estorcia de tristeza, maldizendo-a e desejando até feri-la, para que ela se reanimasse. Por fim, Quina conseguiu afastá-lo de si, pedindo-lhe, com voz exausta, que buscasse socorros. Ele lançou-se em correria pela casa fora, deixando atrás de si as portas abertas que, sacudidas pelo vento, entrechocavam os trinques.

Assim começou a agonia de Quina. O médico, um homem enorme, de fronte curta, aparentado ainda com a condessa Monteros, cujos herdeiros tinham resultado nessa raça de proletários intelectuais que distinguem por si só uma época, pronunciou-se sem muitas reservas.

– Alguém da família devia estar aqui – disse, enquanto enxugava as mãos na toalha que Libória lhe apresentava, e ia lentamente esfregando um por um os dedos, com ar de resignado enfado. Olhava aquelas paredes, apenas decoradas com os velhos cabides pintados de azul-cinza e muito sujos pelas moscas; no oratório, estava o Cristo, que pendia da exígua cruz, muito carregado de contas de vidro, as chagas escarlates salientes da carnação lívida, a cabeça coroada de autênticos espinhos cujas puas tinham ficado rombas ou, de tão ressecas, se tinham partido. E Quina, com a sua camisola de lã-mescla deformada nas mangas, o seu pobre rosto embuçado no lenço e que tentava ainda uma expressão de cortesia,

Pag.Sibila_Final.indd 243 3/8/09 11:31:42 PM

era então aquela amiga tão considerada da velha condessa, aquela que, mesmo no momento de morrer, ela chamara, dizendo-lhe: «Enfim, vou dispensar a minha sibila…» O prestígio da faustosa Elisa Fattoni agia ainda no seu parente, agora, pois ele dignou-se sorrir, mostrando os dentes lupinos que brilhavam muito no rosto, que essa espécie de beleza terrível dos membrudos arcanjos faria admirável, se o anacrónico do seu bigode farfalhudo o não fizesse ridículo. Ele vivia com uma comandita de irmãos e de primos, no palacete de Água-Levada, que jamais tinham conseguido vender para partilhas. As preciosidades, os Sèvres, os relógios Boule, o próprio genuflexório da condessa e que, diziam, tinha incrustada uma lasca do Santo Lenho, as talhas Renascença da capela, assim como os pires casca-de-ovo do tempo dos Mings e por onde os gatos bebiam leite, postos a saque, desapareceram. Havia na casa vários médicos, engenheiros, doutores de leis e um ou outro licenciado em Filosóficas, e que viviam mais ou menos dos expedientes das suas carreiras, compravam os fatos a prestações com bónus de sorteio, achavam que era sinal de espírito superior não ter, de facto, partido, e se resgatavam da sensação deprimente de serem oriundos duma pátria pobre, proclamando-se cidadãos do mundo e, no fim de contas, tendo como ideal uma situação compensadora, estável, não muito responsável, na burocracia. Quina conhecia-os a todos eles, ainda que não a advertissem e jamais lhe tivessem prestado atenção. Ela possuía a faculdade de não viver apenas limitada à sua geração; quase moribunda, ela sentia ainda um interesse vivo em observar aquele jovem que escrevinhava a sua receita, depois de soprar cuidadosamente o pó do toucador e atrever-se então a apoiar lá o braço. Ele tratava-a como a uma rústica, e via-se no seu olhar a convicção fatalista de que as suas recomendações e diagnósticos não eram compreendidos.

– Filho da mãe! – explodiu Quina, quando ele saiu. – Que bem que ele sabe soprar! Foi a herança da condessa que o pai dele soprou, também, para o fazer doutor!

Pag.Sibila_Final.indd 244 3/8/09 11:31:42 PM

E, perante Libória interdita e chocarreira, ela exprimiu o seu desprezo por aquelas fidalguias pelintras que vivem de galardões retirados das lixeiras que o tempo instituiu para todas as honras humanas. Com um parcialismo feroz, Quina fez notar mais uma vez aquela sua feição quase miserável do sarcasmo aos que trabalham, não para evitar uma miséria, mas para conseguir a imitação duma dignidade. Como toda a ralé – e a sua consciência de prosperidade fazia-lhe ressaltar características canalhas –, ela consentia o poder que fosse rodeado duma encenação teatral, fosse de superstição, de fausto, de grandeza de qualquer modo insuperável. A tentativa para adquirir um destaque, uma superioridade, acompanhada de todos os pormenores humanos de esforço, sofrimento, ridículos, combatia-a por instinto. Os que venciam, partidos do seu mesmo barro, pareciam-lhe mais réus do que heróis. Aqueles que continuavam os vencedores tornavam-se depois uma tradição, e respeitava-os. O princípio popular, de Deus, assenta sobre estas bases.

O seu agressivo comentário feito ao jovem parente da condessa Monteros foi o último que fez, no género. Dia a dia se debilitava e se mostrava mais próximo do fim. Libória passou a pernoitar na casa da Vessada, com instruções expressas para avisar Estina, se o estado da irmã se agravasse. O resto da família não foi prevenido.

Custódio, depois do seu primeiro alarme e do apaixonado terror que demonstrara, ficou quase indiferente, e, nos momentos em que se aproximava de Quina, era para lhe dirigir muito poucas palavras, uma fórmula, sempre a mesma, a respeito da sua saúde, enquanto o seu olhar vagueava, acanhado, por aquele estreito quarto que cheirava a tisanas e suor de enfermo.

Um dia em que Quina se mostrara mais inquieta e se debatera como se uma clava a fixasse no leito, Libória surgiu na cozinha, limpando os olhos e assoando-se na ponta do enfarruscado avental.

– Ela está mal? – perguntou Custódio, que, sentado à ponta da mesa do preguiceiro, lambia colheradas de ovos em fio. Esti-

Pag.Sibila_Final.indd 245 3/8/09 11:31:42 PM

vera um tanto desolado naquela manhã, porque o seu tordilho, lançado à desfilada por um barranco abaixo, partira as pernas dianteiras e fora preciso abatê-lo. Ele próprio o liquidara, vazando-lhe ambos os olhos com a sua caçadeira, «para não o ver olhar» – dissera.

– Um dia destes acordas no caminho com uma croça como parede e abrigo. Ela está a morrer, e sabe Deus o que te deixará – disse, lamuriosa, Libória.

– Isso é que deixa! Olha que tu não te ponhas com coisas, se não queres que te enfie pelo cano dos bácoros! – gritou ele, mais cheio de espanto que de cólera.

Ela teve um risinho de escárnio, foi-se meneando os quadris, satisfeita porque lograra apoquentá-lo. As suas birras, as suas exigências, as acusações constantes que fazia dela, a vigilância com que ele se entretinha agora, recusando-lhe chaves, negando-lhe a aliança antiga que lhe facilitava as bebedeiras, enchiam-na de humor vingativo. Folgava já com aquele desenlace que lhe arrasaria, decerto, a vida, fazendo, do mimoso predilecto que ele era, um mísero exposto a todas as indiferenças do mundo, que é como uma fera de atalaia a toda a queda e a todo o desamparo. Bem cogitava Libória, como todo o povo do lugar, de resto, que Quina havia de prover ao futuro do rapaz, e ele subtrairia um certo rendimento aos herdeiros, e uma das pequenas quintas independentes da casa da Vessada lhe seria legada. Mas não obstava isto a que ela, ao notar o sobressalto de Custódio, fosse tocada por uma curiosa revelação – ele jamais magicara nos resultados da morte de Quina, não pensara nunca em ser desautorado dos seus direitos ali, e essa ideia, impondo-se-lhe de chofre, produzira-lhe a espécie de petrificado assombro que antecede o alarme. «Já sei como te hei-de ralar, meu menino» – disse, para si, Libória, *a Sancha*. E iniciou então uma campanha velhaca, de miúdas sugestões, de palavras casuais, ditos que faziam tremer Custódio, que o iam envenenando, que o obcecaram por fim. Pintava-lhe a vida do ganhão, que

Pag.Sibila_Final.indd 246 3/8/09 11:31:42 PM

corre duma freguesia a outra para comer as refeições sem vinho dos lavradores pobres, rapar as malgas de papas de abóbora, que ele chamava comida de recos, quando as via servir na mesa dos caseiros, temperadas com grandes doses de vinagre; e os serradores, que levam na marmita essa mistura de boroa seca e de batatas, com sabor e aspecto de serradura, e que eles devoram, sentados nos troncos húmidos, enquanto a molinha de Outono cai e lhes ensopa os velhos gibões onde cada remendo tem uma história trôpega, paciente e triste. E também os mendigos, os que vivem soltos pelos povoados, como uma praga irremediável e mole, como Lídio, o de fauces trogloditas e que pede esmola, pede mesmo depois de estar farto e de a ter recebido, pede com a sua voz monótona que se habituou a fazer rolar e cujo tema o cérebro, os nervos, as vísceras, assimilaram para sempre e se transmitirá ao sangue dos seus filhos; e como Rato, que gostava de viajar em «carruagem de redinha» e trazia consigo um jornal, para que lhe perguntassem as notícias do mundo e pasmassem porque o viam conspicuamente percorrer as folhas amarelentas que, com muito cuidado, dobrava, para com elas forrar o boné. «Lês as brancas e deixas as pretas, ó Rato!» E ele, sisudamente, sem dar resposta, partia.

E era o *Fraldas*, que usava saias de mulher, porque não retinha a urina, e chorava nos lugares solitários do monte, porque as raparigas se riam dele e lhe atiravam raminhos de murta para o verem recolhê-los com um olhar amoroso e convicto. O *general Loison*, chamado assim como o invasor francês, porque era maneta e fazia susto nas crianças; ele gostava de as dispersar dos largos onde jogavam o pião, correndo-as ao grito de «Eu mato, eu mato!», o coto do braço no ar, arrepanhado na extremidade pelas pontadas da sutura, horrível. Havia ainda o *São José*, que, montado num jumento, percorria o distrito inteiro, típico, suave, com a enorme barba que lhe dava à fisionomia um ar casto, cumprimentando toda a gente pelo nome de baptismo e imprimindo à pobreza o cunho nobre, digno sem ser altivo, generoso mesmo quando es-

Pag.Sibila_Final.indd 247 3/8/09 11:31:42 PM

tendia a mão para aceitar a esmola, não parecendo reclamá-la, mas apenas colher um foro que não era de escritura, mas de palavra e de coração. E o que ficara na tradição, o *Tirano*, que num dia de Entrudo fizera o circuito da freguesia, carregando duma a outra casa fidalga um saco de sal que todos lhe recusavam, endereçando-o para mais além; tivera que regressar, moído sob a carga, apupado pelos grupos de mascarados que, com toalhas de croché pelo rosto pintado com fuligem, em travesti, aterrorizavam as mulheres e lançavam nas presas aqueles que, durante o ano, tinham decidido castigar por uma injúria particular, uma rixa apartada, uma traição, uma dívida, uma rivalidade, ou então por um desmando da lei comum – um incesto, ou uma calúnia, ou um roubo. Mascarados de Entrudo, eram o critério de toda a justiça humana; vendo-os, aos bordos pelos caminhos, o povo folgava, gritando de medo quando se aproximavam, porque alguma coisa havia, naqueles vultos embuçados e que tropeçavam abrindo os braços para tactear à sua frente, que os fazia suspeitos, estranhos e como que perdidos de razão, forças possíveis de ladear, mas não de conter.

Havia ainda o «tolo da manta». Era um homem hirsuto, de feitio brando e que cumprimentava, com uma ironia talvez descuidada, os empregados das repartições. «Olá, colegas! Então que tal esse expediente?» Pedia apenas o bastante para comer, retirava-se logo para a sua cova, na encosta, onde vivia com a sua manta e um velho caço de esmalte, em que guardava uma pequena provisão de arroz, branco e gomento, para distribuir pelas clareiras dos tojais – para as aves. Matara um irmão por acidente, dizia-se. Absolvido pelos tribunais, a si mesmo se condenara à pena máxima, que cumpria na miséria e na solidão. Nunca falava de si; os anos tinham decorrido e ele permanecia na sua lura rochosa, onde às vezes os cabreiros o ouviam gemer fatigadamente. Murmurava «Alma, alma…», com uma insistência resignada, ficava-se muito tempo mexendo na terra com os dedos que tremiam. Espalhava-se a lenda de que, na garganta escarpada do rio – era o

Pag.Sibila_Final.indd 248 3/8/09 11:31:42 PM

Douro –, pairavam vozes repetindo «Alma, alma…», em certas noites mortas em que a água era como um brocado que se rasgava nas puas das penedias.

Era, enfim, evocando figuras que a miséria faz infames ou banidas, que Libória criava em Custódio um terror pasmo, que se lhe entranhou brutalmente e que, dum dia ao outro, o revelou um homem verdadeiramente inesperado e trágico. Dum dia ao outro, pareceu envelhecer, os olhos fizeram-se-lhe fundos, a bonita boca murchou como se o estuar do sangue a tivesse abandonado. Quando entrou no quarto de Quina, ficou junto do leito, olhando-a por largo tempo, com modo intransigente.

– Vossemecê gosta de mim? – perguntou.

Ela sorriu, esboçando sob o lenço um trejeito de riso mais aberto e que traduzia alegria e consolo por aquele apego cândido, aquela pergunta em que havia dúvida rebelde e uma grande e birrenta fé. Custódio contemplou-a ainda um momento, e saiu, devagar.

Pag.Sibila_Final.indd 249 3/8/09 11:31:42 PM

Pag.Sibila_Final.indd 250 3/8/09 11:31:42 PM

XVIII

Voltou muitas vezes. A sua vida sofreu uma volta brusca; estancaram-se-lhe os desejos de mândria solta, não saía, os seus apetites lambareiros, de criança, pareceu esquecê-los. A sua atitude simulava reflexão, fazia-se taciturno; às vezes, Libória surpreendia-o a reparar a pata dum móvel que o caruncho esfarelara e que cambava, ou, então, falando-lhe do prejuízo, dum esteio que o vento abalara, duma pipa cujas aduelas cediam, ele punha-se grave, quase agressivo, corria a verificar o desastre, barafustava muito com os caseiros, que se riam dele e lhe chamavam canalha, com essa intenção, mais amigável que pejorativa, com que assim o povo classifica as crianças. «Coisas de canalha!» – diziam, ponderando desse modo aquele súbito zelo de administração. Mas Custódio estava de facto possuído pela consciência da propriedade. Em cada palmo de terra, em cada pé de videira, até nas velhas ferragens e aprestos já inúteis, disseminados pela casa e pelos beirais, via pertences seus. Entrava-lhe na medula uma febre de senhorio, e era terrível aquela repentina lucidez de quem, pela primeira vez, se acha pobre e nu, sob um tecto, entre riquezas que, dum momento ao outro, podem desfazer-se em pó.

Rondava Quina, nunca mais a deixou; passava horas espreitando-a pela folha encostada da porta, não se importando de Libória e dos moços que paravam no quinteiro para olhar, surpreendidos de o ver tão imóvel como um cão amarrado à sua caça.

– Vossemecê gosta de mim? – perguntava-lhe, brusco, depois de longamente ter permanecido junto do seu leito, mexendo,

Pag.Sibila_Final.indd 251 3/8/09 11:31:42 PM

com ar de distracção, nos globozinhos de loiça branca que terminavam os ferros da cabeceira. Quina já não sorria; contentava-se a olhá-lo com aqueles olhos que pareciam cobertos duma película gelatinosa, e o próprio esforço de erguer as pálpebras pesava-lhe muito. Já não segurava a colher com firmeza, e, com um gesto de enfado, ela retirava de si os caldos que Libória lhe trazia no pequeno tabuleiro de madeira. A vergonha daquele estado fazia-a irritável, todas as visitas lhe causavam um enorme enfado. Pela primeira vez na sua longa vida, recusou-se a receber Adão que, ignorando-a ainda tão prostrada, vinha confiar-lhe uma das suas meadas, queixando-se de espoliações e sevícias fraternas.

– Que tem ela? – indagou de Libória, que, como é da feição do povo, em cada dor de entranhas augura a morte, com essa propensão para o trágico dos que no pessimismo opõem à desgraça como que um desafio.

– Está mal – disse ela, como sempre, e em tom quase de orgulho. Adão deixou-se ficar pela cozinha, uns momentos, deu conselhos com uma voz lenta e hesitante, e como dirigindo-se a alguém por quem não estava certo de ser ouvido. Com o seu queixo pontiagudo sob o qual quase cruzavam as badanas dos bigodes, a vida toda recolhida nos olhos reservados e calmos, era um velhito no qual se começavam a achar o ridículo comovente da decrepitude, uma puerilidade triste, essa tentativa de afirmação que desperta aos novos um sorriso condescendente e um trejeito de impaciência. Por fim, foi-se embora, açoitando, com a fustiga que usava sempre com uma espécie de airosa petulância, os dentes-de-leão que cresciam nos torrões dos muros. Quina perguntou, do leito, a Libória, que apanhava roupa enxuta suspensa dos arames estendidos dum extremo ao outro da varanda:

– Já foi, o homem? – E, depois duma ligeira pausa em que se ouvia o vibrar dos arames ao serem soltos, com as molas negras de humidade girando neles: – Deixá-lo ir… Como assim, ele vem sempre pedir alguma coisa!…

Pag.Sibila_Final.indd 252 3/8/09 11:31:42 PM

Agora, era Custódio a única criatura sobre a qual incidia o manancial sempre contido da sua ternura. Já não se acanhava de lhe dizer: «Senta-te ao meu lado… Como estás crestado do sol! Já comeste? Tens as mãos muito frias.» E o vocabulário limitado do afecto parecia-lhe como um tesouro inesgotável cujos dons são como a água e o pão, que jamais fatigam, que podem significar eternamente um sabor original.

Ele não a deixara mais, vivia rondando-a, cheio de desvelos rústicos; demorava-se no quarto, a consertar a base da pequena varanda sobre a eira, assobiava baixo, enquanto, de joelhos, martelava cantinhos de lousa para acertar nas fendas. De noite, velava-a muito tempo, a ponto de, a cabecear de sono, não ouvir mais as admoestações de Quina e sair como um autómato, enquanto Libória abria as portas à sua frente, para que ele se não esmurrasse chocando nelas. Entre ele e a rapariga existia de novo um pacto estranho e no qual apenas ela parecia lucrar. Custódio permitia-lhe descer à adega, espreitava-a mesmo descer aquela lôbrega escada em cujas margens ondulavam grandes teias pesadas, verdinhosas e que se pegavam aos cabelos como se dispusessem de tentáculos. Ficava, de cima, a escutar os passos da moça que soavam no solo térreo, cheio de depressões. Depois, o esguichar das torneiras de buxo que lançavam o jacto ciclamen do vinho, que crepitava – e o silêncio. Libória bebia. Sobre as arcas de sal onde jazia, retalhada, a carne de porco, as bexigas cheias de unto, pingava uma humidade salitrosa; as paredes de rocha pareciam fosforescer suavemente, como cruzadas por inúmeros rastos de lesmas. Uma corrente de ar fino fazia continuamente agitar os farrapos de teias que bamboavam dos caibros; havia ruídos cautelosos, em surdina, de ratos, de arcarias de pipas que, inexplicavelmente, estalam, um pingue-pingue que subitamente se distingue e se detém, uma quase só desconfiança de formas moles que rastejam, mergulham nas poças de vinho azedo e estripado, onde bóiam bolores azulados. Custódio retirava-se devagarinho, ia retomar o seu posto junto de Quina.

Pag.Sibila_Final.indd 253 3/8/09 11:31:42 PM

Falava-lhe agora muito de si próprio, achava-se infeliz. E, como ao seu aniquilamento aquela melancolia era quase grata, ela enchia-se duma grande ânsia de reparação e de bem-fazer, fazia-lhe promessas misteriosas, talvez referindo-se a uma ventura um tanto mística e imortal, porém que o rapaz não interpretava assim. Uma vez, em que se mostrara bastante impertinente e, num assomo, parecera recordar os mínimos valores da casa que ela tinha a consciência de ter desleixado havia muito tempo, e cujo controle era preciso recuperar, Custódio trouxe-lhe, enfiadas num sebento cordel, as chaves todas, dos beirais, das adegas, até dos forros onde as batatas, com o seu cheiro de húmus, gordurento e fresco, ficavam até à sementeira próxima. Envergonhada da sua exaltação, mas não tranquila, Quina guardou silêncio. As suas mãos, de dedos curtos e plebeus, estavam cruzadas sobre o ventre, e via-se-lhe, no pulso direito que a manga descobria um pouco, a mancha cor de sépia que era uma marca de nascimento.

– Isso que é? – perguntou Custódio, tocando-lhe quase a pele.
– É como uma queimadura.

Quina puxou a manga sobre a nódoa, que ela dizia prever as variações do tempo, fazer-se carregada ou mais ténue, conforme o ar era húmido ou seco.

– É mesmo uma queimadura – disse ela, sem parecer mover os lábios. E deu a impressão de esquecer-se por um momento que alguém estava presente, tomou um ar atormentado que era um pouco mais do que mortal fadiga – era derrota. O seu olhar vagueou, depois, retomando serenidade, foi pousar-se no rosto de Custódio, e era já cheio duma ironia simulada e, por isso, pungente; a mão tentou ainda esboçar o seu gesto tão pessoal de descaso e de troça, gesto que muitas vezes terminava com um ligeiro safanão no nariz, o que a fazia, de momento, ridiculamente boçal. Mas agora o braço apenas se ergueu e recaiu logo; ficou inteiriçado sobre a colcha e como que independente do restante do corpo, do tórax onde os pulmões arfavam e o coração pulsava como que

Pag.Sibila_Final.indd 254 3/8/09 11:31:42 PM

recolhidos numa profundidade imensa onde o caudal da vida corresse sempre mais para longe da superfície.

– Coitadinho… – murmurou Quina. E o seu olhar, e aquele tom, expunham uma angústia que ainda não se capacita do irremediável, que não é revolta nem luta, que só exclama, só exprime comoção, sente sem vibrar, chora sem que mesmo as lágrimas se derramem. Custódio ajoelhou no chão, pousou a cabeça sobre a cama, e começou a proferir pequenos gemidos de intolerável mágoa.

– Ajude-me – disse ele. – Que vai ser de mim? Vossemecê criou-me e não tenho mais ninguém. Veja se alguém pára à sua porta para saber de si! Aproveitam a hora de vir buscar o leite para perguntarem como está, ou, se encontram a Libória, pedem-lhe favores que são como roubos a esta casa. Só eu estou ao pé de si e não como nem durmo a pensar que vossemecê está mal…

– Que queres tu? – disse Quina. E a voz dela era como um queixume, porém tensa e desagradável. Tinha desviado um pouco o rosto, de maneira a poder observar Custódio, que parecia esfregar a fronte sobre as cobertas, fossando nelas brandamente, num jeito de desorientação e de mimo. «Menino!» – pensou ela. «Menino!» O espanto, a cólera e o amor faziam um só sentimento no âmago da sua alma. Ah, também aquele a vigiava como um corvo, aspirando-lhe a morte, também ele se aproximava com premeditação! Mas não a atraiçoava, não era traição aquilo – pobre dele! Contentava-se em suplicar-lhe protecção, em tentá-la com a sua lamúria, rojando-se junto de si, implorando-lhe, com a sua voz trôpega de criança, tudo quanto achava indispensável, as suas quintas e os seus oiros. Porque ele queria, afinal, substituir na herança a família, queria talvez continuar a gozar aquela auréola de morgadio, e que ela o sobrepusesse a todos os deveres e todas as razões. Não dizia: «Não morra, fique ainda comigo, não me deixe…», mas simplesmente pedia-lhes os seus bens, e, de joelhos, rolava a cabeça na enxerga de palha, cheio duma enfastiada tristeza, como

Pag.Sibila_Final.indd 255 3/8/09 11:31:42 PM

se a própria demora na obtenção daquela fortuna lhe causasse uma fadiga que lhe parecesse impossível de compensar.

– Vai-te embora! – E Quina arredou-lhe uma madeixa de cabelos que lhe cobriam toda a face e eram como filamentos de vidro que, ao contacto, estralejavam levemente. – Tu não ficas pobre…

– E esta casa, esta casa? – gritou ele. – Ela vai ficar vazia, há-de cair de podre, sem que eu possa pôr-lhe o pé. Há-de o mato entrar por ela dentro, sem que eu possa chegar-me aqui com uma roçadoira. E eu? Eu só sei viver aqui, fui o seu criado, o seu filho, sempre…

Os seus olhos agora brilhavam, e ele dava punhadas no colchão, excitando-se mais a cada uma das palavras que proferia e que se faziam incompreensíveis. Perplexa, Quina deixou de o encarar, emudeceu, pálida, com a sua ruga de obstinação fortemente vincada na fronte. O seu velho génio contraditório e combativo vinha ainda à superfície, fazia-a demudar-se numa criatura sarcástica e hostil. Que queria ele? Era um filho das ervas, não dela, nem do seu sangue. Vinha-lhe à memória a frase de Francisco Teixeira e que ele finamente incutira nas crianças, captando-as subconscientemente para o seu partido de *monstre gai*: «Vale mais um mau pai do que um bom amigo.» Essa fidelidade ao sangue era lei em toda a família, e Quina sempre a cumprira. A casa da Vessada, com os seus campos, as suas presas e o seu montado, e que tinham sido pertença de mais de dez gerações dum mesmo ramo, caberiam ao mais nefasto inimigo da sua proprietária, se ele fosse o competente herdeiro e o continuador. Que aquele rapaz semi-bobo e a cuja desvalidez ela acudira com algumas sopas se interpusesse, era coisa de indignação e de riso. Mas não se indignava nem se ria Quina. Ela amava Custódio. Pela primeira vez, perante uma manifestação de interesse e de cobiça que visasse os seus haveres, ela reagia com uma espécie de depressão, ainda que as suas palavras fossem autoritárias e bruscas.

– Terás o que te compete, nem mais nada. O bastante para não precisares de trabalhar, se o souberes governar – disse, muito

Pag.Sibila_Final.indd 256 3/8/09 11:31:42 PM

seca. Mas, no seu espírito, havia uma convulsão, parecia-lhe cometer um crime usando de tão clara rispidez para com o moço, que mais se perturbara ao ouvi-la e se ficara a pestanejar, mudo e como que esgotado de recursos.

– Vossemecê não me deixa tudo? – perguntou ainda.

– Não – disse ela. – Não pode ser.

Respondia-lhe como a um mendigo. E a consciência de que, de facto, ele era um mendigo, que no mundo jamais poderia ocupar outro lugar, que era um ser capaz de atrair a miséria, assim como na natureza há factores que atraem a destruição e o fogo dos céus, despertou nela como uma dor muito viva, que amodorrou em si, mas que não se extinguiu mais. Custódio deixou-a, saiu do quarto. Mas para Quina era como se ele continuasse ali, com a sua madeixa solta sobre um lado do rosto, que era agora menos belo e começava a fazer-se flácido, como se a redezinha dos vasos da epiderme tivesse murchado e o sangue se estancasse, perdendo toda a pele a transparência rósea e palpitante. Não o perdeu mais de vista, não conseguiu mais deixar de o ver, bronco e impaciente, olhando com aqueles extraordinários olhos que eram como um pedaço de azulejo que reflecte imagens indecisas do exterior. Já não desejava oprimi-lo com o seu orgulho, nem mostrar, grosseiramente, que ele dependia da sua generosidade, nem dar-lhe a entender o seu afecto como uma dádiva que era preciso poupar. Amava-o, unicamente. Que ele a adulasse para conseguir benesses e favores, far-lhe-ia pejo. E preferia mesmo aquela directa maneira de lhe impor a esmola pela esmola, não queria mais vê-lo à sua cabeceira, fitando-a superficialmente, como se não achasse o fio exacto dum plano, e qualquer expressão e atitude lhe parecessem precipitadas.

Mas não foi justamente o caminho de adulação que Custódio compreendeu como mais eficaz. Um homem como ele, tão falho de dotes cerebrais, atinava com uma precisão assombrosa na chaga que era necessário talvez evitar, ou na maligna febre que se exigia manter. Nem um só momento se enganou, não torceu um passo,

Pag.Sibila_Final.indd 257 3/8/09 11:31:42 PM

não se moveu senão em sentido que, no fim de contas, o favorecia, e isto sem que jamais o contributo da inteligência lhe prestasse auxílio. Quando um homem, por miserável que seja, se obstina numa ambição, estranhas faculdades, mundos de valores estranhos despontam com essa espantosa e efémera vitalidade de flores tropicais que desabrocham e morrem no breve espaço dumas horas. Quina achou irreconhecível aquele Custódio que, no dia seguinte, se debruçou à sua cabeceira e docemente lhe beijou a mão. Ela abençoou-o entre dentes, muito vexada pela ideia de se mostrar afável, depois de tão categoricamente o ter repelido na véspera. Custódio sorriu.

– Não se zangue comigo – disse, candidamente.

Isto desarmou Quina. Doravante, ela só veria em Custódio o aspecto que a perturbara sempre, a ponto de lhe perdoar todos os desmandos e até todas as infâmias. Vê-lo-ia como uma criança a quem se deve infinita e paciente tolerância, um gérmen de criatura talvez valiosa, talvez perfeita um dia, esperança que é uma escravidão constante, futuro que não se conhecerá jamais, mas de cujo sentido os homens se não libertam.

Na visita seguinte, o médico chamou Custódio de banda, e disse-lhe, enquanto cerrava o estojo do fonendoscópio, passeando o olhar pelo quinteiro cheio de sol e onde grandes charcos brilhavam entre o mato melado:

– Ela é sua madrinha? Não deita a semana fora, como vocês dizem por cá… – E, mais delicado, reparando no rapaz que o encarava imóvel e boquiaberto, não de todo magoado, mas como sob a influência dum choque que muito se esperou e nos parece, de repente, inverosímil, mais do que assustador: – Você não tem mais ninguém?

– Não, eu acho, não… – E, notando uma fraqueza, uma piedade, o seu instinto de pedinte fez com que ele se lamentasse muito, pondo em grande relevo aquela situação, talvez em breve precária, e acabasse por se insinuar como prestável na casa de Água-

Pag.Sibila_Final.indd 258 3/8/09 11:31:42 PM

-Levada, onde seu pai servira com esmerada fidelidade, durante muitos anos, muito tempo.

– Bem, bem, bem… – quase repreendeu o médico, com enfado. Conhecia a história de sua tia, a condessa Monteros, a quem, no seu foro íntimo, não se impedia de analisar com uma certa curiosidade, cínica e divertida. Tinham aparecido algumas cartas que comprometiam, um tanto, a imponente Elisa Aida – cartas que eram como rajadas de paixão entremeadas de ironias fundas que feriam sem de facto ofender e que davam a impressão duma táctica de fascinação. A par de algumas notícias escritas em tom fastiento e arrastado, no geral as cartas eram idílicas, fogosas como cânticos e admiravelmente belas. A reputação da condessa claudicava, no entender da família e graças a alguma prova mais do que a linguaruda lógica do povo. O médico pousou em Custódio um olhar cismador, como procurando divisar nele vislumbres daquele outro rosto de mulher excêntrica e um tanto *rasta*, e cujo retrato estivera na parede duma das salas do palacete, até que uma nova geração de moças, achando-o lúgubre, o desterrara para o sótão. Ele recordava apenas aquela expressão um pouco surpresa em que subsistia uma empolada dignidade. As feições, mal focadas, eram cheias, apesar de tudo, de ingenuidade e duma espécie de azeda juventude. Aquela imagem antiga de mulher castamente cingida num casibeque debruado de pele, que lhe dava o ar de majestade burguesa da *Femme à la Robe Verte* de Monet, causava uma impressão de simpatia e de vaga tristeza. Nada transparecia ali de mundano, nada se suspeitava da galante audaciosa que se decotava até parecer que despontava toda nua por detrás dum biombo de folhos e de laços. As suas *tournures*, enormes como garupas, tinham feito escândalo quando ela se apeava na estaçãozinha da vila, e, rodando no punho o cabo do guarda-sol de cambraia, passeava na gare, esperando a carruagem que a quebra dum eixo atrasara. Haveria algo do seu sangue naquele homem cujos cabelos recém-

Pag.Sibila_Final.indd 259 3/8/09 11:31:42 PM

-cortados se lhe arrepiavam como penas húmidas, dando-lhe uma aparência ridiculamente grave?

– Eu volto amanhã – disse o médico. E pareceu subitamente irritado e pressuroso.

Em breve se esqueceu de Custódio e da velha condessa cuja lenda às vezes desencantava, para, com ela, brilhar em tertúlia. Estavam de moda as fidalguias, com uma efervescência nula e falsa exaltação da raça, e aquela parenta, cujo título era inspiração duma cidade do Tucumán e cujos brilhantes azuis ela usara toda a vida sem jamais pensar em renovar-lhes os engastes, como usara tudo, como os guerreiros e os sátrapas bárbaros usavam as suas vestes de peles preciosas, sem as mudar, como símbolo de supremacia, parecia-lhe inestimável. Falava muito nela, narrava-lhe os ditos, os costumes, esse ambiente de abastança provinciana subordinado à personalidade, e não às modas, e que fazem tão original uma casa e a individualizam com tanta nobreza. Porque a nobreza, seja dum povo, seja dum indivíduo, degenera quando cede terreno à elegância. Elisa Aida Fattoni nunca fora tão respeitável e expressiva como quando, sentada na sua voltaireana de veludo já rapado pelo contacto da sua nuca, rodeada de gatos, de braseiras de cobre onde queimava açúcar, se entregava a uma palestra crepitante com os seus caseiros, seus servos e suas sibilas, enquanto, nas chávenas em cuja pintura interior tinham sido usadas libras derretidas, esfriavam os unguentos para os joanetes, para as frieiras, a banha de cobra, o leite de parida, a essência de cravo para as dores de dentes. Era aquela mulher, que mandava encerrar um lagarto dentro duma caixa contendo cinza de charuto, porque acreditava que a cauda do hediondo bicho escrevia o número premiado na lotaria, que Quina recordava muito, com uma espécie de familiar devoção. «Éramos muito amigas» – dizia, consoladamente. Às vezes, notando em Custódio um jeito, um certo timbre de voz, pensava, com orgulho vil, que alimentava e vestia o des-

Pag.Sibila_Final.indd 260 3/8/09 11:31:42 PM

cendente directo da condessa. E o seu amor por ele tomava então uma feição pomposa e desafiadora.

A declaração do médico agia agora duma forma fremente no rapaz. O seu impulso foi para se lançar à cabeceira de Quina e de novo lhe gritar que o não desamparasse, que tivesse piedade, que o não fizesse um expulso daquela casa, dos campos e lugares onde crescera e que amava. Ela ia morrer, talvez nessa noite mesmo enregelasse, a par daquele outro leito onde agora, às vezes, Libória, resfolegando de bebedice, se deitava. Brutalmente, chegou-se junto da enferma, sentou-se-lhe ao pé, pôs-se a estorcer as mãos e a fazer com os dedos trémulos pregazinhas no lençol.

– Deixe-me tudo – disse, balbuciando, engasgando-se, a voz presa pelos soluços. – Deixe-me… Vossemecê vai morrer daqui a pouco, não lhe importa, mas eu fico tão desgraçado! Tenha pena de mim, sempre fui seu amigo, fui consigo à novena da Senhora, fiz-lhe uma caixa de pau, para guardar as maçarocas de linho, e, uma vez, esmurrei as ventas a um parceiro que lhe chamava «velha bruxa». E eu sou seu amigo. Eu tomava conta disto tudo, olhe… – E o seu gesto alcançava a pequena cómoda com puxadores de osso embutido, a varanda e toda a paisagem que dela se distinguia, o aconchegado rechão dos campos, o caminho bordejado por lódãos agora despidos, melancólicos, com as suas manchas alvadias que os faziam parecer grossas serpentes mosqueadas.

Quina ouvia-o, quieta, mas interiormente estremecida por grandes dores. Um arrepio de ânsia penetrou-lhe o coração, e duas lágrimas escorreram-lhe, como gotas baças e oleosas, pela pele citrina das faces.

– Vossemecê chora?! E então eu, então eu? – disse, abruptamente, Custódio. Logo gritou, cheio dum pesar alvar e desesperado: – Então eu? Ai, minha velhinha, minha pomba branca, eu devo-lhe o pão e o nome, mas todos hão-de dizer, quando vossemecê estiver morta, que eu fui um cachorro que vossemecê livrou de ser afogado, e mais nada. Quem gosta de vossemecê senão eu?

Pag.Sibila_Final.indd 261 3/8/09 11:31:42 PM

Quem se abeira de si, e lhe esfria os caldos, e lhe aquenta tijolos para os pés, e pousa as chaves da casa e do celeiro à sua cabeceira? Ai, minha rica mãezinha, eu ficava aqui sempre, havia de pintar de azul os caixilhos destas janelas que estão podres, velhos! Não me casava nunca – para que quero eu mulheres? Recebia o compasso todos os anos, como vossemecê faz, e deixava que pousassem a cruz na cama da sala, onde morreu o senhor seu pai…

– Ora, cala-te, cala-te aí – disse Quina. Aquilo causava-lhe agonia e, ao mesmo tempo, deleitava-a, fazia-a muito quebrada de vontade. Estava moribunda, e cada uma daquelas palavras do rapaz entrava-lhe na alma, incandescente, e fixava-se-lhe com um fulgor de verdade. Porque tudo quanto ele dizia era verdade. Ninguém mais a amava senão ele, embora com uma paixão balbuciante, cheia de lacunas, como era a sua própria voz, a sua própria mente. Ninguém mais, naquela casa, manteria viva a brasa do lar ou abriria as portadas dos quartos, para que o sol, juntamente com a pragana do cereal e o cheiro dos morangueiros bravos, entrasse, fazendo a atmosfera densa, calorosa, humana. Pobre menino, pobre bobo! Era criminoso lançá-lo dali, mas aquela casa não era sequer a ela, Quina, que pertencia. Era a um nome, a uma raça; pecaria, cometeria um furto, se, à conta de quaisquer cláusulas ou sofismas, consentisse ali um estranho. Entreabriu as pálpebras enrugadas, que, dia a dia, iam desenhando melhor o globo sinistro dos olhos. Pobre menino, pobre homem! Voltou o rosto, que já não exprimia relutância, obstinação, frieza e inquietação um tanto tímida; procurava somente fechar-se em si própria, não o ver, não o ouvir, esperar, com uma danada ânsia, que a morte a arrebatasse, que a fuga suprema acontecesse.

Custódio não desistia, porém. Vigiava-a, num furor de aproveitar todas as horas, todos os instantes oportunos; não comia, quase, ralado naquela paixão de vencer Quina, de lhe arrancar, com o suspiro derradeiro, a abnegação total, aquilo que ela destinava como legado da sua memória, exemplo do seu equilíbrio, da

Pag.Sibila_Final.indd 262 3/8/09 11:31:42 PM

sua razão em que os sentimentos esbarravam, fossem eles trágicos, despedaçadores, como era o seu amor por Custódio. Ela sentia-lhe os passos, e tremia, como o condenado amarrado ao seu potro e que levou a noite a prever o rumor daqueles passos, a fantasiá-los, a escutá-los sem tréguas. E como ela era uma fraca mulher que apenas da excitação da vaidade tinha extraído coragem e valor! Bastava aquele olhar de Custódio, que se detinha junto do seu leito como um fantasma em que toda a expressão de vida, nervos, órgãos, espírito, estivesse petrificada, para que ela sentisse a tentação imensa de o chamar aos seus braços, para morrer com o rosto colado à sua boca, e com um sorriso dele concluir a paga de toda a sua herança, que era até a sua honra, a sua continuidade até, um pouco de paz na sua pobre imortalidade.

– Vai-te embora, arreda-te… – dizia-lhe, como se o exorcismasse. Ele sentava-se na borda da cama, e falava. Toda a vida da casa, todo o significado de presença humana, pareciam condensados naquele quarto, onde ambos se debatiam e bradavam clamores infernais, sem que as paredes, porém, filtrassem um som mais vibrante ou mais estranho.

– Deixa-me, não voltes – murmurava Quina.

– Vossemecê é a minha mãezinha, a minha pomba branca, e vai-me vender ao mundo. Tenha dó de mim! Prometo rezar por si, ter uma vela acesa toda a vida aos pés da minha cama, num altarzinho com uma trança dos seus cabelos. Prometo. – E, copiosamente, chorava.

Uma vez, todavia, em que ela durante muito tempo permaneceu quieta, sem mover mesmo a franja da coberta com o bafo, Custódio impacientou-se, lançou-lhe as mãos aos ombros, e sacudiu-a com certa brutalidade. Quina, tomada por um terror instintivo, refugiou-se ao canto do leito; e estiveram ambos fixando-se um momento, ele parecendo fascinado pelo seu próprio gesto, ela descobrindo-lhe no semblante uma fatalidade, uma sede obceca-

Pag.Sibila_Final.indd 263 3/8/09 11:31:42 PM

da, como de quem ultrapassa uma norma de consciência e, transposto o limiar do crime, extasiado o defronta.

Desde então, ela somente pensava na morte, com avidez e até com cobardia. A semana estava no fim, e o médico, que viera supondo encontrar Quina na agonia, surpreendeu-se com a energia da sua voz, quando ela, procurando soerguer a cabeça do travesseirinho de moinha, lhe disse, duramente:

– Quando morro? Diga-me.

– Não pense nisso – iludiu ele, esboçando um sorriso superficial.

O olhar que Quina lhe lançou foi ainda de desprezo, antes de recair com todo o peso dos membros e ficar num grande silêncio. O médico partiu dali um tanto convencido que ela duraria ainda alguns dias mais, ou talvez todo o Inverno. Libória mandou este boletim animador a Morouços, onde Estina, muito tolhida do reumatismo, estava quase entrevada. Custódio mesmo, nessa noite, demorou-se na cozinha, banqueteando-se com vagares, coisa que há muito não fazia. Devorou um coelho, rilhando-lhe os ossos um por um, aspirando-lhes o tutano sanguinolento. E de novo a sua birra por Libória pareceu despertar, porque, vendo-a já bêbeda, muito zaragateira com as loiças que enxaguava na banca, insultou-a, ameaçando-a com um estadulho. Ela volveu-lhe: «Raios partam o enjeitado, o filho das meninas…» E chorou alto, afogando o seu rosto, incendiado pelo vinho, na rodilha de estopa com que limpava as malgas em cujo bojo, cavalgando um empinado corcel, havia um cavaleiro verde, toucado com uma tiara assíria.

– Cala-te, remelosa, eu não te fiz mal… – condoeu-se Custódio.

Como Quina parecia tranquila, sentaram-se os dois à mesa do preguiceiro, jogando, muito camaradas, a bisca. A noite era calma, morna, com aguaceiros torrenciais que paravam logo. Pequenas rajadas sopravam como um hálito quente, fazendo estremecer as janelas de guilhotina, entaladas com postais velhos. Libória abria

Pag.Sibila_Final.indd 264 3/8/09 11:31:43 PM

uma goela fastienta, de entorpecimento, olhava o leque de cartas, muito romba de sentido, sobressaltando-se quando Custódio lhe aplicava palmadas nas mãos bambas, obrigando-a a refazer jogadas, a ocultar melhor o jogo. Por fim, não aguentou mais, e, aproveitando um humor triunfante do parceiro, que lhe ganhava sempre, foi-se deitar na pequena alcova das criadas, ocupada em toda a largura pela cama de ferro onde ela se podia lançar logo ao abrir da porta. Era como uma cavidade no próprio muro da casa. Réstias de alhos, dormideiras, erva-doce, estavam penduradas nas paredes; numa prateleira que quase circundava aquele nicho, repousavam, esgotadas, as grandes garrafas brancas das medicinas dos bruxos, de mistura com os cacos com restos de substâncias oleosas em que mergulhavam ainda penas onde a untura secara. Era a papa de enxofre e azeite, para o gogo das frangas, petróleo para os eixos dos carros. Um janelo gradeado permitia que o cheiro do quinteiro, de mato e de estrume, às vezes de aguardente que se alambicava, neutralizasse todos aqueles odores. Libória atirou-se em peso sobre a cama e, mesmo antes de acabar de persignar-se, adormeceu. Custódio chamou-a, mas, vendo, do lugar à lareira onde estava, os pés dela que saíam fora da porta para o corredor, compreendeu que ela caíra numa das suas modorras bestiais, que davam a impressão de que hibernava e só despertaria meses depois. Ele ficou-se a baralhar as cartas, metodicamente, um tanto encantado com a perícia que desenvolvia. Depois, por sua vez também, acabou por dormir, como tantas vezes lhe acontecia, escorregando pelo espaldar do banco, até imobilizar-se, de papo, uma frincha branca dos olhos brilhando entre as longas pestanas, que, à claridade da candeia, pareciam palpitar.

Agora, na casa, apenas Quina velava. A vela ardia na palmatória de esmalte azul, e o seu bastãozinho de luz estendia-se de través pelo quarto até à porta. O Cristo, com as suas grilhetas de rosários, que, mais do que as chagas e os cravos, impunham uma impressão de suplício, estava obscuro no fundo da caixa negra, cuja

Pag.Sibila_Final.indd 265 3/8/09 11:31:43 PM

porta ficara eternamente como um caixilho sem vidro. Quina jazia sem um movimento, recolhida apenas na sensação duns passos que se aproximavam. Ouvia ininterruptamente aqueles passos, ouvia como eles se detinham e continuavam, e o soalho gemia sob a sua pressão, ora cautelosa, ora mais franca e perceptível. E o seu espírito era como uma folha que se estorce e que arde sob a acção dum fogo íntimo e terrível. Às vezes, distinguia como que um ligeiro respirar à sua cabeceira, como quando Custódio regressava a hora tardia e se inclinava sobre a fechadura, perguntando: «Vossemecê chamou-me? Escute, quer alguma cousa?» Mas logo recaía o silêncio, um intervalo denso, fatigante, entre o som daqueles passos. Com que esbraseada febre Quina os esperava, com que terror exigia de si própria não os ouvir, repeli-los com um sopro da sua vontade! Era o vento que sacudia nos gonzos frouxos da varanda, mas, enovelado com o silvo doce do ar revolto, estava o rumor dos passos.

Assim decorreu a noite, a vela ficou reduzida, queimou uma borda do seu encaixe de papel, para continuar depois a arder, imóvel, ovalada, como a chama do Espírito Santo. Quina abriu os olhos, e disse em voz audível algumas palavras que não eram delírio, nem oração, porque o tempo de oração estava no fim, e toda a sua alma se projectava num abismo inefável, se dispersava para entrar na composição magnífica do cosmos. Um sentido, nela, permanecia cintilante e que, portanto, sofria – era o amor, era a sua inesgotável dádiva de ternura, que sempre timidamente desviara da terra, para confiar ao mistério, ao que não é mesmo esperança, e que jamais trai e engana. Os passos ouvia-os agora mais sonoramente; eles vinham, e todas as portas se abriam à sua frente. Como repeli-los e como não amá-los também? Sentiu que os joelhos se lhe esfriavam e como que um banho de gelo a ia atingindo até à cinta, e subindo; as mãos guardavam algum calor, mas não as movia mais. Um sopro mais brusco do vento fez entreabrir as portadas da varanda, e Quina, num último olhar, abrangeu aquele céu

Pag.Sibila_Final.indd 266 3/8/09 11:31:43 PM

esverdeado do amanhecer e que era imenso, e que, como em ondas do espaço, continuava mesmo através dos mundos, das estrelas vivas ou extintas. Os seus lábios emudeceram, e o som dos passos deteve-se, por fim, sobre o seu coração. A mão, um instante depois, deslizou e ficou fora do leito, com a palma voltada para cima, numa atitude toda confiante no seu abandono, cortando de través o bastãozinho de luz que escorria sempre, sereno, até à porta; via-se-lhe no pulso a mancha arruivada, que ela, no mais inviolável segredo de si própria, acreditara sempre uma marca de predestinação.

Pag.Sibila_Final.indd 267 3/8/09 11:31:43 PM

Pag.Sibila_Final.indd 268 3/8/09 11:31:43 PM

XIX

Germa chegou logo após Estina, que foi encontrar no canto do escano, como se através setenta anos não se tivesse mexido dali. Intratável na sua frieza, não se podia saber se sofria. Vestia o mesmo luto carregado que usara pela morte de todos os filhos e retirara logo que os prazos prescritos tinham findado. O luto não a fazia lúgubre, nem sugeria a dor, mas antes tornava um tanto resplandecente a pele cheia de pano e dava à sua velhice uma espécie de cândida e até contrafeita resignação. Num impulso de afecto, Germa beijou-a, pois o optimismo profundo daquela alma, e que lhe assomava aos olhos como uma chama, a comoveu. «Contudo, como ela é antipática!» – pensou. E, já perante Quina, não experimentou senão uma curiosidade mais ou menos intensa; observou, pausadamente, o seu rosto sem rugas e que uma labareda parecia ter tisnado – como o das santas incorruptas. Ela estava amortalhada com os braços fortemente ligados sobre o peito, porque fora vestida quando já fria. Tinham-lhe sido cortados os anéis dos dedos um tanto inchados, e os círculos de pele mais clara chocavam o coração, sugeriam uma nudez já eterna. Perante aquela pequena morta na casa cheia de luz e do estrupidar das gentes que chegavam, a continuidade das coisas que ficavam existentes, imutáveis, era como uma ofensa inacreditável. Porém, também Germa a deixou e foi instalar-se na cozinha, onde, no lar, Libória se afadigava, mexendo e soprando grandes porções de café, que distribuía pelos recém-chegados, em largas malgas onde abeberava pão de rosca. Sentiu Germa uma certa e ávida alegria,

Pag.Sibila_Final.indd 269 3/8/09 11:31:43 PM

ao reconhecer tantos tipos que, submersos na sua memória, tinham agora para si o miraculoso duma ressurreição. Lá estava Adão, um velhito frágil cujas badanas de bigode tremiam quando ele mastigava, o que acontecia sem que ele comesse coisa alguma, só com esse constante choque de maxilas sem dentes característico dos velhos e que ela já conhecera na sua avó Maria e em Inácio Lucas. A presença de Augusto era sensacional, pela maneira que ele tinha de praguejar em grandes guinchos, deixando as reacções dos ouvintes interditas entre a indignação e o riso.

– Eu cá era amigo daquela filha da mãe! – regougava, numa expansão elegíaca. Tiveram que o expulsar com benevolência, porque o seu chorrilho de brutidades provocava franco escândalo. Saiu, com ar de torvo espanto, engodado com argumentos que não lhe deixavam entrever bem a desfeita. Depois, quando o préstito passou debaixo das suas janelas, no largo, ele atirou-lhe, de cima, uma abada de flores vermelhas, de japoneira, das mesmas que tantas vezes Quina lhe pedira, para encaixar na boca dos anhos assados, em dias festivos. As camélias eram enormes, dum carmesim rosado, e o feixe dos seus estames como que vaporizava o pólen sobre as pétalas, deixando-as com um polvilho de oiro, muito belas. Augusto prezava-as imensamente; a custo cedia alguma, e quando o fazia era para se extasiar, demoradamente, rodando a flor nos dedos, valorizando muito a sua dádiva e descobrindo nela sempre encantos originais, ou porque as folhas se tinham languidamente enrolado, ou porque apresentavam manchas róseas e simétricas – suprema maravilha, pois a simetria parecia-lhe, a ele, o milagre máximo da natureza. Foi portanto um perfeito gesto de cavalheiro despojar as suas japoneiras e lançar sobre o esquife uma cestada de flores, que ele sacudiu até à última pétala, com palmadas no vime, como se tocasse pandeiro no açafate.

– Eu era amigo daquele diacho! – berrou, voltando-se ao mesmo tempo para dentro, com um grande suspiro, que soou como um mugido. Limpou, com o gume da mão, uma lágrima purulen-

Pag.Sibila_Final.indd 270 3/8/09 11:31:43 PM

ta, e, como da janela oposta divisasse as galinhas que lhe picotavam o cebolo sobre o pedaço de rede de pesca que abatera no alfobre, incendiou-se de ira, pôs-se a procurar projécteis à sua volta, gritando «Biras, birinhas…», com a sua culminante voz de falsete.

Anoitecia, e já os homens tinham regressado do enterro, quando Germa desceu à eira; deu uma volta lenta, e foi encostar-se na velha mó de azeite, olhando, com uma impressão de despedida, pungente e desesperada, a casa toda, sobre cujos beirais uma teoria de pombas se contornava, fazendo leque e beijando-se. Começava a sentir o vazio que sucede ao banir dum hábito. Estava frio, e uma névoa azul subia e pairava até aos telhados do lugar; havia no ar um odorífero sabor de pinhas queimadas; um entrecortado improviso em gaita-de-beiços, ao qual de princípio não dera atenção, tornou-se mais vivo, mais rítmico, mais próximo. Alguém, naquela casa, onde os castiçais com acantos de gesso dourado, aprestos do culto cedidos pelo abade, não tinham sido devolvidos ainda, tocava uma modinha galharda. Germa encaminhou-se para o beiral sob os sobrados e cujas largas portas pareciam cambalear nos gonzos; lá, sentado no fundo dum cesto voltado, estava Custódio; experimentava uma série de notas agudas e graves, antes de encarreirar na melodia, e, com o pé, varria o folhedo carunchoso que remanescia ali como inaproveitável. Viu Germa, ergueu-se dum pulo, não surpreendido, mas antes expectante e todo servil.

– Então que é isso? Não podes tocar agora – advertiu ela. Procurava mostrar uma autoridade desprendida, mas estava inteiramente absorvida pelo mundo de impressões estranhas que provinham daquele rapaz. Ele emitia essa estranha incoerente espiritualidade que se encontra no que é inconsciente, informe, estático, mais do que no espírito humano que criou já uma infinidade de reacções próprias, portanto o pensamento. Olhou-o furtivamente. Vestia umas calças de bombazina preta, como se tornava de uso entre os pequenos lavradores e caseiros, que a conseguiam por contrabando de trabalhadores da raia. Desde que o vira pela última vez, era ele

Pag.Sibila_Final.indd 271 3/8/09 11:31:43 PM

ainda criança, mudara, os cabelos tinham-lhe escurecido um pouco e estavam desfeados pela cinza, pela poeira e a brilhantina que usava às dedadas espessas e que, com o frio, solidificava a ponto de parecer trazer uma touca de celofane. Belos eram os seus olhos, aquele olhar morto, quase extasiado de estranheza, quase pronto a eclodir num fogo de compreensão. Germa disse, devagar, mas sem ouvir a sua própria voz e como que recordando um mandato longínquo do pensamento:

– Tiveste pena dela?

Ele afirmou, mudamente, que sim; e havia uma certa empáfia naquela declaração, pois ele achava um mérito na dor, desde que ela lhe prestasse uma honra e lhe proporcionasse a atenção dos outros. Germa viu que o seu rosto estava ainda malhado por manchas rosadas, como se muito tempo o tivesse calcado, chorando. Enquanto Domingas, a amortalhadeira, se desvelara em preparar a morta, banhando-a em água quente, muito cega pela catadupa de corintos que lhe caíam sobre os olhos, Custódio chorava no seu quarto, espremendo e embolando o lenço, atordoado pelo desgosto.

– Não a levem – dizia, dando murros nas paredes, até ferir os punhos. – Já disse, já disse… Não a vão levar! Minha mãezinha, minha pomba branca!

Libória tentara acalmá-lo, mas, contagiada por aquela dor solta, arrepiante, deixara-se cair, estrebuchando, soltando ais prolongados; convalesceu aos poucos, com golinhos de jeropiga partilhados com a velha Domingas, cujo terceiro marido se finara, graças à explosão dum caixote de pólvora de foguetes, que tinha aproximado do lume, para secar. A presença de Inácio Lucas restabeleceu a ordem. Estava engelhado como uma folha prestes a decompor-se em pó, mas continuava a ser temível.

– Esfrega essas ventas – ordenou a Custódio. – E marcha para a vila, esperar o recoveiro que chega com a cera. Mexe-te.

Não olhou a morta. Ela tinha um véu negro sobre a cara, e as pregas de tule pareciam um tanto quebradas, murchas. Repuxou-

Pag.Sibila_Final.indd 272 3/8/09 11:31:43 PM

-as delicadamente, mas não procurou distinguir sob aquela máscara o rosto tímido e irónico que fora muitas vezes como um bálsamo para a sua ferocidade e a sua desgraça. Ele seria o único da família que se havia de recusar, sem explicações, a lançar o seu punhado de terra sobre a cova de Quina.

O testamento indicou Germa como herdeira absoluta, com excepção do usufruto de duas propriedades adquiridas depois da morte de Maria, e que se destinava a Custódio. Na caixa de cigarrilhas, atada em cruz com uma fita de ráfia, encontrou Germa todas as jóias, os grilhões entremeados de cotão, os brincos de turquesas e mesmo aquele pequeno relógio cujo tampo exibia um gravado de cena galante, à Watteau, e que tinha pertencido à condessa Monteros, e, depois, talvez não muito legitimamente, ao seu belo escudeiro. Como seria de esperar de Quina, ela encorporara-o no seu pequeno tesouro, e não pensara sequer em cumprir uma espécie de restituição, legando-o a Custódio. Na realidade, ela nunca fazia uma dádiva, mas sim empréstimo. Germa, como herdeira, havia de parecer-lhe, decerto, ideal, porque, pela sua fortuna, se podia supor depositária segura doutros bens. «Dá gosto dar-lhe dinheiro, porque sabemos que o não gastará» – dissera, muitas vezes, Quina. Na sua boca, isso era um supremo louvor. Enfim, a parte de Custódio constituía um rendimento invejável para uma posição de campónio; podia considerar-se mesmo riqueza, mas o rapaz mostrou-se muito indiferente com aquilo.

No primeiro ano em que recebeu em dinheiro os rendimentos competentes, pareceu aceitá-los com certo desdém; durante algum tempo, não gastou um centavo, deixou o pecúlio sobre a arca do seu quarto, até que os ratos lhe bicaram a margem de algumas notas, e a chuva, entrando por um vidro partido, inutilizou as restantes. Depois, duma assentada, desperdiçou tudo. Fez pintar de esmalte azul todas as portas e mesmo o gradeamento da varanda interior; iniciou uma obra fantástica no pombal, mandou forjar um catavento que, de tão pesado, só se movia em dias de venta-

Pag.Sibila_Final.indd 273 3/8/09 11:31:43 PM

nia. Vivia ainda na casa da Vessada, um pouco como guardião e porque Germa hesitava em o despedir. Ciente daquelas estranhas benfeitorias, ela chegou um dia ao lugar disposta a arrumar de uma vez com Custódio, indicar-lhe outro abrigo, ou mesmo uma noiva entre as muitas moças que o cortejavam, pois um lar parecia-lhe a solução adequada aos irresponsáveis – disse, com a mesma irreverência de sua avó Maria. Mas, diante de Custódio, acobardou-se, pois ele dava a impressão duma raiz que subsiste na terra árida e esgotada, e que, transplantada para solo fresco, perecerá.

– Não quero melhoramentos aqui. Aproveita o teu dinheiro doutra maneira – disse-lhe.

– A casa, então, bem pode cair…

– Deixa cair, que está no seguro – contestou Germa, desabrida.

Custódio matutou aquilo com grande minúcia, e, antes de Germa partir, falou-lhe em conseguir uma nova casa, atiçando naquela o fogo. Tibúrcio, o moleiro, cometera essa proeza à ordem de seus amos; cotos de estearina tinham sido vistos pegados a um sobrado intacto, mas a nova vivenda, que chamaram «de pião», mercê do seu telhado pontiagudo, fora erguida bem depressa sobre os escombros. Germa estarreceu. Por carta, breve tempo depois, deu a conhecer a Custódio a necessidade de ele abandonar a casa da Vessada. Foram precisas, porém, várias ameaças para o conseguir.

Ele não procurou moradia própria, pois a solidão infundia-lhe um grande pânico, e, naquele ambiente em que repercutiam todos os hábitos de Quina, em que, no velho oratório, estava ainda a sua última tigela de pomada verde para o cabelo, e as suas chinelas permaneciam com a aderência de lama seca, vestígios ainda da derradeira vez que ela saíra, sentia-se aconchegado a alguém que lhe dispensava o mesmo mimo, a mesma refreada e quase intimidante ternura. Libória fora dispensada; ninguém o servia mais, e era ele próprio quem varriscava a cozinha, enquanto, no lar, os feijões pulavam no escachoar da água. Às vezes, detinha-se no meio

Pag.Sibila_Final.indd 274 3/8/09 11:31:43 PM

duma tarefa ou enquanto comia, tomava um ar atento, imobilizando-se como que participando da inanimada vivência das traves negras da dobadoura, do armário fechado sobre os restos que, expurgados de humidade, empederniam. Sentia a vibração do ar, e como se, duma profundidade imensurável, viesse o tilintar de milhentas campainhas de prata. Isto durava só uns momentos; depois, voltava a ouvir-se, ruidoso e claro, o estalar do fogo, o frigir da resina que escorria das achas, caindo, em gordos pingos incendiados, na cinza; e ouvia-se também o velho relógio da sala, o seu ranger de roldanas atrás do mostrador de cobre, e que antecedia as pancadas das horas. Custódio olhava, interdito, o formão ou o trado que segurava, e, depois, lentamente, continuava o seu trabalho. Gostava de carpintar, e fabricava engenhos sempre bastante inúteis, mas não pobres de imaginação, armadilhas de caça, caixas em que gravava, invariavelmente, o nome e a data, sob um entalhe grosseiro do signo de São-Solimão, cofres com fechadura de segredo e que envernizava com infusões espelhantes. Assim vivia Custódio. Quando Germa o intimou a deixar a casa, já pela terceira vez, ele acedeu, finalmente, e acolheu-se a Morouços, onde Estina lhe designara uma habitação. Mas, dois dias depois, entrando pela porta do quinteiro, galgou a pequena cancela e, uma vez na varanda, instalou-se, arrombando a fechadura, no seu antigo quarto. Ali esteve algum tempo, como um foragido, e passando fome. Denunciado pelos caseiros, foi definitivamente expulso; todo o povo comentou o seu caso, com tanto de repulsa desdenhosa como de dó.

Não voltou a Morouços. Estina morreu nesse Verão, não sem o recomendar a Inácio Lucas, num último transporte de afecto dedicado a sua irmã, cujo desaparecimento parecera afectá-la mais do que toda a tragédia da própria vida. Apesar de quase não se encontrarem nunca, estavam ligadas por um elo espiritual que era mais do que laço de sangue, mais do que amor fraterno, mais do que solidariedade de raça. Germa, ainda uma vez, voltou à pro-

Pag.Sibila_Final.indd 275 3/8/09 11:31:43 PM

víncia; encontrou-se, no casarão desaconchegado de Morouços, com um velhito de olhar vago ou quase súplice. Era Inácio Lucas. A sua mente apresentava-se como uma vela apagada cujo morrão ainda cintila e queima, mas é apenas como a denúncia da escuridão que a cerca. «Ela nunca me quis bem; mas enchia-me a vida» – disse a Abel, que tinha o rosto inundado por essas lágrimas fáceis, generosas, impulsivas, que não deixam rasto e que confortam. Um ano depois, Inácio casou com uma velha parenta sua e que – dizia-se – ele tinha desfrutado na juventude. Fosse aquilo uma espécie de reparação *in extremis*, fosse imposição de ordem doméstica, o facto em si pareceu ainda uma das suas extravagâncias. Mais tarde, as circunstâncias da sua morte não foram julgadas em absoluto naturais, e o povo impôs a história de que era já a sétima vez «que ele se matava», aludindo a que, quando rapaz, ele fora tentado constantemente pelo suícidio.

Houve, em Morouços, um enviado daquela encantadora Adriana do Folgozinho que, na mocidade, tivera Estina na conta de prima dilecta. Era o seu único neto. Germa viu-se diante dum certo Bernardo Sanches, um *dandy* da intelectualidade, que citava Paul Éluard, fazendo retinir muito as sílabas, com exaltação mais dogmática do que poética. Usava lunetas, por birra pedante, do mesmo modo que usava o seu casaco aberto atrás, sob o cinto, no estilo que estivera em moda por volta de 1900 e que o povo, jocosamente, chamara «de aparta barulhos». «A família chegou, pois, ao seu auge – é preciso que pereça, então» – disse, para consigo, Germa. Da casta de que, durante dois séculos, tinham brotado exemplares sempre mais complexos e curiosos, donde se extraíra, para florescer, o vírus do burguês, do mundano, do artista, restava apenas ela e aquele murcho alfenim, muito calvo, amaneirado, incapaz de discernir a grandeza da vida senão por cópia doutros discernimentos. Tudo quanto fora vontade, pujança e alma original, tinha esterilizado e desaparecia. E ela, Germa, ela?!…

Pag.Sibila_Final.indd 276 3/8/09 11:31:43 PM

Custódio instalara-se no palacete de Água-Levada, na qualidade de agregado a todos os serviços, em abstracto. Não lhe davam soldada, e muitas vezes deliberavam enxotá-lo, por que ele era motivo de brigas contínuas entre a criadagem, arrogando-se direitos de intendente e fazendo aturado serviço de espia. Naquela casa muito povoada e em que era difícil destrinçar qual o chefe, o que pagava as contas, o que contratava e despedia, ele sentiu-se desorientado pelo muito que lhe era necessário tomar o partido do mais categorizado contra os restantes, e afeiçoar-se caninamente à maior imposição de força. Havia duas propriedades onde ele poderia viver, quase rico, fabricando a terra ou simplesmente fruindo as rendas sem canseiras. Mas ele precisava dum amo. Preferia dormir numa dependência das antigas cocheiras e ter como dever a espionagem e a denúncia, gozando o ódio das mulheres que, surpreendidas nos seus pecados, o amaldiçoavam com juras que atingiriam outro no próprio sangue, mas que, a Custódio, faziam o efeito duma grata confissão, e nada mais. «Pertenceu ao bando do *Morte* – diziam, explicando-o, os que lhe tinham seguido a breve e apagada carreira da adolescência, na quadrilha do facínora.

Para os patrões, era um escravo perfeito. Nas transacções de géneros ou alfaias, espoliava os mais pobres, até ao roubo, para exibir, com um orgulho repelente os lucros extraídos à custa do regateio mais ignóbil e em que as maiores enormidades, ditas com esse desespero que é já uma renúncia, lhe passavam sobre a pele sem que ele estremecesse.

Por fim, levou o seu vício à intriga entre os membros da família. Descobriu escândalos, ilegalidades, pensamentos que são, na alma, como feras que, apenas assomam as garras, as recolhem, banidos pela domesticidade que o homem em si mesmo praticou. De alcova a alcova, fez cruzar suspeitas. Debruçou-se nos abismos dos corações, para lhes delatar os segredos, serviu todas as infâmias, desprezado como um verme por aqueles que mais o utiliza-

Pag.Sibila_Final.indd 277 3/8/09 11:31:43 PM

vam. A sua presença tornou-se um flagelo – para os servos a quem muito perseguia, para os amos de quem tanta intimidade conhecia, com cujos actos inconfessáveis pactuara.

Um dia, depois da ceia, o médico chamou-o ao enorme salão-refeitório, mobilado ainda com peças majestosas de madeira cor de marfim e às quais seria precisa uma baixela de vice-rei, para as decorar e preencher. O restante da família tinha debandado já. Através dos amassados reposteiros de veludo, outrora dum vermelho pesado e magnífico, filtrava-se a fumaça dos cigarros dos homens que palestravam surdamente na sala de jogar – aposento cuja inovação consistia em alguns panos verdes, com cartas e dados pintados nos cantos, sobre as mesas de abas, que tinham ainda marcados no verniz os círculos dos quinqués de bronze, iluminação preferida da condessa Monteros. Havia visitas íntimas – dois descendentes dos de Lago, rapaz e rapariga; ele, que se apresentava quase trajado como um moderno Marialva e dizia, numa risadinha, «que *gaffe!*», levando um lenço à boca, languidamente, como Josefina de Beauharnais, era considerado justamente um cretino. A moça era, por sua vez, muito pretendida naquele sítio. Uma convulsão, em criança, fizera-lhe a boca ligeiramente torcida, o que lhe dava um semblante de constante descrença e de mofa. A sua voz implicante elevava-se sobre todas as outras; ela jogava, ganhava, e o nervosismo dos parceiros agia nela como um estimulante.

– Venha cá, meu amigo, Custódio, ou Emílio, ou como é que você se chama – disse, entretanto, o médico. – Espera ficar por aqui eternamente? – É rico, consta-me… – E, na sua voz, houve uma entoação mais dura, um pouco de desforra. – Isto não é vida para si.

– Não… – disse Custódio.

– Vê você? Isto de servir é para os que precisam. Nem lhe levam a bem tal coisa. Humilha todos os outros, desdenhando assim da fortuna. Há ocasiões em que a virtude é julgada pelos homens a pior das injúrias.

Pag.Sibila_Final.indd 278 3/8/09 11:31:43 PM

Riu, bem-humorado, com a própria subtileza; arredou a cadeira, que, de espaldar pesadíssimo e desequilibrada na orla do tapete, caiu com estrondo. Custódio acudiu, e, com um ofegar de comiseração, recompôs aquele desarranjo, rápido e minucioso.

– Deixe… – disse o médico, um tanto constrangido. A rapariga de Lago apareceu, segurando sob o queixo a cortina, como se espreitasse de dentro duma barraca; o seu cabelo curto e anelado era como um gorro de cossaco.

– Caiu-lhe a alma aos pés? – gritou ela. Mas foi a malícia do seu olhar que provocou no médico uma gargalhada gozosa e lenta, e também um tanto bajuladora. Quando se voltou para Custódio, já o não viu mais.

Na sua baia, ele sentara-se um momento no catre forrado com um colchão de linhagem branca, pôs-se a contar os dedos, palpando-os um a um. As estrebarias estavam transformadas em beiral. Havia um tabuleiro alto, terminado por uma foice de guilhotina que servia para trilhar a palha destinada à mistura da forragem de Inverno, para o gado. Custódio enfiou a cabeça no círculo de madeira, e fez accionar o cutelo. O gume dentado rangeu, ralando-lhe a carne; ao segundo golpe, o sangue borbulhou, manou pesadamente em ondas moles, que fumegavam, exalando um cheiro doce e excitante. Porém, Custódio não morrera. Manteve-se por muito tempo vivo e resignado, estendido sobre o tabuleiro, as pernas inteiriçadas acima daquele solo que os cavalos tinham escarvado. Entre as baias corriam as enormes ratazanas, de focinhos agudos como doninhas. Ouvia-se o amistoso alarido dos criados que, agora, ceavam. Um jornaleiro atravessava o terreiro onde as palmeiras de fibrosos troncos desenhavam no solo sombras perfiladas, a que o povo chamava os ataúdes dos condes. O homem fazia vibrar, devagarinho, as cordas da viola, era sempre o mesmo ritmo primitivo e pobre; bruscamente, atirou para os ares um cantar desgarrado, que era como um esgar da alma,

Pag.Sibila_Final.indd 279 3/8/09 11:31:43 PM

uma fatalidade foliona e cega cujo eco os pinhais recolhiam no âmago da sua sombra. Custódio desfalecera. O sangue, escorrendo-lhe pela linha côncava do dorso, pingava-lhe aos pés.

– Foi tão horrível! – disse Germa. – Dizem que ele tentou, mais uma vez, levantar a foice para apressar o fim, mas a lâmina emperrou, e não chegou a cair. Que horror! Como esperaria ele aquele último golpe que não acontecia mais!

Tinham passado dois anos depois daquilo, e ela estava sentada na sala da casa da Vessada, balançando-se na *rocking-chair*, que fazia chiar as tábuas do sobrado. Apoiado no parapeito da pequenina janela, cujos vidros eram já para sempre azuis, encontrava-se Bernardo Sanches, actual proprietário do Folgozinho. Ambos permutavam visitas pelo São Miguel, quando vinham importunar os caseiros com novidades agrícolas e sugestões científicas para o fabrico do vinho. O povo julgava-os noivos, porque a espécie de esotérico entendimento que havia entre ambos parecer-lhe-ia, de outro modo, uma pantomima.

– Uma história bem macabra – quase suspirou Germa.

– Do género de faca e alguidar – disse o primo, porém sem a mais leve entoação de troça, simplesmente frívolo. – Mas mais macabra ainda é a especulação que você faz sobre as últimas emoções dum condenado.

Ela não respondeu, pôs-se de súbito a baloiçar-se desastradamente, como uma criança que explora o perigo dum jogo; a cadeira esquiava pelo soalho, embatendo contra as ripas que sustinham os montes de pêro-pipo, das enormes três-num-prato que enrugavam a sua pele ferrugenta, ou as maçãs eivadas de vermelho, que o povo chama macheadas e desprendem um activo perfume, fresco e selvagem.

– Você especula – continuou Bernardo. – Com a nossa falecida Sibila, uma medíocre criatura cujo sentido de previsão e de augúrio dependia duma vareja que zumbe pela casa, ou dos gatos

Pag.Sibila_Final.indd 280 3/8/09 11:31:43 PM

que lavam a cara com a pata, você faz uma espécie de detentora de secretas potências, alguma coisa que ultrapassa o humano. – Mudou de tom, e disse: – Olhe aí, que ainda vai cair.

– Eu tenho o génio do equilíbrio – disse Germa, com um modo informativo. Mas parou, de golpe, pôs-se a contar, pelo simples prazer de exprimir em palavras uma recordação que a fazia encantadamente rir e vibrar, o caso dum criado que, achando os amos fora, chamara os companheiros àquela mesma sala e lhes dissera: «Olhai como os fidalgos se regalam!» E, imprimindo à cadeira um balanço brutal, virara com ela numa acrobacia espectacular. Germa ria-se, ria-se, pois ela era como Estina, a quem uma impressão intransmissível, fina, de ridículo, fazia, durante a vida inteira, rir com a mesma sensação de graça genuína e de inédito. Só alguns minutos depois, voltou para Bernardo os olhos marejados de lágrimas, e volveu-lhe, entrecortadamente, procurando recompor-se:

– Quina? No fundo, o seu misticismo era humanista; era ainda uma revolta, a rebelião audaciosa e admirável da sua ignorância. Ela era, de resto, a mais profunda e inegável expressão do humano. A vocação para ultrapassar o humano está em todos nós, assim como a tentação para o medíocre. – Ela lançara a cabeça um pouco para trás, como se fosse cantar. Num repente, teve a noção de que estava a ser enfática e teatral, quis corrigir-se, corou. – Mais ou menos, todos nós somos burgueses que tentam superar-se – disse, e, desta vez, como se recitasse uma lição.

– Ah, não! Não, nunca! – exclamou, com uma falsa excitação, Bernardo. – Eu, burguês? Considero-me insultado.

Porém, Germa não reparava no que ele dizia. Pensava em Quina. Daquela casa, onde nada tinha mudado ou quase nada, onde os tectos mantinham a mesma pintura azul-cinzento de quando, depois do incêndio, fora reedificada, ela iria ficando cada vez mais ausente, pois os mortos só dos vivos se alimentam, e depen-

Pag.Sibila_Final.indd 281 3/8/09 11:31:43 PM

dem apenas das suas recordações. Tinham decorrido três anos depois da sua morte, e Germa surpreendia-se, sem grande interrupção, meditando nela. Não tinham habitado juntas, e mesmo mutuamente se julgavam um tanto incompatíveis, separadas por uma grande disparidade de costumes, de educações e até por certas semelhanças de temperamento. Porém Germa, aos poucos, fora achando como que revelações cintilantes em todos os fragmentos que reconstruía de Quina, e ela apareceu-lhe, por fim, como um ser raro e apaixonante. Enquanto, perto de si, naquele momento, Bernardo expunha a sua tese preconceituosa, romântica, banal, contra o burguês, o que o levava a dizer versos de Verlaine, ele próprio não sabia bem com que propósito e com que espécie de ligação, Germa balançava-se na velha cadeira, com sacões violentos que faziam com que os arcos de nogueira estalassem e gemessem. Não era aquele pequeno intelectual, para quem os valores do homem são uma questão de oportunidade, que havia de compreender aquela mulherzinha que Germa, algumas vezes, surpreendera sentada na borda alastrada do colchão, parecendo impaciente de si mesma, pronunciando preces que nada tinham de rito, eram uma efusão da alma, em que ela punha uma autoridade singela, talvez irrisória, mas que infundia fé.

Mesmo recolhida no retiro ao fundo da varanda e sob cujo janelo farfalhavam as laranjeiras de Narcisa Soqueira, na «secreta», como lhe chamavam os da casa, e cuja instalação consistia numa espécie de caixotes abertos sobre um abismo de estrumeira, ela era capaz de rezar tão dignamente como se estivesse encerrada num oratório cheio de anjos róseos e Virgens de resplendores doirados. Tinha os pés levantados sobre uma alfombra de folhelhos, e as teias de aranha eram como triângulos de névoa sobrepondo-se uns aos outros, nos cantos; dos pátios vizinhos, vinha o choro repentino e logo distraído das crianças; ouvia-se o brando apelo das vacas, a quem tardavam a mungir; aveludadas campainhas arroxea-

Pag.Sibila_Final.indd 282 3/8/09 11:31:43 PM

das subiam até ao postigo, com a ajuda de miríades de grampos nascidos dos caules. Outras vezes era de noite, e a candeia ficava segura pelo gancho, na mola da porta, que era de roldana e que fazia com que ela sozinha se fechasse. Quina escondia as mãos sob o avental, e rezava. Quem poderia rir, quem a acharia grotesca, ou quem encontraria motivo de escândalo? Ela não dizia: «Eu estou a cumprir um momento excepcional e supremo na minha vida; cuido a minha alma, expurgo dela o que é terra, alimento-a, na oração.» Não. Acontecia-lhe rezar, porque isso era uma inevitável função humana; se ela jamais tivesse pretendido explorar o paralelo entre a sua força estuante e poderosa e a incapacidade, o aquém, de todos os outros, ter-se-ia verdadeiramente ultrapassado, seria como um meteoro que, liberto das leis que o encadeiam numa restrição de espaço e de tempo, se lança na aventura eterna do infinito. «Sim», pensava Germa, enquanto, de mistura com estes pensamentos, havia outros, fulcro de inumeráveis e sucessivas emoções, o seu próprio lar no qual vivia combatendo e evadindo-se, para recair em novos lares implacáveis, as ruas, as criaturas, a vida, e dos quais se arrastava sempre com um impulso novo, leonino e inconformado – «sim, Quina foi apenas mais um punhado obscuro de aspirações que só despontaram ou mal floriram».

É esta a mais grandiosa história dos homens, a de tudo o que estremece, sonha, espera e tenta, sob a carapaça da sua consciência, sob a pele, sob os nervos, sob os dias felizes e monótonos, os desejos concretos, a banalidade que escorre das suas vidas, os seus crimes e as suas redenções, as suas vítimas e os seus algozes, a concordância dos seus sentidos com a sua moral. Tudo o que vivemos nos faz inimigos, estranhos, incapazes de fraternidade. Mas o que fica irrealizado, sombrio, vencido, dentro da alma mais mesquinha e apagada, é o bastante para irmanar esta semente humana cujos triunfos mais maravilhosos jamais se igualam com o que, em nós mesmos, ficará para sempre renúncia, desespero e vaga

Pag.Sibila_Final.indd 283 3/8/09 11:31:43 PM

vibração. O mais veemente dos vencedores e o mendigo que se apoia num raio de sol, para viver um dia mais, equivalem-se, não como valores de aptidões ou de razão, não talvez como sentido metafísico ou direito abstracto, mas pelo que em si é a atormentada continuidade do homem, o que, sem impulso, fica sob o coração, quase esperança sem nome.

Eis Quina, exemplo de energias humanas que entre si se devoraram e se deram vida. Vaidade e magnífico conteúdo espiritual foram os seus pólos; equilibrando-se entre eles, percorreu um extremo e outro da terra, venceu e foi vencida, sem que, porém, as suas aspirações mais inquietantes deixassem de ser, no seu íntimo, as mesmas formas incompletas, chave da transfiguração que os homens eternamente tentam moldar e se legam de mão em mão, como um segredo e como uma dúvida.

Eis Germa, que, embalando-se na velha *rocking-chair*, pensa e pressente, sabendo-se actual relicário desse terrível, extenuante legado da aspiração humana. Nas suas veias, estão todos os infinitos estados do passado, no seu cérebro condensaram-se muitas e muitas experiências que não viveu, as negações e afirmações ocupam vastos espaços da sua alma. Ela move-se ritmicamente, baloiçando-se naquela sala onde se recolhem em pilhas as maçãs; todo o ar rescende a maçã que suga da própria pele a frescura e dela dessangra o suco que acrescentará a reserva da polpa viva, ainda por todo o Inverno.

Eis Germa, eis a sua vez agora e o tempo de traduzir a voz da sua sibila. Talvez, porém, o seu tempo seja improdutivo e nefasto, e ela fique de facto silenciosa, porque – quem é ela para ser um pouco mais do que Quina e esperar que os tempos novos sejam mais aptos a esclarecer o homem e a trazer-lhe a solução de si próprio? Talvez ela fique de facto imóvel no seu constante, lento ou vertiginoso baloiçar, na casa que fortuitamente habita, e a sua história fique hermeticamente fechada no círculo de aspirações que

Pag.Sibila_Final.indd 284 3/8/09 11:31:43 PM

não conseguiu detalhar e cumprir, porque aconteceu ser cedo ou ser tarde, porque não se compreende ou não se crê o bastante, porque se deseja demasiado, e isto é todo o destino, porque… porque…

16 de Janeiro de 1953.

Pag.Sibila_Final.indd 285 3/8/09 11:31:43 PM

Pag.Sibila_Final.indd 286 3/8/09 11:31:43 PM

NOTA EDITORIAL

Pag.Sibila_Final.indd 287 3/8/09 11:31:43 PM

Pag.Sibila_Final.indd 288 3/8/09 11:31:44 PM

O romance *A Sibila* foi concluído no dia 16 de Janeiro de 1953 e logo depois apresentado ao Prémio de romance Delfim Guimarães, instituído por Guimarães Editores. Vencedor deste prémio, foi publicado pela primeira vez em 1954, ano em que também venceria o Prémio Eça de Queiroz.

Para a fixação do texto da presente edição, *ne varietur*, utilizámos como principal referência o texto dactilografado por Alberto Luís, marido de Agustina Bessa-Luís, de acordo com a leitura do manuscrito feita de viva voz pela própria Autora. Este texto conserva-se em dois exemplares (original e cópia, que designámos, respectivamente, dactiloscritos A e B), ambos com 239 folhas escritas de um só lado, no formato 30 × 22,5 cm e encadernados (com agrafo de metal, capa de cartolina exterior seguida de entrefolha de cartolina menos encorpada). As páginas, com cerca de 32 linhas de texto, foram numeradas (com excepção da primeira) na margem superior, ao centro. São escassas as diferenças entre os dois exemplares.

O Dactiloscrito A, o enviado a concurso, encontrava-se nos arquivos de Guimarães Editores. Na capa pode ler-se, num rótulo, o seguinte texto dactilografado: «A Sibila / Romance por / Stavroguine»; e, em nota manuscrita (pela editora, Maria Leonor Cunha Leão): «Prémio 1953». Na primeira página dactilografada, logo abaixo do título, repete-se a indicação da capa, desta vez manuscrita: «Romance por / Stavroguine». Nas entrefolhas deste exemplar encontram-se, no início, breves anotações de Maria Leonor Cunha Leão; e, no final, alguns apontamentos a lápis de um dos membros do júri, o escritor Tomaz de Figueiredo.

O Dactiloscrito B (cópia do anterior, a papel químico) conservava-se nos arquivos da Autora. Não tem qualquer inscrição na capa. Encontram-se

Pag.Sibila_Final.indd 289 3/8/09 11:31:44 PM

correcções manuscritas, do punho de Agustina Bessa-Luís (pp. 2, 52, 57, 61, 65, 89, 93, 109, 237), algumas das quais coincidem com rasuras (dactilografadas) no Dactiloscrito A.

A comparação com as diferentes edições da obra permitiu detectar modificações textuais, que se verificou serem de iniciativa da Autora, na 1.ª edição (cuja impressão foi concluída do dia 15 de Abril de 1954) e na 2.ª (Maio de 1956). Nestas edições, assim como na 3.ª (Janeiro de 1965), encontrámos gralhas tipográficas ou erros de leitura, nem sempre os mesmos, uma vez que a composição foi refeita; já entre a 3.ª e a 4.ª edição (Julho de 1970) é mantida a composição tipográfica, podendo atribuir-se as escassas diferenças a intervenções de algum revisor. Estas quatro edições foram compostas pelo processo de linotipia e impressas na Imprensa Lucas & C.ª (Rua do Diário de Notícias, 61, Lisboa).

Já nas seguintes edições foram utilizados processos de fotocomposição e impressão pelo processo de *offset*. Com esta recomposição do texto, são introduzidos novos erros, que perdurarão até à 12.ª edição (e, em alguns casos, originarão outros, entre a 13.ª edição e a 25.ª). Verificámos ainda que, curiosamente, existem duas edições com a menção de «5.ª» (uma realizada na Tipografia Minerva do Comércio, sem registo de data; e outra composta na Ampligrafe e impressa nas Oficinas Gráficas da Portugália Editora, tendo o exemplar do depósito-legal na Biblioteca Nacional sido carimbado com data de 1979). A composição mantém-se nas seguintes edições: a 6.ª, a 7.ª e a 8.ª (impressas na Damaia, nas oficinas da Printipo, todas sem data mas com registo na BN de 1982, 1983 e 1984, respectivamente); a 9.ª e a 10.ª (impressas em Viseu, na Tipografia Guerra, em 1985 e 1987); a 11.ª (realizada em 1988, em Lisboa, nas oficinas de Guimarães Editores); a 12.ª (impressa em Viseu, na Tipografia Guerra, e com entrada na BN em 1989).

A 13.ª edição (1991) apresenta nova composição (realizada nas oficinas gráficas de Guimarães Editores), com mancha tipográfica que se manterá nas edições subsequentes (tal como esta, impressas em Viseu, na Tipografia Guerra) até ao ano de 2003: a 14.ª (de 1992, que por erro na tipografia se apresenta no rosto como 15.ª); a 15.ª (datada de 1992 mas, segundo anotação manuscrita em exemplar do arquivo de Guimarães Editores, realmente im-

Pag.Sibila_Final.indd 290 3/8/09 11:31:44 PM

pressa em Outubro de 1993); a 16.ª (1994); 17.ª (1995); 18.ª (1995); 19.ª (1996); 20.ª (1996); 21.ª (1997); 22.ª (1998); 23.ª (1998); 24.ª (2002); 25.ª (2003).

Pudemos verificar que o texto da 26.ª edição (Novembro de 2004), tendo sido objecto de revisão mais cuidada, se reaproxima da 1.ª edição da obra, publicada cinquenta anos antes. Assim também o da 27.ª (de Novembro de 2006), que se mantém inalterável e de que depois foi realizada mera reimpressão (de apenas 500 exemplares, no Verão de 2008, sem quaisquer alterações).

Na fixação do texto recorremos ainda ao manuscrito autógrafo de Agustina Bessa-Luís, para o esclarecimento de dúvidas, confirmando ou rectificando leitura anterior. Este manuscrito compõe-se de um total de 89 folhas de diferentes formatos, em papel com marca de água SEA HORSE BOND, numeradas no canto superior direito. Cerca de duas dezenas de folhas encontram-se escritas também no verso. O manuscrito foi assinado e datado na p. 85: «Porto, 16 de Janeiro de 1953 / Maria Agustina Bessa Luís». Na p. 1, à cabeça, pode ler-se a dedicatória «A Maria Leonor da Cunha Leão, para quem esta obra, afinal, foi escrita», seguida de assinatura e data: «Porto 24 de Nov. de 1954 / Maria Agustina Bessa Luís». O manuscrito encontra-se protegido por encadernação inteira de pele, conservando-se juntamente uma folha com as seguintes palavras dactilografadas: «Verdadeiro nome e morada de STAVROGUINE, autor do / romance A SIBILA: // Nome: Maria Agustina BESSA LUÍS // Morada: Rua da Boavista, 604 – 1.º d.to – Porto.»

Para além das referidas edições portuguesas, temos conhecimento de duas edições no Brasil (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982; e Campinas, Pontes Editores, 2000) e várias edições noutras Línguas: alemã (*Die Sibylle*, trad. Georg Rudolf Lind, Frankfurt, Suhrkamp, 1987, 1990, 1995 e 1998), espanhola (*La Sibila*, trad. Isaac Alonso Estravís, Madrid, Alfaguara, 1981 e 2005), francesa (*La Sibylle*, trad. Françoise Debecker-Bardin, Paris, Gallimard, 1982; e Paris, Métailié, 2005), italiana (*La Sibilla*, Florença, Giunti, 1989) e romena (*Sibila*, trad. Mioara Caragea, Bucareste, Editura Univers, 1986).

A presente edição tornou-se possível graças a Paulo Teixeira Pinto, a quem agradecemos o desafio e as facilidades concedidas na consulta dos arquivos de Guimarães Editores; e Francisco Delfim Guimarães Cunha Leão, a quem

Pag.Sibila_Final.indd 291 3/8/09 11:31:44 PM

agradecemos o acesso ao manuscrito de *A Sibila* e o paciente auxílio na leitura de algumas passagens. Fundamental foi, como sempre, a colaboração de Alberto Luís, a quem manifestamos a nossa gratidão pela permanente disponibilidade para recordar, esclarecer e revelar.

MVC / LAF

Pag.Sibila_Final.indd 292 3/8/09 11:31:44 PM

Pag.Sibila_Final.indd 293 3/8/09 11:31:44 PM

CAPA | DESIGN
Luís V. Vilaça

Esta edição foi composta em
Adobe Garamond por Rita Lynce
e impressa em papel 80 g *Munken Print*
por Tipografia Peres para Guimarães Editores
em Março de 2009

ISBN
978-972-665-567-1

DEPÓSITO LEGAL
287228/09

GUIMARÃES EDITORES, SA
Rua da Misericórdia, 68
1200-273 Lisboa
www.guimaraeseditores.com

Pag.Sibila_Final.indd 295 3/8/09 11:31:44 PM